



# Revista Brasileira

---

FASE VII 🌀 ABRIL-MAIO-JUNHO 2004 🌀 ANO X 🌀 N.º 39

*Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.*

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS 2004

DIRETORIA

Presidente: *Ivan Junqueira*  
Secretário-Geral: *Evanildo Bechara*  
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*  
Segundo-Secretário: *Marcos Vinicius Vilaça*  
Diretor-Tesoureiro: *Cícero Sandroni*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,  
Alberto da Costa e Silva, Alberto  
Venancio Filho, Alfredo Bosi,  
Ana Maria Machado, Antonio Carlos  
Secchin, Antonio Olinto, Ariano  
Suassuna, Arnaldo Niskier,  
Candido Mendes de Almeida,  
Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar,  
Celso Furtado, Cícero Sandroni,  
Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante  
Bechara, Evaristo de Moraes Filho,  
Pe. Fernando Bastos de Ávila,  
Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy,  
João de Scantimburgo, João Ubaldo  
Ribeiro, José Murilo de Carvalho,  
José Sarney, Josué Montello, Lêdo Ivo,  
Lygia Fagundes Telles, Marco Maciel,  
Marcos Vinicius Vilaça, Miguel Reale,  
Moacyr Seliar, Murilo Melo Filho,  
Nélide Piñon, Oscar Dias Corrêa,  
Paulo Coelho, Sábato Magaldi, Sergio  
Corrêa da Costa, Sergio Paulo Rouanet,  
Tarcísio Padilha, Zélia Gattai.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Miguel Reale, Carlos Nejar,  
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Frederico de Carvalho Gomes

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
Av. Presidente Wilson, 203 – 4<sup>º</sup> andar  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021  
Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500  
Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525  
Fax: (0xx21) 2220.6695  
E-mail: [publicacoes@academia.org.br](mailto:publicacoes@academia.org.br)  
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

# Sumário

Editorial JOÃO DE SCANTIMBURGO *O maître à penser* . . . . . 5

## PROSA

ARNALDO NISKIER Mudanças na educação: o incremento necessário . . . . . 9

JOÃO DE SCANTIMBURGO Evolução do povo paulista . . . . . 21

MURILO MELO FILHO Réquiem para Rachel. . . . . 31

FÁBIO LUCAS A construção da memória por Josué Montello . . . . . 37

ERWIN THEODOR Plurilingüismo: a tradução e os “falsos amigos” . . . . . 45

J. O. DE MEIRA PENNA Do patrimonialismo ao casamento romântico . . . . . 65

AFRÂNIO GARCIA JR. O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos  
coronéis no Nordeste. . . . . 83

PER JOHNS Da magia do unicórnio aos rios da vida . . . . . 101

RUBENS EDUARDO FERREIRA FRIAS O “jogo do bicho” e a clarividência  
machadiana . . . . . 105

BENEDICTO FERRI DE BARROS Notas sobre alguns poetas de língua  
inglesa. . . . . 119

## HOMENAGENS

### Dez anos sem Austregésilo de Athayde

SERGIO CORRÊA DA COSTA Depoimento . . . . . 153

TARCÍSIO PADILHA Depoimento. . . . . 159

CÍCERO SANDRONI Depoimento. . . . . 162

ROBERTO ATHAYDE Depoimento . . . . . 167

### 20º aniversário do falecimento de Alceu Amoroso Lima

EDUARDO PORTELLA Depoimento. . . . . 169

CANDIDO MENDES DE ALMEIDA Depoimento . . . . . 173

MARCOS ALMIR MADEIRA Alceu Amoroso Lima: alma, cérebro e lição . . . . 179

TARCÍSIO PADILHA Depoimento . . . . . 183

ANTONIO OLINTO Depoimento . . . . . 187

MURILO MELO FILHO Alceu revisitado. . . . . 190

AFONSO ARINOS, FILHO Depoimento . . . . . 199

CARLOS HEITOR CONY Depoimento . . . . . 206

ALCEU AMOROSO LIMA FILHO Agradecimento. . . . . 208

IVAN JUNQUEIRA. . . . . 210

### Cinqüentenário da morte de Miguel Osório de Almeida

ALBERTO VENANCIO FILHO Miguel Osório de Almeida . . . . .	213
AUGUSTO PAULINO NETTO Miguel Osório de Almeida: médico, escritor e pesquisador . . . . .	237
IVO PITANGUY Miguel Osório de Almeida, idealista e empreendedor . . . . .	243

### POESIA

DYLAN THOMAS Poemas traduzidos por Ivan Junqueira	
No sono campestre . . . . .	247
Sobre a colina de Sir John. . . . .	252
Poema em seu aniversário . . . . .	254
Não entres nessa noite acolhedora com doçura. . . . .	258
Lamento. . . . .	259
Na coxa do gigante branco . . . . .	261
MARCUS ACCIOLY Sinos para Marcantonio . . . . .	265

### GUARDADOS DA MEMÓRIA

Carta de Mário de Andrade a Carlos Lacerda (fac-símile). . . . .	267
Transcrição . . . . .	273

## O *maître à penser*

JOÃO DE SCANTIMBURGO

**C**oncentram-nos, neste editorial, numa figura de que temos tido falta, sem perspectiva de que venhamos a nomeá-lo entre homens públicos, professores universitários, intelectuais, em geral, e demagogos da cultura, com trânsito na mídia e nas editoras. É o *maître à penser*, a personagem de uma civilização e de uma cultura que domina, pelo prestígio e pela ascensão sobre a nação inteira ou uma parcela, a condutora dos destinos do país, que exerce o domínio com superioridade. Não se trata do carismático leigo, personagem que Max Weber foi buscar na teologia e o incluiu no seio das multidões, com grande sucesso. Trata-se do ser humano dotado de qualidades excepcionais de cultura, de ascendência de *leader* sobre as massas humanas ou sobre o povo, no seu exato sentido sociológico, de alta expressão cultural.

No fim do século XIX até meados do século XX, o *maître à penser* no Brasil, diante do qual toda a nação fazia reverência e o admirava até o fanatismo, era Rui Barbosa, que tinha noção de seu imenso prestígio. Provam-no o discurso do jubileu, obra-prima da literatura

barroca e da certeza do personagem que era efetivamente um *maître à penser*, e a *Oração aos moços*, proferida na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, para a turma que se formou em 1920. Obra-prima da literatura barroca como o discurso do jubileu, ninguém escreveu melhor nem mais belamente do que Rui Barbosa, dentre a sua copiosa obra, nesses dois discursos, que o elevaram à altura de um semideus, como diziam seus fanáticos admiradores. Creio não errar afirmando que o *maître à penser*, na expressão que os franceses sempre usam, quando o têm para admirar e louvar, o que não é o caso presentemente, no Brasil, foi Rui Barbosa o maior. A nação inteira o admirava, embora não o tenha querido como presidente, ou não o queriam como presidente os membros das comissões diretoras dos Partidos Republicanos. Rui foi, efetivamente, um fenômeno cultural. Quem, por exemplo, ler uma obra detestável, por ele mesmo repudiada, *O Papa e o Concílio*, escrita aos 27 anos, se verá diante de uma organização cultural como não tivemos antes nem depois desse incomparável debatedor de idéias, desse corajoso apóstolo da democracia liberal, no estilo século XIX.

Morto Rui, em 1923, só viemos a ter outro *maître à penser* em Alceu Amoroso Lima, o brasileiro que levou milhões de católicos e de leigos não religiosos, mas respeitadores do credo de tantos brasileiros, a se encontrarem com o seu pensamento e a segui-lo nas suas idéias. Foi o período áureo do segundo *maître à penser*, depois de Rui, embora as agitações político-partidárias do período pós-guerra, com a eleição de Dutra e, principalmente, de Getúlio Vargas, que nunca deveria se ter lançado. Depois da revolução de 64, Alceu Amoroso Lima tomou partido e pôs todo o seu talento de escritor admirável, pelo estilo e pela lógica, na exposição das idéias a serviço do combate da ditadura militar, pois, como no começo da República, outros “fastos da ditadura militar” vieram comprometer a instauração plena da democracia no Brasil. Mas, Alceu Amoroso Lima, o grande Tristão de Athayde da crítica literária e da difusão do pensamento estrangeiro no Brasil, não cedeu diante das espadas e foi poupado. Fez lembrar uma expressão de De Gaulle, quando lhe propuseram prender, se bem me lembro, François Mauriac. O grande Charles respondeu a seu inquie-

to colaborador que não era possível prender Voltaire. Assim, não era possível prender e aferrolhar num calabouço o grande Alceu Amoroso Lima, com todo o seu saber, o seu amor ao Brasil e suas convicções políticas sobre a democracia com liberdade. Foi um autêntico *maître à penser*, embora sem as dimensões de Rui Barbosa. Não vejo outros que se lhes comparem pela presença na História, pela obra que realizaram, pelo domínio que exerceram sobre grande parte do povo ou, no caso de Rui, sobre todo o povo.

Foi esse notável brasileiro homenageado nos 20 anos do aniversário de sua morte. Está em companhia de outros grandes brasileiros, como Miguel Osório de Almeida, cientista da mais alta expressão, que honrou o Brasil com o seu saber. Em companhia, também, do nosso extraordinário companheiro morto Austregésilo de Athayde, acadêmico, escritor, jornalista de notável expressão, que fez da Academia seu segundo lar, sobretudo depois do falecimento de sua dedicada esposa. A Academia é o que é graças a Austregésilo de Athayde, cujo nome de família não tinha vínculo com o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima.

Dedico este número a esses *maîtres à penser*, fazendo, como penso ter feito, o que devia. O *maître à penser* é cultivadíssimo na França, pois foi de lá que nos procedeu, como personalidade dotada do carisma weberiano. É verdade que não vemos na intelectualidade francesa, neste começo do terceiro milênio e na sua perspectiva senão uma grande, extensa, quase infinita planície cinzenta, onde todos se confundem, inclusive os falsos intelectuais, os exploradores da mídia complacente e outros que seria longo mencionar. Foi lá, foi na França, que fomos buscar o modelo, para trazê-lo ao Brasil e o expor à admiração dos leitores desta revista.

Mais de 10 milhões de alunos estão em séries atrasadas para a idade



## Cresce a reprovação no Brasil

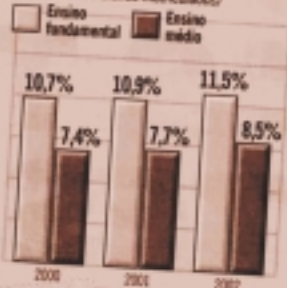
Em 2002, 8,7 milhões de estudantes foram reprovados ou abandonaram a escola



19,8% do total de matriculados nos ensinos fundamental e médio

### PROPORÇÃO DE ALUNOS REPROVADOS

(sobre o total de alunos matriculados)



### Raio-X da educação básica brasileira em 2003

Alunos matriculados em:

Coches	1.237.558
Pré-escola	3.155.876
Classes de alfabetização	588.589
Ensino fundamental	34.438.749
Ensino médio	9.672.942
Educação especial	358.888
Supletivo (educação de jovens e adultos)	4.483.436
Total de matriculados na educação básica	56.265.848
Total de escolas de todos os níveis de educação básica	211.833

### PROPORÇÃO DE ALUNOS QUE ABANDONARAM OS ESTUDOS

(sobre o total de alunos matriculados)



IBGE. Síntese de Educação Básica 2003. do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inepi)

## MEC: crescem evasão e reprovação

- Dos alunos matriculados em 2002 no ensino fundamental e médio, 19,8% foram reprovados ou abandonaram a escola, mostram dados do MEC divulgados ontem. A proporção de estudantes reprovados no ensino fundamental subiu de 10,9% em 2001 para 11,5% em 2002.

Página 13

O Globo, 3 de junho de 2004, pág. 13.

Veja, nº 1855 – 26 de maio de 2004, págs. 106-107.

ADRIANO PAIXÃO  
E RAFAEL SCHICHTMAN



Estado do Rio de Janeiro o segundo maior PIB, graças às reservas naturais. O estado tem por energia, pois é responsável por mais de 80% do petróleo e 80% do gás natural produzido. Com 12% da sua matriz energética atendida pelo gás natural, é o segundo

para alcançar as condições de crescimento. Certamente, a existência de uma oferta sustentada de gás natural será vital para a reestruturação produtiva do estado e para atração de novas indústrias.

Exemplo do potencial do gás pe...

## Os melhores do Enem

O quadro mostra algumas das características da maioria dos 54 estudantes que obtiveram o melhor desempenho na prova do MEC

- Têm pais com ensino superior completo
- Possuem renda familiar acima de 2.600 reais por mês
- Têm como método de estudo prestar atenção na aula e estudar em casa, no máximo, uma hora por dia
- Lêem mais de dez livros por ano (além dos títulos recomendados pela escola)
- Têm o hábito de ler jornais e revistas semanais
- Já viajaram para o exterior

## Educação

# A RECEITA DOS BONS ALUNOS

Para ir bem no Enem, não basta estudar: o negócio é ler bastante e prestar muita atenção nas aulas



# Mudanças na educação: o incremento necessário

ARNALDO NISKIER

“No Brasil o que existe é fingimento e hipocrisia.

Falam em prioridade para a educação, mas não existe prioridade alguma. Temo que nem no nosso governo essa prioridade exista.”

Cristovam Buarque  
Ministro da Educação

## ~ A educação brasileira hoje

O sonho de um país mais forte e desenvolvido, sem as desigualdades sociais e culturais que marcam a nossa grande sociedade, está cada vez mais latente entre os brasileiros. Temos um novo Governo, marcado pela esperança, que nos últimos seis meses apresentou projetos e procurou definir as diretrizes para os próximos quatro anos. Como todos os outros governantes anteriores, o Presidente Lula prometeu dar prioridade à educação. Um discurso que todos nós – educadores, alunos, professores e a sociedade como um todo –, estamos acostumados a ouvir.

Conferência proferida no Seminário de Planejamento e Orçamento – Fundação VALIA, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2003. Arnaldo Niskier é professor, educador, conferencista. Sua obra chega a uma centena de títulos, sobre educação brasileira, filosofia e história da educação, administração escolar, tecnologias de ensino, obras didáticas e de literatura infanto-juvenil.

A verba do Ministério da Educação foi I bilhão de reais a menos do que o orçamento do ano passado. Como, então, levar adiante os projetos divulgados pelo Ministro Cristovam Buarque: Brasil Alfabetizado (para tirar da ignorância 20 milhões de pessoas), A Nova Universidade (trabalhar a qualidade do ensino, com professores motivados e mais bem remunerados) e A Escola Ideal (objetivo a ser alcançado em todos os graus de ensino, tomando como exemplo os estabelecimentos públicos de ensino)?

A gravidade está no fato de que as palavras não saíram da boca de um professor preocupado com a sua situação, de um aluno decepcionado com a política educacional ou de um político de oposição ao Partido dos Trabalhadores, que hoje está no poder. Foram ditas pelo atual ministro da Educação, que inclusive levou um pito recentemente do presidente, por cobrar cada vez mais verbas para a sua área. Lula até chegou a usar o ditado popular: “O apressado come cru.” Devemos considerar o episódio como um fato isolado, mas que deve ser lembrado, por demonstrar a vontade do ministro de obter os recursos para realizar seus projetos.

## ~ O que revelam as pesquisas

A educação brasileira é orientada pelo Plano Nacional de Educação (PNE), em vigor, aprovado pelo Congresso Nacional. Somos regidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/96), que já necessita de uma ampla reformulação, para que seja enquadrada aos novos tempos que passamos a viver. Afinal, temos 250 mil escolas e cerca de 50 milhões de estudantes, e a situação é grave, como mostram os números a seguir:

- 1) Os dados do IBGE apurados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – IBGE/PNAD, de 2001, revelam que 4,3 milhões de brasileiros de 4 a 14 anos estão fora da escola;
- 2) Em relação à quarta série do ensino fundamental, a maioria dos alunos termina o segmento sem saber ler, escrever e contar direito. Na oitava sé-

- rie, a maioria, que passou milagrosamente, não consegue interpretar de forma adequada os textos lidos;
- 3) Uma pesquisa do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) mostra que 66,8% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos não concluíram o ensino médio. Sem falar que, no terceiro ano, 70% dos alunos foram reprovados em Matemática;
  - 4) Existem 33 milhões de brasileiros que não têm capacidade de ler e escrever textos simples, nem tampouco fazer operações de multiplicação ou divisão;
  - 5) Em relação ao ensino superior, o governo reconhece suas dificuldades, sendo esta a razão da criação do Sistema de Avaliação da Educação Superior, o chamado *Provão*, que nos últimos anos tem sido a estratégia para detectar os principais problemas das universidades e seus cursos, e buscar as possíveis soluções. O MEC criou uma Comissão Especial para apresentar propostas, subsídios e critérios para reformular o *Provão*;
  - 6) Ainda sobre o ensino superior, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) está combatendo os cursos de mestrado e doutorado sem registro. Cerca de 9 mil pessoas já foram enganadas por esses cursos. A lista de instituições que oferecem cursos ilegais chega a 150, e inclui unidades dos Estados Unidos, da Argentina, de Portugal, de Cuba e da Espanha;
  - 7) Por medo das mudanças previstas na Previdência Social, muitos professores estão buscando rapidamente a aposentadoria, o que vai afetar profundamente o ensino superior. Segundo a Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), cerca de 13% dos professores podem se retirar do trabalho.

Se depender das pesquisas que estão sendo realizadas, serão necessários muitos projetos para melhorar a nossa educação. Segundo números da Fundação Carlos Chagas, realizados por encomenda para o Instituto Ayrton

Senna junto a 47 municípios brasileiros, ao terminar o primeiro ano do ensino fundamental 96% dos alunos são analfabetos. Desses, 54% não reconhecem as sílabas, e 42% entendem apenas algumas palavras, mas eliminam algumas letras.

Os números que relacionamos se tornam ainda mais preocupantes quando sabemos que, hoje, o mercado de trabalho está cada vez mais seletivo. O que será desses alunos quando chegarem à universidade, com uma base tão fraca? Segundo especialistas em Recursos Humanos, o profissional mais procurado atualmente é aquele que tem uma carreira bem planejada, que sabe lidar com desafios e que seja polivalente. Para isso, é preciso que o aluno tenha contato com a profissão escolhida, antes do término da faculdade, seja fazendo estágio ou participando de projetos extraclasse. E já que falamos em estágio, vale a pena enumerar as profissões consideradas de futuro, segundo pesquisa do Centro de Integração Empresa Escola-CIEE: 1) Comércio exterior; 2) Engenharia ambiental; 3) Biblioteconomia; 4) Nutrição; 5) Ciências biológicas; 6) Direito; 7) Administração de empresas; 8) Pedagogia; 9) Ciências da Computação.

## ~ As iniciativas do governo

Para tentar reverter o atual quadro educacional, o governo acena com algumas medidas. Uma delas é a ampliação do período do ensino fundamental de oito para nove anos, decisão determinada pelo PNE, com início aos seis anos de idade, “à medida que for sendo universalizado o atendimento na faixa de 7 a 14 anos”. Segundo a Secretaria de Educação Fundamental, este será um programa a longo prazo, com a participação da União, dos Estados, dos Municípios, dos trabalhadores e da sociedade.

A proposta já foi encaminhada aos secretários estaduais e municipais de Educação e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), e a recepção foi positiva. A implantação começará no próximo ano, com 460 mil crianças de seis anos que não frequentam a pré-escola. Mas antes de comemorar,

é preciso lembrar que a implantação de mais um ano no ensino fundamental depende da liberação de mais R\$ 2,6 bilhões do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). O orçamento deste ano para a Educação é de R\$ 72 bilhões, sendo que R\$ 54 bilhões são repassados aos Estados, R\$ 10 bilhões às Universidades e R\$ 8 bilhões aos programas e políticas educacionais do MEC.

## ~ Educação para a mudança

Insiste-se na necessidade premente de mudanças, não só na educação nacional como, também, na situação do Brasil como um todo. Medidas paliativas foram tomadas e, a bem da verdade, alcançamos algumas mudanças, como, por exemplo, quase chegamos à proclamada universalização do ensino fundamental. Entretanto, o percentual de 14,7% de analfabetos, na população acima de 15 anos e a fome que campeia em grande parte do território brasileiro continuam sendo os responsáveis pela vergonha assinalada.

A experiência mostra, mais uma vez, que a solidariedade e o espírito de colaboração fazem parte do comportamento do brasileiro. Mas sabemos também que essas atitudes são passageiras e que o assistencialismo exagerado não leva a soluções duradouras. É preciso que se operem mudanças efetivas. O povo não doará infinitamente e os carentes continuarão carentes, pois a fome não é só de comida, é muito maior. Faz-se necessário educar o povo para enfrentar as mudanças.

Como mudar? O que será educar para a mudança?

Foi essa a gênese do livro *A educação da mudança*, que acabamos de publicar, na Coleção Austregésilo de Athayde, da Academia Brasileira de Letras. Um roteiro seguro de temas prioritários para o aperfeiçoamento da sociedade brasileira na educação.

Temos a educação formal que acontece prioritariamente na instituição escola e a educação informal que começa no lar, passa pelos templos religiosos, locais de lazer, trabalho, etc, envolvendo todas as comunidades.

Caberá às autoridades, partindo das diferentes realidades encontradas neste imenso Brasil, dar a devida orientação antes, durante e depois da implantação e implementação de projetos considerados pertinentes para cada região. Somos sabedores de que o que é bom para as Regiões Sudeste e Sul, talvez não o seja para o Norte e o Nordeste. Temos uma diversidade enorme: culturas, valores e interesses. Até a língua portuguesa, que é falada aqui, sofre influências, regionalizando-se.

Contamos com uma grande vantagem que é a vontade política maior – o desejo sincero de mudança – daqueles que assumiram o poder.

## ~ Educação e qualidade de vida

É bom apresentar alguns aspectos da pesquisa divulgada recentemente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), da Organização das Nações Unidas – ONU, que mede a qualidade de vida nas nações através do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

Através do “Relatório do Desenvolvimento Humano Mundial 2003”, tomamos conhecimento que o Brasil está progredindo. Este ano, o país passou do 69.º, em 2001, para a 65.º lugar, chegando à frente de nações como Venezuela, Paraguai e Tailândia, que na pesquisa anterior detinham índices superiores ao nosso.

O resultado positivo deveu-se ao número de alunos matriculados. A entidade internacional passou a considerar as informações fornecidas pelos governos, e com isso, em duas décadas e meia, a taxa de matrícula no ensino fundamental brasileiro passou de 86% para 97%. No ensino médio, houve um salto de 15% para 71%. O índice de alfabetização de adultos subiu de 82% para 87,3%. Nos três níveis, o Relatório apurou crescimento de 92,9% para 95,1% no número de matrículas, entre 2000 e 2001.

Como se viu, a educação foi a salvação do país na pesquisa. Enquanto isso, outros índices, como aumento da renda, saneamento básico e abastecimento de água foram considerados ruins.

## ~ A hora do crescimento

Um dos aspectos mais presentes, na cultura política brasileira, é a promessa. Véspera de campanha, então, é um festival. Vou dar prioridade ao social, acabarei com a fome em seis meses, nenhuma criança ficará fora da escola, não faltará dinheiro para a educação, etc. Quando chega a hora da verdade, as coisas não acontecem bem assim.

Se muita promessa não foi cumprida em oito anos, é claro que seria um absurdo exigir a correção de rumos em apenas seis meses. Mas é fundamental que não se perca o fio da meada. Para isso, vez por outra aparece uma pesquisa internacional altamente esclarecedora. Na classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, subimos um tiquinho, mas ainda estamos atrás de Malta, Barbados, Argentina, Cuba, Líbia, Colômbia e outros 59 países. Ficamos em 65º lugar em termos de desenvolvimento humano, com péssima performance em compreensão de leitura e conhecimentos de matemática.

A renda por habitante caiu em 10 anos de U\$3.464,00 para U\$2.582,00. Estamos crescendo para baixo, com investimentos em pesquisa e desenvolvimento de 0,77%, enquanto em educação ficamos com 1,7% do PIB. O resultado concreto é que tínhamos há 15 anos um PIB dez vezes menor do que o dos Estados Unidos e hoje é de 26 vezes a diferença.

Costumávamos rir quando, no período anterior de Governo, comemorava-se a ilusória universalização do ensino fundamental. De todos os que entravam na primeira série, quase a metade não passava para a segunda. E sobre isso um silêncio absoluto. A qualidade nunca foi o forte dos praticantes do neoliberalismo. E os salários dos professores? E as bibliotecas? E os laboratórios? E os prometidos computadores nas escolas? É um blefe só.

A cara propaganda desses “feitos”, na televisão, era uma beleza. Somos muito bons em matéria de publicidade, sobretudo quando se trabalha com dados falsos. E gastando os chorados recursos do contribuinte.

Viajar, para quem pode, é um exercício fabuloso. Vimos de perto o crescimento da Coreia do Sul, que era muito mais pobre do que o Brasil. Razão: prioridade à educação. O mesmo aconteceu com a Espanha, dona da matéria-prima que aqui é abundante: sol e praias, ou seja, turismo. E está acontecendo o mesmo com a Irlanda, que vivia em extrema dificuldade, mas hoje é o 12º país desenvolvido do mundo. Todos os habitantes na escola e com um ensino de primeira qualidade. A moral da história não poderia ser outra: hoje é um dos maiores distribuidores de software, rivalizando com a Índia e a Finlândia.

Se todos esses países descobriram que o segredo está na boa educação, por que a resistência entre nós? Do total dos investimentos em educação, o governo federal contribui com apenas 20%, ficando 43% com os estados e 37% com as prefeituras. É a isso que se chama o grande apoio da União?

O Ministro Cristovam Buarque defende a tese de que devemos partir para uma nova Abolição, a partir da libertação das crianças desse regime que vitima sobretudo os brasileiros pobres, de qualquer cor.

## ~ Educação à distância

Em 1904, foram implantados no Brasil os antigos cursos por correspondência. Essa modalidade de ensino passou por um período de grande divulgação e aceitação, principalmente em 1931, com o surgimento do Instituto Monitor, e em 1941, quando foi criado o Instituto Universal Brasileiro, que já formou mais de quatro milhões de alunos no ensino profissionalizante. Na década de 70, o assunto foi tratado com muita determinação e seriedade, no âmbito do Ministério da Educação, graças aos esforços de Jarbas Passarinho e Newton Sucupira.

Hoje, com o surgimento de modernas técnicas, e também com a massificação da Internet, ganhou um novo nome: educação à distância (EAD). No exterior, a chamada universidade virtual desempenha um papel importante desde a década de 70. Vale lembrar que na Inglaterra a EAD é uma realidade e a *Open University* tem o respeito de todos.



Aqui no Brasil, somente em meados da década de 90, com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 9.394/96), a Educação à distância passou a ser realmente reconhecida oficialmente. Em seu artigo 32, § 4.º, está previsto: “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.”

O Brasil tem avançado no segmento de EAD. Na América Latina, o país é um dos cinco maiores produtores de *softwares* para a área e o segundo país em número de alunos, perdendo apenas para o México, que possui universidades virtuais há mais de 30 anos, e conta com cerca de 112 mil estudantes.

Hoje, com o avanço tecnológico, os alvos da EAD passaram a ser os indivíduos que já estão inseridos no processo produtivo, com faixa etária acima dos 25 anos e problemas de tempo ou geográficos para frequentar uma faculdade normal. São gerentes de bancos ou de supermercados, por exemplo, que frequentam os cursos de educação à distância com o objetivo de melhorar o desempenho em seus trabalhos. E sem a necessidade de abandono de emprego ou de afastamento da família.

Hoje em dia, as empresas se preocupam muito com a questão dos custos, e por isso utilizam cada vez mais a Internet em seus programas de treinamento, conseguindo com isso uma redução de até 86%. Existe um exemplo específico da BR Distribuidora, que treinou via internet 1.500 pessoas em ações de emergência, com custo de R\$ 5 a R\$ 10 reais por frentista. Se fosse pelo método tradicional, sairia por R\$ 100/frentista.

Outro dado que nos anima é que, em 2006, os investimentos acumulados no segmento de ensino à distância devem superar R\$ 1,2 bilhão, segundo o portal *e-learning Brasil*. O número é expressivo se levarmos em conta que, em todo o mundo, o setor deve movimentar este ano US\$ 8,9 bilhões, e em 2006, US\$ 23,7 bilhões.

A meta atual do Ministério da Educação é alcançar o número de 250 mil alunos matriculados em cursos superiores de EAD até o fim do atual governo,

ou seja, até 2006. O MEC já autorizou o funcionamento de 19 cursos de graduação em ensino à distância e 12 de pós-graduação. Também existem em análise 140 solicitações de credenciamento para curso superior.

## ~ Conclusões

Nesta visão concisa da educação brasileira, podemos estabelecer as seguintes conclusões ou recomendações:

- 1) Aumentar de 72 para 93 bilhões anuais a participação pública nos investimentos em educação, que deveriam receber 7% do PIB, pois é o setor que mais crescerá no mundo, nas próximas duas décadas, e assim tornar viável o Projeto Brasil Alfabetizado, atendendo a 20 milhões de adultos analfabetos;
- 2) Elaborar um grande plano de assistência ao magistério, compreendendo a progressão funcional e salários compatíveis, abrangendo o total de 1,2 milhão de professores;
- 3) Aplicar intensivamente a modalidade de ensino à distância na formação e treinamento de professores e especialistas;
- 4) Determinar às universidades oficiais que promovam gratuitamente a formação de professores em nível superior, no período 2003/2007, como exige o PNE;
- 5) Criar um Fundo de Pensão de Professores, como ocorre em muitos países no mundo, para melhorar os salários da categoria quando chegar a hora da aposentadoria;
- 6) Estender o salário-educação à educação infantil, para ampliar em quatro milhões o número de vagas no pré-escolar. Viabilizar, assim, uma adequada assistência à alimentação na educação infantil;
- 7) Rever a legislação relativa ao ensino médio, hoje caótico;

- 8) Dobrar o número de escolas públicas de ensino médio, com um grande planejamento que envolva a preparação dos professores e o devido equipamento dos laboratórios;
- 9) Ampliar o atendimento aos nossos 25 milhões de deficientes e aos 5 milhões de indivíduos portadores de altas habilidades (superdotados);
- 10) Ampliar significativamente o número de vagas nas escolas públicas de nível superior (cursos noturnos);
- 11) Trabalhar no sentido de dobrar, no período de oito anos, o número de alunos universitários, chegando a 5 milhões, com boa qualidade;
- 12) Apoiar iniciativas educacionais do Sistema S (Senac, Sesc, Senai, Sesi e Senar), pelo sucesso e seriedade dos seus empreendimentos nacionais;
- 13) Acabar com o analfabetismo eletrônico, utilizando para isso recursos do FAT;
- 14) Intervir com rigor na capacitação dos trabalhadores, acabando com os desvios existentes; eliminar o trabalho infantil, que hoje atinge 5,4 milhões de brasileiros;
- 15) Promover cuidadosa atualização congressional do Plano Nacional de Educação, com ênfase absoluta na Qualidade do Ensino, em todos os níveis;
- 16) Criar projeto de valorização da língua portuguesa e da nossa literatura. O objetivo maior é trabalhar o idioma em todos os graus de ensino – e de forma obrigatória. Os livros doados pelo Poder Público, segundo criteriosa avaliação, devem ser acompanhados por um treinamento adequado dos mestres, com a garantia de que as obras chegarão aos alunos, o que hoje nem sempre ocorre;
- 17) Modernizar todo o sistema, com o amplo emprego das tecnologias educacionais que marcam a Sociedade do Conhecimento;
- 18) Fazer da qualidade o grande projeto nacional de aperfeiçoamento do ensino fundamental, chegando-se à proclamada Escola Ideal.

*Villa de S. Paulo, 9 legoas da barra (ca. 1631)*  
de João Teixeira Albernaz.  
Detalhe da Carta Capitania de S. Vicente.  
Original manuscrito, pertencente ao Ministério das  
Relações Exteriores (Itamarati).



# Evolução do povo paulista

JOÃO DE SCANTIMBURGO

Os traços predominantes do paulista dos primeiros séculos são a coragem, a audácia, o denodo. Arrojando-se na devesa do ignoto, conquista-o. Deixando as praias, onde a vida era menos árdua, galga a serra, com imenso sacrifício, e no planalto começa a edificar núcleos urbanos. Os portugueses não possuíam experiência do trópico. Já estavam na África – Guiné, Angola, Moçambique – mas o trópico imenso, como vieram a encontrá-lo no Brasil, os deslumbrou, e, também, os surpreendeu. Na África, o português encontrou o negro. No Brasil, o índio. Uma natureza luxuriante, rios caudalosos, florestas imensas, montanhas abruptas, manhãs escaldantes, noites inopinadas, chuvas torrenciais, sol violento. Esse foi o cenário onde o português iniciou vida nova. Deixando a sua apertadíssima faixa de terra na península ibérica, veio encontrar a liberdade dos grandes espaços, e os oferecimentos tentadores de uma natureza opulentamente rica. A imagem do paraíso terrestre associou-se logo à nova

Jornalista,  
filósofo, cientista  
político,  
historiador.  
Autor de uma  
vintena de livros,  
dentre os quais o  
*Tratado geral do  
Brasil*, em terceira  
edição, *O Brasil e  
a Revolução  
Francesa*, *História  
do Liberalismo no  
Brasil*, *O Poder  
Moderador*, *A  
extensão humana –  
Introdução à  
Filosofia da Técnica*,  
*Introdução à  
Filosofia de Maurice  
Blondel* e outros.

terra descoberta pelos portugueses<sup>1</sup> e incendiou as imaginações. Foi nesse *habitat* que evoluiu o povo paulista. Lentamente, os paulistas vão incorporando o território à geografia conhecida na época, e os casais e fogos se espalharam do litoral ao planalto, povoando, cada vez mais, uma extensão de terra ainda desconhecida.

Enérgicos na empresa, cujo encargo aceitaram do rei de Portugal, senhor todo-poderoso d'aquém e d'além-mar, os portugueses viam-se proprietários e trabalhando em terras, com as quais não haviam sonhado. O Brasil se lhes abria como uma imensa e sedutora oportunidade para se enriquecerem. Constituídos os grandes domínios rurais, lançadas as bases do povoamento em núcleos, não diremos urbanos no sentido moderno, porém menos ralos do que as fazendas, os paulistas puseram-se a multiplicar. O povoador vence, desde logo, a fimbria de sertão inóspito, que o separa da orla marítima e do planalto. Galgando a serra, em luta com o gentio, o povoador se arma da resolução de não ser nômade, como se poderia supor de imigrantes voluntários, transferidos de uma já velha civilização estabilizada em usos e costumes, padrões de convivência e obediência a princípios, para uma terra escancarada à exploração, embora severa fosse a legislação da monarquia portuguesa sobre o comportamento de seus súditos.

O rei e seus conselhos, segundo a velha fórmula medieval, dotaram de governos a nova terra. Martim Afonso de Sousa desembarcou em São Vicente, não com o séquito de um fidalgo, mas com os oficiais do Reino, que iriam compartilhar o governo da capitania, segundo as leis emanadas da metrópole. Todos os cronistas da época registram a chegada do ilustre capitão munido das ordens do rei e acompanhado do pessoal que lançaria, como lançou, as bases da administração pública no Brasil. Câmaras municipais, com o seu honroso senado; provedores da real Fazenda; ouvidores, tabeliães, funcionários da fiscalização do comércio. As Ordenações tinham vigência em Portugal e no Brasil. “Estendida a reforma naturalmente ao Brasil – onde haveria de perdurar

---

<sup>1</sup> Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, passim.

por mais de três séculos – constituía o código filipino o livro básico por onde se regia a sociedade paulistana quinhentista.”<sup>2</sup> Ainda não havia povo, propriamente dito, na capitania, e já havia todo o aparato do Estado, com vereadores, juizes ordinários, procuradores, almotacéis e o alcaide. O tabelião, figura característica do regime político notarial, que perdeu e ainda perdura no Brasil, está presente desde o primeiro século na vida de Piratininga. Segundo Taunay, o primeiro notário de São Paulo foi um certo João Fernandes, que se demitiu, sucedendo-o outros. Era dentro dessa bitola que transcorria a rotina da população, mínima, sem dúvida, de São Paulo, e, por isso, da colônia aos nossos dias, o que temos é a perpétua luta da pessoa contra a burocracia, essa envolvente forma de insinuação do Estado no recinto da vida particular.

Da leitura das Atas e Testamentos saímos convencidos de que os paulistas não pouparam sacrifícios para serem povo e se firmarem com preeminência no Brasil. Pode-se imaginar, à distância de séculos, o que fosse o cotidiano dos povoadores. Cultivando a terra, criando os filhos, casando-os, freqüentando regularmente a Igreja, sujeitando-se às penitências católicas, trabalhando em vários ofícios, tudo no maior desconforto, os paulistas irradiaram-se em várias direções. Encontraram a resistência dos índios e a venceram. São conhecidos os episódios da Confederação dos Tamoios, da grande participação de Tibiriçá na consolidação do avanço paulista, do patriarcado de João Ramalho e do papel de Bartira na formação da gente da terra de Piratininga. Teodoro Sampaio defende tese perfeitamente aceitável, quando estabelece paralelo entre a colonização e a conquista do Norte-Nordeste e as do Sul, tendo São Paulo como ponto de partida.<sup>3</sup> “No Sul”, diz esse autor, “o homem do litoral como que domina, do alto das suas montanhas, o íntimo dos sertões, a que o conduzem os rios caudais, descendo para o interior.” “O paulista, pelo seu *habitat*, tinha de ser o bandeirante por excelência. A conquista dos sertões estava no seu destino histórico.” Para o mesmo autor, “o sertão, a despeito das muitas entra-

---

<sup>2</sup> Afonso d’Escragnoille Taunay, *São Paulo nos primeiros anos*, op. cit., p. 15.

<sup>3</sup> Teodoro Sampaio, “O sertão antes da conquista”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. V, pp. 86-7.

das que nele se fizeram, quedava-se desconhecido e como que envolvido numa obscuridade misteriosa e cheia de encantamentos, em que se comprazia a imaginação e se alimentava a ingênua credulidade dos homens do beira-mar”.<sup>4</sup>

O português viera nos anos aurorais da colonização, tendo, pela frente, primeiro o oceano, que o amedrontava, com a sua vastidão, as suas lendas, as suas tempestades, as suas calmarias, os dias longos, intermináveis, para quem ansiava por ver terra. Depois, foi a nova terra e foi o sertão que o impressionaram, desafiando-o a conquistá-lo. Foi lenta a obra da conquista. Se o português obedecia, fielmente, ao mandamento religioso, crescendo e multiplicando-se, não podia ir tão depressa quanto exigia a terra que lhe cabia povoar. Daí ter sido severo Frei Vicente do Salvador com os portugueses do povoamento, quando escreveu que “sendo conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”.<sup>5</sup> Se, ainda hoje, a orla marítima, a uma distância de cerca de cem quilômetros, é a mais povoada, que não se dirá daquela época, quando os portugueses deveriam sobreviver e repelir a cobiça armada dos corsários. Basílio de Magalhães<sup>6</sup> relata, exaltando-a, a expansão dos portugueses, mas sobretudo a dos paulistas, essa grande raça em formação, que partiu do planalto e chegou até aos Andes. Os paulistas desempenharam o papel corajoso de povoadores e de fundadores de núcleos urbanos.

Nessa geografia, nesse contexto geográfico, antropológico, político, formou-se o povo de São Paulo. Cruzamentos vários, dificilmente desvendáveis no longo roteiro genealógico de quase cinco séculos, prepararam a “raça cósmica”, de que fala José Vasconcelos.<sup>7</sup> As linhagens do melhor sangue não resistiram à tentação dos cruzamentos, salvo casos, que não interessa citar, das exceções que confirmam a regra. Se João Ramalho teve grande progênie, criada solta na

---

<sup>4</sup> Id., ib., p. 79.

<sup>5</sup> Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 61.

<sup>6</sup> Basílio de Magalhães, *Expansão geográfica do Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, passim.

<sup>7</sup> José Vasconcelos, *La Raza Cósmica*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948, passim.



terra ampla, se o Padre Manoel da Nóbrega, no seu realismo jesuítico,<sup>8</sup> já pedia em carta à metrópole que se mandasse para cá mulheres, mesmo as à-toas, pois aqui encontrariam casamento, pode-se imaginar que sangue rigorosamente puro de mistura com índio ou negro, ou ambos, é raro na forte raça paulista. Sujeitos ao meio, às injunções de tempo e lugar, aos imperativos da exploração econômica, à fidelidade, à missão de que Portugal se acreditava destinado, de expandir a fé e o Império, os paulistas cometeram, sem dúvida, excessos, mas — repetimos — criaram uma das mais belas, senão a mais bela civilização da América, e a epopéia única no Novo Mundo, a das bandeiras, sem paralelo em todo o continente, de norte a sul.

O que foi o núcleo inicial da evolução do povo paulista é impossível localizar. Mas, seguramente, os companheiros de viagem de Marfim Afonso de Sousa, que aqui ficaram, e a descendência de João Ramalho, numerosa e prolífica, foram os agentes genéticos do povo, ao qual o Brasil deve o impulso de seu desenvolvimento. Fixamo-nos, como se vê, nos primeiros séculos, pois a decisão dos portugueses e seus descendentes consistiu no lançamento audaz de levas, cada vez maiores, de gente, para incorporar a terra desconhecida ao domínio de Portugal. Sabiam os portugueses que o oeste do continente, na linha do meridiano de Tordesilhas, pertencia à Espanha, mas era terra deserta. Na época, a posse garantia a propriedade, como veio a suceder com o tratado de Madri, obra do grande diplomata santista Alexandre de Gusmão. Os versos de Camões, a missão delegada aos povoadores, a necessidade de realizar no tempo e no espaço a Contra-Reforma, impedindo que o Brasil e a América, em geral, viessem a ser tomados pelos protestantes, engendraram — é a tese que continuamos a desenvolver — a obra majestosa, cujo resultado se corporifica na extensão territorial do Brasil. Os paulistas criaram, desde logo, o empreendimento econômico. A partir do engenho de açúcar de Martim Afonso de Sousa, o primeiro em toda a América, iriam fundar grandes propriedades agrícolas, criar o gado, cultivar o trigo, autobastar-se, do mesmo passo que estimularam a urba-

---

<sup>8</sup> Padre Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1931, passim.

nização e o comércio, atraindo os artesãos para o serviço das comunidades, em evolução para a categoria de povo.

O processo foi demorado. Assinala-o Oliveira Vianna,<sup>9</sup> lembrando que os núcleos urbanos eram medíocres. Nem poderia ser diferente. Quando os paulistas galgaram a serra, deixando fundadas as vilas de São Vicente e Santos, encontraram o planalto já, de certa maneira, urbanizado, em Santo André. Mas, com a fundação de São Paulo, fundação que obedeceu à misteriosa origem das cidades espontâneas de séculos anteriores ao nosso, o planalto, cujo centro era o colégio de Anchieta, passou a ser o centro de atividade maior e de irradiação dos paulistas. Não concordamos com Afonso d'Escragnolle Taunay,<sup>10</sup> para quem os dois principais móveis da conquista do território pelos paulistas foram o tráfico de escravos e a pesquisa de metais preciosos. Um e outro eram móveis, sem dúvida, mas, acima deles, pairava, latente, o chamamento da dilatação da fé e do Império, esse “inconsciente coletivo” que levou os paulistas para o interior. Moralmente, psicologicamente, o português cristão-velho nunca foi ávido no apetecer riquezas consideráveis. A rala população do planalto bastava-se nos grandes domínios rurais que se foram, progressivamente, formando, no planalto e do planalto na direção de Jundiá e Campinas. Numa terra destas, em que “não há pobre que não seja farto com pouco trabalho”, como diz Oliveira Vianna,<sup>11</sup> o paulista queria a participação do índio na sua empresa, para melhor realizá-la, e, aspirando ao encontro das minas, sonhava com o El-Dorado, essa fantasia do Renascimento, à qual o ouro do Peru, explorado pelos espanhóis, deu cunho de realidade.

Mas não se pode reduzir a obra colonizadora e civilizadora dos paulistas à exclusiva ambição econômica, que se estará, anacronicamente, dando razão à tese de Marx. No exemplo paulista de civilização, a economia foi o epifenômeno da posse política de uma nova terra, a sua conquista e o seu povoamento.

---

<sup>9</sup> Oliveira Vianna, *Populações meridionais do Brasil*, p. 179 e ss.

<sup>10</sup> Afonso d'Escragnolle Taunay, “Súmula da História Colonial Paulista”, in *São Paulo em quatro séculos*. Comissão do IV Centenário, São Paulo, 1954, I, p. 49 e ss.

<sup>11</sup> Oliveira Vianna, *id. ib.*, p. 185.

Basta a escolha dos donatários, dos cessionários, aos quais se adjudicava a propriedade, que vieram para o Brasil, notadamente com Martim Afonso de Sousa. O rei de Portugal, invariavelmente, concedia terras aos abastados. Não cedía ao princípio de favorecer os ricos, em detrimento dos pobres. Não. O que lhe interessava era o povoamento para a conservação da terra.<sup>12</sup> Essa era condição fundamental. Sabia a Coroa Portuguesa que, sem a posse, o povoamento e a expansão geográfica, a metrópole não conservaria o Brasil sob o seu cetro. Não concordamos – nestas linhas de discordâncias sobre as quais nos apoiamos – com a posição de Caio Prado Júnior,<sup>13</sup> segundo a qual “a seleção dos proprietários da colônia subordinou-se afinal unicamente às possibilidades materiais e habilidade própria com que cada um contava para aproveitar e valorizar as terras que recebia ou que simplesmente ocupava sem título legal algum”. Se a Coroa atribuía importância ao *status* do donatário, do cessionário ou do ocupante sem título, ao qual o tempo viria favorecer, não se esqueça um fato de primordial importância: a Coroa era católica, fiel ao papado e à Igreja, nutrida dos ensinamentos e doutores da Santa Madre, e empenhada a fundo na obra da Contra-Reforma.

É preciso ficar cronologicamente adstrito à época, à mentalidade dominante, à força da fé, ao primado da Igreja, à subordinação aos princípios católicos, para abarcar com justiça a obra heróica, humanística, civilizadora da Coroa Portuguesa. D. João III impôs-se como o grande benfeitor da Companhia de Jesus, cujo papel na incorporação da nova terra ao reino de Cristo e na extensão da Contra-Reforma à América foi imenso e vital. Inácio de Loyola dirigiu-se a D. João III para agradecer-lhe tudo quanto o monarca, “fiel instrumento para esse efeito”, havia realizado pela Ordem, pela Igreja, pelo Cristo.<sup>14</sup> Não fosse a Coroa Portuguesa submissa à Igreja e devotada ao seu magistério, e, embora não se deva argumentar em História com os condicionais, outro seria o destino do Brasil. Fomos colonizados com o espírito fecundado pela fé, e

---

<sup>12</sup> Oliveira Vianna, *Evolução do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956, p. 62 e ss.

<sup>13</sup> Caio Prado Júnior, *Evolução política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1953, p. 16.

<sup>14</sup> Tito Lívio Ferreira, *História de São Paulo*, p. 81.

uma fé ardente, que nunca claudicou na monarquia portuguesa, de D. Henrique, fundador do reino, em 1097, a D. Manuel II, o último rei, em 1910. Antonio José Saraiva<sup>15</sup> acentua a enorme e decisiva influência da Igreja na mente dos reis e da nobreza de Portugal. “Nos próprios modelos de vida adotados por membros da corte se manifesta a influência das ordens religiosas”, diz esse autor. Se a referência é de século anterior aos descobrimentos, pode ser ela, no entanto, aplicada às épocas posteriores. O último rei do Brasil, D. João VI, era piedosíssimo. D. Pedro I, do Brasil, praticou os delitos da mocidade, mas era católico, como D. Pedro II, não obstante a influência que o laicismo do século XIX exerceu na sua formação cultural. Os reis se confessavam, assistiam à missa, comungavam, não eventual e aleatoriamente, mas com frequência, profundamente imbuídos, sempre, de seus deveres. A nobreza do reino e o terceiro Estado eram tementes a Deus.

Insistimos, por isso, que a colonização portuguesa no Brasil foi, antes de mais nada, religiosa, e, subsequente, política e econômica. A Renascença já se infiltrava, com novas idéias, nas sociedades européias, mas Portugal sonegou-se à influência das novas doutrinas. Manteve-se fiel ao seu passado católico, e, apoiando a Companhia de Jesus, levantou uma barreira decisiva à Reforma. Não é fácil aceitar esse predomínio espiritual, efetivo na sua ascendência sobre a Coroa, a nobreza e o povo. A Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus, incluída na Bula de sua aprovação, *Regimini Militantis Ecclesiae*, dada em Roma, em 27 de setembro de 1540, pelo Papa Paulo III, estabeleceu que essa Ordem “foi fundada, para, de um modo principal, procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã, propagar a fé, pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e, nomeadamente, ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo, e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão”.<sup>16</sup> Graças a essa formação, a

---

<sup>15</sup> Antonio José Saraiva, *História da cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Foro, 1950, III volumes, passim.

<sup>16</sup> Serafim Leite, S.J., *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, I, p. 6.

evolução do povo paulista – e, em geral, brasileiro – se processou na linha da religião, do amor a Cristo, da solidariedade grupal. Deu-se no Brasil a convergência de fatores que atuam, historicamente, na formação e evolução dos povos. A presença da nobreza, solidária como rei e profundamente convencida do valor espiritual, político e material da empresa, foi um desses fatores, e o mais participante.

A presença da religião, através da Companhia de Jesus, e, mais tarde dos franciscanos, beneditinos, e outras ordens que vieram depois; a presença do povo identificado com essas duas ordens do reino; e, assimilados na finalidade da mesma obra, os paulistas se erigiram em povo, passando a caminhar na História com uma imponência considerável. Já dissemos que cometeram pecados. Escravizaram índios, o que era admitido; tiveram escravos negros, o que também era admitido; miscigenaram-se, igualmente admitido, mas concorreram, com superior decisão, para assegurar ao Brasil a extensão territorial que faz do nosso país um dos maiores do mundo. Os paulistas exerceram no Brasil uma espécie de missão conquistadora, por meio da influência da ação, entendida esta como a estuda Maurice Blondel.<sup>17</sup> Foi esse o fulcro do qual emergiu a raça de gigantes, que impressionou Saint-Hilaire. Tão extensamente impregnou a psicologia do povo paulista essa origem remota; tão profundas são as suas raízes históricas; tão fortes são os seus vínculos temporais e espirituais com o passado, que todas as correntes migratórias foram assimiladas e aculturadas nesse mesmo espírito, o criador “espírito paulista”, cujo vigor levantou nos trópicos uma civilização original e forte. A evolução do povo paulista, não somente nos primeiros séculos, mas nos quase cinco séculos, de 1532 a 2000, nos convence que a História é feita de uma combinação de sociedade, família e raças que se encontram e se fundem, em meio e tempo. Esses ingredientes, todos eles, estão presentes na História dos paulistas.

---

<sup>17</sup> Maurice Blondel, *L'Action*. Paris, 1937, 2 volumes, *passim*.

22-9-77

Rachel de Queiroz  
30 out

Desenho do vestido-fardão confeccionado para a posse de Rachel de Queiroz, primeira mulher a ingressar na ABL, com assinaturas de aprovação dos colegas acadêmicos (1977).  
Arquivo da Academia Brasileira de Letras.



o dia 7  
A. Paes  
Atam. M. S.  
A. S. S. S. S. S.  
H. S. S. S. S.  
M. S. S. S. S.  
R. S. S. S. S.  
S. S. S. S. S.

edu  
S. S. S. S. S.  
S. S. S. S. S.  
S. S. S. S. S.

Alfonso  
L. S. S. S. S.  
S. S. S. S. S.  
S. S. S. S. S.

# Réquiem para Rachel

MURILO MELO FILHO

**E**stes últimos doze meses, aqui na nossa Academia Brasileira de Letras, têm sido para nós, Acadêmicos, extremamente sofridos e penosos.

Primeiro, foi Dom Lucas Moreira Neves. Depois, Evandro Lins e Silva. Em seguida, Geraldo França de Lima, Raymundo Faoro, Roberto Marinho, Marcos Almir Madeira. E, agora, Rachel de Queiroz, muito querida e muito chorada.

Cearense de Fortaleza, Rachel nasceu no dia 17 de novembro de 1910. E morreu anteontem, às vésperas, portanto, de completar 93 anos de idade.

## ~ Anos bem vividos

Ao longo destes anos, tão bem vividos, estuantes de jovialidade e de lucidez, ela foi sempre uma admirável escritora, que ainda há pouco tempo lançou o livro *Tantos anos*, escrito a quatro mãos, com

Palavras  
proferidas na  
Sessão de  
Saudade  
dedicada a  
Rachel de  
Queiroz, na  
ABL, em 6 de  
novembro de  
2003.

sua irmã, Maria Luiza, cuja participação considerava fundamental. Dizia Rachel:

– Sem essa minha irmã, não haveria livro, que me arrancou à força. Trabalhamos juntas durante quatro anos, ela me perguntando e eu respondendo.

Nas 250 páginas deste livro – mais de lembranças do que de memórias – desfilam personagens famosos: Getúlio Vargas, Castelo Branco, Jânio Quadros, Mário e Oswald de Andrade, Bandeira, Drummond, Rubem Braga e Adonias Filho.

Trata-se também da autora de livros consagrados e referenciais, como *O quinze* – escrito quando ela ainda não tinha 20 anos – uma obra pronta e acabada, que a consagrou no universo literário do país. Escreveu também: *Lampião*, *A beata Maria do Egito*, *João Miguel*, *Caminho de pedras*, *O galo de ouro*, *Memorial de Maria Moura* (romance adaptado a série apresentada há pouco tempo na televisão, com enorme sucesso), *As três Marias* e *Dôra Doralina*, para mim seus dois melhores romances.

## ~ Contadora de histórias

Transparente, coerente e sincera, com a sensibilidade nordestina à flor da pele, ofereceu-nos sempre uma permanente lição de fidelidade à sua vida de romancista e contadora de histórias.

Poucos autores conseguiram, como Rachel, escrever com tanta desenvoltura e simplicidade, objetivas e diretas. Sua prosa é sóbria, coloquial e escorreita; trafega – límpida, fagueira e impávida – pelos olhos do leitor, sem transbordamentos, sem excessos e sem retumbâncias, dentro de uma narrativa não raro dramática, com enfoque especial contra os estamentos preconceituosos da aristocracia de então.

Seus textos servem de paradigma e de exemplo para estudos de redação e de português. Sempre teve um prazer todo especial em construir uma frase, elegante e atraente.



Foi a pioneira da temática social no romancista nordestino: dos paraibanos José Américo, José Lins do Rego e Ariano Suassuna; do pernambucano Gilberto Freyre; dos alagoanos Graciliano Ramos e Jorge de Lima; do sergipano Amando Fontes e do baiano Jorge Amado.

Foi pioneira também nesta Casa: a primeira mulher a eleger-se em nosso Quadro de Membros Efetivos, para a Cadeira n.º 5, do patrono Bernardo Guimarães, do fundador Raimundo Correia e dos antecessores Osvaldo Cruz, Aloísio de Castro e Cândido Mota Filho, tendo sido saudada por Adonias Filho.

O Presidente Jânio Quadros quis nomeá-la ministra da Educação, mas ela não aceitou o convite, por entender que uma professora primária do Ceará não devia ocupar um Ministério. E se perguntava: “Como continuar sendo escritora e ministra, ao mesmo tempo?”

## ~ Militante do PC

Revelava que, aos 20 anos de idade, já estava no Partido Comunista:

– Logo cedo, porém, vi que era impossível a convivência de pessoas inteligentes com comunistas militantes. Dois anos depois, rompi com o partido, quando ele censurou uma peça minha e quis me obrigar a fazer uma autocensura. Fui então expulsa solenemente. Chamaram-me até de “policial-fascista”, mas ainda hoje me tenho como socialista e, por isto mesmo, estou a milhares de quilômetros distante da Rússia.

Seu tataravô era tio e padrinho do romancista e acadêmico José de Alencar, do qual se considerava assim uma descendente. Por parte dos Alencares, era prima do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que morreu num desastre de avião, justamente quando voltava de uma visita à sua fazenda “Não me Deixes”, na região do Quixadá.

## ~ O grande amor da vida

Morou durante 12 anos na Ilha do Governador; residiu durante 14 anos na Rua Cândido Mendes, na Glória; e há 36 anos morava em seu refúgio da Rua Rita Ludolf, no Leblon. Seu marido e grande amor de sua vida foi o Dr. Oyama de Macedo, ao lado de quem fez questão de ser sepultada.

Sua única filha morreu com um ano e meio de idade. Coube-lhe, então, criar a irmã Maria Luíza, além dos netos, Flávio e Daniel, que considerava seus filhos. Afirmava:

– Os avós não têm obrigação de educar os netos. Só de amá-los. Educação é tarefa dos pais.

– E quanto aos seus livros?

– Não costumo relê-los. De certo modo, sinto até um pouco de vergonha deles, embora alguns me persigam até hoje. De nenhum deles fiz propriamente um lançamento, com noite de autógrafos. Eles chegavam discretamente às livrarias e aí ficavam à disposição dos leitores que, felizmente, têm sido muitos.

Rachel se considerava uma senhora avó, que já havia pago todas as prestações da vida. E, ao contrário do sertanejo, que, quando recebe um convite para tomar chá, responde: “Obrigado, mas não estou doente”, Rachel gostava de chá e, por isto, não estranhou o desta Academia Brasileira de Letras, nas nossas quintas-feiras.

## ~ Uma atéia mística

Vascaína e adepta do casamento, Rachel escrevia por obrigação, nunca teve fé, era uma atéia mística, com nostalgia de religião, de Deus e de uma alma, que não sabia se tinha, mas que gostaria de ter.

Neste Réquiem, em homenagem à sua memória, devo dizer ainda que feliz geração é esta nossa de acadêmicos, que teve o privilégio de conviver com uma escritora de tanto valor e um potencial tão grande de engenho criativo, a nossa Margareth Mitchell.

Feliz geração é esta nossa de brasileiros, que tiveram a honra de contar com uma pessoa tão agradável, meiga, doce e amiga.

Feliz geração é esta nossa de intelectuais, que puderam orgulhar-se da companhia de uma romancista, portadora de uma cabeça e de um talento privilegiados, dos quais saíram tantas tramas e tantos enredos maravilhosos.

Feliz geração é esta nossa de contemporâneos, que conheceram uma grande dama da literatura brasileira, uma valorosa cearense, chamada simplesmente Rachel de Queiroz.

Josué Montello

NOITE SOBRE  
ALCÂNTARA

ROMANCE



2ª EDIÇÃO

EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

# A construção da memória por Josué Montello

FÁBIO LUCAS

A convivência com o *Diário completo* de Josué Montello (Rio, Nova Aguilar, 1998, 2 vols.) induz a meditar sobre o gênero e a sua inserção na literatura brasileira. E, naturalmente, acerca da realização do prodígio de registrar meticulosamente a passagem do tempo. São 2.763 páginas impressas, o que leva a cogitar sobre o número de horas dedicadas a escrever sobre os eventos que envolveram o autor.

Na concepção de um leigo, seriam inumeráveis momentos subtraídos à vida. Mas, no juízo de um leitor, inversamente foi aplicado esforço no sentido de dar sentido à vida, já que a escrita constitui a primeira grande negação oposta pelo homem aos deuses, que o coneceram mortal.

O passado colhido pelo “diário” diferente daquele captado pelas “memórias”. Aparentemente, ambos os registros são governados pela cronologia, a lógica inexorável do tempo. Mas, nas memórias, permitem-se ao escritor o jogo da montagem, momentos retroati-

Doutor em Economia Política e História das Doutrinas Econômicas, especializou-se em Teoria da Literatura. Autor de 40 obras de Crítica Literária e Ciências Sociais, entre os quais *Razão e emoção literária* (1982), *Vanguarda, história e ideologia da literatura* (1985), *Do barroco ao moderno* (1989), *Luzes e trevas – Minas Gerais no século XVIII* (1999), *Murilo Mendés, poeta e prosador* (2001).

vos, a liberdade das divagações e até a construção do efeito. Algo que se assemelha à narrativa, freqüentemente arquitetada com elementos abundantes de dramatização. Foi o que ocorreu com as memórias de Pedro Nava, um marco da memorialística brasileira.

No “diário” o escritor se propõe a colher, da dispersão das horas, aquilo que, a seu juízo, deve ficar. No caso de Josué Montello, cujo ser se projeta imperativamente como escritor, o que mais se colhem são apontamentos buscados no trato com escritores e livros. O universo que se retira do *Diário completo* constitui um discurso sobre a arte de escrita, como se o mundo tivesse nascimento na palavra.

Considerando o diário como resultado “de minhas conversas com o papel em branco” (*Diário completo*, vol. II, p. 449), avisadamente Josué Montello acentua: “Nossa literatura ainda não tem, em plenitude, na ordem das categorias literárias, a tradição dos *Diários*, embora já tenha, em parte, à semelhança do que ocorre com a literatura portuguesa, a tradição das *Memórias*.” (Ob. cit., vol. II, p. 447.)

A seguir, tenta estabelecer a diferenciação mais apropriada: “Já é tempo de demarcarmos com nitidez a diferença fundamental entre as memórias e os diários. Enquanto as memórias constituem uma volta ao passado, os diários tratam de guardar para o futuro o tempo presente.” (Ob. cit., p. 447.)

O romancista maranhense lembra o famoso *Journal* dos irmãos Goncourt, que totalizou 22 volumes em edição de 1956, depois convertidos em 3 volumes papel-bíblia pela editora Robert Laffont. E evoca o *Diário secreto* de Humberto de Campos, de publicação póstuma, mas ainda capaz se suscitar arrufos. Certamente não é esse o propósito de Josué Montello, uma vez que, no *Diário da manhã*, se diz interessado apenas pela “verdade cortês”. Não deixa de assinalar o estudo seu sobre a teoria e prática dos diários secretos, constante de *Estampas literárias*: “Há uma verdade histórica e uma verdade do diário. Aquela, reflexiva, conclusiva e documentada; esta, momentânea, ocasional e impulsiva.” (Ob. cit., p. 449.)

Na opinião de Josué Montello, Saint-Simon foi “o maior dos memorialistas de todos os tempos”, pois soube harmonizar as memórias com o diário (cf. *Diário completo*, p. 957).

Na língua inglesa, sabemos que o mais famoso diário é o de Samuel Pepys, homem de muitas facetas, que relata eventos de 1º de janeiro de 1660 a 29 de maio de 1669. Considera-se o seu *Diary* talvez o mais singular exemplo de auto-revelação sem reservas, um amontoado de fraquezas, de pecadilhos, de sérias ofensas ao decoro, tudo exposto com a mais implacável naturalidade e minuciosidade.

O primeiro volume do *Diário completo* compõe-se de três obras anteriores: *Diário da manhã* (1952-1957), *Diário da tarde* (1957-1967) e *Diário do entardecer* (1967-1977). A temporalidade é matéria-prima até dos títulos e abrange o período de vinte anos. O segundo volume, por sua vez, engloba *Diário da noite iluminada* (1977-1985), *Diária de minhas vigílias* (1985-1990) e *Diário da madrugada* (1990-1995). Ao todo, quase meio século de testemunhos, conforme assinala o autor, de vida pública, literária e diplomática.

Um trabalho desse porte, abrigando reminiscências de personalidades e obras destacadas do mundo das Letras, da Política e da Administração Pública, todas elas presentificadas pela escrita, certamente guarda projeção para os tempos mais remotos. É da natureza do autor a circulação pelo meio oficial, assim como pelos vários ambientes relacionados com o cotidiano, quer no Brasil, quer no exterior. Destacam-se, no país, São Luís, Belém do Pará e Rio de Janeiro, cidades-chaves da vida de Josué Montello. E, no exterior, Lima, Lisboa e Paris. Imaginamos a provisão de fontes de consulta para a historiografia futura, se persistir a tendência contemporânea de reconstrução da vida íntima dos povos ou do dia-a-dia de seus agentes mais poderosos.

Quais as principais personagens de Josué Montello? Para situá-los, seja permitido lembrar que, na tradição do pensamento hermenêutico, a *empatia* figura como o acesso intuitivo à mente do outro. Assim, no diário de Josué Montello despontam estes nomes, relacionados fortuitamente: Machado de Assis, Austregésilo de Athayde, Manuel Bandeira, Camilo Castelo Branco, Coelho

Neto, Viriato Correia, André Gide, Juscelino Kubitschek, Tristão de Athayde, Joaquim Nabuco, Afrânio Peixoto, Eça de Queirós, Jose Olympio, José Sarney, Getúlio Vargas e Luís Viana Filho.

Num plano um pouco mais afastado, mas igualmente importante, arrolam-se: Medeiros e Albuquerque, José de Alencar, Gilberto Amado, Aluísio de Azevedo, Artur Azevedo, Honoré de Balzac, Gustavo Barroso, Baudelaire, Stendhal, Adolfo Bloch, Pedro Calmon, Camões, Humberto de Campos, José Lins do Rego, Assis Chateaubriand (francês), Marques Rebelo, Gonçalves Dias, Peregrino Jr., Gustave Flaubert, Anatole France, Afonso Arinos de Melo Franco, Gilberto Freyre, Rodolfo Garcia, Almeida Garrett, Goethe, Edmond e Jules Goncourt, Victor Hugo, Álvaro Lins, Magalhães Jr., André Malraux, François Mauriac, Álvaro Moreyra, Joaquim Nabuco, Alberto de Oliveira, Graciliano Ramos, Jules Renard, Jean-Jacques Rousseau, William Shakespeare e Leon Tolstoi.

Pelo que se vê, pode-se ler nas entrelinhas o tipo de formação cultural de Josué Montello. Basicamente assentada nas literaturas portuguesa, brasileira e francesa, não obstante o culto de Shakespeare, de Goethe e de Tolstoi. Quanto ao elenco de figurantes do *Diário completo*, vê-se a predominância dos escritores. As exceções são para os políticos: JK e Getúlio Vargas.

O dado cultural é explícito, se levarmos em consideração a multivocidade da cultura, que nos permite compartilhar práticas, significados e símbolos que constituem o universo humano. Portanto, longe de qualquer neutralidade e de visão unidimensional. A cultura é multívoca e sobredeterminada, de tal sorte que o observador e o observado se encontram imersos na mesma atmosfera.

O “eu” da escrita do diário se torna plural, ainda que a intencionalidade seja por natureza egocêntrica. Além do mais, dá-se a intercorrência, no diário, do *automatismo*, sujeita à mecânica dos dias, e da *inovação*, dada a metamorfose ínsita a todos os seres e situações.

Josué Montello revela estar atento a esse aspecto: “Qualquer tema leva o escritor à revelação de si próprio – de seu gosto, de suas repulsas, de seus afetos. Tudo lhe serve de pretexto para trazer a lume o íntimo de suas inclinações e suas idéias, a



propósito de qualquer assunto, mesmo os mais singelos e vulgares, como o dobre de um sino ou o vôo de uma andorinha.” (Ob. cit., vol. I, pp. 257-258.)

O “diário”, aliás, ajuda o autor a sair do automatismo da percepção cotidiana, quando o autor pratica aquilo que Valéry Larbaud definiu como o “único vício impune”.

A matéria do diário torna-se errante pela imensa simultaneidade do não simultâneo, dada a efusão vulcânica dos sinais da vida. Fala-se do caráter heterogêneo do simultâneo. Siegfried Kracauer, em *Time and History*, emprega a expressão alemã *Ungleichzeitigkeit des Gleichzeitigen*. Desse mar revolto, Josué Montello colhe os elementos de sua seleção, testemunho do seu vitalismo. Sua versatilidade pode ser exemplificada com as reflexões que faz, a 11 de julho de 1994, sobre a arte dramática no Brasil. Fala do *nouveau roman*, como desdobramento do “romance de laboratório”, até da telenovela e da paraliteratura (cf. *Diário completo*, vol. II, pp. 1086-7). No registro anterior, a 6 de julho, o tema fora a obra de João Ribeiro, sempre exaltada.

Sabemos que a marcha das horas modifica, adapta e dramatiza os conceitos e as idéias. São os efeitos das curvas do tempo, da oscilação dos tempos particulares de diferentes campos sobre a passagem geral ou o fluxo uniforme da temporalidade.

Deste modo, o autor pode retirar do montinho de segredos de que é depositário aquilo que seja reaproveitado, sem meter as mãos no entulho. O *Diário completo* de Josué Montello nos oferece uma confissão contida. É que ele, com certo pudor, não avança na exposição do “eu” e, em muitas vezes, refere-se aos outros sob o disfarce da alegoria. Cremos que reserva para a ficção, de que é cultor assíduo, as explosões mais desatadas do espírito. Aliás, o próprio escritor admite, nele, a superioridade do romancista. É o que se lê a 21 de agosto de 1990: “Certo, trilhei outras vias, como escritor. No ensaio. No conto. No teatro. Na crônica. Mas presumo que foi no romance que me realizei em plenitude, por ter encontrado nele a harmonia ideal da vida e da expressão, no equilíbrio da obra de arte.” (Ob. cit., vol. II, p. 778.)

Ao comentar, adiante, o romance policial, explora um aspecto importante de gênero: “Pude concluir, ao contrário do que pensava Paul Morand, que o romance policial não é unicamente um habilidoso jogo de marionetes, mas sim uma sonda para a escuridão das almas, neste nosso esforço para decifrar os enigmas humanos.” (Ob. cit., vol. II, p. 785.)

De certo modo, a escrita do diário representa ocupação de um sedentário. Mas um sedentário que viaja, que desenvolve a atividade mental de um *flâneur*. No caso de Josué Montello, o que se nota é um viajante a deslocar-se de um lugar para outro e, ao mesmo tempo, o relato de um andarilho das letras, que narra o trânsito indormido de uma obra a outra, de um escritor a outro.

Daí termos no *Diário completo* a memória construída. Diferente da memória de Marcel Proust, romanceada, esforço de “reconstruir” o que se julgava “perdido”. No ato da escrita manifesta-se o intervalo evocador entre o ato vital e a sua recuperação afetiva. O passado brota como relâmpago de uma aquisição inesperada.

Diferente também do memorialismo projetado como reelaboração do passado, mescla do sentimento de perda com a impulsão judicativa, conforme o documentalismo de Pedro Nava. O passado acode ora cercado da aura epifânica, ora com a severidade de um tribunal.

Com Josué Montello ocorre o registro cotidiano de algo que acaba de acontecer. Tem o sinal e o calor do momento que passa. Registra a vida dos acontecimentos no seu borbulhar. Assim como Pedro Nava revolucionou o memorialismo sem convertê-lo em ficção, em história inventada, Josué Montello opera, em nossa literatura, a eclosão do “diário” como captação minuciosa do presente tornando-se passado. Como disse Tu Fu, na tradução de Cecília Meireles, “... estamos na idade em que o passado tem mais perfume que um ramo de lilases em flor.” (*Poemas chineses*, Rio, Nova Fronteira, 1906, p. 91.)

Que mais nos traz o *Diário completo*? O culto fiel da companheira, Yvonne, retratada em inúmeros *flashes*, sempre com uma luz fulgurante. O solo biográfico exprime a vida em ascensão, a partir do garoto tuberculoso aos 15 anos, fragilizado, assediado pela morte, mas determinado a sair do círculo infernal.

Curioso notar que Josué Montello, ao comentar a posição crítica de Graciliano Ramos, não deixa de elogiar “a rebelião do escritor contra todas as formas de opressão. Ele é, por natureza, na sociedade em que se mexe, um dissidente nato – na ordem literária, na ordem política, na ordem social”. A seguir, conclui seu pensamento: “Alberto Camus, no discurso com que recebeu o Prêmio Nobel, concluiu que os escritores não devem estar a serviço dos que fazem a História e sim a serviço daqueles que estão oprimidos por ela.” (Ob. cit., vol. II, p. 101.)

No caldo cultural em que a obra se realiza Josué Montello deixa escapar, pelas citações e preferências, opções pessoais que ultrapassam o perfil de um escrevente conservador. Por exemplo: na apologia de Coelho Neto não falta a esse o destaque pela militância ecológica em crônica de 1902. Nas palavras de Josué Montello, “um dos arautos da defesa constante da natureza” (ob. cit., vol. II, p. 966). No mesmo ano, Coelho Neto teria ido a São Paulo para a Festa da Árvore, a 7 de junho, manifestando-se mais uma vez pela tese ecologista, posição reafirmada em 1911, da tribuna da Câmara dos Deputados.

Aliás, no *Diário completo*, Josué Montello confirma engenhosamente sua posição sobre o tema: “Por isso, cumpre-nos também lembrar que, ao realizar-se aqui a Eco-92, com a presença de tantos chefes de Estado, de tantas delegações estrangeiras, para tratar da defesa do meio ambiente, tínhamos esta razão a mais, que, suponho, ninguém lembrou: a de sermos o único país do mundo que tem seu nome associado à devastação da Floresta.” (Ob. cit., vol. II, p. 984.) Símbolo, portanto, acrescentamos, do primeiro gesto de pilhagem, da primeira exploração predatória.

Outro aspecto recorrente do *Diário completo* é a defesa da língua portuguesa, especialmente referida à p. 1020 do vol. II; e também, de forma indireta, no elogio do *Dicionário de Moraes e Silva* (ob. cit., pp. 1020-21).

O biografismo é vívido no *Diário completo*. Mais efetivamente no plano da formação intelectual. Sabemos, por exemplo, de sua iniciação na língua espanhola mediante a leitura de Amado Nervo e Rubén Darío e de seu encanto pelos autores do Siglo de Oro: Quevedo, Lope de Vega, Cervantes, Calderón,

Tirso de Molina, Gôngora, muito superiores, a seu ver, a quantos “canastrões clássicos” (cf. *Diário completo*, vol. II, p. 122).

Qual a obra preferida pelo autor? *A luz da estrela morta*, romance cuja ação se passa em três dias, “o mais denso dos meus romances” (ob. cit., vol. I, p. 169).

Entranhadamente escritor, Josué Montello não deixa de registrar: “Nada mais sou que um homem de letras” (ob. cit., vol. I, p. 239). Isso após a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras.

Há pronunciamentos críticos diversos. Ao narrar a eleição de José Lins do Rego, menciona-o como “o maior romancista do país neste momento” (15 de setembro de 1955, cf. *Diário completo*, vol. I, p. 299). Fala com simpatia de Guimarães Rosa, mas nota-se que este constitui-lhe uma presença perturbadora. No confronto de Graça Aranha com Coelho Neto, manifesta maior apreço pelo último. Assim como, entre Guimarães Rosa e Gilberto Amado, tem maior simpatia pelo segundo.

Reunir trechos comoventes (por exemplo: sua chegada a Belém do Pará) e situações de grande impacto, pela surpresa (p. ex.: o episódio da coleção de *A Semana* na biblioteca de Múcio Leão) constitui tarefa do leitor. O que vale assinalar é a contribuição de Josué Montello ao gênero “diário”, ainda que fiquem na sombra revelações pessoais de foro íntimo. Ele não é Samuel Pepys. Mas deixa um testamento cujo valor evolui a cada dia, pela raridade de muitas observações. Nada melhor, para acentuar o lado humano do *Diário completo*, do que transcrever a epígrafe tomada a Chateaubriand, das *Memoires d'outre-tombe*, para o *Diário do entardecer*:

“Nossa existência é tão fugaz que, se não escrevermos à noite o que aconteceu pela manhã, o trabalho nos atordoa e não nos sobra tempo para registrá-lo. Isto não impede que lancemos ao vento as horas que são para o homem as sementes da eternidade.”

# Plurilingüismo: A tradução e os “falsos amigos”

ERWIN THEODOR

**N**a mais recente edição do *Novo Aurélio*, o verbete **Comunicação** recebe variadas definições, entre as quais a seguinte se ajusta totalmente ao processo tradutório: “Ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convenencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual.” Integra-se perfeitamente nesta acepção do termo, porquanto significados são transmitidos através de linguagem, ainda que os documentos que os contenham ou os indivíduos que trocam essas informações não se utilizem de idioma idêntico. A tradução é uma comunicação, na qual a parte envolvida, o tradutor, age ao mesmo tempo como *receptor* e *transmissor*, decodificando mensagens recebidas de uma língua e recodificando-as em outra. Essa idéia é tornada plástica na expressão jocosa do

Professor, jornalista, ensaísta e tradutor. Doutor em Letras (1953) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, conquistou a Livre-Docência em 1960. Permaneceu dois anos acadêmicos na Alemanha, como bolsista da Fundação Alexander von Humboldt, especializando-se e lecionando na Universidade de Tubinga (Tuebingen), onde preparou a tese de cátedra que lhe valeu a indicação para professor titular da Universidade de São Paulo (1964). Membro da Academia Paulista de Letras (seu atual presidente) e das Academia Paulista de História e Academia Paulista de Jornalismo. Obras: *Estudos de sintaxe inglesa* (1951), *Viagem pela América do Norte* (1956), *A língua alemã – desenvolvimento histórico e situação atual* (1963), *Temas alemães* (1965), *Introdução à literatura alemã* (1968), *Das fragmentarische Universum* (1970, trad. port. *O universo fragmentário*, 1975), *A literatura alemã* (1980), *Tradução: ofício e arte* (1983), *Perfis e sombras* (1990).

tradutor inglês Keith Bosley: “A translation is one language making love to another.” Aqui tratamos da tradução de um idioma para outro, muito embora pudéssemos encarar de modo mais amplo o processo todo, já que realizamos todos a toda hora atos de tradução, o que permite dizer que, *onde existe língua, também há tradução*. Ao converter em matéria escrita algum pensamento, de início formulado mentalmente em linguagem cotidiana, procedemos a uma operação tradutória, o mesmo se verificando no processo de compreensão de toda e qualquer comunicação em nível lingüístico. Traduzir significa, portanto, interpretar e reproduzir corretamente a comunicação recebida e transferi-la para um nível lingüístico diferente, tornando compreensível a expressão de uma comunidade lingüística pela outra, sendo de notar que a percepção lingüística de determinada comunidade vai muito além do vocabulário de que seus integrantes se utilizam individualmente, pois não existe sistema informativo homogêneo de uma língua. São empregados registros diversos de linguagem: coloquiais e dialetais, cotidianos ou vulgares e cultos, dependendo dos interlocutores e dos assuntos tratados. Ao escrever, surgem registros de tratamento formal, burocrático, literário ou oficial e acresce ser a capacidade expressiva humana muito variada, sempre incompleta, limitada e freqüentemente insegura, eis o mistério da natureza das línguas, assim como dos seres humanos.

Uma das mais antigas definições contempla o ser humano como o “ente que fala” e ela poderia ser estendida para “o homem é o ente que sabe expressar-se em vários níveis” e, mais ainda, poderíamos dizer também que é o ser capaz de empregar idiomas diversos. Esses, entretanto, não se encontram armazenados em divisões estanques na nossa consciência, na nossa memória, mas interpenetram-se, desafiando a tentativa de sistematização das línguas, intentada há séculos por gramáticos de todas as nacionalidades. Assim surgem analogias e anomalias, polimorfias e polissemias, redundâncias e deficiências, exceções e formas especiais, todas explicáveis pela mistura de idiomas e falares e decorrentes interferências nas estruturas fonéticas, léxicas e gramaticais das línguas individuais. São principalmente estrangeirismos, empréstimos e tecnoletos que com o tempo remodelam a expressão falada e escrita e criam, antes de mais nada, os famosos *falsos amigos*, pro-

cedentes da evolução desigual das palavras nos diferentes idiomas. Assim, o latim vulgar *cadentia*, origem do francês “la chance”, significando primitivamente o *tombamento dos dados*, vindo a ser mais tarde o *acaso* e, depois, o *acaso feliz*, penetrou na maior parte dos idiomas ocidentais. Para nós significa uma possibilidade de evolução positiva, à qual se opõe o “risco”, a possibilidade de evolução negativa, palavra que procede do italiano medieval, como termo próprio dos comerciantes, depois generalizado. Pois bem, as duas palavras penetraram nos idiomas modernos, mas frequentemente em sentido oposto. O francês diz: “vous avez de la chance”, o que o inglês interpreta como “you are lucky”, e quando este afirma “one must take a chance”, o francês diz “Il faut prendre le risque”, ou – em outro exemplo – “there is no chance of error” que, traduzido, vem a ser “il n’y a pas de risques d’erreur”. Justamente essa interpenetração de sentidos prova o “risco” da tradução e o “acaso” que se esconde sob nossas formas e estruturas lingüísticas. Os espanhóis, por exemplo, não adotaram a palavra “chance”, talvez por disporem de *la chanza*, “brincadeira”, “graça”, que, por sua vez, vem do italiano *ciancia*, onomatopáica, que significa tanto “tagarelice”, “conversa fiada”, quanto “fanfarronice”.

Existem palavras que, assim se afirma, se identificam com o temperamento, a mentalidade, a sensibilidade de determinado povo, palavras através das quais se pretendeu em outros tempos chegar a uma espécie de “caráter coletivo” de toda uma nação, de toda uma comunidade. São palavras ditas “intraduzíveis” para outros idiomas, do tipo de “saudade”, que Albert Vigoleis Thelen, secretário particular de Teixeira de Pascoaes, cujas obras traduziu para o alemão, definiu como “nostalgia, tristeza, queixume, algo tipicamente sentimental, um aprofundamento da sensibilidade, a virtude nacional, ultra-romântica dos portugueses”. E diz mais: “Pascoaes acrescentou à saudade uma qualidade religiosa, que representa a força trágica e inspiradora de sua obra inteira.” Em inglês, tais palavras “intraduzíveis” seriam por exemplo “fair-play” e “understatement”; em francês “esprit”, “charme”, “bon-mot”; em alemão “Gemütlichkeit”, “Innigkeit”, “Erlebnis”. A explicação, porém, para o fato de nem tudo ser traduzível em todos os idiomas e com a mesma clareza, encontramos-na na desigualdade existente entre as energias e fraquezas instrumentais, redundâncias e

deficiências, lacunas e possibilidades de cada idioma, que se tornam visíveis especialmente durante o processo tradutório. A maior retribuição para quem trabalha com as línguas é perceber que essas situações enriquecem o raciocínio, abrem horizontes novos à reflexão, servem para proporcionar uma maior mobilidade intelectual. O poema de sete sílabas do grande poeta Giuseppe Ungaretti, “M’illumino / d’immenso” e que, traduzido de imediato significa “Ilumino-me / De imensidão”, procura exprimir o inexprimível que vai no íntimo do observador sensível, diante de um fenômeno de impacto inesperado. Em inglês, Frederick Jones traduziu essas sete sílabas: “I illuminate myself / With immensity”, enquanto a grande poetisa Ingeborg Bachmann optou, em alemão, pela correspondência “Ich erleuchte mich / Durch Unermessliches” (“Ilumino-me / Através do incomensurável”).

Vemos, portanto, que os vocábulos (lexemas) evoluem de forma inconstante e irregular, permitindo interpretação variada.

Para o tradutor importa antes o destino das palavras do que sua origem (campo próprio do lingüista e do etimólogo). O que *sucede* às palavras é nossa indagação, e aí já nos defrontamos com um termo de origem latina, abundantemente estudado por Mario Wandruszka num dos seus excelentes volumes sobre a matéria. Examinando o verbo polissêmico *succedere* vemos que se pode tratar, conforme o caso, de “acontecer”, “seguir a”, e “ter êxito”. No significado de “seguir a”: he *succeeded* his father as supplier of the Queen; lui *succéda* à son père; foi sucessor de, sucedeu a. Daí “sucedâneo”, “sucessivo”, “sucessão” em português. Mas *suceder* no sentido de “acontecer” existe apenas em italiano, espanhol e português: “cosa succede?”, “qué sucede?” “o que sucede?”, mas “what happens?” e “qu’arrive-t-il?”. Na significação de “conseguir” sobrevive, como verbo principal, apenas em inglês: *I succeeded* in buying this most precious painting, o que em francês se diria *je réussis*, em italiano *riuscì*, em português *consegui*, em espanhol *conseguí* e em alemão *es gelang mir*. Assim sendo, não admira que o provérbio inglês *nothing succeeds like success* não possa ser traduzido por um correspondente jogo de palavras, já que o



verbo não tem, nas línguas latinas aqui abordadas, o mesmo significado. Resumindo: os três sentidos principais deste termo (*seguir*, *acontecer* e *conseguir*) estão distribuídos da seguinte forma: o primeiro, *seguir*, aparece em todos os idiomas, tanto como verbo quanto como substantivo: italiano – *succedere*, *la successione*; espanhol – *suced*, *la sucesión*; português – *suced*, *a sucessão*; francês – *succéder*, *la succession*; inglês – *to succeed*, *the succession*. O segundo, *acontecer*, existe como verbo em italiano: *succedere*, mas inexistente no italiano como substantivo, quando, em português e espanhol, surge como verbo e como substantivo: *suced* e *o sucesso*, *suced* e *el suceso*, não sendo, porém, conhecido, nesta acepção, nem em francês e nem em inglês, enquanto o terceiro, *conseguir*, sobrevive como verbo e substantivo em inglês: *to succeed* e *the success*; em português, italiano e francês exclusivamente como substantivo: *o sucesso*, *il successo* e *le succès*, e inexistente em espanhol, seja como verbo ou como substantivo. Em português corrente o *sucesso* neste último significado, como *bom resultado*, tem como sinônimo *êxito*, o que acontece também em espanhol. Esta palavra, por sua vez, procede do latim *exitus*, com o sentido de *saída* e *resultado* (*exire*). Em italiano *l'esito* significa “resultado”, seja positivo, negativo ou incerto. Em inglês *the exit* é a porta de saída, o lugar de saída (“emergency exit”), podendo significar também a “retirada do palco” (“exit of the actors”) e o fim da vida, a morte. Os alemães (pelo menos os médicos alemães) classificam como “exitus” o instante do falecimento. O mencionado verbo *exire* (*ex+ire*) formou em francês arcaico a palavra *issir*, que evoluiu para *issu*, *l'issue*, saída, escapatória e resultado. Nesse sentido não existe em inglês: “Il ne semblait pas y avoir d'issue” = “there was no way out” (“non vi era via d'uscita” = “não havia escapatória”, “no había solución”). E a palavra inglesa *issue* (pronuncia-se nos EUA *ischu*) significa “edição” (“the next issue of this magazine will be published shortly”), ou “problema” (“an important issue is at stake”) ou mesmo “questão” (“this is obviously a political issue”). Ao *exire*, mencionado, corresponde em italiano *uscire*, sair, mas este verbo, utilizado tanto em português quanto em espanhol (*salir*), procede do latim *salire* = pular, saltar, subir. Por outro lado, o verbo latino *subire* significava “iniciar um trabalho” ou

também, *sofrer* e *subir*. Em italiano, contudo, *salire* significa “subir” e *subire* significa “sofrer”, tal como em francês (*subir*).

Outro termo de interesse é *fracasso* (*el fracaso*, esp.). Recebemos a palavra do italiano, onde “fracassare” significava “arrebentar” e “il fracasso” era “o estrondo”, “o barulho”.

Também os franceses receberam a palavra do italiano, e no sentido primitivo: *fracasser, le fracas* (“il fracassa les plats”) corresponde a “lui fracassò i piatti”, significando “quebrou os pratos”, “estrelló los platos”, “he smashed the dishes”. “Barulho” e “estrondo” passaram a ser em espanhol e português, no século XVI, o estrondo da *derrota*, o fragor da *batalha perdida*, o que leva à necessidade de traduzir-se a palavra, ao partir do português ou espanhol, para “the failure”, “l’échec” e “il fiasco”.

O verbo latino *sentire* transmite, conforme é sabido, as funções dos sentidos. Em francês significa principalmente cheirar e transmitir um cheiro: “tu sens bon”, “that’s a wonderful scent”. Em italiano significa principalmente *ouvir*, tendo superado há muito o uso de “udire”: “non ho sentito niente” = “je n’ai rien entendu”; o português e o espanhol, entretanto, utilizam-se de *sentire* para indicar compaixão, uso estranho às demais línguas aqui consideradas: “sinto muito”, “lo siento mucho” = “I’m so sorry”, “je suis désolé”, “mi spiace moltissimo”, “es tut mir so leid”.

Em latim, *morbus* equivale a “doença” e originou dois adjetivos: “morbidus” e “morbosus”. Em italiano, “morbido” significava “doentio”, mas só até a época da Renascença. A partir de então, a aparência doentia veio a revestir-se de matizes especiais e, por extensão, passou a significar “fraco”, “suave”, “fino”, “acolhedor”, basta lembrar, de data muito mais recente, os principais papéis femininos nas óperas, *La Bohème*, ou *La Traviata*, exemplos de *la morbidezza*, a representar suavidade e elegância, de que hoje *morbido* é qualificativo: *capelli morbidi, la voce morbida*. A acepção “doentio” é hoje identificada com *morboso*: “terrore morboso”, “a morbid fright”, medo mórbido. E, para terminar, algumas observações acerca de *finis*, em latim “o limite supremo”, complementado pelo baixo-latim *finalis*, a “finalidade”, termo vulgarizado no século XIX, épo-

ca em que se introduziu no francês também *le finale*, do italiano *finale*. Aliás, no francês existe também a forma feminina *la fine* (“a fina”) do século XIX, significando uma aguardente, cuja origem é a mesma: *finis*, chegada, porém, através do latim medieval, *finu*, que significava “refinado”, “perfeito”. Os termos *definido* e *definitivo*, existentes em todos os idiomas aqui abordados, revelam igual ascendência, mas manifestas divergências semânticas. Se em inglês digo “he is definitely an excellent language teacher”, não digo nem definida e nem definitivamente de que se trata de um excelente professor de línguas, mas que, em português e espanhol, ele o é *sem dúvida* = Er ist *gewiss* ein ausgezeichnete Lehrer; lui è *senz’altro* eccellente professore, *sans doute* un excellent maître de langues. E assim poder-se-ia prosseguir com um nunca acabar de exemplos, que aqui, entretanto, chegam ao fim.



Passemos de palavras a textos: É forçoso reconhecer que Ernest Renan (1823-1893), autor da *Histoire des origines de Jésus*, em sete volumes, tinha razão ao afirmar que “une oeuvre non traduite n’est publiée qu’à demi” e que o ato de traduzir é a prática de “um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação; é, afinal, um ato de amor, pois trata-se de se transferir por inteiro numa outra personalidade”, conforme as palavras de Guimarães Rosa. Existem povos bi- e trilingües, mas ali também aparecem diversidades curiosas, assim quando o suíço francês emprega “octante” ou “nonante” em lugar de “quatre-vingt” ou “quatre-vingt-dix”, quando na província de Québec, região de língua preponderantemente francesa do Canadá, podia ler-se há alguns anos num cartaz “nous voulons l’autonomie et éventuellement l’indépendance”, onde “éventuellement” não se reveste do sentido francês (igual ao nosso), assumindo o de *eventually*, inglês, exprimindo o desejo de *finalmente*, isto é, ao fim e ao cabo passarem a ser independentes. É a aplicação dos “falsos amigos” nos textos, constantes ardis a enganarem tradutores menos bem avisados, assim quando, no filme de Jean Renoir *Esta terra é minha*, o *confirmed bachelor*, “solteirão convicto” passa, de acordo com o tradutor, a ser um “bacharel confirmado”;

ou em antigo anúncio comercial, difundido por nossas TVs, o então campeão mundial de tênis dizia que “atualmente não bebo muito”, quando o original dizia “*actually I don’t drink much*”, isto é: “realmente não bebo muito!” Às vezes esses lapsos tradutórios são bem engraçados, assim por exemplo num filme, repetido pelos programas saudosistas, *Anzio*, no qual a arquiconhecida expressão de gíria “*he gives me the creeps*” (tenho até nojo dele) aparece como “me dá até gripe”, ou quando raiz-forte (em inglês *horse-radish*) é traduzido por “rabanete equino”. Ou, ainda, quando querem introduzir, o que é o caso de pedantes e ignorantes, determinada terminologia própria do inglês na nossa língua, de forma totalmente gratuita, com a finalidade de impressionar, talvez, porque existem correspondências vernaculares a torná-la absolutamente dispensável. Acontece isto, por exemplo, no caso de *santuário*, no sentido inglês de “refúgio”, “abrigo”, “proteção”, e hoje é comum ouvir ou ler-se que tal ou qual país concedeu “santuário” a pessoas de outras procedências; a mesma situação se repete, quando, para definir alguém ou algo como sendo “atraente”, “aliciante”, “sedutor” se recorre à expressão anglo-americana do “*a considerable degree of appeal*”, passando o ponto em questão a revestir-se de “elevado grau de apelo” como se isto fosse português. Enfim, o bom tradutor de prosa ou verso terá de conhecer bem o próprio idioma e deverá compreender e assimilar em toda a extensão o texto da obra a traduzir, dominando ao mesmo tempo o espectro cultural próprio do público visado. Terá de fazer a sua tradução, recorrendo a vocabulário e estruturas lingüísticas compatíveis no idioma de chegada (ou “língua-alvo”), incluindo – se necessário – informações adicionais, a fim de prover os textos dos dados de que dispõe o público visado pelo original, mas de que podem carecer os leitores de universo cultural diverso. Por outro lado, não se pode, em muitos casos de tradução literária, fugir às adaptações, quando inexistem paralelismos lingüísticos perfeitos entre original e tradução, que não devem ser artificialmente criados, pois dificultariam chegar a uma identidade psicológica. Da mesma maneira, a diferença de estruturas sociais pode impedir a correspondência de significados externos, mas de qualquer modo terá a realidade do original de ser forçosamente conservada na transposi-

ção, para que não surja uma obra diversa do original. Vejamos alguns exemplos, começando com a tradução da estrofe inicial do poema “*Das ästhetische Wiesel*”, que integra as *Canções da forca* (*Galgenlieder*), do poeta satírico alemão Christian Morgenstern, cuja vida como que baliza o período de paz da Alemanha Imperial, época, entretanto, de intensa fermentação social, da qual sua produção dá eloqüente testemunho (1871-1914). Surge o animalzinho *Wiesel*, um pequeno carnívoro, personagem do poema, que pode ser traduzido como “doninha”, “jaguarundi”, “furão”, ou “fuiinha”, mas cuja determinação exata não se reveste de importância nenhuma, já que existe, de acordo com as próprias palavras do poeta exclusivamente para satisfazer à rima. Eis o texto original: “Ein Wiesel / sass auf einem Kiesel / Inmitten Bachgeriesel. // Wisst ihr, / weshalb? // Das Mondkalb / verriet es mir / im Stillen: // Das raffinier- / te Tier / tats um des Reimes willen. //” O recém-falecido poeta e tradutor Haroldo de Campos assim adaptou início e fim do poema: “Um teixugo / sentou-se num sabugo / no meio do refugo / [...] O refinado animal / acima / agiu por amor à rima.” Eis exemplo de correspondência tradutória que considero perfeito e feliz. Igualmente convence a estrofe inicial, vertida para o inglês por Max Knight: “A weasel / perched on an easel / within a patch of teasel”. Entretanto, há outras possibilidades oferecidas pelo próprio Knight: “A ferret / nibbling a carrot / in a Garret //”, ou: “A mink / sipping a drink / in a kitchen sink” //, ou ainda: “A hyena / playing a concertina / in an arena //” e, finalmente: “A lizzard / shaking its lizzard / in a blizzard //”. Decisivo é aqui o jogo das rimas, sendo as informações zoológica e topográfica de nenhuma valia, pois a realidade do poema não está na denotação das palavras, mas na conotação do conjunto. A tradução literal que, digamos, seria “Uma fuiinha / estava sentada sobre um pedregulho / no meio dos respingos do riacho” de nada vale para a transmissão do todo, sendo – no caso – o jogo de palavras (o “calembrur”) muito mais importante do que a simples descrição.

Christian Morgenstern (1871-1914) escreveu o seguinte poema em 1910. Nele satiriza a inabalável fé dos alemães de seu tempo na infalibilidade das determinações oficiais:

*DIE UNMÖGLICHE TATSACHE*  
(Christian Morgenstern, 1910)

*Palmström, etwas schon an Jahren,  
Wird an einer Strassenbeuge  
Und von Seinem Kraftfahrzeuge  
Überfahren.*

*“Wie war” (spricht er, sich erhebend  
und entschlossen weiterlebend)  
möglich, wie dies Unglück, ja  
dass es überhaupt geschah?*

*Ist die Staatskunst anzuklagen  
In Bezug auf Kraftfahrwagen?  
Gab die Polizeivorschrift  
Hier dem Fahrer freie Trift?*

*Oder war vielmehr verboten,  
hier Lebendige zu Toten  
umzuwandeln, kurz und schlicht:  
Durfte hier der Kutscher nicht?*

*Eingehüllt in feuchte Tücher  
prüft er die Gesetzesbücher  
und ist alsobald im Klaren:  
Wagen durften dort nicht fahren!*

*Und er kommt zu dem Ergebnis:  
Nur ein Traum war das Erlebnis.  
Weil, so schliesst er messerscharf,  
nicht sein kann, was nicht sein darf.*

## O FATO IMPOSSÍVEL

Palmström, em anos avançado,  
numa abrupta curvatura  
torna-se vítima de viatura,  
melhor dizendo: é atropelado.

“Como foi” (diz ao se erguer,  
e decidido a sobreviver)  
possível esta ocorrência,  
sem que lhe entenda a essência?

Podê o governo ser processado  
por falta de fiscalização  
do veículo motorizado  
ou do motorista vilão?

Ou melhor, é aqui proibido  
transformar vivo em falecido?  
Em breve e simples inquirição:  
Houve de fato *contravenção*?

Envolto em panos quentes e tais  
examina os códigos legais,  
para claramente apurar:  
ali era proibido trafegar!

Da súmula extrai a conseqüência:  
só sonho foi sua experiência,  
pois, conclui com agudo saber,  
o *ilícito jamais* iria ocorrer!

Permanecendo no terreno da tradução da poesia, vejamos agora poema de diáfana beleza, mas difícil tradução, conforme comprovam exemplos em diversas línguas. Trata-se de *Hälfte des Lebens* (“Metade da vida”), de Friedrich Hölderlin (1770-1843), de acordo com Georges Mounin (in *Problèmes théoriques de la traduction*, 1963) *intraduzível*, mas cujas traduções provam o contrário, já que essa pequena pérola poética foi repetidamente passada para o português e outros idiomas e, por vezes, bastante adequadamente, tendo as conclusões resultantes se aproximado pelo menos da atmosfera própria do original:

### *HÄLFTE DES LEBENS*

*Mit gelben Birnen hängen  
Und voll mit wilden Rosen  
Das Land in den See,  
Ihr holden Schwäne,  
Und trunken von Küssen  
Tunkt ihr das Haupt  
Ins heilignüchterne Wasser.*

*Weh mir, wo nehm ich, wenn  
Es Winter ist, die Blumen, und wo  
Den Sonnenschein,  
Und Schatten der Erde?  
Die Mauern stehn  
Sprachlos und kalt, im Winde  
Klirren die Farnen.*

Tradução bastante próxima, muito embora nada poética do texto seria: “Metade da vida: Com pês amarelas / e cheia de rosas silvestres / adentra a terra no lago; / vós, graciosos cisnes, / bêbedos de beijos, / mergulhais a cabeça / nas sacro-sóbrias águas. // Ai de mim; onde colherei, quando / inverno, as flores, e onde / o brilho do sol / e as sombras da terra? / Erguem-se os muros / Mudos e frios; no vento / rangem as veletas.”



Entre as traduções poéticas brasileiras deste poema, vejamos três. A primeira, de José Paulo Paes:

### MEIO DA VIDA

Com pêras douradas  
E mil rosas silvestres  
Pende a terra para o lago,  
E vós, meigos cisnes  
Bêbados de beijos,  
Meteis a cabeça  
Nas águas sóbrio-sacras.

Ai de mim: onde achar,  
Se inverno, as flores, onde  
O brilho do sol  
E as sombras da terra?  
Erguem-se os muros  
Mudos, frios: tatalam  
As bandeiras ao vento.

Eis os mesmos versos, na tradução de Roswitha Kempf:

### MEIO DIA DA VIDA

Pêras amarelas  
E rosas silvestres pende  
A terra sobre o lago.  
Ó cisnes graciosos  
Inebriados de beijos,  
Embebei a cabeça  
Na água sóbria-sacra.

Ai de mim, de onde tomo,  
Quando inverno se faz, as flores,  
e de onde a luz do sol  
E a sombra da terra?  
Os muros se levantam  
Mudos e frios, no vento  
Tilintam os lábaros.

Manuel Bandeira, por sua vez, encontrou a seguinte correspondência poética:

### METADE DA VIDA

Pêras amarelas  
E rosas silvestres  
Da paisagem sobre a  
Lagoa.

Ó cisnes graciosos,  
Bêbedos de beijos  
Enfiando a cabeça  
Na água santa e sóbria!

Ai de mim, aonde, se  
É inverno agora, achar as  
Flores? E aonde  
O calor do sol  
E a sombra da terra?  
Os muros avultam  
Mudos e frios; à fria nortada  
Rangem os cata-ventos.

Já o título traduzido demonstra nítidas diferenças: “Meio da vida” para José Paulo Paes; “Meio dia da vida” para Roswitha Kempf; e “Metade da vida” para Manuel Bandeira. “Meio da vida” não parece tão apropriado, devido à ambigüidade do termo, inexistente no original “die Hälfte”, tendo “Meio dia”, apesar de sugestivo, comunicado a idéia de um instante preciso, irrevogável. Optamos certamente, tal como Manuel Bandeira, por “metade da vida”, que de resto adaptou o original à sua visão brasileira. Amplia as duas estrofes de sete em oito versos, transforma o “lago” em “lagoa”, prefere o genérico “paisagem” a “terra”. Além disso, transforma na segunda estrofe “wenn es Winter ist” (quando for inverno) em “se é inverno agora”, suposição inviável, já que estão presente as “pêras amarelas” e as “rosas silvestres” da estação entre verão e outono, muito embora os versos do original encarem com temor o inverno próximo, e – por extensão – o ocaso da vida: “onde vou colher, quando inverno, as flores” diz o poeta. Aqui demanda cuidados a interpretação de Roswitha Kempf, para a qual o “inverno se faz”, quando o poeta retrata o inverno que procede de fora e de dentro. Os muros, seus limites, serão “mudos” e “frios” e os “lábaros” da tradutora, sinônimos de “bandeiras” ou “estandartes” impressionam como inadequados para corresponder às “Fahnen” do original, porque o poeta refere-se indubitavelmente a “Wetterfahnen”, vale dizer a “veletas” ou “cataventos”, já que estão rangendo ao vento.

As traduções captam perfeitamente o contraste entre as duas estrofes do poema, a projeção de verão e inverno, a comparação entre a estação abençoada, iluminada, frutífera e a do frio, da seca e da esterilidade. Surgem dois quadros a opor as duas partes da vida, sendo marcante o fato de o poeta apenas revelar a sua própria existência na segunda estrofe, a começar por “Weh mir”, “Ai de mim”. Na inicial havia-se dirigido a elementos universalmente simbolizadores de beleza e pureza: “Ihr holden Schwäne” – “Vós, cisnes graciosos”. Depois surge o “eu” solitário, que se dirige, angustiado, ao vazio hibernal: “onde achar o brilho do sol, e as sombras da terra?”, e não encontra resposta, pois “mudos e frios” erguem-se os muros”. O universo antes figurado em linguagem exuberante (“pêras amarelas, rosas silvestres, cisnes bêbedos de beijos, águas sa-

cro-sóbrias”) não oferece agora o ambiente sonhado, falta-lhe a afinidade com o mundo em torno, e podemos tornar clara essa dicotomia também na verificação dos adjetivos utilizados: às “epitheta ornantes” da primeira estrofe (amarelas, silvestres, graciosos, cheio, bêbedos, sacro-sóbrios) opõem-se apenas dois adjetivos, a transmitirem ambiente de desolação: “mudos”, “frios”; até mesmo a estrutura rítmica serve para aumentar a tensão e ressaltar o gélido desamparo reinante: “Erguem-se os muros / mudos e frios; no vento / rangem as veletas.” “Não é por si mesmo ou atentando exclusivamente nos objetos que o circundam, que o ser humano adquire a experiência de que é regido por mais do que simples acontecimentos mecânicos e de que paira no mundo um ente espiritual, um Deus, numa relação mais viva com tudo que o cerca, muito acima das necessidades cotidianas da sua existência” – registra Hölderlin (*Über religiöse Vorstellungen, Propyläen Ausgabe III, 263*). O mundo que havia revelado ao homem a presença divina, perde, ao romper-se a harmonia, até mesmo a faculdade de expressar-se e exhibe somente o desenrolar dos “acontecimentos mecânicos”. Nada pode proteger o ser humano do transitório; só ele é condenado ao “inverno”, perdendo com o congelamento da paisagem florescência, fruto e linguagem. Na famosa elegia “*Menons Klagen um Diotima*” o poeta diz: “tão solitário, falta-me qualquer traço divino”, e as palavras que dirige na primeira estrofe aos cisnes podem ser entendidas como de despedida à própria essência estival.



Entretanto, voltemos à experiência tradutória e vejamos a versão que Walter Kaufmann oferece para o inglês, num trabalho muito feliz, entre outras razões porque reconstituiu na segunda estrofe da tradução as aliteraões do original (“weh mir, wo nehm ich, wenn / es Winter ist, die Blumen, und wo / [...] = woe’s me, where shall I find, / when winter comes the flowers and where [...].”

*HALF OF LIFE* (tradução de Walter Kaufmann)

*With yellow pears is hanging  
and full of wild-grown roses  
the land in the lake:  
You lovely swans –  
and drunken with kisses  
you plunge your head  
into sacred sobering water.*

*Woe's me, where shall I find  
when winter comes the flowers and where  
the sunny light  
and shade of the earth?  
The walls will stand  
speechless and cold, and pennons  
rasp in the wind.*

Em espanhol, eis o mesmo poema numa edição de Hölderlin de 1970 (ed. Ernest Edmund Keil e Jenaro Taléns):

*MITAD DE LA VIDA*

*Con peras amarillas  
y llena de silvestres rosas  
pende la tierra sobre el lago  
vosotros, dulces cisnes,  
ebrios de tanto beso,  
sumergis la cabeza  
en las tranquilas e sagradas aguas.*

*Ay de mí! Donde cogeré, cuando  
es invierno, las flores,  
dónde la luz del sol,  
las sombras de la tierra?  
Están los muros  
atónitos y fríos  
y en el viento chirrían las veletas.*

O francês é o idioma que oferece, entre os aqui considerados, maior dificuldade para a transferência sonora dos versos, porque se situa foneticamente mais distante do alemão. Os matizes vocálicos, as nasalações frequentes, a acentuação de palavras agrupadas em lugar da acentuação tônica de vocábulos isolados implicam uma adaptação complexa. Sabidamente deixou-se Hölderlin influenciar – mesmo na sintaxe empregada – pelo grego clássico, dando ao seu idioma uma forma particularmente avessa ao francês. A tradutora dos versos apresentados a seguir, Geneviève Bianquis, foi uma das mais destacadas intérpretes francesas da literatura alemã, tendo vertido, entre outras, obras de Goethe, Schiller, Nietzsche e Thomas Mann:

### *MILIEU DE LA VIE*

*Chargé de poires dorées,  
couvert de roses sauvages,  
la rive surplombe le lac.  
O mes doux cygnes,  
enivrés de baisers,  
plongez vos têtes  
dans cette eau sainte et sans ivresse.*

*Malheur à moi! Où trouverai-je  
des fleurs, quand viendra l'hiver,*

*et la lumière du soleil,  
et les ombrages de la terre?  
Les murs se dressent,  
muets et froids. Au vent  
grincent les girouettes.*

A tradutora empenhou-se por chegar a uma melodia afinada com o original e nesse intento teve de fazer adaptações condicionadas por seu idioma: *gelb* (amarelo) torna-se *doré* porque *jaune* teria modificado a sonoridade inerente, o que igualmente justifica a opção por *eau sainte et sans ivresse* no lugar do *beilignüchterne Wasser* (a água sóbrio-saca) do original, onde ainda é de ressaltar que *sainte*, por ser de emprego cristão, talvez devesse ser substituído por *eau sacrée*, pertencente mais ao vocabulário arcaizante, preferido por Hölderlin. Assim também entendeu Giorgio Orelli, que em 1971 traduziu o poema da seguinte maneira, conservando as suas principais características:

*METÀ DELLA VITA* (tradução de Giorgio Orelli)

*Con gialle pere pende  
e colmo di rose selvatiche  
il paese nel lago,  
voi cigni soavi  
tuffate il capo  
nella sacra sobrietà dell'acqua.*

*Abimé, dove li prendo, quando  
è inverno, i fiori, e dove  
la luce del sole  
e l'ombra della terra?  
I muri stanno  
muti e freddi, nel vento  
stridono le banderuole.*

Concluindo e resumindo podemos dizer que tradução, seja falada ou escrita, seja literária ou não, realiza-se toda vez que se verifique a assimilação de uma mensagem, o termo tomado no seu mais amplo sentido, quer proceda de indivíduo ou documento de nossa fala ou não, seja originária de livro, correspondência, jornal, rádio ou televisão. A distância de espaço, tempo ou conceitualização pode tornar o ato mais ou menos complexo, mas ele há de existir sempre, até mesmo no momento em que reagirmos a um gesto ou à mímica de alguém. Sempre executamos um ato de investigação lingüística, pois nada podemos entender sem o auxílio de palavras, que decodificam, num processo do intelecto extremamente rápido, mas nunca automático, a mensagem recebida. Será também extremamente instigante refletir no uso de nossa própria língua e verificar em que medida compreendemos vocábulos e construções nunca antes por nós utilizados. Estabelecendo essa relação entre uso e entendimento, chegamos à conclusão de que empregamos dezenas de vezes menos termos, frases feitas, construtos lingüísticos do que compreendemos. Isto permite reconhecer a pluralidade existente no interior dos limites da nossa chamada “comunidade lingüística”. Ora bem, na conexão de duas ou mais dessas comunidades, as barreiras existentes são bem maiores, e cederão apenas se tiver havido um esforço consciente de aprendizado, no sentido de derrubá-las na medida do possível. A sua própria existência é uma ilustração a mais do enigma da individualidade humana, sendo verdadeiro que a compreensão da vivência e das emoções do vizinho se verifica mais rapidamente do que a das vivências do estrangeiro mais distante, já pela semelhança de tradições e das próprias experiências, mas fundamentalmente o processo que derruba as barreiras e permite o entendimento será o mesmo. E é aqui que se encontra o maior valor do plurilingüismo e da tradução: o de derrubar preconceitos e ampliar o horizonte dos interesses do espírito.





# Do patrimonialismo ao casamento romântico

JOSÉ O. DE MEIRA PENNA

Muitos autores têm procurado a explicação psicológica do que está ocorrendo na sociedade moderna, como resultado do fenômeno de Revolução sexual, não nas conseqüências da rebelião contra a autoridade do Pai – ou seja, no complexo de Édipo freudiano – mas na ruptura da própria estrutura institucional do casamento. Seria Weber e não Freud o que mais importa. Não afasto a primeira tese. Apenas acredito que se deva adicionar a segunda.

No processo de debate tendente ao esclarecimento do problema em pauta, chego à conclusão que um dos primeiros passos na destruição da família patriarcal e patrimonialista consistiu na glorificação do adultério. Denis de Rougemont foi quem primeiro levantou a hipótese. O livro de sucesso na época, *L'Amour et l'Occident*, em que Rougemont desenvolveu o argumento em torno do mito de Tristão, é de 1938. O cerne do enredo, um tanto tolo e sem propósito, é a história de Tristão e Isolda. O ensaísta francês destaca que, nessa lenda, papel dominante cabe ao filtro de amor que é aleatório, ins-

Diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais. Embaixador do Brasil em Lagos, Israel, Chipre, Oslo, Islândia, Quito e Varsóvia. Professor universitário, membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de inúmeras obras, entre as quais: *Shangai – aspectos históricos da China moderna* (1944), *Política externa, segurança e desenvolvimento* (1967), *O Brasil na idade da razão* (1980), *O evangelho segundo Marx* (1982), *A ideologia do século XX* (1985), *Utopia brasileira* (1988), *Decência já* (1992).

tintivo, irracional. Tristão é o fiel cavaleiro que, encarregado pelo rei Marcos de buscar sua noiva na Bretanha, a princesa Isolda, fica transtornado ao ingerir acidentalmente o filtro amoroso na viagem de retorno e, violando o sermão de fidelidade e obediência ao soberano, ambos se apaixonam um pelo outro e acabam morrendo no tormento erótico. Extasiados na comunhão da dor, o sofrimento do amor romântico – *Liebeschmerz* – é potencializado ao extremo e termina em suicídio ou crime, enquanto os dois apaixonados cantam as palavras wagnerianas fatais. O adultério é, por conseqüência, posto à conta de um fator exterior e transcendente, que proporciona um álibi às duas vítimas.

*Ó, caia sobre nós/ Noite de Amor,  
Faça-nos esquecer/ de viver.  
Agarra-nos em teu seio  
E liberta-nos do mundo!*

O texto alemão é o seguinte:

*O sink hermieder,/ Nacht der Liebe,  
gib Vergessen/ dass ich lebe;  
nimm mich auf/ in deinen Schooss,  
löse von/ der Welt mich los!*

Segundo a análise empreendida por Rougemont, as origens religiosas da visão romântica do Amor-paixão devem ser procuradas na heresia dos Cátaros ou Albigenses que prosperaram no sul da Europa e França através dos séculos XII e XIII, até serem cruelmente eliminados a ferro e fogo por uma Cruzada da nobreza cobiçosa das províncias setentrionais do reino. Os Cátaros pertenciam ao grande movimento do maniqueísmo gnóstico medieval que contaminou grande parte da espiritualidade da época. O romance dos *troubadours* (do provençal, *trobador* ou *trovador*) se prenderia ao movimento sectário introduzido na Europa pelos Cruzados, ao retornarem da Terra Santa, e pelos mouros que



O rei da Irlanda entrega Isolda a Tristão para que ele a conduza a Marcos, rei da Cornualha. Col. B. N. fr. 99, f. 72 b.

*Na página 65: Casamento do rei Marcos e Isolda. Miniatura, séc. XV.*

ocupavam a Espanha e Portugal. O fenômeno evoluiu paralelamente à Mariolatria que se impunha nos meios mais ortodoxos da Igreja. A teologia dualística iraniana se teria infiltrado profundamente no gnosticismo medieval, esten-

dendo-se por toda a cultura desse período glorioso do pré-Renascimento. As idéias árabes e persas sobre o amor, inclusive no belo misticismo erótico dos *Sufis* da Pérsia, são salientadas por Rougemont, que fala na evolução da idéia de *eros* na cavalaria medieval que, se desprendendo do puro *ágape* cristão, cria o “amor do amor”, o “amor da morte” e, finalmente, o amor puramente sexual que termina em homicídio. A evolução do romantismo acaba libertando totalmente o casal dos laços contratuais do casamento que, sustentando a sociedade, vigoram para fins reprodutivos e patrimonialistas. Vejam o fator de determinismo ou fatalismo islâmico que gera uma irresponsabilidade moral fundamental em toda a trama. Você peca, você viola o juramento de fidelidade, você traição seu senhor, você sucumbe à paixão porque o impulso erótico é inexorável, invencível, superior a qualquer vontade puramente humana. O homem se entrega a forças que provêm de uma potência, em última análise, totalmente independente da estrutura da realidade na perspectiva de uma ética cristã.

A convivência livre moderna seria, segundo Rougemont, o resultado desse processo. Ora, não posso concordar com essa tese pessimista pois acredito, firmemente, ter a transição do matrimônio patrimonialista, determinado em benefício da linhagem, do patronímico e da propriedade familiar, para a união amorosa livremente consentida de nossos dias, configurado um degrau altamente positivo e relevante no progresso humano. No meu entender, a transição em pauta reforça o conceito de responsabilidade individual. Insere-se, portanto, na ética da responsabilidade (*Verantwortungsethik*) weberiana

Nesse sentido, o que julgo imoral e, em última análise, anticristão, é a prática que induzia algumas das famílias da nobreza, como os Habsburgos suíço-austriacos, os Bourbons ou os Rohan, em França, usarem deliberadamente o casamento como meio de acumular poder e riqueza para sua coroa. Dizia-se naquela época, com admiração, que “a Áustria feliz casava, enquanto os outros guerreavam” (para aumentar seus territórios): *Bella gerant alii, Tu felix Austria nube*. Não vejo por que aumentar o patrimônio pelo casamento seria menos imoral do que aumentá-lo pela guerra. Os duques de Rohan se tornaram tão arrogantes que inventaram o moto: “*Roi ne puis-je, Prince ne daigne, Rohan suis-je*”, embora nunca hou-

vessem gerado uma única personalidade de real distinção histórica. A moralidade, a meu ver, se situa estritamente dentro dos limites da responsabilidade individual – e no amor, válida também é essa responsabilidade.

Octavio Paz sugere a divisão em três desse mais poderoso dos impulsos humanos – sexo, erotismo e amor. Na obra *A dupla chama*, a sua última, um tanto incoerente mas de considerável riqueza imaginativa, o ilustre poeta e ensaísta mexicano salienta o papel do romance medieval desenvolvido com particular ardor no país da “*langue d’oc*”, ou seja no Sul da França e Provença, como a forma peculiar em que erotismo, sexo e puro amor platônico confluíram para gerar um movimento absolutamente característico do Ocidente. É um movimento que privilegia o papel da mulher. Nada perdendo de seu vigor com a modernidade, o ardor romântico antes contribuiu para enfraquecer definitivamente o machismo tradicional e a estrutura social do casamento patrimonialista – casamento este que, em última análise, é determinado exclusivamente pelo homem, na base de interesses patrimonialistas.

Acrescente-se a essas versões do fenômeno o que bem salienta Robert Royal sobre a importância de Dante na origem da idéia do amor romântico. O brilhante intelectual católico americano acentua que, em sua *Divina commedia* e na autobiografia visionária *La vita nuova*, Dante apresenta o amor romântico como um dos mais poderosos estimulantes no sentido de tornar o homem mais sensível ao amor de Deus. Datadas de 1293, as memórias de Dante revelam a extraordinária combinação da paixão transcendente por Deus com o mais banal amor terreno por uma mulher, Beatrice Portinari, acrescentando o elemento de emoção e afetividade que faltava à introspecção do apaixonado florentino. Estamos diante de uma nova modalidade da epifania erótica. Beatriz tinha nove anos de idade quando Dante a viu pela primeira vez e por ela se enamorou – um quê de pedofilia quiçá? Em nenhum caso conhecido, parece-me, tão claramente se desenha a fusão do Eros divino com a atração física, sexual, puramente humana, servindo a mulher de *ânima* inspiradora para toda a subsequente obra do florentino. “Naquela parte do livro de minha memória”, escreve Dante, “antes da qual pouco se teria para ler, pode ser encontrada uma rubrica que assim diz: *incipit vita nova*. Abaixo dessa rubrica, encontro escritas as

palavras que é meu propósito transcrever neste pequeno livro: senão todas elas, pelo menos sua substância”. Nove vezes havia o sol da luz retornado quase ao mesmo ponto em sua órbita quando, “diante de meus olhos, surgiu a gloriosa dama de meu pensamento (*la gloriosa donna de la mia mente*)”. Prossegue o poeta no relato. A visão celestial de uma criança, que se torna a imagem da mulher de todas suas fantasias quando a vê pela segunda vez, tendo então dezoito anos, transfigura-se na inspiração da egéria pelo resto da existência, conduzindo-o doravante no impulso criativo intelectual. Beatriz se casa com Simone de Bardi e morre três anos depois. Nos tormentos de angustiadas saudades, a lembrança provocará uma verdadeira deificação da imagem feminina, o que se configura na *Divina Comédia* quando Beatriz se junta a Virgílio para orientá-lo na aventura da imaginação celestial. Dando início à corrente de tão profundo impacto no relacionamento entre o homem e a mulher na sociedade ocidental, Dante aprofundará seus estudos filosóficos, bem como as explorações teológicas, históricas, políticas e literárias da obra, uma das mais imensas de toda a literatura e, certamente, a maior nas letras italianas. O poema termina, apropriadamente, pela magnífica glorificação do Amor nos célebres versos que encerram a *Comédia* — *l'amor che move il sole e l'altre stelle*. Desse modo, além de consolidar a língua italiana, o florentino constrói os alicerces do idealismo romântico que impregnará a filosofia e a literatura. A evolução é certamente polêmica: ela termina na união livre, no namoro como substitutivo do casamento, numa nova forma de relacionamento sexual cujo verdadeiro valor ético não podemos medir, uma vez que é um processo cambiante em evolução em nossos próprios dias. Em seu ensaio sobre Dante, Royal descreve o extraordinário percurso do poeta do pecado até a Salvação sob a inspiração de uma mulher — assim revertendo o preconceito antifeminista presente no catolicismo medieval: “A idéia que o amor entre um homem e uma mulher possa ser o ponto de entrada para um encontro profundo do amor divino é, na verdade, perfeitamente compatível com a teologia cristã, embora permaneça como uma posição minoritária.” Royal tenta provar a “sublimação” do amor (para usar a expressão freudiana) que a atmosfera do “romance” medieval pode gerar.

Liberto de seus entraves sociais, o Amor Paixão encontra seu primeiro exemplo histórico famoso no relacionamento trágico de Abélard e Héloïse. Forçada a ingressar num convento e abandonar o amante, que fora castrado pelo tio, Heloísa resume a visão gnóstica do drama em que se envolveu no Canto fúnebre – em versos que devem haver inspirado Wagner:

*Soulage-moi de ma croix,  
Conduis vers la lumière  
Mon âme délivrée!*

E Abelardo lhe responde nas *Lamentações*, com um grito que, segundo Rougemont, explicita todo o Romantismo e seu mito nuclear: *amoris impulsio, culpae justificatio...* O arrebatamento amoroso justifica e perdoa a culpa. A tese de Rougemont é original e rica em sugestões, cobrindo o “amor cortês” dos torneios e castelos feudais. Rougemont não se refere, entretanto, ao ciclo do rei Arthur, cuja esposa, a rainha Guinevère, o atraiçoa com um dos mais destemidos cavaleiros da Távola Redonda, Lancelot du Lac, desencadeando todo um processo que acaba tragicamente no próprio colapso do reino arturiano.

O Romantismo gnóstico do pré-Renascimento italiano revela um complexo de influências, o oriental, inclusive hindu; e os mitos célticos e bretões. Transfigura-se, depois, no cristianismo amoroso de Santa Clara e Francisco de Assís; e, ainda na Itália, no de Petrarca e Laura, a egéria de identidade até hoje desconhecida; na mística espanhola com a retórica poética amorosa que se aprofunda na obra de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. E, já alcançando a época moderna, no tema da paixão em Cervantes e no mito de Don Juan; no trágico romance de *Romeu e Julieta* de Shakespeare; em Corneille, Molière e Racine do *Grand Siècle* de Luís XIV, um rei notável pelo número de amantes que acumulou; na *Nouvelle Héloïse* de Rousseau; no Idealismo alemão que salta do XVII para o século XIX; em Balzac, Stendhal e Flaubert; nas grandes escritoras de língua inglesa e, finalmente, em quase toda a literatura da centúria.

Ao atingir nossa própria época, o mito já foi vulgarizado e atinge os limites da pornografia. O instinto libidinoso passa a ser glorificado e a paixão se desliga do matrimônio, para invadir todos os terrenos da política e da cultura. Na obra do dramaturgo francês Henry Bataille, em peças como por exemplo *La Femme Nue* e *La Vierge Folle*, revela-se a angústia e sedução da morte, com conotações eróticas, como em Baudelaire e Péguy por exemplo. Talvez se anuncie a explosão sanguinária da I Guerra Mundial – e Péguy, um católico fervoroso, será morto logo no primeiro mês do conflito, atacando os *boches* com fúria assassina.

Na história do mito do amor-paixão no Ocidente, se pode chegar à conclusão que o propósito secreto seria eliminar o matrimônio. O trocadilho gnóstico Amor  $\times$  Roma tem como objetivo opor a paixão sexual à estabilidade legal da família, sustentada numa ordem jurídica que ao Estado compete impor. Sexo e casamento seriam então o problema a abordar. Na interpretação mais otimista que ousou oferecer, trata-se simplesmente de um avanço do casamento legalístico, de natureza puramente patrimonialista, para a união livre de fundo romântico. Permanece, contudo, o problema dos filhos e de sua educação – eis que a reprodução envolve o elemento essencial da instituição social. Educação e família são instituições sociais que transcendem o interesse puramente individual.

Em *The Romantic Agony*, refere-se Mario Praz à combinação irresistível de rebelião e respeito, de carisma e fria cogitação racional, de liberdade e poder, de sexo e amor correspondido. Parece-me interessante e relevante a tese para a compreensão do que ocorre com a Revolução Sexual. Ela também é uma rebordosa romântica. É a última Revolução, com maiúscula, a mais virulenta, a mais universal, aquela que provavelmente deixará seqüelas mais duradouras. Eros manifesta-se sob sua verdadeira identidade, ao mesmo tempo divina e demoníaca, ao radicalizar e secularizar totalmente a paixão amorosa que, nas formas hoje mais vulgares, adquire conteúdos místicos às avessas, com uma espécie de substância luciferina e a total subversão de todos valores morais.



Numa obra de 1941 sobre Darwin, Marx e Wagner, o professor e crítico literário americano Jacques Barzun – um outro dos autores que destaco – sugeriu o ano de 1859 como data chave na criação dos contornos principais do pensamento moderno. Foi naquele ano que, simultaneamente, apareceram *A Origem das Espécies*, do primeiro; a *Crítica da Economia Política*, do segundo; e a ópera *Tristão e Isolda* do terceiro. Nas pegadas de Nietzsche, a crítica de Barzun ao caráter absolutamente imoral e detestável de Wagner é acompanhada de um ataque igualmente acerbo ao próprio enredo e conteúdo da ópera. O tema Amor=Morte é “espiritualmente um narcótico, cenicamente um *rendez-vous* verboso, musicalmente um encontro sexual”. O que, na verdade, é celebrado é o sexo. A libido se transforma em êxtase místico. Já outros observadores repararam que o *leit-motiv* obstinado do segundo ato constitui um perfeito acompanhamento sinfônico para o ritmo acelerado do orgasmo. O próprio compositor certa vez declarou que, se perfeitamente executada, essa música de estupenda espiritualidade passional provocaria o colapso do executante e/ou do espectador.

Sabe-se que Wagner compôs a ópera quando hóspede dos Wesendonk, em Lucerne, na Suíça. Mathilde Wesendonk era a mulher de um rico comerciante que, generosamente, viera em socorro do artista quando este, falido e perseguido por credores, se retorcia nas agruras de suas perenes dificuldades financeiras. O patife seduziu Mathilde. Na ocasião, separou-se definitivamente de sua esposa Minna e serviu-se do episódio, como de novo anos depois ele faria, com Cosima von Bülow, a filha de Liszt, para obter da paixão desnorteada dessas mulheres a tensão emocional suscetível de lhe inspirar os acordes de absoluto êxtase sensual que compunha.

O que é mais pertinente é que o autoproclamado profeta da transmutação de todos os valores para *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche descobriu antes de ninguém a imoralidade do gênio wagneriano e desancou, com ataques pessoais virulentos contra *die Romantik*, *die Romantiker*, descrevendo a música de sua época como a “menos grega” de todas as formas de arte e criticando as óperas wagnerianas em virtude de seu “duplo efeito narcótico de intoxicação e

entorpecimento”. Sua obra derradeira, *Nietzsche contra Wagner*, não disfarça a loucura que já o abala com o repúdio raivoso àquele que, inicialmente, lhe fora venerado herói e patrono. Nietzsche faz referência ao espírito da música de Händel como a Lutero, à Reforma e ao Velho Testamento, na mais perfeita autenticidade. Mozart teria transformado a idade de Luís XIV, com a arte de Racine e Claude Lorrain, como ouro repicando; e só na música de Beethoven e Rossini os séculos XVIII e XIX cantam o seu próprio entusiasmo, seus ideais frustrados e a felicidade perdida. Com Wagner, é a decadência que se confirma, sem futuro. No final do século XX, não há mais grandes compositores, só há “cantores populares” de extrema mediocridade e cafa-jestismo. Wagner é um palhaço, um comediante, um mestre histriônico, um filisteu, ator, bufão, o “Cagliostro da modernidade”, o compositor de uma obra sinfônica neurótica que só lhe provoca asco – o exato oposto de seu ideal da “música dionisíaca”. Os celestiais acordes, fascinantes, insidiosos, sublimes, se transmudam por conversão dialética na atração puramente física e êxtase obsessivo do sexo que, doravante, irá caracterizar o movimento revolucionário moderno. Como Kierkegaard, acentuou Nietzsche não serem a sensualidade e a castidade católica necessariamente contraditórias, pelo contrário. No *Parsifal*, apontou para a ambivalência. Certo é que Wagner, artista genial, é um exemplo perfeito da hipocrisia do século XIX, enquanto é Nietzsche a expressão mais extraordinária da presença de um espírito neurótico em toda uma obra filosófica.<sup>1</sup>

Acontece que, às vezes, *la chair est triste, hélas!*, “triste é a carne”, como ponderava Mallarmé... O velho Galeno igualmente constatara: *Post coitum, animal triste*, abrindo, porém, uma exceção para a fêmea humana e para o galo. O dito tornou-se famoso em nosso país quando, a propósito da psicologia do homem brasileiro, foi citado por Keyserling e repetido por Paulo Prado, ao mencionar

---

<sup>1</sup> Sobre esse fenômeno da querela entre Nietzsche e Wagner, vide as obras de Sarah Kofman, professora de filosofia na Sorbonne, em que discute a ambivalência de sensualidade e ascetismo em Wagner e Nietzsche. Sobre o tema, vide meu livro *Nietzsche e a loucura*, Editora UniverCidade.

o “filho das três raças tristes”. Outro escritor, Louis Pauwels, um francês que durante muitos anos dirigiu revistas destinadas ao público jovem “avançado” e é autor de uma antologia sobre *Les Chefs d’Oeuvres de l’Érotisme*, também faz esta observação crítica: “Uma sexualidade de abandono não é erotismo. Uma sexualidade de vergonha não é castidade. A erotização geral e o puritanismo são as duas formas – que bem se constata serem compensatórias em nossa sociedade – da obsessão sexual. Ora, o sexo é uma chave, mas a obsessão sexual um muro...” – palavras sábias de quem conhece o assunto numa das fontes principais e tradicionais do erotismo, Paris. E até mesmo um dos maiores diretores de cinema, um revolucionário da arte surrealista, opinava que “o ato sexual não pode ser reduzido a um capítulo de tratado sobre higiene. É uma experiência excitante, sombria, pecaminosa, diabólica... Multiplicando as possibilidades do desejo, é o sexo uma negra tarântula e, sem a religião, é como um ovo sem sal”... Bernard Berenson, que foi um célebre crítico de arte de origem lituana, naturalizado americano, afirmava que “as relações sexuais se parecem frequentemente com uma ampulheta: um único ponto de contacto”...



Mas insisto: sejamos otimistas. Foi também graças ao amor-paixão dos Cavaleiros Medievais tão exaltado pelos Trovadores que, pela primeira vez, se lançou a idéia da instituição matrimonial não ser o simples resultado de um cálculo patrimonial das famílias, em benefício da linhagem – do poder político, de seus interesses materiais, de sua honra, de seu nome, da sobrevivência ou simples capricho dos pais como ainda permanece na maior parte do Oriente, no Islã fundamentalmente, e mesmo na área latina tradicional. O casamento deve depender, exclusivamente, da livre escolha amorosa dos jovens. O casamento livre de nossos dias é uma conquista democrática da modernidade no mesmo sentido que as outras liberdades constitucionais. Triunfa o individualismo sobre o familismo absolutista. Foi-se o costume de tornar as pobres arquiduquesas austríacas simples instrumentos dos interesses patrimoniais da

Casa dos Habsburgos – bastando recordar a triste sorte de três delas, Maria Antonieta, Maria Luiza e nossa Leopoldina. Com o *amour courtois*, foi-se a idéia primitiva da “compra” da noiva pelo futuro marido, assim como o hábito do dote que a esposa leva como contribuição matrimonial em dinheiro. O matrimônio deve ser cada vez menos um contrato econômico ou político de interesse da família e, cada vez mais, um arranjo privado, uma relação entre indivíduos livres de sexo diferente. Nele não devem os mais velhos e demais membros da clã se intrometer, a não ser com conselhos moderados de bom senso. Já se disse hoje, com ironia, que só duas classes de homens reclamam pelo direito de casar, os padres e os homossexuais...

A presença da mulher consciente e ativa na sociedade, em pé de igualdade, é o fenômeno que, efetivamente, acompanha as transformações ocorridas desde o século XVI. Vejam a diferença com os gregos, que Nietzsche tanto admirava. Em Sócrates é ela como que soberanamente ignorada: o filósofo não deseja a presença da esposa no momento da própria morte. Em Aristóteles a mulher é ainda descrita como afligida por um defeito congênito. O Estagirita alega que a mulher tem menos dentes do que o homem – uma declaração estranha para quem pretendia ser um cientista sobre o qual iria o Ocidente sustentar-se durante mil e quinhentos anos. Tomás de Aquino qualifica a mulher de ser “imperfeito” e “incidental”. Analisando pormenorizadamente os aspectos rigorosos da ascese puritana, Weber afirma que a repressão sexual dos calvinistas se diferenciava somente em grau, mas não como princípio fundamental do monástico católico. O relacionamento sexual era, pela Igreja, permitido no casamento, *mas somente no casamento* com o propósito exclusivo de incrementar a glória de Deus em obediência ao mandamento “crescei e multiplicai-vos”. Qualquer outra forma de sexo é pecado, mas a fornicação e o adultério masculino são vistos com extrema tolerância, mesmo no sacramento da Penitência.

Na sociedade puritana, toda fornicação volta a ser anatematizada. A esposa puritana deve também abster-se do gozo. Ela apenas com paciência tolera o sexo e a brutalidade animal do marido o qual, por sua vez, reage sobre ela projetando

seus sentimentos de culpabilidade e acusando-a de ser uma Eva sedutora que, antes de Adão, aceitou a maçã satânica oferecida pela serpente do Mal. O orgasmo feminino parece haver configurado uma recentíssima descoberta do feminismo nos países protestantes, como fenômeno reativo, e passou a ser então exaltado como uma conquista que deve ser proclamada aos quatro ventos.

Parece-me hoje certo que o ascetismo do cristianismo primitivo era antinatural – explicável apenas como reação à realidade dos tempos sombrios de decadência que acompanhava a invasão dos bárbaros. Ele perdurou como alta espiritualidade durante a Idade Média, não obstante a “imoralidade” comum da nobreza, do populacho urbano e mesmo do clero. Isso está comprovado pela história dos costumes – mesmo nesse extraordinário século XIII, caracterizado por São Francisco como de “superabundante malícia e iniquidade” e pelo bispo Grosseteste como havendo “incorporado o demônio”. Roger Bacon, outro franciscano, descrevia sua idade como de “muita ignorância, ilimitada corrupção, luxúria e glotoneria”. Nesse mesmo vestíbulo do pré-Renascimento, o grande Papa Inocêncio III condenaria os hereges albigenses por considerarem todo relacionamento sexual como pecaminoso, sem perder, porém, a noção exacerbada da “condição miserável do homem”. Ele já explicita essa opinião em sua mocidade, pois tinha apenas 37 anos quando se tornou Sumo Pontífice. Homem extraordinário, escrevendo antes de subir ao trono de Pedro, Lotário de Segni assim cataloga a sordidez humana: “Geração impura; meios repugnantes de nutrição no ventre materno; desprezível matéria da qual emerge o homem; odor fétido; excreção de saliva, urina e merda.” Nietzsche cita este texto terrível em sua *Genealogia da Moral*. O filósofo procura demonstrar a atitude de desprezo do corpo e das funções vitais que tanto censura no cristianismo. Mas quem, ocasionalmente, não chega a sentir a mesma repugnância pelas funções inferiores do corpo? Quem não conhece o asco de nossa condição humana, ainda que possa, ocasionalmente, exaltar como sublimemente belo, maravilhoso, extático, algo até mesmo transcendente, o momento culminante do relacionamento que as partes baixas de nossa anatomia proporcionam – uma espécie de pleroma místico? Quem, em certo momento, não se dará conta que o grande Papa Inocêncio tinha alguma razão?

O puritanismo inglês do período da Revolução cromwelliana foi talvez a derradeira vaga de rígido ascetismo sexual. Em seu *Religio medici*, um famoso ensaísta da época, Sir Thomas Browne, expondo suas idéias *de omnibus rebus et quibusdam aliis*, opinou em versão erudita das escrituras de Agostinho sobre o sexo que: “... eu ficaria mais satisfeito se pudéssemos procriar como árvores, sem conjunção, ou se houvesse qualquer maneira de perpetuar o mundo sem essa forma trivial e vulgar de *coition*; é o ato mais néscio ou ridículo que pode um homem sábio cometer em toda a vida; nem há algo que mais possa enojar sua imaginação arrefecida, quando considera a estranha e indigna peça de loucura que cometeu”. Muito extravagante em seu pessimismo, não acham?

No *Paraíso Perdido*, obra por muitos considerada como a “Divina Comédia” do puritanismo inglês, revela John Milton uma extrema misoginia, característica talvez da influência gnóstica que teria sofrido sem se dar conta que beirava à heresia. Vejam esta pergunta de Milton: “Por que motivo o sábio Deus Criador, que povoou os Céus com espíritos masculinos”, finalmente criou essa “novidade na Terra, esse belo defeito da Natureza, Eva”, ao invés de “imediatamente encher o mundo com Homens como Anjos, sem o Feminino, ou encontrar uma outra maneira de gerar a Humanidade?”

*O why did God,  
Creator wise, that peopl'd highest Heav'n  
With Spirits Masculine, create at last  
This novelty on Earth, this fair defect  
Of Nature, and not fill the World at once  
With Men as Angels without Feminine,  
Or find some other way to generate?*

O juízo puritano, tão notoriamente anti feminista, pode hoje nos parecer radical, tendo em vista o erotismo triunfante em nossa época rebelde. Hoje é fantástico. Era então normal. Outros autores puritanos como Baxter e Philip Spener, citados por Weber, oferecem opiniões do mesmo tipo. Na opinião de

Spener, um dos fundadores do pietismo alemão, a sensualidade era resultado da Queda, de tal modo que a sensação de prazer por ventura retirada da cópula seria, necessariamente, pecaminosa. O ideal no casamento é a castidade a qual se revela impraticável, se desejamos reproduzir. As relações sexuais só são lícitas quando o objetivo reprodutor está estrita e diretamente em vista, de modo que qualquer relacionamento puramente erótico não se distinguiria do concubinato. O utilitarismo anglo-saxão que aparece em fins do século XVIII e floresce na América do Norte graças a Benjamim Franklin – incidentalmente, um grande mulherengo –, ainda procura justificar o sexo com argumentos higiênicos. Os “racionalistas sexuais”, particularmente os americanos a que Weber se refere, chegaram a legitimar a prática sexual comum por motivos higiênicos, inclusive com prostitutas. O orgasmo feminino era, em todos esses casos, considerado imoral, escandaloso, condenável, obsceno, imundo e só digno das putas (*sluts, harlots*).

Uma antiga freira e autora inglesa, Karen Armstrong, hoje uma das principais comentaristas britânicas em matéria religiosa, classifica como “misoginia neurótica” tais opiniões, que estigmatizam a mulher qual portadora de uma sexualidade obscena. Em sua obra *A History of God*, salienta Karen que a atitude perdura no cristianismo ocidental, tal como pode ser provado pela reação desequilibrada à própria noção de ordenação de mulheres. Umhas Igrejas aceitam-na, como a Anglicana. Outras não, como a Católica. O papa polonês, conservador, insiste no monopólio do clero machista. O cristianismo foi a primeira religião a elevar o estatuto da mulher no céu e continua, entretanto, machista na terra. Se examinamos como os fundamentos agostinianos da repressão sexual, que educou a Europa ocidental na Idade Média e até a aurora da Modernidade, foram pouco a pouco sendo solapados nos costumes das elites aristocráticas e artísticas, verificamos similarmente como a literatura e o pensamento filosófico incentivavam um retorno à liberdade dos antigos gregos e romanos. A misoginia e o repúdio ao sexo resultam de um julgamento preconcebido e negativo da própria mulher; assim como de uma reação à ênfase dos gregos sobre o corpo masculino. Nietzsche, em sua primeira obra clássica, *O*

*Nascimento da Tragédia*, culpa em grande parte Sócrates e Platão pelo ocorrido. Para Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal*, o Cristianismo seria uma espécie de “platonismo dos pobres”. A atribuição que ao corpo faz Platão no *Phaedo*, como fonte de todos os impulsos inferiores do homem, seria responsável por essa depreciação que se torna enfática em São Paulo e em Sto. Agostinho. Se a Razão é o elemento dominante da alma humana, cresce, naturalmente, a tendência a reprimir um instinto tão notório por alimentar atitudes irracionais.

Mal inspirado em Nietzsche, que é julgado o filósofo do irracionalismo, Michel Foucault se dedicou à realização de uma “desmagificação” do Iluminismo, seguida, a partir de 1970, de uma crescente atenção à *História da Sexualidade*. O medíocre filósofo francês alega, nessa obra, que contrariamente à crença banal generalizada, o período entre os séculos XVI e XIX não reprimiu realmente a sexualidade. O que os europeus da Idade da Razão teriam feito é produzir uma verdadeira explosão de textos e imagens sobre os aspectos polimorfos do sexo. Artistas, médicos, cientistas, escritores, poetas, e damas e cavalheiros nas tertúlias das reuniões mundanas dedicaram-se a pesquisar as aberrações do amor. As perversões sexuais, o homossexualismo, o sado-masiquismo, a bestialidade, o fetichismo e o lesbianismo foram esquadrihados. Foram perscrutadas as infinitas formas que podem tomar as relações entre homem e mulher, enquanto a franqueza e a publicidade foram crescendo. Não só os censores foram desancados e emudecidos, mas Foucault se pergunta, não por que somos reprimidos – mas antes “por que dizemos, com tanta paixão e tantos ressentimentos em relação a nosso passado mais recente, a nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?”. O que ocorreu no século vitoriano não foi a repressão da sexualidade. Foi ela, no dizer de Foucault, em grande parte criada. O desequilibrado pensador dá de certo modo nova expressão a uma idéia que já encontramos em Kierkegaard, segundo a qual foi o cristianismo que criou a sensualidade, justamente ao procurar conscientemente reprimi-la. Certo é que o processo de conscientização constituiu um grande movimento plurissecular que elaborou todos os aspectos instintivos, psicológicos e sociais do sexo, contribuindo para uma maior compreensão do ser humano e



um entendimento mais profundo de nossa capacidade de controle racional de nossos impulsos.

A Revolução Sexual se declara, francamente, na segunda metade do passado século, com o ano-chave se situando em 1968. E a conclusão final a que devemos chegar é que a liberalização do sexo, o Feminismo com a igualdade de direito das mulheres, assim como os métodos de controle da natalidade proporcionados pela tecnologia medical moderna, configuram condições paralelas ao processo central de substituição do casamento patrimonialista pela livre união matrimonial romântica. O amor livre, em suma.

Estamos entrando assim numa fase absolutamente inédita na história da Humanidade. Na sua famosa *História do casamento humano*, publicada há pouco mais de cem anos, postulou Edward Westermarck (†1939) ser a família uma instituição perene da espécie humana. Depois de procurar desmentir as teorias sobre uma promiscuidade primitiva nas sociedades que, pela evolução, emergiam do estágio evolutivo dos grandes macacos antropóides, e contrariar a hipótese de um matriarcado que houvera precedido a etapa patriarcal de domínio do macho – conforme proposto por J. Bachofen em Basileia – o grande antropólogo e pensador finlandês termina sua obra insistindo no sentido que a tendência dominante no processo evolutivo da família conduz a uma extensão progressiva dos direitos da mulher. A esposa deixa de ser a propriedade do marido. Dissolve-se o caráter patrimonialista da família e, de acordo com as idéias modernas, o casamento passa a ser um simples e livre contrato entre homem e mulher, no alicerce de perfeita igualdade. “A história do casamento humano”, conclui Westermarck, “é a história de um relacionamento em que as mulheres gradualmente triunfaram sobre as paixões, os preconceitos e os interesses egoístas dos homens.”

Ora, constatamos que seria um corolário da modernidade, presumivelmente relacionado indiretamente com o acelerado crescimento populacional, o fato que a instituição da família parece haver entrado num processo de transformação, talvez de declínio, cujo sentido ainda não podemos antecipar por ser tão atual. A idéia de família que, com a mulher triunfando gradualmente

sobre as paixões, os preconceitos e os interesses egoístas do macho, fortalece os laços afetivos entre seus membros e privilegia os interesses do grupo nuclear, aparece como contraponto das tendências ominosas que tendem a romper a instituição em benefício do conceito abstrato de um grupo mais amplo em que dominam sentimentos de solidariedade coletiva – a nação, a classe, a sociedade de natureza religiosa, a comunidade ideológica, o grupo de trabalho ou o partido. O declínio da instituição familiar deve, conseqüentemente, ser apreciado à luz desse conflito de transição. No meu entender, caminhamos para um processo de globalização em que descobrimos uma nova Ordem Espontânea, no sentido de Hayek, totalmente imprevisível. Podemos considerar essas conclusões como amplamente confirmadas pelos acontecimentos resultantes da Revolução Sexual.

Dentro dessa Ordem Espontânea, a união livre entre o homem e a mulher se afigura como uma expressão do Liberalismo moderno. Em outras palavras, a união romântica, efetuada por contrato livre entre as duas partes interessadas, substituiu o casamento patrimonialista do passado.

Dezembro de 2003.

# O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos coronéis no Nordeste

AFRÂNIO GARCIA JR.

## ~ O caminhão, vetor da mudança social?

A publicação, em francês, deste livro sobre a sociologia do caminhão no Nordeste do Brasil despertará seguramente o interesse de todos os que, atualmente, consideram provável que a compreensão dos processos designados pela expressão “globalização”, sobretudo na Ásia, na África ou na América Latina, exige que o estudo da transformação dos poderes tradicionais não se limite à constatação da expansão da economia de mercado e da imposição de constituições republicanas baseadas nos paradigmas europeus ou norte-americanos. A evolução dirigida à organização democrática do espaço público sempre supõe o enfrentamento das forças presentes no interior dos poderes tradicionais. Essa edição sucede-se à publicação, no ano passado, de *Pouvoir et domination au Nordeste du Brésil*; esses dois títulos

Antropólogo, doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS e co-diretor do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo.

complementares marcaram o início da carreira de Marcos Vinícios Vilaça como sociólogo; foram redigidos em Recife, quando era pesquisador no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), criado por Gilberto Freyre, a quem este livro é dedicado. Atestam o vigor e a fecundidade dos debates intelectuais e científicos nessa espécie de “capital do Nordeste”, no início dos anos 60,<sup>1</sup> quando o Brasil buscava seu caminho como potência emergente na América do Sul.

A ordem de publicação em língua francesa contraria a cronologia original: *Autour de la sociologie des camions* foi publicado em 1961, enquanto o original brasileiro de *Pouvoir et domination (Coronel, coronéis)* data de 1965, este último trabalho tendo sido redigido em colaboração com o economista Roberto Cavalcanti de Albuquerque. Os dois livros são o resultado das pesquisas levadas a cabo antes do golpe de Estado militar de abril de 1964, visando compreender as profundas transformações que ocorriam no Nordeste do Brasil, sobretudo aquelas ligadas às mudanças das estruturas tradicionais de poder e das categorias de pensamento que constituem a base de sua existência (ou as modificações das atitudes e das mentalidades, para manter a terminologia da época). Em ambas obras está presente a marca dos debates sobre o futuro da Nação, quando as palavras “desenvolvimento” e “modernização” polarizavam os defensores do desenvolvimento centralizada num quadro democrático (cf. Celso Furtado, 1962; 1964) e os debates que pregavam a modernização sob a hegemonia americana, entre eles os que pregavam a implantação de um regime autoritário, no qual o Exército atri-

---

<sup>1</sup> Os livros autobiográficos de Celso Furtado (C. Furtado, 1985 e 1989), economista e responsável pela criação da agência de promoção da industrialização regional – a SUDENE – e pelo primeiro plano de desenvolvimento nacional, mostram como a cidade de Recife tornara-se um dos principais pólos de debate intelectual e político brasileiro, entre 1959 e 1964. Nessa época, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir consideravam a cidade como sendo, na América do Sul, um dos palcos de discussão de seu pensamento. Furtado observa igualmente, baseando-se em dados tomados a um autor americano, que Recife teve a maior concentração de funcionários e de jovens colaboradores dos Estados Unidos da América de todo o hemisfério Sul. Após os confrontos em Cuba, o Nordeste do açúcar alimentava fantasmas num espaço internacional marcado pela Guerra Fria. Sobre a criatividade das estratégias utilizadas pela SUDENE, ver também o livro de Albert Hirschman, *Journeys Toward Progress. Studies of Economics Policy-making in Latin América*. Twentieth Century Fund, 1963.

buiu-se a condição de único guardião do sagrado nacional.<sup>2</sup> A diversidade do que se esperava das modificações em andamento, as fortes tensões entre os diferentes personagens sociais e políticos estão evidentes em cada capítulo. As análises sociológicas não deterministas são a contrapartida de um tempo em que o espaço para possíveis futuros parecia particularmente aberto.

É necessário observar que os dois escritos mostram claramente a opção por uma sociologia empírica na qual as análises propostas baseiam-se no exame dos documentos, na observação das situações descritas, nos encontros, estatísticas, coletâneas de leis e material publicado pela imprensa.

Barbosa Lima Sobrinho, político e escritor pernambucano, considerado – e com razão – a reserva moral da Nação,<sup>3</sup> autor do prefácio da edição brasileira de 1969, enfatiza a inspiração comum de ambos os livros apresentados como monografias qualificadas como “obras que são modelos de observação e de realismo,

---

<sup>2</sup> O cientista político uruguaio René Dreyfuss (1981) é autor do melhor estudo sociológico sobre os que buscavam afastar o Presidente João Goulart, ameaçando uma guerra civil que seria desencadeada pelos generais do Exército. Demonstra, através do estudo dos arquivos de um instituto (IPES) financiado pelo governo norte-americano, que os diferentes atores – oficiais militares, clero católico, juristas, magistrados, economistas, industriais, grandes latifundiários, banqueiros, comerciantes, jornalistas – uniram-se diante da evolução do setor político quando do debate sobre as reformas do Estado como a reforma agrária, a lei de controle da circulação dos fluxos de capitais estrangeiros, a reforma do sistema bancário, etc. A diversidade dos agentes que desempenharam um papel decisivo para o sucesso do *putsch* militar devia-se tanto à diferença dos modos de aquisição e ao volume dos capitais possuídos (capitais econômicos, políticos, intelectuais, notoriedade social) pelos indivíduos, quanto à variação das perspectivas ideológicas e à filiação partidária. Quinze anos após a caçada às bruxas, Celso Furtado (1985, 1ª edição 1979) escreveu sobre sua surpresa quando soube – sempre em Recife – que seu nome figurava na lista das dez primeiras pessoas que tiveram caçados seus direitos políticos.

<sup>3</sup> A restauração das liberdades democráticas, após 21 anos de ditadura militar (1964-1985), exigiu a luta tenaz de alguns políticos e jornalistas, paralelamente à mobilização dos diferentes setores das classes populares e dos intelectuais. Barbosa Lima Sobrinho, tanto na qualidade de presidente da ABI até o final do regime militar, quanto na qualidade de candidato de oposição à vice-presidência da República sob a ditadura, ou ainda pela utilização de seu passado como penhor de sua palavra corajosa para abrir os debates, tornou-se um símbolo de uma carreira marcada pela dignidade e pela largueza de espírito no espaço político. Quando a mobilização popular exigiu a saída do Presidente Fernando Collor de Mello, suspeito de corrupção (1992), primeiro mandatário eleito pelo voto direto após os anos de ditadura militar, apenas duas assinaturas foram postas na petição que solicitava o *impeachment*. Uma delas era de Barbosa Lima Sobrinho.

dotadas de um sentido de verdade que resiste a outras pressões, para continuar sendo sinceras e exatas como um testemunho que honra e dignifica seus autores” (p. 12). Todavia quem ler as duas obras verá que *Pouvoir et domination* baseia-se num espectro mais amplo de instrumentos de pesquisa sociológica, como conversações aprofundadas, descrições etnográficas dos espaços de poder, inscrição precisa dos indivíduos no espaço social, enquanto *Autour de la sociologie du camion* abre um grande espaço à observação dos objetos, à coletânea de leis, às estatísticas e dossiês de material publicado pela imprensa. A sucessão das pesquisas no tempo ajuda, sem dúvida, a compreender a total exibição das ferramentas do ofício de sociólogo na obra consagrada aos coronéis, em que seres de carne e osso permitem que se aprenda melhor o estudo das ações políticas e das visões do mundo que as envolve.

Na verdade, a condição de pesquisador do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) não é, sem dúvida, estranha à importância dada ao material empírico e às problemáticas consideradas pertinentes. A publicação por Gilberto Freyre, em 1933, de *Casa-grande & senzala* seguramente contribuiu para que se abandonasse progressivamente a idéia de se considerar inferior um povo de mestiços, para adotar o conceito de uma nação jovem, marcada por um passado duro, associado à escravatura, mas cheia de promessas para o futuro; o livro garantiu a seu autor uma posição dominante na sociologia brasileira até os anos 50, quando a sociologia tal como era praticada na Universidade de São Paulo veio fazer-lhe concorrência. A contribuição principal de Freyre está vinculada ao estudo da matriz social da mestiçagem no Brasil, ao estudo da poligamia dos patriarcas brancos, que tinham vários filhos, não apenas de seus casamentos com jovens brancas, mas também de mulheres negras, índias ou mestiças de condição subalterna devido à escravidão. A recriação da hierarquia social no universo das fazendas inscrevia-se no exercício da sexualidade sob a escravatura, e as modalidades de aliança e de filiação estabelecidas pelos patriarcas brancos davam um perfil específico à organização social da colônia e do Império brasileiros e à psicologia íntima das populações assim geradas.

A idéia central da monografia de Marcos Vilaça sobre o caminhão como agente de transformação social não alude explicitamente à posição intermediária

dos caminhoneiros *vis-à-vis* dos descendentes dos senhores e dos descendentes de escravos. No entanto, os caminhoneiros são analisados como elementos externos às sociedades rurais e como portadores de novidades: esta hipótese é perfeitamente compatível com a tendência à recriação da hierarquia originária da matriz patriarcal estudada por Freyre na falta de fatores exógenos. Deve-se observar que o texto de Marcos Vilaça privilegia a circulação das pessoas e a circulação das idéias, o que o afasta do paradigma marxista que dá primazia às relações de produção, mas também de uma certa economicidade dos apóstolos da economia de mercado, que só têm olhos para a circulação de mercadorias. Seu método abre-lhe muitas perspectivas para tentar explicar interações sociais bastante diversas; mas, o enfoque da pesquisa sobre o objeto, o caminhão como novidade, o torna às vezes tributário de um viés da sociologia da inovação técnica: o interesse quase exclusivo por tudo o que se pode dizer sobre o objeto inovador. O objeto que introduz a novidade tecnológica chama de tal maneira a atenção que as relações sociais construídas ou recriadas graças ao uso dos objetos – como o caminhão – correm o risco de desaparecer do campo analítico.

Se minimizamos esse perigo na presente análise, é porque Marcos Vilaça ainda é herdeiro das problemáticas e tradições do trabalho de campo forjados no IJPNS pelas monografias de geografia regional, como os excelentes estudos de 1957 dirigidos por Gilberto Osório de Andrade, Manoel Correia de Andrade e Mário Lacerda de Melo.<sup>4</sup> A atenção voltada para os meios de transporte sobre os quais se baseiam todas as redes comerciais permite mostrar o papel central dos “rios de açúcar” para garantir as comunicações entre os engenhos do interior e Olinda e Recife, portos de exportação. As várias mudanças das vias navegáveis ou das estradas e caminhos que conduziam aos rios estão diretamente ligadas ao crescimento ou ao declínio de certas fazendas, ao crescimento dos povoados, das aldeias ou das cidades, ou a seu despovoamento. A sociologia do caminhão figura, pois, como uma das modalidades da interroga-

---

<sup>4</sup> Trata-se das quatro publicações editadas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, intituladas *Os Rios-de-açúcar do Nordeste Oriental*, de 1957, que se seguiram aos trabalhos de campo promovidos pela Associação dos Geógrafos de Pernambuco.

ção sobre a penetração dos meios de transporte e de comunicação para as dinâmicas de expansão ou de retração das formações sociais.

É necessário observar que os trabalhos monográficos que tratam do papel crucial dos meios de transporte no crescimento ou no declínio das regiões de fazendas também estão ligados às grandes culturas cafeeiras do Centro-Sul, sobretudo ao estudo histórico dirigido por Stanley Stein (1957), em Vassouras, no vale do Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro, pois a construção das estradas de ferro entre Rio e São Paulo transformou completamente os circuitos de comercialização dessa mercadoria de exportação, com o conseqüente e rápido declínio de certos portos, como Parati. As grandes obras de construção das estradas de ferro, no final do século XIX, permitiram o avanço de frentes pioneiras nos platôs de São Paulo, em direção ao Sul, provocando a decadência súbita de antigas regiões de colonização. Monteiro Lobato, um dos grandes escritores da primeira metade do século XX, celebrizou a descrição do avanço da maré verde para o Sul, deixando por onde passava o rastro da opulência perdida, nessas “cidades mortas”.

A sociologia do caminhão, proposta no exato momento em que a industrialização acelerava-se no Brasil, nos anos 1950 a 1960, tendo como locomotiva a instalação de grandes firmas européias e norte-americanas de produção de veículos automotores, participa dos esforços para compreender os caminhos e as vicissitudes da povoação do território que hoje pertence ao Brasil. Pode inscrever-se tanto no registro da constituição de uma história nacional como revela a referência explícita ao historiador Capistrano de Abreu, quanto na busca mais universal das variáveis explicativas das forças responsáveis pela perpetuidade ou pela transformação das configurações sociais.<sup>5</sup> O fato é que, se a sociologia do caminhão concentra-se nesse veículo portador de novidades, logo ve-

---

<sup>5</sup> A referência quase exclusiva a F. Le Play e Edmond Demoulin, como fonte de inspiração da sociologia francesa, poderia surpreender o público francês de hoje. Parece estar mais ligada à força da tradição das cátedras de filosofia do direito, particularmente a da Faculdade de Recife pela qual Marcos Vilaça é licenciado. As aulas de Sílvio Romero, o escritor que mais colaborou para a fama da “escola de Recife”, seguramente contribuíram para a recepção tão positiva e calorosa do Brasil aos discípulos de Le Play (cf. Luiz de Castro Faria, 2002). A sociologia do caminhão exposta neste livro, inspirada pelas tradições de pesquisa do IJNPS, parece hoje mais próxima de várias abordagens interacionistas em ciências sociais.



tor de uma mudança social em potencial, a continuação das pesquisas de Marcos Vilaça levou-o a examinar, em colaboração com o economista Roberto Cavalcanti de Albuquerque, como a circulação das idéias novas choca-se contra os poderes tradicionais ou é impulsionada por eles. A análise do “coronelismo”, vista desse ângulo, parece ainda mais próxima da problemática instaurada por Gilberto Freyre, a das razões sociais da recriação da hierarquia implantada pelas fazendas escravagistas.

## ~ O poder dos coronéis e as inovações sociais

Em *Pouvoir et domination* Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti estudam as práticas políticas, as visões do mundo, as modalidades de exercício da autoridade social e política, os estilos de vida de quatro casos paradigmáticos de chefes políticos de pequenas cidades e de zonas rurais do Nordeste do Brasil, entre 1930 e o final da década de 60. Conhecidos como “coronéis”, sempre foram fiéis a essa denominação que faz alusão, primeiro ao poder legal que tinham para selecionar e comandar milícias armadas: instituída em 1831, no início do Império, a Guarda Nacional destinava-se a “defender a constituição, a liberdade, a independência e a integridade do Império, a fazer respeitar as leis, implantar e manter a ordem e a tranqüilidade públicas e auxiliar o exército na defesa das fronteiras e do litoral” (cf. Vilaça e Albuquerque, 2002, p. 15). Transformada com o advento da República (1889), a Guarda Nacional irá subsistir até o início da Segunda Guerra Mundial; foi utilizada como força auxiliar das forças armadas brasileiras quando da Guerra do Paraguai. Sua existência e sua história são provas dos obstáculos à constituição do monopólio do exercício da violência física legítima que caracteriza o Estado moderno segundo Max Weber (1971). Na verdade, entre as prerrogativas dos coronéis estudadas por Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti, uma das mais correntes era a de poder enfrentar qualquer confronto armado, fosse pelo porte de arma constante fora do espaço doméstico, fosse pelo fato de ter sob suas ordens guarda-costas e capangas peritos no manejo de armas de fogo. Os autores observam ainda que os coro-

néis tornaram-se mestres na arte de interferir na nomeação dos delegados de polícia, dos promotores e dos juízes locais, ou de qualquer funcionário que exercesse um poder de polícia ou de justiça. Sua autoridade moral, na época estudada, que não se baseava em nenhuma lei ou regulamento da República, que lhes atribuía o papel de árbitro ou até de “juiz” nos conflitos entre indivíduos ou entre famílias, estava intimamente ligada à capacidade de, pelo uso da força, fazer com que prevalessem suas decisões. Para fazerem-se obedecer, e até para fazerem-se respeitar, tudo se passava como se fosse necessário estar sempre pronto para desestabilizar as manobras dos rivais, inclusive através de acertos de contas pelas armas.<sup>6</sup>

A organização jurídica do Estado brasileiro, paralelamente à consolidação do corpo de oficiais do exército como força política de primeira categoria na história republicana do século XX (cf. Alfred Stepan, 1975), e à implantação das corporações de polícia civil e militar nos Estados federados significava apenas uma erosão progressiva desse tipo de “violência descentralizada” nas mãos de potentados locais. Os uniformes da Guarda Nacional, bem como os títulos concedidos pelas altas autoridades do Governo, eram apenas, na segunda metade do século XX, uma relíquia do passado. O poder local dos coronéis mudou de base: a partir de 1930, passou a ser o prolongamento dos colégios eleitorais, que atribuiu a suas circunscrições, majoritariamente rurais, um peso decisivo nas disputas presidenciais, bem como nas decisões sobre outros postos republicanos, do Senado à Câmara de deputados federais, até o posto de governador ou de deputado estadual (também para os postos de prefeito e vereador, em nível municipal). A citação do prefácio de Barbosa Lima Sobrinho (1969) permite compreender melhor a força do poder dos coronéis, em nível estritamente político, entre 1930 e os anos 60: “O prestígio dos coronéis nasceu, em grande parte, do equilíbrio entre os diversos colégios eleitorais de Pernambuco. Quando a presença e a influência de um chefe tinham muito peso, as margens eleitorais aumentavam e as diferenças, assim garantidas, tornavam-se

---

<sup>6</sup> Um dos personagens analisados, Chico Romão, morreu assassinado pelo marido de uma de suas netas quando de uma disputa sobre quem herdaria o comando político local.

decisivas para a vitória dos candidatos, o que significava que o apoio dos coronéis era o fator decisivo de uma disputa acirrada por seus favores enquanto árbitros de debates políticos muito intensos (Lima Sobrinho, 1969, p. II). Assim, foi a capacidade de ter uma clientela eleitoral, que votava segundo sua vontade para preencher todos os postos nos diversos escalões do poder político, que deu um novo alento aos coronéis enquanto potentados locais. Paradoxalmente, foram as instituições liberais implantadas pela Constituição de 1946, após a queda do poder ditatorial de Getúlio Vargas, graças à ação dos oficiais do exército que combateram na Europa ao lado dos aliados, que permitiram a reconversão dos coronéis enquanto mediadores representando novos partidos e forças políticas.<sup>7</sup> Deve-se observar que, até 1950, mais de 70% da população brasileira vivia em meio rural; as migrações intensificaram-se durante as três décadas seguintes, até 1980, momento em que a população urbana chegou a representar 70% do total nacional. O aumento do poder dos coronéis explicava-se apenas, sobretudo depois de 1945, como um fenômeno temporário, embora central na seleção dos responsáveis políticos e da alta administração.<sup>8</sup> A existência dos coronéis, as bases de sua autoridade e de seu prestígio originaram-se no universo tradicional, mas foi graças à expansão do Estado que adquiriram novos meios para impor-se como árbitros da renovação das elites políticas. Graças à sua posição diante da expansão do eleitorado, os coronéis estavam conjuminados com o mundo do passado, as riquezas materiais e simbólicas acumuladas; mas, sua força dependia também das perspectivas de futuro, graças a inovações sociais, como as estradas pavimentadas, o abastecimento de água potável, a eletricidade, que tentavam fazer chegar até

---

<sup>7</sup> No livro, Vilaça e Cavalcanti estudam os coronéis próximos do Partido Social Democrático (PSD), uma das duas criações de Getúlio Vargas, destinadas a administrar a evolução do espaço público após o desenlace da Segunda Guerra e o prestígio das virtudes do “mundo livre”.

<sup>8</sup> O coronelismo foi estudado desde 1949 pelo jurista Victor Nunes Leal no célebre ensaio *Coronelismo, enxada e voto*. Esse tema vai impor-se como ponto fundamental da sociologia política brasileira desde os anos 50, quando da publicação dos trabalhos de Raimundo Faoro (*Os donos do poder*, 1958) e os de Maria Isaura Pereira de Queiroz (*O mandonismo na vida política brasileira*, 1976), que marcaram época.

suas zonas de influência. Não se tratava de resistência à mudança, mas de promoção de certas modalidades de transformação social e política, em detrimento de outras menos favoráveis a seus interesses.

## ~ Restrições à livre circulação de idéias

Através das análises empíricas feitas em Pernambuco, Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti permitiram que se tivesse um conhecimento mais aprofundado das características sociais dos coronéis dos anos 1950 e 1960. Os quatro indivíduos escolhidos não provêm das elites agrárias mais ricas e prestigiosas, dos industriais do açúcar ou dos donos de engenhos situados na região úmida próxima ao litoral, constituindo uma espécie de aristocracia fundiária desde o início da colonização. A ênfase sobre os potentados locais das regiões de transição, de clima mais seco, no interior do país – o agreste – ou definitivamente nas zonas semi-áridas – o sertão – permitiu o exame de uma variante das elites rurais mais rústicas e mais austeras desses estilos de vida, nitidamente menos marcadas pelos modelos cosmopolitas do que a aristocracia açucareira próxima ao litoral. Essa delimitação do objeto de estudo contribuiu para enfatizar as fontes propriamente políticas do poder dos coronéis, pois, ao contrário de seus companheiros das regiões úmidas, a riqueza econômica presente em seus domínios ou as competências intelectuais baseadas sobre estudos universitários feitos nas capitais desempenhavam apenas um papel modesto. Menos dotados de riqueza material ou de títulos de nobreza intelectual, sua maneira de agir era mais reveladora dos instrumentos e das competências utilizadas para fazer-se obedecer.

Nascidos em antigos domínios ou em pequenas aldeias rurais, ganhavam a vida administrando grandes propriedades de agropecuária e, em menor proporção, graças ao comércio e às pequenas indústrias. Os esforços para acumular riquezas concentravam-se na propriedade da terra. Graças às suas posições estratégicas no sistema de decisões sobre os negócios locais, tinham profundo conhecimento dos direitos territoriais, o que os colocava em posição vantajosa

para beneficiar-se de compra e venda de terras, até para apossar-se, por meios inescrupulosos, de terrenos pertencentes a terceiros.<sup>9</sup> A posse de grandes propriedades, de terrenos e de casas nas pequenas cidades ou nas aldeias representava outro forte instrumento de que dispunham os coronéis para constituir uma clientela de famílias que dependia de seus favores para ter moradia e alimentação.<sup>10</sup> Abrigadas e protegidas pelos coronéis contra os revezes da sorte, o fato de ver-se obrigadas a obedecer às indicações de voto dadas pelos potentados locais parecia a essas famílias nada mais do que uma simples retribuição de uma parte da dívida moral que tinham para com eles. Na verdade, era de um elevado número de eleitores fiéis à sua indicação de voto que dependia o renome dos coronéis junto aos pares e aos candidatos potenciais, garantindo-lhes o prestígio de grandes eleitores locais.

Compartilhavam, assim, a condição de patriarcas polígamos, podendo ter uma grande prole que vinha não apenas de seu casamento com a esposa – que morava na casa-grande –, mas também de relações bastante estáveis com um número mais ou menos elevado de mulheres de origem social menos elevada, logo, mais dependentes do exercício de sua sexualidade. Muitos consideravam o elevado número de filhos como uma espécie de certificado de sua virilidade.<sup>11</sup> A superioridade social, segundo esses modelos machistas de constituição do catálogo dos atributos de um “chefe” que comandava, era adquirida não apenas pelo número de laços amorosos de que podia prevalecter-se, mas também pela coragem de estar sempre pronto para qualquer confronto armado. Quanto maior era o número de mulheres e crianças mantidas pelo patriarca,

---

<sup>9</sup> O livro de Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti menciona várias vezes a frequência desse tipo de práticas, consideradas como ainda mais legítimas quando as vítimas pertenciam a facções políticas concorrentes.

<sup>10</sup> Moacir Palmeira (1971) estudou a moradia como sendo uma relação específica de domínio das grandes propriedades do Nordeste.

<sup>11</sup> Observar a preocupação expressa numa “certidão-de-nascimento astral” do coronel José Abílio para explicar sua inaptidão para ter uma bela progenitura. Esse coronel não podia exibir esse índice de virilidade que teria contribuído para o reconhecimento de suas qualidades de chefe político (cf. Vilaça e Albuquerque, 2002, p. 99).

maior era a chance de ver-se envolvido em conflitos familiares ou em competições em que estava em jogo sua honra.

A autoridade dos coronéis, no período analisado, não se baseava nos cânones da moral oficial; o poder de um chefe, sua força simbólica estava estreitamente ligada ao exercício de poderes extra-legais. Tal era o caso do papel de árbitro ou de juiz dos negócios familiares ou extra-familiares, como as sucessões patrimoniais, os noivados ou a separação de casais, os estupro e os casamentos forçados. Frequentemente a palavra do coronel substituía o julgamento em última instância.

A posição de chefe político local estava também associada ao controle da nomeação e da carreira dos funcionários públicos, sobretudo os que eram funcionários municipais, como os professores primários, os responsáveis pelo serviço de saúde e pela coletoria local. Os coronéis tentavam controlar também os funcionários estaduais, como os professores de colégios ou ginásios, e os federais (controle das epidemias, serviços hospitalares, justiça, etc.). O recrutamento e as carreiras na função pública estavam submetidos à troca de favores pessoais em nível local, e não chegavam a ter autonomia necessária para instituir títulos e competências para preencher os postos, como toda a burocracia moderna. Sobre esse ponto, o preço que se pagou por toda a inovação introduzida pelo Governo federal ou pelo Estado da Federação foi a falta de profissionalismo na função pública nas zonas rurais. A condição extremamente precária do ensino primário, fora das capitais e das cidades importantes do Nordeste, deve ser relacionada com a falta de formação dos professores primários, muito frequentemente em mãos dos potentados locais.

Mas, o serviço público de controle mais estratégico, ou de controle cerrado, era evidentemente aquele responsável pela elaboração da lista de eleitores e pela escolha dos mesários nas seções eleitorais. Todas as decisões sobre a votação punham diretamente em jogo a capacidade dos chefes políticos para obter margens de voto favoráveis a seus candidatos, ou seja, sobre seus tesouros, para aumentar seu prestígio junto a seus pares ou aos políticos. As incontáveis fraudes eleitorais eram apenas o outro lado da moeda das fontes concretas de todo

seu poder político. Se, por um lado, a autoridade dos coronéis estava ligada a eleições livres, por outro dependia também da manutenção do exercício do poder personalizado no interior dos procedimentos eleitorais.

Essa mesma lógica de acúmulo de crédito personalizado dos eleitores levava os chefes políticos à concorrência para que tivessem acesso aos novos serviços de infra-estrutura implantados pelo Estado Federal ou pelos Estados, como estradas pavimentadas, instalação de água corrente, de energia elétrica, serviços sanitários, controle de epidemias, etc. Os coronéis interessavam-se pelas novidades e pela mudança social; às vezes chegavam a figurar como os defensores mais ferrenhos do progresso. Era, porém, necessário que toda obra de envergadura fosse atribuída a seus esforços e à sua rede de amigos. Para isso, tudo era permitido. No prefácio da edição de 1969, Barbosa Lima Sobrinho tenta retificar as informações analisadas em *Pouvoir et domination* sobre a instalação de água corrente em Limoeiro, no final dos anos 50. Era então governador de Pernambuco e declarou-se vítima de atos de sabotagem visando impedi-lo de participar da solenidade de inauguração desse serviço. Novas eleições haviam colocado o coronel Chico Heráclio no campo adversário, e ele talvez houvesse sido o responsável pela sabotagem.

Da mesma forma, qualquer ato político passava pelo crivo de critérios estritamente pessoais: era considerado positivo, se vinha reforçar o poder do chefe; negativo, se não o fizesse. A coletividade era pensada de acordo com os moldes da facção política: os únicos membros significativos eram aqueles submetidos ao comando de um mesmo chefe. As alianças pessoais e as rivalidades comandavam as relações sociais e a visão do mundo. Nesse sistema de representações não havia percepção de uma coletividade política compreendendo todos os indivíduos, como também não havia norma – ou lei – que se impusesse a todos os indivíduos. No capítulo dedicado ao coronel José Abílio, os autores recordam uma máxima muito conhecida em todo o Brasil: “seu método era a justiça para os inimigos e os favores para os amigos” (Vilaça e Albuquerque, 2002, p. 91). Não é, pois, surpreendente que a violência com os inimigos fosse a contrapartida desse desejo de monopolizar os favores prestados aos amigos. O Estado era concebido mais como uma organização que permitia a distribuição de favores do

que como centro de elaboração de decisões coletivas. A questão central era ter amigos influentes, manter o poder a todo custo. A carta do Coronel José Abílio ao Governador Agamenon Magalhães mostra bem como os valores democráticos, mesmo no período entre 1946-64, não figuravam no templo das virtudes políticas a serem respeitadas:

“O Dr. Getúlio e o senhor foram os melhores professores de golpe de Estado, e formaram bons discípulos. Utilizem toda sua habilidade e deixem de lado sua obstinação orgulhosa.

Neste momento, a democracia é apenas uma teoria maçante. É chegada a hora da espada.” (Vilaça e Albuquerque, 2002, p. 92.)

A não-aceitação da concorrência política regida por valores como a tolerância de opiniões opostas, e a não-aceitação do papel positivo da alternância no poder demonstra que as visões do mundo expressas pelos coronéis – a transcrição acima é apenas uma das pérolas encontradas pelos autores – eram correlativas da negação do “direito” e da “justiça” como poderes autônomos que permitiam decidir sobre conflitos de interesse. Como observa Sérgio Buarque de Holanda (1936) em *Raízes do Brasil*, a possibilidade para os políticos, potentados locais ou senhores de terras, de reconhecer como princípio de suas ações apenas o funcionamento de suas paixões – como mostra a divisão do mundo em amigos e inimigos – impediu que a aplicação das leis em vigor fosse o único princípio legítimo de funcionamento do espaço público.

A época das pesquisas baseadas nos dois livros de Marcos Vilaça foi também marcada pela criação das Ligas Camponesas, seguida pela implantação das leis do trabalho em meio rural (Estatuto do Trabalhador Rural, de fevereiro de 1963) e pelo rápido crescimento dos sindicalismos católico e comunista.<sup>12</sup> A mobilização assim constituída adquiriu tal amplitude que se instaurou

---

<sup>12</sup> Os trabalhos mais interessantes para uma sociologia histórica das Ligas Camponesas são os de Aspásia Camargo (1973), Celso Furtado (1962) e a narrativa autobiográfica de seu organizador em Pernambuco, Francisco Julião (1969). Para uma análise histórica do sindicalismo dos trabalhadores rurais, o leitor poderá consultar os trabalhos de Moacir Palmeira (1977), Leonilde Medeiros (1989) e José de Souza Martins (1981).



um certo temor nas elites agrárias, constituindo, sem dúvida alguma, um dos setores mais favoráveis ao golpe de Estado de abril de 1964, que desencadeou uma violenta repressão (torturas, assassinatos) contra os líderes camponeses (cf. Gregório Bezerra, 1980; René Dreyfuss, 1981). O Coronel Chico Romão morreu antes da chegada das Ligas Camponesas a seu município, mas suas declarações revelam sua atitude diante dessas novas correntes políticas: “A Liga Camponesa é como uma epidemia. Destrói tudo e talvez não demore a chegar até aqui. Mas nós reagiremos à bala. Muita bala. Com o Sertão não se brinca.” (Vilaça e Albuquerque, 2002, p. 61.)

A reação de outro coronel do sertão, Veremundo Soares, não foi amável, ao saber que seu companheiro Chico Heráclio não tinha conseguido impedir que as Ligas se instalassem em Limoeiro: “É ele [Francisco Julião] quem manda lá? Então é porque em Limoeiro só há frouxos.” (Idem, p. 160.)

O aumento da concorrência política entre os atores que propunham novas representações do campesinato – bem como as novas políticas públicas, como a reforma agrária e o direito do trabalho –, enfrentou, além das reações dos coronéis, outras igualmente violentas. Todavia, mesmo após o golpe de Estado de 1964, os militares não ab-rogaram as leis trabalhistas e de regulamentação do sindicalismo oficial.

O sindicalismo dos trabalhadores agrícolas foi seguramente um dos principais vetores da instauração do direito em meio rural, como mostram as pesquisas dos antropólogos do Museu Nacional (cf. Garcia et al., 1994), seguindo-se às análises pioneiras de Celso Furtado (1962), Caio Prado Jr. e Manoel Corrêa de Andrade (1964). A retirada do monopólio virtual da palavra pública das mãos dos coronéis foi talvez o maior atentado contra seu poder. Francisco Julião não se enganava ao afirmar que a violência mais insuportável que impunha aos senhores da terra era o fato de levar conflitos territoriais a tribunais imparciais: o que mais detestavam os usineiros era o formalismo jurídico mais estrito, exigindo que os magistrados ouvissem a versão dos senhores e a versão de seus antigos dependentes (F. Julião, 1978). Por essa razão, a maior parte das violências contra camponeses era perpetrada depois das audiências

públicas e não antes de levar os casos à justiça. A livre concorrência política, exigindo tolerância para outras visões do mundo social e do futuro, certamente não fazia parte dos valores adotados pelos coronéis.

## ~ Na trilha dos caminhões

A análise dos enriquecimentos sociológicos proporcionados por *Autour de la sociologie des camions* paralelamente aos proporcionados por *Pouvoir et domination dans le Nordeste du Brésil*, como sugere Barbosa Lima Sobrinho, constata a riqueza das perspectivas analíticas abertas por esse livro. Mas, além do valor do testemunho preciso sobre as transformações associadas à introdução dos caminhões em escala maciça, num momento em que a industrialização brasileira parecia decolar e seria suscetível de dar origem a uma sociedade mais democrática e menos injusta, esse livro contribui para indicar as linhas de pesquisa que é necessário aprofundar para compreender os diferentes impactos que os caminhões representaram sobre as dinâmicas sociais do Nordeste.

Tendo presente ao espírito o papel específico dos coronéis como promotores de inovações técnicas e sociais, seria seguramente muito produtivo estudar casos de expansão da rede viária, elaborar uma sociologia dos processos de decisão sobre o traçado das estradas e o cronograma das obras. Poucas inovações representaram, como as estradas, tanto impacto sobre a valorização ou a desvalorização dos latifúndios; da mesma forma, poucas inovações exigiram meios técnicos e financeiros de tão grande monta e que, por sua vez, exigiram a participação de atores extra-locais. Uma sociologia aprofundada da expansão da rede viária permitiria tratar essa questão – que apresenta outro tipo de dificuldade – do desnível entre as expectativas dos diferentes atores no que toca os resultados de um investimento coletivo e os efeitos das transformações efetivas.

Por outro lado, as belas páginas consagradas à sociologia da profissão de caminhoneiro, ofício em grande expansão desde as primeiras pesquisas, aumenta a curiosidade sobre esses novos profissionais. Sua origem geográfica terá mudado ao longo do tempo? Quais foram suas origens sociais e as modalidades

de acesso ao ofício? Como expressar sua diversidade? A masculinidade dos efetivos foi contrariada ao longo do tempo? Ou continua a ser a base sólida de algumas concepções de virilidade associada á aventura? A contribuição fundamental da sociologia dos coronéis, graças à análise dos itinerários sociais de quatro personagens de carne e osso, leva a pensar que abordagens semelhantes em relação aos caminhoneiros certamente trariam novas luzes às transformações ocorridas durante as quatro últimas décadas.

Finalmente, as descrições minuciosas dos caminhões que transportam migrantes do Nordeste que vão procurar trabalho em São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais, os paus-de-arara, esses veículos improvisados para o transporte humano, cujas carrocerias destinam-se ao transporte de mercadorias ou de animais, sem o conforto nem a segurança de um ônibus, mostram que o conhecimento desse capítulo da história social brasileira, no entanto tantas vezes tratado, está longe de ser conhecido em escala dos dramas humanos e sociais que sobrevêm ao longo dessas viagens. Não é um caso particular ao Nordeste do Brasil: em todo o mundo, atualmente, a vida cotidiana é às vezes tão dura, e é tão viva a esperança de um futuro radioso no “paraíso” das enormes metrópoles, que as pessoas impõem, a elas e a seus filhos, viagens em condições desumanas. E há sempre indivíduos que comerciam com a desgraça e a ignorância alheias. Assim como a sociologia dos campos de concentração, estudada por Michael Pollak,<sup>13</sup> a sociologia do sofrimento decorrente das grandes migrações é um meio de compreender como tais horrores são possíveis, tornando assim menos fácil, para sua repetição, a contribuição da ignorância.

O ponto de vista sociológico, adotado por Marcos Vilaça para examinar o caminhão, encontra, assim, sua plena justificativa no fato de que qualquer objeto é suscetível de múltiplos empregos. As utilizações sociais dos objetos são às vezes muito surpreendentes e reveladoras das configurações sociais das quais se originam.

---

<sup>13</sup> Pollak, Michael, *L'Expérience concentrationnaire*. Paris, ed. Métailié, 1990.



BEÇO  
das  
CARMELITAS



Manuel Bandeira

# Testamento de Pasárgada

ORGANIZAÇÃO E ESTUDOS CRÍTICOS IVAN JUNQUEIRA

# Da magia do unicórnio aos rios da vida

PER JOHNS

**E**m *Testamento de Pasárgada*, recentemente reeditado, há uma observação de Ivan Junqueira sobre Manuel Bandeira que se diria autobiográfica, por se aplicar com igual pertinência a ele mesmo, cuja argúcia, entretanto, me passara despercebida quando escrevi o prefácio de *O grifo* e me referi erradamente a uma eventual nova “fase” em sua poesia. Dizia Junqueira então que em Bandeira se tratava “de captar e reproduzir as muitas faces do poeta”, de vez que se recusava, ainda em suas próprias palavras, “a falar de ‘fases’, termo que implica uma episódiação esquemática incompatível com o *continuum* quase indissoluto da poesia”. Observação que se encaixa à perfeição em sua própria poesia e em qualquer poesia que conta, ou seja, aquela que procura o poeta em vez do poeta procurá-la. Há nela uma atemporalidade (não confundir com intemporalidade) que justamente lhe confere o cunho misteriosamente caleidoscópico que a mera razão jamais alcança. É como se estivesse sendo escrita por uma mão alheia ao poeta, uma mão que, por assim dizer, flutua no ar que

Autor de *As aves de Cassandra* (1990), que conquistou o Prêmio Jabuti em 1991, e *Cemitérios marinhos às vezes são festivos* (1995), o autor completou sua trilogia com um romance que mergulha em nossos mais submersos conflitos, *Navegante de opereta* (1998). Também de sua autoria são os romances *A revolução de Deus* (1977), *Morte na rodovia Galileu Galilei* (1978) e os contos de *Sonâmbulos, amotinados, predadores* (1980). Traduziu, ainda, obras de Karen Blixen e de Ingmar Bergman, além de diversos poetas dinamarqueses.

já não é o do tempo e sim – para tomar de empréstimo um verso de Eliot, traduzido por Junqueira – o do “ponto de intercessão entre o atemporal e o tempo”. Um tempo sem tempo que se ocupa das grandes e graves – e sempre idênticas, por diferentes que sejam as roupagens – questões humanas, inclusive o próprio tempo da temporalidade circunstancial que nos assombra com essa metamorfose em que tudo muda em torno do que não muda, a exemplo do admirável e intraduzível verso de Rilke, que Junqueira apôs à entrada de sua segunda “Meditação na corda lírica”: *Geb in der Verwandlung aus und ein*, qualquer coisa como “na metamorfose é-se outro e é-se o mesmo”. Eliot “rasurou o palimpsesto” (para usar um símile caro ao autor de *O grifo*) de Rilke e escreveu em cima: “Contudo eu era o mesmo, embora um outro fosse”. Ivan, por sua vez, rasurou ambos, para consignar sua própria, cruciante versão: “O que se move e muda nesta esfera / a tudo aspira, mas a nada espera / senão ser o inimigo do que é...”

E pois, um poeta como Ivan Junqueira compõe as múltiplas faces (e não faces) de uma poesia em que o que conta é o amor e a morte, a plenitude e o nada, o tempo e a eternidade, algo que o irmana e o torna descendente de uma família espiritual que inclui, além dos mencionados Rilke e Eliot, num corte que abole o tempo, Virgílio, Dante, Camões e Fernando Pessoa. Residem todos na vitalidade de um mistério que tem por mote – voluntária ou involuntariamente – este verso sucinto do prosador Stefan Zweig: “Só onde o mistério atua, a vida começa.” Não importa aqui escarafunchar tecnicidades ou pormenores históricos, detalhes apenas de uma milagrosa construção irredutível a seus componentes. E muito menos importa a tola questão de saber o que valem os clássicos para o leitor comum, posto dentro de uma circunstância mutável. Importa, sim, constatar que enquanto forem legíveis, irmanados na mesma raiz não só humana, mas suficientemente abrangente para incluir a vida como um todo, sempre tão maltratada pelas maquinações do próprio homem, haverá esperança. Talvez seja essa, afinal, a missão indescrita da arte, em geral, e da poesia, em particular.

Mas falar da poesia de Ivan Junqueira, de que agora temos esta criteriosa seleção feita por Ricardo Tomé, a par de um elucidativo prefácio, é falar de mais do

que dela mesma *stricto sensu*, por abranger necessariamente, como complementares, sua ensaística e suas traduções, que compõem um painel de implacável coerência interna, que repousa no que já foi dito antes, mas vale a pena repetir: numa sabedoria “eclesiástica”, que é menos uma escolha do que um destino, vale dizer, a sabedoria de amadurecer em seu tempo e hora, sem qualquer açodamento ou artificialismo. É o que distingue um poeta de um verzejador, que pode ser excelente, mas se lhe falta a bússola interior, falta-lhe, a bem dizer, a espinha dorsal. Não passará jamais do talentoso (ou não) dominador de uma circunstância datada, perecível.

É a bússola interior de Ivan Junqueira que lhe confere o estilo inconfundível, esse nítido referencial que distingue tudo que lhe sai da pena, seja na poesia, na ensaística ou nas traduções. E isso não se cria de fora para dentro, depende – como disse Ricardo Tomé – de “uma sensibilidade que não se aprende nos livros escolares nem se apreende nos dicionários e enciclopédias”. Amadurece e o distingue como o carvalho se distingue de um ipê. E, sobretudo, de um enxerto de árvore, que misturasse, por exemplo, ipês, carvalhos, angicos e angelins, a ponto de já não ser árvore nenhuma. Talvez bela, mas nenhuma.

Nesta seleção de poemas feita por Ricardo Tomé, que merece um voto de louvor por sua representatividade, sobretudo por não lhe ter faltado a argúcia e sensibilidade de não desmembrar blocos poemáticos inteiriços como o são “A rainha arcaica”, “Cinco movimentos” e, sobretudo, o longo poema “Três meditações na corda lírica”, chama particularmente a atenção a inclusão de um poema como “Soneto ao unicórnio” (um dos primeiros) e do ainda inédito (em livro) “O rio” (um dos últimos), justamente por mostrar o tamanho da coerência interna – e insista-se em dizer *interna*, já que a outra, a que se mostra pelo lado de fora, na melhor das hipóteses é um *trompe-l’oeil* e, na pior, uma mentira pura e simples – que anima o poeta desde sempre. E ao mesmo tempo exemplifica a importância de se distinguir entre fase e face. Não são duas fases, mas duas faces.

No que tange ao primeiro – “Soneto ao unicórnio” – fui aproximadamente testemunha de sua nascença, acontecida numa das mesas do antigo Bar Janga-



deiros da Praça General Osório, em Ipanema. Ivan o trazia pronto na cabeça, transcreveu-o e me deu o manuscrito que guardo até hoje. Não me recordo da data exata, mas creio que andávamos aí pelos dezoito anos, uma época em que o Ivam ainda se assinava com o nome completo de Ivan Nóbrega Junqueira. Impressiona no soneto a maturidade por assim dizer pronta e, além disso, um curioso detalhe: a caligrafia do poeta praticamente não mudou ao longo do tempo, continua dona da mesma firmeza de onde emana uma estranha disciplina, que não diria que contradiz a pessoa, mas que visivelmente a transcende, ou, pelo menos, dá-me a impressão de configurar aquilo que Antonio Carlos Secchin chamou com muita felicidade de “exato exaspero”. O segundo poema, recentíssimo, abre-se para o mundo, sem deixar de levar consigo o passado todo, como se fosse uma seqüência natural daquele unicórnio “com seu passo pequenino (que) rompe a treva” e se amplia desmesurado. Ganha o mundo, sem perder o “resto de um menino / que anoiteceu contigo num jardim / entre brinquedos e vogais partidas”. O poeta se aventura, vale dizer, “torna-se”, no sentido etimológico da palavra, sem deixar de ser quem era. E ganha o rio, os rios, todos os rios, que se misturam numa feliz simbiose em que o real convive com o imaginário, do “sensual Paraíba, / com águas cor de ouro antigo” ao “esfingico Nilo, / esse que corre por Biblos”; do “rio que viu Ulisses / fundar a velha Olisipo” ao “Neva, expansivo”, e ao Vístula, nunca visto, mas que algum habitante oculto do “rio de sangue” (cf. Rilke) reconhece. E essas paragens reais e imaginárias – e portanto, todas reais – parecem saltar da “magia / fugaz da lúdica pupila” do pequeno unicórnio cuja neve dantanho dá lugar à “difusa opalina” do Salzsach, que desce dos picos nevados para ensolarar as “árias e sinfonias / que Mozart, em agonia, / escreveu como quem brinca”.

Esse rio dos rios de todos os rios não inaugura uma nova fase, mas é uma outra face do pequenino unicórnio que se aventura pelo mundo afora sempre fiel a si mesmo. Dizer mais de um poeta seria uma inútil redundância.



# “O jogo do bicho” e a clarividência machadiana

RUBENS EDUARDO FERREIRA FRIAS

Publicado pela primeira vez no *Almanaque Brasileiro Garnier*, em 1904 o mencionado relato, à primeira vista um “texto menor” de Machado de Assis – não arrolado pelo autor nos livros difundidos em vida, reaparece numa coletânea de edição póstuma, em 1919.

Ressurge no volume intitulado *Outras relíquias* – quarenta e oito relatos, um número quase absurdo se lembrarmos que a seleção crítica do escritor e das editoras enfeixava em volta de doze a quatorze contos em cada conjunto. Todos os relatos anteriores, reunidos em sete livros diferentes, chegam à soma de setenta e cinco, média inferior a dez textos.

Como outros autores de época mais ou menos próxima, Machado de Assis publicou muito em jornais e revistas, tendo como destinatário um público diversificado, no qual predominavam leitores simples à procura de novos conhecimentos e de diletantismo. Dos-  
toievski, extraordinário ficcionista, escreveu muito em jornais e co-

Professor,  
tradutor e  
ensaísta,  
organizou várias  
antologias.  
Publicou  
recentemente o  
ensaio *A raposa  
sem as uvas: uma  
leitura de Ninho  
de cobras*, de Lêdo  
Ivo, e prepara  
tese de  
doutorado sobre  
*Jeremias-sem-chorar*,  
de Cassiano  
Ricardo.

letâneas, dos quais os editores selecionaram bom material em *O diário de um escritor*, no qual alguns críticos garimpavam obras de qualidade.

Assim, aparentemente despretensioso, divulgado sem nenhum alarde, “O jogo do bicho” poderia parecer uma “curiosidade” machadiana, um deleite suplementar para seus admiradores mais convictos, ávidos de qualquer palavra do autor, tal a samaritana da parábola bíblica que se nutria a partir das migalhas do farto ágape proporcionado por seu mestre.

Mas, por outro lado, quem conhece a versatilidade e as sutilezas do narrador carioca (e também brasileiro e universal) poderia mesmo acreditar piamente num “trabalho menor” escrito apenas para preencher o ócio da existência?

Como leitor, talvez tenhamos divagado um pouco. É hora de passar à leitura. Os textos e as cartas não mentem jamais, sobretudo se consultarmos cartomantes machadianas.

## ~ O conto: um pequeno funcionário à espera de um pequeno milagre

A estrutura do relato é bem simples: um narrador onisciente acompanha a trajetória do protagonista, cujas ações se alternam em três espaços bem definidos: o primeiro é o *da repartição*, o das obrigações e imposições, o da subsistência, da monotonia, do *trabalho* como imperativo categórico na existência cotidiana e miúda. O segundo é o espaço doméstico suburbano da alegria e da felicidade de familiar que poderia, no sentido ingênuo e positivo, ter seu correspondente na conhecida canção “Gente humilde”. De repente, “mais que de repente” surge um terceiro e enriquecedor espaço, o *do jogo*, abrindo novo universo ao imaginário do modesto empregado.

Muitas vezes o narrador se funde com os pensamentos e devaneios do protagonista numa “visão com” carregada de cumplicidade e simpatia. A primeira frase do relato, embora dominada pela onisciência, comprova a relação “compadresca” inferida desde o início: “Camilo ou Camilinho (o grau de afetivida-

de mostra-se inequívoco), como lhe chamavam alguns por amizade, — ocupava em um dos arsenais do Rio de Janeiro (marinha ou guerra — acentuando o anonimato da personagem) um emprego de escrita”. O último termo já instaura de pronto a ambigüidade e a fina ironia machadiana.

Camilo sugere pela proximidade sonora “camelo”, animal resistente e resignado, de enorme importância para os árabes, e significado bem definido na fala popular brasileira como sinônimo de funcionário subalterno e sobrecarregado.

O salário descrito, “duzentos mil réis” confirma a modéstia sugerida pela analogia e prepara o leitor para a problemática crucial do protagonista, envolto em permanente defasagem financeira.

O namoro e o casamento com “uma criaturinha modesta, de vestido azul, olhos pedintes”, se apresenta através de um sumário eficiente e conclusivo: “Três meses depois estavam casados.”

Outra descrição sumária revela o nível muito simples da família:

“Nenhum tinha nada; ele apenas o emprego, ela as mãos e as pernas para cuidar da casa toda que era pequena, e ajudar a preta velha que a criou e a acompanhar seu ordenado. Foi esta preta que os fez casar mais depressa.”

Um vínculo mais calculista e sarcástico que afetivo relaciona o protagonista a esta terceira personagem.

“Como, porém, dissesse um dia que se sua filha de criação casasse iria servi-la de graça, esta frase foi contada a Camilo e Camilo resolveu casar dois meses depois. Se pensasse um pouco, talvez não casasse logo; a preta era velha, eles eram moços, etc. A idéia de que a preta os servia de graça entrou por uma verba eterna no orçamento.” Explicado o “casamento de interesse”, a última frase traz considerações básicas sobre as expectativas de Camilo: “de graça” e a “verba eterna” deixam antever, se vistas em profundidade, uma até agora inusitada perspectiva nebulosa de crença e religiosidade popular, alteradas em outro plano de leitura pelo riso invisível do narrador:

“Germana, a preta, cumpriu a palavra dada.” Há um mínimo de personagens com nomes aparentemente simples mas sempre significativos: o nome da “agregada” é precisamente a *antítese* de sua descrição física, de sua cultura, etc.

A tríade em breve transforma-se num “quatuor” – que lhe acrescenta maior felicidade, ao contrário do “quarteto” sugerido por Bentinho no romance em que descreve suas ambíguas suspeitas. Outro sumário fotografa de corpo inteiro a família em sua harmonia doméstica e suburbana:

“Um ano depois o casal tinha um filho, e a alegria que trouxe compensou os ônus que traria. Joaninha, a esposa, dispensou a ama, tanto era o leite, e tamanha a robustez, sem contar a falta de dinheiro; também é certo que nem pensaram nisto.”

Pela primeira vez se sabe o nome da esposa, mais coadjuvante que par romântico, apesar de suas prendas domésticas freqüentemente ressaltadas. “Joaninha” é também um diminutivo carinhoso, porém, na ambigüidade do discurso, pode significar também um inseto. Um inseto bonitinho, simpático, visto com afetividade pelas crianças, mas insignificante se contraposto aos fabulosos, amados e odiados, quase míticos vinte cinco animais do panteão zoológico brasileiro: os famigerados *bichos* do jogo.

Voltando ao espaço do “arsenal” ficamos sabendo que, apesar de bem esperançoso, Camilo vem a ser preterido de novo numa promoção. A docilidade submissa da esposa se contrapõe à insatisfação do marido:

“– Tem paciência, dizia-lhe Joaninha.”

“– Que paciência, há cinco anos que marco passo...”

No eixo temporal comparamos a rapidez do nascimento do filho “em um ano” aos “cinco anos” penosos da repartição. Os apelos e argumentos de Camilo não alteram em nada esse quadro imobilizado de frustração, praticamente um permanente purgatório.

Lar e trabalho continuavam antitéticos:

“Como eram moços e se amaram, o mau tempo trazia idéia de um céu permanentemente azul.”

Somente nesta altura das trivialidades descritas é que o narrador relata (e chama a atenção do leitor) o momento da ruptura com o repetitivo cotidiano:

“Apesar desta explicação houve uma semana em que a alegria de Camilo foi extraordinária. Ides ver. Que a posteridade me ouça. Camilo pela primeira vez

jogou no bicho.” O narrador comete uma pequena intrusão para explicar o mecanismo das apostas, certamente bem mais simples naquela época, e depois retoma o discurso, focalizando de novo o protagonista:

“Pela primeira vez Camilo jogou no bicho, escolheu o macaco, e, entrando com cinco tostões, ganhou não sei quantas vezes mais (*uma artimanha do narrador para dissimular sua onisciência*). Achou nisto tal despropósito que não quis crer, mas afinal foi obrigado a crer, ver e receber o dinheiro.”

Há uma certeza bastante difundida entre os jogadores brasileiros – de diferentes modalidades – sobre a “sorte de principiante”.

Seria oneroso repetir as idas e vindas, as novas escolhas e as decepções seguidas do protagonista. Contudo a primeira vitória despertou-lhe um sentimento novo e renovável.

“Camilo tinha fé. A fé abala as montanhas.” Eis aí, com todas as letras, a relação vigorosa, simbólica, revitalizada a cada dia, sem ressaltar as perdas e dificuldades, entre o jogo e um *ersatz* religioso.

Como todo adepto, como todo neófito, nosso herói tem sempre um jeito de racionalizar:

“Ia-se à cobra e perdia; perdendo explicava a si mesmo o fato com os melhores raciocínios deste mundo, e a razão fortalecia a fé.”

Esta palavra passa a ser reiterada, como um *leit-motif*, em diversas passagens do relato. Existe uma noção temporal distinta, rompendo e amenizando o trajeto e a imposição do binômio casa-trabalho.

Paralelamente, surgem outras benesses – quase como se tivesse surgido magicamente – desta nova forma de pensamento otimista:

“Em vez da reforma da repartição veio um aumento de vencimentos, cerca de sessenta mil réis mensais. Camilo resolveu batizar o filho, e escolheu para *padrinho* nada menos que o próprio sujeito que lhe vendia os bichos, o banqueiro certo.”

Há duas informações válidas (até hoje) sobre o jogo e seu conteúdo: I<sup>a</sup>) Através da aposta habitual estabelece-se um vínculo de amizade e camaradagem entre “banqueiro” e jogador, não importando se o resultado é favorável ou

desfavorável ao segundo. Ao escolher o “dono da banca” para padrinho de seu primeiro filho, o protagonista reforça ainda mais o laço afetivo. Facilmente poderíamos estabelecer comparações e analogias. Por exemplo, com os filmes *Great Father I* e suas seqüências de Francis Ford Copolla. 2ª) Não se menciona em nenhuma passagem o nome do “banqueiro” – o qual está acima de qualquer suspeita e, mesmo “amigo”, encontra-se num nível superior e impenetrável.

Depois do batizado as conversas bastante ambíguas entre Camilo e seu “compadre” demonstram que este não pode ou não quer interferir no resultado do “bicho” que será premiado a cada extração. Ora, isto corresponde rigorosamente à atitude “imparcial” e à “honestidade” indiscutível desses empresários de números e sonhos estimados mesmo em nossos dias pela enorme legião de apostadores, os quais confiam na sorte e na palavra honrada dos banqueiros.

As sucessivas perdas de Camilo integram uma seqüência temporal de frustração e angústia cumulativa, conforme notamos pelo diálogo entre ele e o banqueiro:

“– Troca muito. É por isso que poucas vezes tem acertado. Diga-me cá: quantas vezes tem acertado?”

“– De cor não posso dizer, mas trago tudo bem escrito no meu caderno.” Aqui a ironia inicial, na qual o narrador chamava o protagonista de “homem de escrita”, se amplifica e chega ao ponto culminante: modificado pelo apelo mágico, quase divino da “sorte”, a personagem passa a registrar com mais empenho os números fantásticos das apostas e de seus inspiradores igualmente maravilhosos, enquanto desempenha com dificuldade e quase aversão as anotações próprias de seu trabalho.

Os conselhos do “compadre” não constituem nenhuma quebra: “o preto que levou uma bolada” reafirma o caráter confiável e democrático do jogo, além, é claro, de expressar mais uma habitual ironia machadiana, crítico sutil e perseverante do racismo mal disfarçado existente até mesmo numa cidade “cordial” como o Rio de Janeiro.

Várias situações domésticas promovem uma certa distensão da intensidade em que a angústia de Camilo ia crescendo. A abnegação da esposa e a solidarie-

dade de Germana, a “agregada”, despistam um pouco a situação verdadeira: a narrativa tem um hábil (aparentemente corriqueiro) desdobramento.

A visão do narrador continua a parecer banal, mas expõe com sagacidade sarcástica a vida trivial dos suburbanos: “A bisca era o espetáculo deles, a Ópera, a Rua do Ouvidor, Petrópolis e tudo o que podia exprimir um recreio, um passeio, um repouso.”

Salientamos que, no relato machadiano mais “singelo”, podem existir “mais coisas entre a Corte e o bairro que pode supor a nossa vã metodologia”.

Tentando estabelecer um limite para si próprio e fugir à terrível pecha de jogador compulsivo, o protagonista define a soma de setecentos mil-réis como um intransponível e definitivo marco.

“Camilo jogou uma semana inteira na cobra sem tirar nada.”

Nem mesmo a perfeição (simbólica) da sétima tentativa altera a nova escalada de sofrimentos. Há uma série de novos palpites, novos jogos sem sucesso. Quando “um pobre menino” é atropelado, o apostador não se preocupa com este fato, e sim com a sua obsessão.

“Camilo só reparou bem no número do carro, cuja terminação correspondia ao carneiro. O carneiro não foi mais feliz que a cobra.”

Pode-se traçar uma relação intratextual com uma passagem de *O memorial de Aires*, na qual o “casal de velhos” se alegra com a vinda do “filho postiço” da Europa e nem se importa com a Proclamação da República, fato histórico e social relevante. O narrador machadiano daquele romance, conhecedor das alegrias e mazelas e sobretudo do egoísmo humano, comenta que a felicidade particular supera em muito a demonstração pública de contentamento. Não são palavras textuais. Interessa-nos a aproximação do essencial nos dois exemplos.

O parágrafo seguinte reafirma uma nova estratégia.

“Não obstante Camilo apoderou-se daquele processo de adotar um bicho e jogar nele até estafá-lo...”

Ao longo do relato surgem as mais diversas maneiras de vaticinar o “animal certo”, de acordo com as mais conhecidas e admitidas crendices populares.

Um momento de ruptura em relação à busca prolongada e inquietante da personagem ocorre em novo encontro com o banqueiro:

“Tinha já gasto o processo de números escritos e postos dentro do chapéu, o de um bilhete do Tesouro, — coisa rara — e cem outras formas que se repetiam ou se completavam. Em todo caso, ia descambando na impaciência e variava muito. Um dia resolveu fixar-se no leão; o compadre, quando reconheceu que efetivamente não saía do rei dos animais, deu graças a Deus.

“— Ora, graças a Deus que o vejo capaz de dar o grande bote. O leão tem andado esquivo, é provável que derrube tudo, mais hoje, mais amanhã.”

“— Esquivo? Mas então quererá dizer...?”

“— Ao contrário.”

Dizer o quê? Ao contrário quê? Palavras escuras, mas para quem tem fé (de novo o *leit-motif*) e lida com números, nada mais claro. Camilo elevou ainda mais a soma da aposta. Faltava pouco para os setecentos mil-réis; ou vencia ou morria.

Nesta seqüência tudo condiz com o *espírito do jogo do bicho*: a linguagem característica, repleta de termos peculiares à prática, e a atitude ambígua do banqueiro, que uma vez mais se dissimula através da crença irracional e irredutível.

“El oráculo no dicta la puntuación”, diz um dos *Artefactos*, breves poemas em forma de cartão-postal, criados pelo chileno Nicanor Parra.

A nova e passageira indecisão do protagonista aguça ainda mais a curiosidade do leitor, ao mesmo tempo em que aponta para o desfecho da trama, cada vez mais próximo.

De novo a abnegação da esposa e o martírio da repetição se contrapõem ao amplo horizonte do jogo. O espaço do trabalho e a presença imaginária e contínuo permanente do *bicho* se justapõem, quase num delírio.

“De repente, entra na sala um contínuo, chega-se lhe ao ouvido e diz que o leão dera.”

A trama estaria desfeita aqui se o narrador não empregasse novos artifícios até a confirmação definitiva do êxito.

A notícia é dada pelo contínuo, uma personagem secundária, reafirmando a lisura do resultado, provavelmente já idêntica para jogadores e banqueiros di-



ferentes. Existe no relato uma discreta e permanente simpatia por essa modalidade de aposta e “fé” popular.

Agora mesmo o tempo e o espaço do “arsenal” se transformam sob a expectativa feliz da recompensa.

O prêmio, de “cento e cinco mil-réis”, é bem inferior aos *investimentos realizados*. Mas a “lógica” do jogador não se fundamenta na frieza dos números e sim no momento maravilhoso da vitória.

A partir daí o procedimento de Camilo é típico de quem ganha no bicho (ou em modalidade similar): gasta de forma pródiga e irresponsável. Adquire um jantar especial, digno de um Jacinto de Thormes ou de uma celebração de Babette.

“Estava tão contente com o jantar que levava e o espanto da mulher, nem se lembrou de presentear Joanhinha com alguma jóia (uma rara aliteração na prosa machadiana). Esta idéia só o assaltou no bonde, andando; desceu e voltou a pé, a buscar um mimo de ouro, um broche que fosse, com uma pedra preciosa. Achou um broche nestas condições, tão modesto no preço, cinqüenta mil-réis – que ficou admirado; mas o comprou assim mesmo, e voou para casa.”

O tempo do sucesso torna tudo rápido e possível. Camilo revigorado pela potência do leão lúdico parece adquirir asas de Pégaso – o corcel alado dos poetas que estabelece a conexão entre as estrelas e as musas.

O final desse conto simples e repleto de lições, como se oriundo da mais remota sabedoria da gente humilde, transmutada em fina ironia e ambigüidade digna de Aires e seus pares, vem a ser primoroso (como o tratamento demonstrado na leitura do entrelaçamento hábil de três eixos de tempo e de espaço):

“... ele entrou para casa com os embrulhos e a alma nas mãos e trinta e oito mil-réis na algibeira.”

Que importam o dinheiro, a repartição, as agruras, as angústias, das dezenas e dezenas de apostas frustradas?

Camilo, através “da fé que remove montanhas”, antecipa um momento de bem-aventurança celestial, sua casinha modesta traslada-se ao infinito, sob o tempo triunfante da eternidade. Ou seria um átimo de eternidade?

## ~ Machado de Assis e a “psicologia” do jogo do bicho

O conto em questão foi publicado primeiramente em 1904 no já referido *Almanaque*, reaparecendo depois em 1910, num livro intitulado *Outras relíquias*. Houve até uma dificuldade inicial de localizar os dados acima porque o extraímos da nona impressão, de 1994, da primeira edição de *Outros contos*, de 1959, volume II de Obras Completas, organizadas por Afrânio Coutinho.

Chama a atenção, de qualquer modo, não só o momento em que surgiu, dirigido ao leitor simples de periódicos, mas sua proximidade em relação ao próprio jogo focalizado, instituído, como se sabe, pelo Barão de Drummond, em 1893. Este, cujo nome era João Batista Vianna Drummond, diretor da Companhia Ferro-Carril de Vila Isabel, criara o Jardim Zoológico da Guanabara, em 6 de janeiro de 1888, e regulamentado por decreto de 19 de agosto de 1888. Localizava-se na encosta da serra do Engenho Novo, sendo depois transferido para terras de propriedade de seu mentor, em Vila Isabel.

Pouco tempo depois, com a substituição do regime monárquico pelo republicano, o diretor do Zoológico, fortemente ligado ao Império, perdeu os subsídios governamentais e viu-se obrigado a cobrar ingressos dos visitantes para cobrir as despesas com os animais. Num dado momento pensou em tornar mais atraente a compra de ingressos para entrar no Zôo, e ofereceu um prêmio em dinheiro através do sorteio de um dos vinte e cinco “bichos” escolhidos. O jogo logo conquistou os visitantes e espalhou-se por todo o Rio de Janeiro e depois por todo o país.

O Barão de Drummond faleceu a 7 de janeiro de 1897, talvez sem saber que havia gerado na verdade uma “instituição nacional” – talvez uma das mais sólidas e honestas do Brasil, no entendimento de grande parte do povo.

A 18 de março de 1945 houve a inauguração do Jardim Zoológico do Distrito Federal, na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão (ironicamente um dos principais espaços da monarquia).

Seguindo uma análise formal da evolução do jogo do bicho até os dias de hoje, deixa-nos fascinados a compreensão imediata demonstrada por Machado de Assis nesse relato, no qual expõe através de um conto praticamente desprezioso todos os mecanismos básicos dessa prática difundida do Oiapoque ao Chuí.

Está claro que se tratava de algo mais simples com apostas diretas “no bicho”, sem as diversas e sofisticadas combinações de lances que se foram sucedendo.

Não obstante, a breve narrativa machadiana sintetiza o que há de essencial e de permanente no jogo do bicho. Até hoje existem milhões e milhões de “Camilos” repetindo a cada dia – em três extrações diferentes incluindo as oficiais: loterias federal e estaduais – a demonstração praticamente religiosa de fé e esperança.

Não importa perder por um ano ou até por mais de dois anos. O que vale é ganhar um dia. O tempo monótono, coercitivo, opressor, injusto, relacionado ao cotidiano, passa pesado e paradoxalmente despercebido.

Contrapõe-se à tirania da realidade o sorteio sempre renovado no bicho generoso e redentor. Para o jogador brasileiro – perdido e irmanado em anônima e imensa multidão – basta apenas um áureo dia de esplendor no qual brilhe a luz solar do leão ou possa voar através das delicadas e transparentes asas de uma fortuita borboleta.

Entre cúmplice e zombeteiro, o narrador ambíguo de Machado mostrou ser também ele – nascido nas páginas de um *Almanaque* – um autêntico, um legítimo brasileiro.

## ~ O jogo, Machado de Assis e o Rio de Janeiro das ruas

Machado de Assis parece ter publicado trezentos contos em periódicos. Em vida teria selecionado cerca de um quarto desta produção, difundida através de livros (*Outras relíquias*, também intitulado *Outros contos*, teve publicação póstuma, lembramos).

Com toda certeza o autor privilegiou a literariedade e a estética em sua rigorosa escolha. Ao leitor atento queda patente que tratou, à sua maneira, sem nenhuma inflamação partidária ou passional, de temas candentes em sua época como a República, a Guerra, a Escravidão, a Lei e a Justiça, a Religião vigente, etc.

Via de modo peculiar e simpático a situação da mulher, dos órfãos, dos marginalizados, demonstrando a sua posição bem demarcada, através de sutil ironia e de um espírito satírico (que zombava de hipocrisia e injustiça desde a época da sátira menipéica entre os iconoclastas gregos e latinos). Neste ponto assemelha-se ao seu fraterno companheiro Dostoievski, estudado por Mikail Bakhtine. O autor de *Os irmãos Karáamazovi* e outras obras-primas da literatura russa e universal utilizou, do mesmo modo que Machado, a imprensa para divulgar seus textos bastante variados, legando-nos *O diário de um escritor*, no qual os editores e críticos garimpavam obras de grande qualidade.

Sem o crivo machadiano quem sabe pode predominar em *Outros contos* o que Arnaldo Niskier denominou “olhar pedagógico”. Transcrevo uma passagem de Antonio Olinto, extraída de um artigo da *Folha de S. Paulo* (13 set. 1999, Caderno Ribeirão Preto, p. 7):

“O olhar que dirigia ao modo de ser brasileiro era, em Machado, de um estranho humor, algumas vezes de compaixão, outras de tranqüila ironia e quase sempre de largo entendimento.

Machado entendia a nossa gente e, como resultado normal dessa compreensão, via os caminhos que seguíamos e distinguia o fim da estrada, mas sabia também que a estrada não tem fim. Em seu estilo e em sua cuidadosa estrutura vocabular, Machado ensinava.”

Concordamos com Niskier e Olinto e ainda com Sônia Brayner, a qual escolheu para a coletânea *O conto de Machado de Assis* (2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira) os textos “Identidade” e “Jogo do bicho”, extraídos de *Outras relíquias*, edição mencionada.

Outros contos de interesse: “Casa velha”, em dez capítulos (pelo critério da extensão poderia considerar-se novela curta), que despertou o interesse de John Gledson como “um pequeno romance” com forte vínculo histórico “visão sutilíssima e pungente da escravidão”, e “Flor Anônima”, na qual constrói, questiona e finalmente desmonta o amor romântico com um final crítico e distante que antecipava *avant la lettre* um princípio básico preconizado por Bertold Brecht. Gledson encontra Machado na História, muitos o encontram na Estética, outros o admiram pelo humor, outros ainda pelo estilo cuidado, algumas vezes perfeito, mas o escritor engloba e supera, como todos os mestres da literatura universal, as mais variadas e até contraditórias tendências.

Em *Outros contos* e em muitos outros textos podemos então ressaltar o “olhar pedagógico”, presente em escritos para o *Jornal das Famílias* e outros veículos destinados ao povo.

Porém, Machado, nascido no Morro do Livramento, onde se formou a primeira favela brasileira com “vitoriosos” soldados egressos da Guerra do Paraguai, em sua maioria negros e mulatos, ensina muito mais sobre o Brasil, e seu povo, do que supõe, como dizíamos, qualquer vã filosofia.

Quem sabe poderíamos encontrar um Machado mais à vontade na cultura popular brasileira que nos meandros enigmáticos da História. Ele muito aprendeu e muito ensinou. Com um esboço de sorriso algo sarcástico e olhos sem nenhuma dissimulação, quase como se não dissesse nada.

## ~ Bibliografia

BRAYNER, Sônia. *O conto de Machado de Assis* (Antologia) 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

\_\_\_\_\_. “As metamorfoses machadianas”. Em: *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, pp. 51-103.

CASTELLO, José Aderaldo e CANDIDO, Antonio. “Machado de Assis”. Em: *Presença da literatura brasileira*, II. Romantismo. Realismo. Parnasianismo. Simbolismo. São Paulo: Difusão Européia, 1964, pp. 131-133.

MACHADO DE ASSIS. “O jogo do bicho”. Em: *Outros contos. Contos. Obra completa*, t. II. Org. Afrânio Coutinho. 9<sup>a</sup> impressão. Rio de Janeiro: Aguilar, 1944.

OLINTO, Antonio. “Olhar de Niskier revela novo Machado”. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ribeirão Preto, 13 de set. de 1999, p. 7.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo / Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

# Notas sobre alguns poetas da língua inglesa

BENEDICTO FERRI DE BARROS

**E**stas notas foram escritas meio à la diable, no decorrer de longínquos e numerosos anos em que me dediquei à leitura e traduções de poesia inglesa, a qual, juntamente com a corrida de toros e a nippon-tô (espada japonesa) considero píncaros insuperáveis das realizações humanas. Creio mesmo que nem se houver outras civilizações no universo haverá outros entes capazes de superá-las na perfeição de sua forma e na riqueza de seu conteúdo expressivo.

No que diz respeito à poesia de língua inglesa, acredito que isso se deva à amplitude e à diversidade contraditória da experiência histórico-cultural britânica de um lado, e, de outro, à extrema amplitude alcançada pela língua, quer em virtude da dimensão do seu vocabulário, quer devido à sua flexibilidade expressiva, fruto principalmente da mescla de suas raízes latina e saxônica. Mescla a tal ponto inextrincável que alguns poetas cujos poemas e versos parecem esdrúxulos no original inglês, traduzidos para o português (por exemplo) assumem uma naturalidade de dicção tão coloquial que parecem ter sido escritos originalmente em nossa língua. Ao passo que outros poemas se mostram infensos à tradução.

Jornalista e professor, especialista em história e cultura japonesa. Autor, entre outras, das seguintes obras: *O mercado de capitais dos Estados Unidos — Organizações e seu funcionamento* (trad.), *Mercado de Capitais e ABC de Investimentos, Mudanças econômicas mundiais e a crise brasileira, Japão — A harmonia dos contrários, Viagem ao Japão, Rapsódia de Ouro Preto* (poesia).

*Dito isto, passo às notas, pois não pretendo transformar em ensaio o que deve ser mera apresentação. Quanto às traduções apresentadas, refletem escolha algo fortuita, entre as mais de 200 que fiz, sem pretensão nem preferências antológicas.*

## ~ Edward Thomas (1878-1917)

Como outros tantos poetas já maduros às vésperas da Primeira Guerra Mundial, Edward Thomas representa uma ruptura e despedida da poesia convencional do século XIX, uma sensibilidade moderna à que os tempos urbanos e duros que vieram desde então conferiram maior atualidade.

Vivendo de trabalhos literários, grande estudioso da língua e fino crítico de poesia, desconhecia-se como poeta. E por que não? – perguntou-lhe uma amiga, Eleanor Farjeon – “Eu seria incapaz de escrever um poema mesmo que fosse para salvar minha vida” – respondeu-lhe Thomas. Robert Frost, cuja sensibilidade pela natureza era afim da sua, ao encontrá-lo em 1914 mostrou-lhe que muito do que já escrevera em prosa era poesia pura. Só lhe faltavam retoques de forma. Nos três anos que lhe restaram, E. Thomas produziu poemas.

Esses poemas ocupam posição única no patrimônio poético – e não só inglês – pois Edward Thomas se situava numa faixa de sensibilidade extremamente rara e delicada. Ele operou num limiar onde todas as cores familiares se entrecruzam por um lapso tão fugidio e tênue, que somente de relance se percebe, e que ele nunca perde com seu pincel ligeiro de miniaturista, cuja tela é quem o lê ou ouve.

Seus poemas estão despidos de ornamentos retóricos e de expedientes verbais. Sua força reside em ser poesia pura, material inacessível à prosa e que (como Frost vira) já era poesia antes mesmo de ser posto em versos. “Poetas puros” não são muitos.

De nosso conhecimento, há duas edições principais da reduzida obra de Edward Thomas: *Collected Poems*, de 1920, e *Selected Poems*, editada por R.S. Thomas, em Faber Paperbaks, Faber and Faber, London, edição de 1964, re-impressão em 1977.



TALL NETTLES

*Tall nettles cover up, as they have done  
 These many springs, the rusty harrow, the plough  
 Long worn out, and the roller made of stone:  
 Only the elm butt tops the nettles now.*

*This corner of the farmyard I like most:  
 As well as any bloom upon a flower  
 I like the dust on the nettles, never lost  
 Except to prove the sweetness of a shower.*

URTIGAS ALTAS

Altas urtigas recobrem, como  
 Sempre o fizeram nas incontáveis  
 Primaveras, o desgastado arado,  
 A grade enferrujada, o rolo  
 Feito de pedra. Só os rebentos  
 Dos olmos olham-nas de cima.

É deste canto da fazenda que mais gosto:  
 Como de ver abrindo-se uma flor,  
 Gosto da poeira pousada nas urtigas  
 Que – só ela – mostra toda a  
 Doçura da chuva quando cai.

## ~ e. e. cummings (1894-1962)

Há duas veias principais na poesia de Cummings: o lírico e o satírico. O lírico alcança uma doçura aparentemente perdida pela poesia moderna; o satírico chega ao sarcasmo, à violência e ao mais cínico despudor. O que nunca falta às duas veias é força. Cummings quebra propositadamente o verso para que sua poesia seja lida como um *continuum*. Aparentemente arbitrária, essa quebra está ligada indissolivelmente ao ritmo interno da poesia e ao seu empenho de sacudir a sensibilidade do leitor. Com a mesma finalidade ele violenta a cada passo a construção lógica e gramatical da frase, estupra a pontuação, mistificando o leitor convencional que encontra terríveis dificuldades de penetração imediata numa poesia que – na realidade – é cristalinamente simples e fluída. Essas dificuldades desaparecem em parte em uma tradução para língua latina, com o que se perde o gosto estranho que sua construção apresenta em inglês. Para os que acreditam que o lirismo do amor esteja esgotado – ele é um rude e vivo desmentido. Desmentido que consegue temperando a efusão e a fé com o sarcasmo e o cinismo, os quais, na sensibilidade do homem moderno, estão indissolivelmente mesclados às suas manifestações sentimentais.

A primorosa construção de estrofes, versos e rimas de “All in green...” se esvai na tradução. Pode ser recuperada no confronto com o original. Além dos patamares e do desenvolvimento em rondó, notar: “swift-sweet”, “red rare”, “lean lithe”, “fleet flown”, “sleck slim”, “fall tense”, as simetrias e as variações. (Em nossa tradução tomamos liberdades taxionômicas com as denominações dos cervídeos.) Este é um poema de cor, de movimento e de amor, pela via atávica da cinegética. Cummings tem um poema análogo, construído em “bases automobilísticas”: “she being Brand-new”.

### *ALL IN GREEN WENT MY LOVE RIDING*

*All in green went my love riding  
on a great horse of gold  
into the silver dawn.*

*four lean hounds crouched low and smiling  
the merry deer ran before.*

*Fleeter be they than dappled dreams  
the swift sweet deer  
the red rare deer.*

*Four red roebuck at a white water  
the cruel bugle sang before.*

*Horn at hip went my love riding  
riding the echo down  
into the silver dawn.*

*four lean hounds crouched low and smiling  
the level meadows ran before.*

*Softer be they than slippered sleep  
the lean lithe deer  
the fleet flown deer.*

*Four fleet does at a gold valley  
the famished arrow sang before.*

*Bow at belt went my love riding  
riding the mountain down  
into the silver dawn.*

*four lean hounds crouched low and smiling  
the sheer peaks ran before.*

*Paler be they than daunting death  
the sleek slim deer  
the tall tense deer.*

*Four tall stags at a green mountain  
the lucky hunter sang before.*

*All in green went my love riding  
on a great horse of gold  
into the silver dawn.  
four lean bounds crouched low and smiling  
my heart fell dead before.*

## TODA DE VERDE

Toda de verde  
sobre um corcel de ouro  
saiu o meu amor a cavalgar  
pela manhã de prata.

quatro esguios sabujos rastejaram e sorrindo  
à frente dispararam os cervos joviais.

Mais do que sonhos variegados  
mosqueados sejam os meigos cervos ágeis  
e o veado raro.

Quatro corços à frente de um espelho de águas claras  
o cruel grito da trombeta surpreendeu.

Trompa à ilharga meu amor foi cavalgando  
na ondulação do eco empós  
pela manhã de prata.

quatro esguios sabujos rastejaram e sorrindo  
à frente os prados rasos se deitaram.

Mais do que o sono furtivo  
seja evasivo o delgado gamo  
o gamo flexível.

De quatro gamos à frente em alourado vale  
a seta esfaimada sibilou.

Arco à cintura meu amor foi cavalgando  
montanha abaixo ondeando  
pela manhã de prata.

quatro esguios sabujos rastejaram e sorrindo  
à frente se altearam os picos sagitais.

Mais lívido que a morte intimidante  
seja o esgalgo cervo  
o alto e tenso cervo.

Diante de quatro avantajados alces na montanha verdejante  
a caçadora afortunada entreparou.

Toda de verde  
sobre um corcel de ouro  
saiu o meu amor a cavalgar  
pela manhã de prata.

quatro esguios sabujos rastejaram e sorrindo  
à frente morto meu coração parou.

## ~ Thomas Stern Eliot (1888-1965)

Para Eliot toda a poesia moderna não poderia deixar de ser difícil. Envolvida com seu tempo, ela trazia a marca de uma visão do mundo que começara a se desfazer no início da Idade Moderna, processo de dissolução esse ainda não esgotado, que assumiria um *momentum* crescente e vertiginoso, se adensando angustiosamente numa noite de trevas sem que os homens pudessem perceber no horizonte – como ainda hoje não conseguem vislumbrar – os contornos de um mundo novo e de uma *vita nuova*. (Tudo o que se pressente na precursora “Segunda vinda” de Yeats e Nietzsche anteriormente anunciara.)

Forçosamente, as idéias penetrariam os espíritos com sua dúvida dramática, como irresistíveis buracos-negros a cuja atração o sensível espírito dos poetas não poderia resistir, na qualidade de porta-vozes de suas tribos. Neste momento elas invadem a poesia e se impõem a ela como seu tema maior. Poderá haver poesia nas idéias? E por que não quando elas se constituem no tema central que agita o coração humano?

Eliot entre todos – com a réplica de Pound – porá seus dons poéticos a serviço do drama das idéias. Este é um drama difícil, que solicita o intelecto, mas que se tornou universalmente emotivo e apaixonante. Os poetas aplicarão às idéias as forças de compreensão que só o Amor – essência da poesia – pode eventualmente produzir. Os *Quatro quartetos*, de que “Little Gidding” é a coroa, são a suma do esforço eliotiano nesse sentido. Veja-se o tema:

No limiar da velhice – a primavera a meio inverno – o homem busca a compreensão de sua vida, de si próprio, dos outros, da teia de que se tece o mundo. Isto – o fim do mundo – pode ser buscado em certos lugares, mas “Little Gidding” é ali mesmo, o mais perto, entre as ruínas de uma isolada capela, onde os que se foram se encontram. Importante não foi o que ele fez; porém não foi indiferente. Distinções nada valem; antagonismos per-

dem seu sentido. Tudo o fogo – a morte – destrói. Mas tudo se reconstrói no espectro da rosa: o Amor tudo tece numa história comum. Então, tudo está bem. Tudo estará bem. Este é o sentido buscado e encontrado na prece de “Little Gidding”. Uma atitude de aceitação e esperança, enquanto as novas respostas não nascem do fogo que ressuscitará não o espectro, mas a própria rosa. (“Little Gidding” é o nome de uma aldeia, situada no condado de Hundigton, onde Carlos I se asilou.)

GERONTION

(excerpt)

*After such knowledge, what forgiveness? Think now  
History has many cunning passages, contrived corridors  
And issues, deceives with whispering ambitions,  
Guides us by vanities. Think now  
She gives when our attention is distracted  
And what she gives, gives with such supple confusions  
That the giving famishes the craving. Gives too late  
What's not believed in, or if still believed,  
In memory only, reconsidered passion. Gives too soon  
Into weak hands, what's thought can be dispensed with  
Till the refusal propagates a fear. Think  
Neither fear nor courage saves us. Unnatural vices  
Are fathered by our heroism. Virtues  
Are forced upon us by our impudent crimes.  
These tears are shaken from the wrath-bearing tree.  
The tiger springs in the new year. Us he devours.  
Think at last  
We have not reached conclusion, when I  
Stiffen in a rented house. Think at last*

*I have not made this show purposelessly  
And it is not by any concitation  
Of the backward devils.  
I would meet you upon this honestly.  
I that was near your heart was removed therefrom  
To lose beauty in terror, terror in inquisition.  
I have lost my passion: why should I need to keep it  
Since what is kept must be adulterated?  
I have lost my sight, smell, hearing, taste and touch:  
How should I use them for your closer contact?*

GERONTION  
(fragmento)

...Que perdão, após se saber tanto?  
Pensa: a história tem múltiplas saídas,  
fantasia passagens falsas, solertes labirintos,  
questões inúteis que aliciam nossas ambições  
e por vaidade nos desencaminham. Pensa:  
ela nos presenteia se estamos distraídos  
e o que nos dá envolve em tanta confusão  
que a inanição alcança antes o esfaimado.  
Tarde concede, quando já não se fia,  
ou a porfia não é senão um vício da memória  
obstinada numa paixão extinta. Ou põe cedo demais  
em frágeis mãos, tão insistentemente  
o que elas imaginam que podem dispensar  
que o esforço de recusa vira medo.  
Pensa: nem medo nem coragem podem nos salvar.  
Nosso heroísmo engendra vícios como filhos naturais  
e nossos crimes impudentes são sustentáculos



morais de virtudes que nos impomos cultivar.  
Da árvore da ira poreja o pranto compassivo.  
O tigre salta no ano novo. E nos devora.  
Pensa, finalmente: teria eu feito todo este sermão  
inintencionalmente, ou sob a compulsão de retrógrados  
demônios? Serei honesto contigo neste ponto.  
Eu, que próximo estive de teu coração,  
dele fui afastado, da beleza lançado ao terror  
e do terror à inquisição. Perdi minha paixão:  
de que me adiantaria tê-la conservado  
se se adultera tudo o que se guarda? Perdi  
vista, olfato, audição, tato e paladar.  
Mais próxima estivesses, como cerrar contato?

## ~ Emily Dickinson (1830-1886)

Embora muitos sejam excêntricos, são poucos os poetas singulares. Como pessoas e como poeta Emily Dickinson é um deles.

Passou toda sua vida no ramerrão doméstico em uma pequena cidade americana; aparentemente, não teve contato emocional, e emocional, apenas, se não com dois (ou três?) homens; intelectualmente viveu em reclusão praticamente absoluta. Segundo o mais atualizado recenseamento, deixou 1.775 poemas; contudo, excetuando-se sete poemas, não foi publicada em vida. Não sabia se era poeta...

T.W. Higginson, eminente crítico da *Atlantic Monthly*, uma das mais reputadas revistas literárias da época, a quem Emily Dickinson remetera quatro de seus poemas, achara-os “notáveis, embora esquisitos”, “demasiado delicados, sem força suficiente para serem publicados...” Ademais, “não tinham forma, suas rimas eram imperfeitas, seu ritmo espasmódico”, em suma... uma poesia de “belos pensamentos e palavras”, porém “descontrolada”. Sua sugestão era para que Emily “retardasse a publicação...”, o que de fato aconteceu.

Quando faleceu em 1886, sua irmã Lavínia encontrou, colecionados em 60 pequenos cadernos, mais de 900 poemas seus, e quatro anos depois, com o auxílio de Higginson, que os selecionara e “arrumara”, foram publicados 115 *Poems by Emily Dickinson*. Seguiram-se novas séries, mas não antes de 1945 veio a público a totalidade de sua obra. “Se a fama me pertencer, não poderei lhe escapar...” – havia ela escrito a Higginson.

É fácil, contudo, compreender-se o comportamento deste bom homem e bom crítico. A poesia de Emily não se ajustava aos cânones, fugia a regras, não tinha nada de “literária”, era “notável mas esquisita”, seus “belos pensamentos e palavras” eram “descontrolados”. Emily Dickinson era ela própria. “Muito delicada.”

A partir de certa fase em sua vida Emily Dickinson passou a se vestir de branco da cabeça aos pés. Era uma noiva da poesia. Romântica? – Sim. Mas poucos realistas foram mais a fundo do que ela na percepção do significado da existência, não só das maiores, como das coisas mais corriqueiras. Ela viu tudo com os olhos da poesia. É o que a singulariza. Mesmo entre os poetas.

As sucessivas edições parciais e “corrigidas” de Emily Dickinson foram objeto de reunião e restauração crítica completada por Thomas H. Johnson. A edição mais autorizada e recente é *The Complete Poems of Emily Dickinson*, edited by Thomas H. Johnson, Faber and Faber Limited, London, 1977.

*PRESENTIMENT – IS THAT LONG SHADOW*

*Presentiment – is that long Shadow – on the Lawn  
Indicative that Suns go down –*

*The Notice to the startled Grass  
That Darkness – is about to pass –*

## PRESENTIMENTO É ESTA SOMBRA

Presentimento é esta sombra  
Que se alonga no gramado  
Apontando o sol agonizante  
Advertindo a grama:  
As trevas vão chegar

### *TO MAKE A PRAIRIE*

*To make a prairie it takes a clover and one bee,  
One clover, and a bee,  
And revery.  
The revery alone will do,  
If bees are few.*

## PARA FAZER-SE UMA CAMPINA

Para fazer-se uma campina  
Um trevo e uma abelha...  
Um trevo, uma abelha e fantasia bastam.  
Porém, se abelha e trevo faltam  
Basta a fantasia.

## ~ D. H. Lawrence (1885-1930)

Considerado pela força de seu espírito e pela originalidade e correção de sua linguagem como um clássico da moderna literatura inglesa, Lawrence – cuja postura perante o sexo, a vida e a natureza, se reflete, sem ser ultrapassada, em numerosos movimentos de reivindicação libertária da atualidade – apesar de mais conhecido por seus romances, menos por seus excelentes ensaios, foi também um bom e original poeta, pelos temas e pelas formas.

Ao lado de Eliot e Pound, foi um dos abridores de picada do movimento poético denominado “imagismo”, que inaugura a temática e a postura da poesia de nosso século. Lawrence deixou na poesia obra não inferior a de seus trabalhos em prosa. Essa poesia, alimentada pelo mesmo espírito que originou sua prosa e construída, caracteristicamente, de versos livres, destaca-se por seus recursos audaciosos, extremamente diretos, inteligentes e chocantes.

É a poesia de um pioneiro, lutando por espaços mais amplos e livres. Poesia de um homem sem temor, nem concessões, perseguido eternamente pela censura, não só de seus romances como também de suas telas, cujos nus ousavam se apresentar com pelos públicos...

Louis McNeice, reputado crítico inglês, o considera uma imaginação privada de bom senso, um eterno adolescente – o que ele certamente foi, graças ao bom Deus!

Cerca de mil poemas foram escritos por Lawrence. Os críticos consideram melhor tê-lo em seleções do que no *Complete Poems*. Há uma boa seleção editada pela Penguin Books: D.H. Lawrence, *Selected Poems*, ed. por Keith Sagar, London, 1972, re-ed. 1978.

### *BAVARIAN GENTIANS*

*Not every man has gentians in his house  
in soft September, at slow, sad Michaelmas.*

*Bavarian gentians, big and dark, only dark  
darkening the day-time, torch-like with the smoking  
blueness of Pluto's gloom,  
ribbed and torch-like, with their blaze of darkness spread blue  
down flattening into points, flattened under the sweep of white day  
torch-flower of the blue-smoking darkness, Pluto's  
dark-blue daze,  
black lamps from the halls of Dis, burning dark blue,*

*giving off darkness, blue darkness, as Demeter's pale  
lamps give off light,  
lead me then, lead me the way.*

*Reach me a gentian, give me a torch!  
let me guide myself with the blue, forked torch of this flower  
down the darker and darker stairs, where blue is  
darkened on blueness  
even where Persephone goes, just now, from the frosted September  
to the sightless realm where darkness is awake upon the dark  
and Persephone herself is but a voice  
or a darkness invisible enfolded in the deeper dark  
of the arms Plutonic, and pierced with the passion of dense gloom,  
among the splendour of torches of darkness, shedding  
darkness on the lost bride and her groom.*

## GENCIANAS BÁVARAS

Nem todo homem tem gencianas  
em sua casa no setembro túbio,  
no tardo e triste dia de Miguel Arcanjo.

Gencianas bávaras, grandes e escuras,  
de um escuro que ensombrece o dia;  
tochas do enfumaçado-azul das sombras de Plutão;  
tochas eretas infernais com seu fulgor de propagada  
escuridão-azul se afunilando em pontas  
desmaiadas ao branco alvorecer do dia;  
flor-tocha da escuridão azul esfumaçada  
do deslumbrante azul-escuro de Plutão;  
negras lâmpadas do vestíbulo de Dis

queimando azul-escuro, lançando escuridão,  
escuridão azul  
sobre as lívidas lâmpadas de Demeter;  
vieste a quem buscar à branca luz do dia?  
– mostrai-me então qual o caminho.

Dai-me uma tocha! dai-me uma genciana!  
conduza-me o azul da tocha desta flor  
abaixo, pelas escadas escuras, mais escuras,  
onde o azul se escurece em mais azul  
onde baixou Perséfone –  
que seja agora, agora mesmo, do nevoso setembro  
para o reinado cego  
onde alvorece em negro a escuridão,  
onde a própria Perséfone não passa de uma voz  
ou invisível escuridão agasalhada  
nos braços ainda mais escuros de Plutão,  
varada pela paixão intensa da tristeza  
em meio ao esplendor das tochas negras  
que de trevas vestem a perdida noiva e seu esposo.

## ~ Robert Frost (1874-1963)

*“Slave to a springtime passion for the earth”*

(Escravo de uma paixão primaveril pela terra)

– ninguém definirá Frost melhor do que ele o fez neste verso.

Frost foi um poeta clássico do natural, da natureza, do campo, da tradição dos pioneiros, da cor local, do que há de melhor no americanismo cultural. Inveterado contador de histórias, sóbrio, composto – ao mesmo tempo intenso, embriagado de beleza. Talvez nenhum americano – figuras como Walt

Whitman e Emily Dickinson, Poe e Longfellow – tenha atingido sua estatura e universalidade poéticas. Ele sempre se recusou a facilidade aparente do verso livre, mas dentro da estrita disciplina que se impôs, poucos poetas conseguiram tanto vigor e fragrância poéticas. Graves – um veterano e patriarca da poesia inglesa moderna – o considera o maior poeta americano, e é provável que a maioria dos americanos esteja de acordo com ele. Ainda vivo, Frost foi reconhecido e celebrado como um “poeta nacional”. – Na tradução se perde, inevitavelmente, um de seus traços essenciais, dado pela tensão entre a naturalidade, a formalidade do seu verso, e a força poética do que é dito. Mas Frost é daqueles poetas que resistem às traduções.

Há sobre ele um belo poema de Galway Kinnell, “For Robert Frost”, que descreve o homem e o poeta com grande fragrância e vivacidade.

### *BIRCHES*

*When I see birches bend to left and right  
Across the lines of straighter darker trees,  
I like to think some boy's been swinging them.  
But swinging doesn't bend them down to stay  
As ice-storms do. Often you must have seen them  
Loaded with ice a sunny winter morning  
After a rain. They click upon themselves  
As the breeze rises, and turn many-colored  
As the stir cracks and crazes their enamel.  
Soon the sun's warmth makes them shed crystal shells  
Shattering and avalanching on the snow-crust –  
Such heaps of broken glass to sweep away  
You'd think the inner dome of heaven had fallen.  
They are dragged to the withered bracken by the load,  
And they seem not to break; though once they are bowed  
So low for long, they never right themselves:*

*You may see their trunks arching in the woods  
Years afterwards, trailing their leaves on the ground  
Like girls on hands and knees that throw their hair  
Before them over their heads to dry in the sun.  
But I was going to say when Truth broke in  
With all her matter-of-fact about the ice-storm*

*I should prefer to have some boy bend them  
As he went out and in to fetch the cows —  
Some boy too far from town to learn baseball,  
Whose only play was what he found himself,  
Summer or winter, and could play alone.  
One by one he subdued his father's trees  
By riding them down over and over again  
Until he took the stiffness out of them,  
And not one but hung limp, not one was left  
For him to conquer. He learned all there was  
To learn about not launching out too soon  
And so not carrying the tree away  
Clear to the ground. He always kept his poise  
To the top branches, climbing carefully  
With the same pains you use to fill a cup  
Up to the brim, and even above the brim.  
Then he flung outward, feet first, with a swish,  
Kicking his way down through the air to the ground.  
So was I once myself a swinger of birches.  
And so I dream of going back to be.  
It's when I'm weary of considerations,  
And life is too much like a pathless wood  
Where your face burns and tickles with the cobwebs  
Broken across it, and one eye is weeping*



*From a twig's having bashed across it open.  
I'd like to get away from earth awhile  
And then come back to it and begin over.  
May no fate willfully misunderstand me  
And half grant what I wish and snatch me away  
Not to return. Earth's the right place for love:  
I don't know where it's likely to go better.  
I'd like to go by climbing a birch tree,  
And climb black berries up a snow-white trunk  
Toward heaven, till the tree could bear no more,  
But dipped its top and set me down again.  
That would be good both going and coming back.  
One could do worse than be a swinger of birches.*

## VIDOEIROS

Quando vejo vidoeiros encurvados  
para a esquerda, ou direita, claros  
entre os perfis escuros de outras  
árvores mais retas, me agrada  
imaginar que algum menino  
andou a balançá-los. Balanço  
de menino não verga vidoeiros  
para o chão como as nevascas fazem.  
Em manhãs de inverno ensolaradas  
depois de chuvas  
deves ter visto muitas vezes vidoeiros  
carregados de gelo. Tilintam quando  
a brisa se levanta e apanham muitas cores  
quando o vento aumenta e o balanço trinca e lasca  
sua capa envernizada. Sob o calor

do sol logo começam a despejar  
granadas de cristal que se estilhaçam  
e em avalanche crescem  
sobre o chão nevado: cacos de  
vidros esparramados, tantos, como se  
a cúpula do céu houvesse desabado.  
Curvados sob o peso lembram  
samambaias; vergam mas  
não quebram – porém dobrados  
tanto por tão longo tempo  
não endireitam nunca mais.  
Anos depois nos bosques podes ver  
seus troncos debruçados para o chão  
como se fossem moças de gatinhas  
com seus cabelos lançados para  
a frente para serem secados pelo sol.  
O que eu ia dizendo porém – antes  
que a Verdade sobre a nevasca  
se intrometesse com seus fatos –  
é que eu preferiria fosse algum  
menino a incliná-los no seu giro  
pelo campo a recolher as vacas.  
Algum menino que morasse  
tão longe da cidade que não se  
dedicasse ao beisebol, que não  
tivesse outro brinquedo senão aquele  
que descobrisse no inverno ou no verão  
para brincar sozinho. Ele conquistaria  
um por um os vidoeiros de seu pai  
montando neles um por um, por  
tantas vezes quantas necessárias

para domá-los. E não lhe restaria  
saltar se não de um. Já saberia  
tudo sobre não soltar-se cedo  
demais e sobre não vergar demais  
sua montaria para o chão.  
Já saberia manter seu equilíbrio  
nos mais altos ramos, subindo com  
cuidado, com tato igual ao que  
se aplica para se encher um copo  
sem derramar, até a borda, além  
da borda. Daí então, os pés  
à frente, se lançaria num balanço  
pelo ar para alcançar o chão.  
Assim eu era quando fui  
balanceador de vidoeiros e quando sonho  
em voltar a ser. Quando me canso  
de considerações e a vida fica  
parecida a bosques sem caminhos  
onde se arranha e irrita o rosto  
contra as tramas e um olho  
lacrimeja de um ramo que  
bateu-lhe. Gostaria de erguer-me  
do chão por algum tempo, para  
depois voltar a começar de novo.  
Não vá o destino mal me interpretar  
dando-me ao meio o que pedi:  
lançando-me, sem volta para o chão.  
Que se há de amar  
não imagino haja outro melhor.  
De vez em quando gostaria  
de subir num vidoeiro por

ramos negros sobre um tronco branco  
em direção ao céu, até que ele  
não me agüentasse mais e se vergando  
me devolvesse ao chão.  
Tanto o subir como o voltar seria bom.  
Pode-se ser pior  
do que um balanceador de vidoeiros.

## ~ Robert Graves (1895-1985)

Romancista, crítico e poeta, sucessor de Auden como professor de Poesia em Oxford, desde 1947 mudou-se para Maiorca. Graves exerceu poderosa influência sobre os poetas de meados da década de 30. Extremamente prolífico em todos os gêneros literários que praticou, terrivelmente erudito em alguns setores (mitologia por exemplo), rigorosamente exigente quanto a qualidade e fidelidade de seus poemas, avesso a qualquer atrelamento da poesia, cuja fonte primitiva e eterna é, para ele, o amor, Graves se caracteriza pela correção poética e pelo grande número de poemas de alto nível que podem ser destacados de sua obra. Tinha fisionomia de boxeador e, como crítico era assim temido pela força arrasadora de seus golpes.

*Collected Poems* (seleção do próprio poeta), publicada em 1959, não era um volume muito maior do que os *Collected Poems* de 1926, compilado de dezenove publicações anteriores, o mesmo sucedendo com re-edições posteriores, até 1978. “A taxa de sobrevivência da safra anual (de poemas) tem se mantido razoavelmente estável durante o período, à base de cinco poemas por ano” – escrevia Graves em 1959. Os demais eram simplesmente excluídos da seleção.

Inteligência, fantasia, graça e correção são características de Graves. São tidos como melhores, seus poemas de amor.

Uma seleção feita pelo próprio poeta e por Anthony Thwaite se acha em *Robert Graves*, Penguin Books, London (1961), reed. 1978.

*LOLLOCKS*

*By sloth on sorrow fathered,  
These dust-feathered Lollocks  
Have their nativity in all disordered  
Backs of cupboard drawers.*

*They play hide and seek  
Among collars and novels  
And empty medicine bottles,  
And letters from abroad  
That never will be answered.*

*Every sultry night  
They plague little children,  
Gurgling from the cistern,  
Humming from the air,  
Skewing-up the bed-clothes,  
Twitching the blind.*

*When the imbecile aged  
Are over-long in dying  
And the nurse drownses,  
Lollocks come skipping  
Up the tattered stairs  
And are nasty together  
In the bed's shadow.*

*The signs of their presence  
Are boils in the neck,  
Dreams of vexation suddenly recalled*

*In the middle of the morning,  
Languor after food.*

*Men cannot see them,  
Men cannot bear them,  
Do not believe in them —  
But suffer the more  
Both in neck and belly.*

*Women can see them —  
O those naughty wives  
Who sit by the fireside  
Munching bread and honey,  
From corners of their eyes,  
Silly allowing them to lick  
Honey-sticky fingers.*

*Sovereign against Lollocks  
Are hard broom and soft broom,  
To well comb the hair,  
To well brush the shoe,  
And to pay every debt  
As it falls due.*

## LOLLOCKS

Filhos tardios de aborrecimentos  
estes lollocks feitos de poeira  
são naturais dos fundos bagunçados  
das gavetas de velhos guarda-louças.

Brincam de esconde-esconde  
entre gravatas e novelas  
vidros vazios de remédios  
e cartas vindas do estrangeiro  
que nunca foram respondidas.

Nas noites abafadiças  
infernizam criancinhas  
gorgolejando nos poços  
zumbindo nos ares  
desarrumando os lençóis  
estalando as venezianas.

Quando velhos moribundos  
demoram muito a morrer  
e as enfermeiras cochilam,  
os lollocks vêm pulando  
pelos degraus arruinados  
das velhas escadarias  
juntar-se em baixo da cama.

Espinhas pelo pescoço,  
tristeza após a comida,  
lembranças de sonhos ruins  
bem no meio da manhã,  
denunciam sua presença.

Os homens não podem vê-los  
também não podem escutá-los  
e nem acreditam neles –  
pagam mais caro por isso  
No seu pescoço e seu ventre.

Mulheres conseguem vê-los  
– ah! as esposas malignas  
que se aquecendo à lareira  
mascam seu pão com manteiga  
e os observam furtivas  
praticar suas daninhezas  
permitindo que eles lambam  
os dedos que lambuzaram.

Porretes contra lollocks:  
vassouras e espanadores,  
pentear direito o cabelo,  
engraxar bem seus sapatos  
e fazer seus pagamentos  
no dia do vencimento.

## ~ Wystan Hugh Auden (1907-1973)

De Auden é comum se afirmar que foi prejudicado por excessivo talento, querendo-se significar que jamais alcançou sobre seus dotes a disciplina que lhe teria permitido realizar-se como o grande poeta que era. Sua riqueza atropelou sua paciência; a maioria de seus poemas, repletos de sensibilidade, engenho e beleza, são imperfeitos, nalguma coisa falhos e incompletos. Nalgum ponto, parecem fugir ao seu controle e se perderem. Auden tem excelentes poemas – mas – nenhuma obra-prima. (É a voz da crítica. Será?)

Devem ter sua parte nisso, a popularidade precoce e a histérica contradição dos tempos em que viveu, cujas luzes ora pareciam fogos apocalípticos, ora a reabertura edênica para o homem, mas, na realidade, nada iluminavam senão marasmo e completa indefinição.



Seja como for, Auden é tido como uma das figuras mais expressivas dos anos trinta e um líder incontestável da poesia da época. Buscando renovação e originalidade a todo custo, cultivou todos os temas, gêneros, estilos e tons, sendo um dos poetas de mais ampla tessitura e de mais numerosas vozes da poesia inglesa moderna. É esta, precisamente, a segunda e maior crítica que se lhe faz na atualidade: Auden, aparentemente, nunca se definiu; jamais chegou a ser um “poeta amadurecido”.

Não obstante, depois de Eliot, ele é o segundo citado pela história crítica da literatura de seu tempo.

W.H. Auden, *Collected Poems*, ed. by Edward Mendelson, Faber and Faber, London, 1976 – é a mais recente, completa e autorizada edição de sua obra.

#### EPITAPH ON A TYRANT

*Perfection, of a kind, was what he was after  
And the poetry he invented was easy to understand;  
He knew human folly like the back of his hand,  
And was greatly interested in armies and fleets;  
When he laughed, respectable senators burst with laughter,  
And when he cried the little children died in the streets.*

#### EPITÁFIO PARA UM TIRANO

Ele buscava perfeição (de um certo tipo).  
A poesia que inventava era entendida fácil.  
Conhecia a loucura (dos homens) como as próprias mãos.  
Como ninguém, se interessava por exércitos e armadas.  
Quando sorria, respeitáveis senadores explodiam em gargalhadas.  
E quando ele chorava criancinhas morriam nas calçadas.

## ~ W. B. Yeats (1865-1939)

Poetas, poemas e poesia, vão e vêm, como as marés. Estão sujeitos aos fluxos da moda, aos altos da fama, aos exageros da polêmica, às idiossincrasias da crítica. Há concessões, infidelidades vocacionais, altos e baixos do próprio poeta. As opiniões divergem.

Com referência a Yeats, poucos deixam de reconhecê-lo como um poeta completo. Prêmio Nobel em 1923, talvez seja um dos únicos poetas modernos cuja posição se acha tranqüilamente definida e consolidada na história literária. Muitos o consideram o maior poeta da língua inglesa depois de Wordsworth. Fazem-se ressalvas violentas mesmo a uma figura como a de Eliot – abominado por alguns como a negação da poesia. É raro ouvir-se uma voz discordante sobre Yeats.

Durante meio século, de 1889 a 1939 (até 48 horas antes de morrer) Yeats produziu poesia, obra vastíssima, com ampla temática, que passou por diferentes etapas, mas toda ela correta e sempre inspirada. Yeats (como Frost, dez anos mais moço do que ele) jamais se afastou da disciplina do verso medido e rimado, dentro do qual se movia com plena liberdade.

De certa maneira, ele trabalhou na intemporalidade característica dos clássicos, mantendo, contudo, uma frescura e paixão que não se encontram em todos e que são o segredo de sua permanente atualidade. Vida, é o traço mais constante e saliente de sua poesia.

Personalidade complexa, riquíssima, ativista político, teve destacado papel na recuperação das raízes e tradições célticas da Irlanda.

Há uma boa mostra da vasta obra poética de Yeats em W.B.Yeats, *Selected Poetry*, ed. por Norman Jeffares (1962) e reeditada em brochura pela Pan Books Ltd., London, 1974.

### *THE SECOND COMING*

*Turning and turning in the widening gyre*

*The falcon cannot hear the falconer;*

*Things fall apart; the centre cannot hold;  
Mere anarchy is loosed upon the world,  
The blood-dimmed tide is loosed, and everywhere  
The ceremony of innocence is drowned;*

*The best lack all conviction, while the worst  
Are full of passionate intensity.*

*Surely some revelation is at hand;  
Surely the Second Coming at hand  
The Second Coming! Hardly are those words out  
When a vast image out of Spiritus Mundi  
Troubles my sight: somewhere in sands of the desert  
A shape with lion body and the head of a man,  
A gaze blank and pitiless as the sun,  
Is moving its slow thighs, while all about it  
Reel shadows of the indignant desert birds  
The darkness drops again; but now I know  
That twenty centuries of stony sleep  
Were vexed to nightmare by a rocking cradle,  
And what rough beast, its hour come round at last,  
Slouches towards Bethlehem to be born?*

## A SEGUNDA VINDA

Girando cada vez em círculos mais amplos  
Já não atende o falcão ao falcoeiro;  
As coisas desmoronam; o centro se desmembra;  
Mera anarquia se espalha pelo mundo.  
Monta a sombria maré sanguinolenta  
E a cerimônia da inocência é afogada em toda a parte.

Falha aos melhores qualquer convicção.  
Vinga nos maus apaixonada intensidade.

Seguramente uma revelação vem vindo –  
Uma Segunda Vinda sem dúvida está próxima.

Segunda Vinda! Mal digo estas palavras  
E uma vasta imagem do Espírito do Mundo  
Perturba-me a visão: em qualquer parte  
Nas areias do deserto, uma figura  
Com rosto humano, corpo de leão  
E um olhar neutro e impiedoso como o sol  
Move seus quartos traseiros lentamente,  
Enquanto à sua volta giram sombras  
De iradas aves do deserto. – Apaga-se a visão.  
Mas sei agora que o balanço de um berço  
Transforma em pesadelo vinte séculos  
De pesado sonho e me pergunto  
Que rude besta – tendo soado a hora –  
Busca Belém para nascer.

### ~ Seamus Heaney (1959- )

O breve trabalho sobre “O milagre literário da Irlanda” publicado pelo número 36 desta revista (set. de 2003) contém um erro de omissão fundamental. Ali mencionamos quatro prêmios Nobel de Literatura. Com Seamus Heaney, premiado em 1995, são cinco.

É que quando ele foi premiado havíamos transposto a década de 70, em que traduzíamos e estávamos mergulhados no estudo da poética de língua inglesa. Re-intensificamos esse contato, jamais abandonado, ao ficarmos conhecendo Munira Mutran (professora e livre-docente da Universidade de

São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e fundadora e presidente da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses), fervorosa cultora da literatura irlandesa. Após a publicação desse artigo, delicadamente ela nos presenteou com *Finders Keepers – Selected Prose – 1971-2001* (Faber and Faber, London, 2002).

Ainda não temos conhecimento suficiente da poesia de Seamus para emitir uma nota sobre ela, mas esse volume de 416 páginas de prosa dedicada à poesia, poetas e poemas é, indubitavelmente, a obra de maior amplitude jamais produzida sobre esse tema. Estamos tentados a chamá-la de canônica, bíblica e evangélica a um só tempo, a um só tempo uma Suma para velhos poetas e um catecismo para iniciantes da poesia. Embora a maioria dos ensaios se concentre sobre poetas da língua inglesa, eminentemente modernos e contemporâneos, inclui alguns que se destacaram em outras línguas e outros tempos. E embora esteja escrito em prosa é eminentemente poética. De uma intensidade que a cada passagem nos induz a nos deter para meditar. Sua erudição se exprime por uma intimidade com os poetas, poemas e versos, como se Seamus convivisse com todos eles – o que é, exatamente, o caso. Elegendo-o como livro de cabeceira creio que superarei o sentimento de perpétua solidão que ronda a vida de todos os poetas.

E com esta breve nota me penitencio e espero resgatar a omissão cometida

#### *SAINT FRANCIS AND THE BIRDS*

*When Francis preached love to the birds  
They listened, fluttered, throttled up  
Into the blue like a flock of words*

*Released for fun from his holy lips.  
Then wheeled back, whirred about his head,  
Pirouetted on brothers's capes,*

*Danced on the wing, for sheer joy played  
And sang, like images took flight.  
Which was the best poem Francis made,*

*His argument true, his tone light.*

## SÃO FRANCISCO E AS AVES

Quando Francisco pregou amor aos passarinhos  
Eles ouviram, adejaram,  
E como um bando de palavras brincalhonas  
Partidas de seus lábios sacros,  
Ergueram-se no azul.

Voltaram revoando,  
Cirandaram chilreando á volta de seu crânio,  
Piruetaram entre os mantos de seus frades,  
Cantaram de alegria e como imagens  
Voltaram para o azul.

E esse foi o melhor poema de Francisco,  
Falando da verdade iluminado e docemente.

 HOMENAGENS

Última fotografia de Austregésilo de Athayde e D. Juju (Maria José de Queiroz) no jardim da residência na Rua Cosme Velho, 599 – Rio de Janeiro.





# Dez anos sem Austregésilo de Athayde

≈ Sessão de homenagem realizada  
em 11 de setembro de 2003

SERGIO CORRÊA DA COSTA

**E**sta é uma oportunidade para mim particularmente grata de evocar meu rico relacionamento com Austregésilo de Athayde – o que faço com grande emoção.

A diferença de idade deu ao nosso trato uma coloração de pai a filho, de confiança plena e profundo afeto.

Sobretudo na década de sessenta, uma das épocas em que servi na Secretaria de Estado, nos encontrávamos com freqüência, seja na Academia ou no casarão de Cosme Velho. Gostaria de lembrar, desde já, entre muitos, um episódio bastante pitoresco.

Agosto de 1967 – faz exatamente 36 anos. Athayde contou-me haver adquirido uma área estupenda, que mandara lotear. Fazia questão que eu fosse o primeiro a escolher um lote. Como o Rio vi-

via uma fase de intensa excitação imobiliária, perguntei logo: – “Mas, em que bairro?” – “No cemitério São João Batista”, respondeu rindo. Uma ocasião imperdível! E continuou: – “Quero levar você lá hoje mesmo, para que o neto de Raimundo Correia escolha o lote que lhe parecer mais aprazível.”

Manhã esplêndida, fresca e ensolarada. Tal um corretor de imóveis mostrando sua mercadoria ao cliente, Athayde acompanhou-me ao local, com passo firme e pleno conhecimento do caminho. O loteamento estava pronto, impecável, as unidades já com ar de preparadas para acolher os ocupantes. Sem hesitar, escolhi o que recebia a sombrinha fresca de uma árvore. Mais do que isso, tratei logo de ocupar fisicamente o lote saltando no que vim a saber tratar-se do carneiro número seis. Percorri alegremente o espaço, tecendo loas ao conforto que oferecia e – ainda me pergunto como consegui – subi à superfície com relativa facilidade sem precisar valer-me da mão que Athayde me estendia. (Hoje, precisaria de um guindaste).

– Menino, você não tem jeito mesmo!... foi a admoestação carinhosa que mais de uma vez me fez.

No dia seguinte, 11 de agosto, paguei hum mil cruzeiros novos ao contador Moisés Castro Mendes, e me tornei proprietário do lote em apreço.

Passam-se os anos e, mais de duas décadas depois, um belo dia, sem qualquer motivo aparente, recebi de Athayde uma carta, datada de 1.º de setembro de 1992, cujo original acabo de oferecer à Academia, em que me diz, textualmente:

*Querido Sergio:*

*O Carneiro n.º 6, da área externa do Mausoléu, adquirido por você em 1967, na sua condição de descendente de Raymundo Corrêa será um dia, que eu desejo seja o mais distante possível, ocupado por nossa tão estimada Zazi e filhos.*

*A minha amizade por você é paternal, pois entre mim e você existe nada menos do que o espaço de duas gerações.*

*Sei que quando você voltar ao Rio estará sempre comigo, pois revê-lo, ainda que por breve tempo, é para mim um motivo de ternura.*

*Com um abraço muito fiel do seu*

*Austregésilo de Athayde*

Faz poucos dias, aqui evoquei o episódio da brasileira de Oliveira Lima. Athayde não se conformava com o fato de tão precioso acervo continuar confinado à Universidade Católica de Washington, com raríssimos visitantes:

– Precisamos encontrar um meio, insistia comigo, converse com o Núncio Apostólico e veja se nos pode ajudar; visite o Reitor, procure convencê-lo a facilitar o acesso de milhares de estudiosos brasileiros à preciosa biblioteca.

Fiz inúmeras visitas à Universidade, pedi o conselho de advogados amigos, em busca de uma fórmula capaz de contornar o interdito testamentário do doador.

A fórmula, finalmente encontrada, consistiria em a Academia Brasileira de Letras doar à Universidade Católica de Washington uma propriedade no Rio de Janeiro devidamente equipada para receber o acervo Oliveira Lima e assegurar a sua manutenção no Brasil. Athayde se entusiasmou, ficou de procurar a sede ideal – no Rio ou em Campos. Mas a solução chegou tarde demais. Problemas mais prementes o atormentavam, o ciclo de sua vida se aproximava do final.

Sim, o final não tardaria, o que me faz evocar ainda um episódio de nosso relacionamento àquela altura. Foi na última quinta-feira em que com ele estive. Após o chá, segurou meu braço e pediu que o ajudasse a alcançar a sala das sessões e a subir os degraus da mesa diretora. No meio do caminho, fez uma pausa, olhou-me bem dentro dos olhos e comentou: *senectus ipsa* (a velhice por si mesma) *est morbus* (é uma doença). E prosseguiu, com esforço, até sentar-se na cadeira de presidente para cumprir, com estoicismo, o que entendia ser o seu dever.

A naturalidade com que Athayde evocou a máxima de Terêncio me faz hoje relembrar o elogio de sua formação humanística feito certa vez por Miguel Reale. Em mais de uma oportunidade teve ele ocasião de verificar a extensão e versatilidade da formação filosófica de Athayde. Era um conhecedor do pensamento helênico e do pensamento romano como bem poucos conheci – anotou Reale – e era um prazer imenso trocar idéias com ele sobre a filosofia de Aristóteles ou de Platão ou de Santo Tomás e Santo Agostinho.



Como esta é uma palestra descontraída, inteiramente espontânea, e como mencionei, faz pouco, o loteamento da área externa do Mausoléu, detenho-me ainda um momento no tema imobiliário, a que Athayde demonstrou não ser indiferente.

Como deixar de evocar o passe de mágica que orquestrou em 1967, quando o governo militar doou à Academia o imóvel em que funcionava o Tribunal Federal de Recursos? No que já foi chamado de “engenhosa costura”, Athayde teceu com a ECISA a manobra que o tornaria duplamente imortal. A empresa construiu o belo espigão no terreno doado, em troca do direito de explorar comercialmente o prédio por vinte anos.

Os vinte anos passaram rápidos. Em 1999, na soleira do terceiro milênio, o aluguel dos andares e salas passou a reverter integralmente à Academia. Com esses recursos, nossa entidade poderia começar a transformar em realidade os sonhos e horizontes também “costurados” por Austregésilo de Athayde.

Além do legado moral e espiritual e do exemplo inigualável de dedicação a esta Casa, abriu caminho à multiplicação dos campos de atuação da Academia, que hoje pode buscar contato com todos os segmentos da sociedade brasileira, diversificar seus próprios quadros e se tornar ainda mais atenta a seus deveres estatutários de proteção da cultura da língua nacional.

A folga financeira permitiu à Academia modernizar inteiramente sua produção cultural – as três coleções que edita –, bem como agilizar co-edições com editoras comerciais e dar à *Revista Brasileira* – a mais antiga do seu gênero no país – um visual atraente e atual. Além de multiplicar o número de títulos publicados, a ABL pôde melhorar sensivelmente a sua apresentação gráfica.

A visitação escolar, os ciclos de palestras gratuitas, as exposições impecavelmente montadas no térreo e no primeiro andar do Palácio Austregésilo de Athayde – todas franqueadas à visitação pública – assinalam uma abertura considerável e crescente da Academia à sociedade do país.

Como deixar também de evocar o galardão que tanto prezava – o de ter sido o principal redator da Declaração dos Direitos do Homem? Coube, por essa razão a Athayde proferir o discurso com que o projeto foi submetido ao plená-

rio da III Assembléia Geral da ONU, reunida em Paris, em 1948. Documento, aliás, que já foi chamado, com propriedade, de núcleo ético das Nações Unidas.

E como não evocar, a esse respeito, as palavras de René Cassin, após receber a notícia de que a Academia Sueca, no vigésimo aniversário desse documento, dentre os mais relevantes jamais aprovados pela organização mundial, lhe havia conferido o Prêmio Nobel da Paz. “Quero” – escreveu Cassin – “dividir a honra desse prêmio com o grande pensador brasileiro Austregésilo de Athayde, que, ao meu lado, durante três meses, contribuiu para o êxito da obra que estávamos realizando por incumbência da Organização das Nações Unidas.”



No reinado de Athayde, ir à Academia consistia em ir ao seu encontro, ir à sua cadeira, que aqui já foi chamada de trono, trono do poder, tendo por contraponto a de seu gabinete, a “cadeira da caverna” a que se referiu Lêdo Ivo – na penumbra de sua sala de patriarca vigilante, sempre cordial e acolhedor. O companheiro chegava, sentava-se, de preferência na cadeira à sua direita, e começava então – permitam-me a expressão – o “papo”. Às vezes, nas conversas mais íntimas, a atmosfera lembrava a de um confessionário. E o visitante, via de regra, se sentia “absolvido” e partia contente.

Impossível a um presidente levar mais a sério o mandato que lhe era renovado cada ano, pelos tempos afora, como um gesto natural, rotineiro e indiscutível, de seus pares. Algo precioso que não poderá se repetir. Athayde não apenas parecia eterno – ele foi eterno, pois sepultou mais de uma academia, como ele mesmo salientou.

Num dos mais felizes elogios à memória de Athayde, disse Miguel Reale que sua presidência envolveu a sincronia de dois estímulos – o estímulo para a espiritualidade e a vocação para as coisas práticas.

Com efeito, além de bater-se para conquistar mais gabaritos para o futuro Centro Cultural do Brasil, entendia caber-lhe a busca da onnipresença. Cada convite era percebido como convocação para o que julgava ser o dever do presidente desta Casa, ou seja, o de assinalar a presença da ABL em todas as oportunidades que surgissem – de onde a onnipresença virtual de Athayde até o fim, apesar das limitações impostas pela idade.

Nas viagens de longo curso, como as que o levavam a Lisboa para o prêmio Camões, procurava partir na sexta ou no sábado para poder estar de volta a tempo para a sessão ordinária seguinte.



Antes de concluir estas palavras de saudade – e por serem estritamente de saudade – evocarei mais um puxão de orelha de mestre Athayde.

Quando fui candidato e um jornalista me interrogou sobre o que me seduzia na Academia, tive a infelicidade de alinhar – entre outras – a atração de uma vaga cativa na garagem do espigão que seria um dia o Centro Cultural do Brasil. Austregésilo não achou a menor graça e me passou um pito em regra. “Meu filho, não faça isso não! Essas brincadeiras não caem bem. Não repita!”

Quem sabe se a menção do episódio não será útil a futuros candidatos, evitando que repitam a mancada de que ainda hoje me arrependo?

## TARCÍSIO PADILHA

É muito difícil de se focalizar uma personalidade que dominou o espaço público e cultural do país durante tantas décadas, à frente da Academia Brasileira de Letras, aquela que é vista pelo povo quase como um mito, que domina e invade o imaginário do povo brasileiro.

De outra parte, dez anos sem Austregésilo de Athayde gera a objeção: não há o recuo histórico suficiente para um tipo de avaliação mais aprofundado. A objeção é válida. E o ilustre colega a fez na ocasião. Considerou a Academia, entretanto, que este ritmo veloz da nova história da contemporaneidade faz com que os acontecimentos se vão sucedendo em obediência a um ritmo vertiginoso, e o grande perigo está em que figuras relevantes para a nossa cultura, para a ciência, para a política, para as artes possam desaparecer rapidamente no olvido do grande povo brasileiro.

Então, este é o momento de dizer: atenção, Austregésilo ainda está conosco. Não se esqueçam dele. Sua relevância se nos afigura inquestionável. Por conseguinte, em nome da preservação da memória é que volvemos os nossos olhos, aqui e ali, para esses vultos importantes da vida cultural brasileira. E o fazemos no mês de setembro, neste mês pesado, a respeito do qual Candido Mendes, Affonso Arinos e tantos outros colegas se referiram na nossa sessão das dezesseis horas, o mês em que a consciência humana deve emergir para não submergir. Setembro é um mês marcante no aparecimento, na emergência desta grande figura, que nasceu num 25 de setembro ao fim do século XIX e faleceu também num 13 de setembro, há dez anos.

Austregésilo ingressou nesta Academia em 1951. Poucos anos depois assumia a presidência, que iria percorrer três longas décadas e pouco. Mas quem foi este Austregésilo de Athayde?

Homem culto – já foi aqui referida a sua formação no seminário da Prainha; esse pernambucano, cearense talvez de adoção, porque lá viveu parte importante de sua vida –, Athayde foi uma presença cultural, social, marcadamente cívica em nosso país, porque aliava à cultura a sua capacidade de expressar-se; a sua presença era a palavra. A palavra da Academia em todas as cerimônias. Já se disse: ele não rejeitava convites. Não era uma pessoa de freqüentar festas, era pessoa de levar a Academia às instituições nos momentos que ele considerava relevantes, e foi dito que ele o sentia como uma obrigação.

Há que considerar, na história da Academia, daqueles presidentes já falecidos, três momentos extremamente importantes: o momento inicial, com Machado de Assis, que deu o grande aval para a Instituição, para a idéia generosa de Lúcio de Mendonça. Sem Machado de Assis nós não estaríamos aqui. Outro momento foi o da presidência de Afrânio Peixoto, quando, graças à sua habilidade, às suas relações com a França e seus representantes, se tornou possível à Academia ter a sua sede própria – o Petit Trianon, onde nos encontramos. Mas foi depois, com Austregésilo de Athayde, que a Academia ganhou a sua autonomia definitiva. Alçou o seu vôo para a independência. Não depende dos poderes públicos, não depende de doações, realiza os seus programas e os executa com a liberdade dos filhos de Deus, digamos assim.

A Academia Brasileira é uma instituição rara no mundo de hoje; mesmo em países remediados é difícil de encontrar-se uma instituição com estas características.

Austregésilo de Athayde foi, antes de tudo, um liberal. Um liberal que soube, de uma forma extremamente hábil, original, diplomática, conviver em diferentes períodos dessa história de tumultos que é a nossa história política, para alcançar o objetivo a que ele se propôs: o objetivo de dotar a Academia dos recursos necessários para a realização das suas superiores necessidades. Foi uma obra de engenharia política, reveladora de um talento especial. Quando conseguiu o terreno, quando concebeu a forma da construção, pela ECISA, e depois a entrega, em 1999, de todos os recursos para a Academia.



Mas Athayde se tornou também um campeão dos direitos humanos, quando discutiu em Paris, com a firmeza nordestina, a firmeza deste nordestino pleonástico a que se refere Marcos Vilaça, aquela têmpera indomável que fez com que ele lutasse pela definição inicial da Declaração dos Direitos Humanos “a partir da imagem e semelhança de Deus”. Não o conseguiu uma vez que os representantes dos países socialistas não podiam assinar uma tal declaração, mas retirou-lhe aquela pitada de agnosticismo contida na expressão “pela natureza”, como se o homem fosse o fruto necessário de uma lenta evolução, digamos, das fermentações do lodo da terra, como se o homem emergisse dali sem que desabrochasse como consciência e liberdade.

Foi exatamente esta nota essencial por ele introduzida na Declaração, de que resultou o reconhecimento por figuras da maior expressão à época, como René Cassin, e posteriormente, como Jimmy Carter. E o reconhecimento até pela Senhora Roosevelt, que por assim dizer lamentou não poder acompanhá-lo porque já tinha assumido um compromisso.

Barbosa Lima Sobrinho pinça um aspecto da personalidade de Austregésilo de Athayde que é a questão referente a convicções religiosas possíveis. Disse Barbosa Lima: “Tenho a convicção de que Austregésilo de Athayde sentia necessidade de uma religião que o amparasse. Passou a fazer do patriotismo a sua religião, com um fervor que nunca mais o abandonou até o último momento de sua vida.

Eu acredito que o futuro dos direitos humanos passa pela universalidade da ética do cotidiano da vida dos homens, das instituições e dos governos. Este foi o sentido, o direcionamento dado por Athayde à sua obra.

Quero referir aqui, rapidamente, uns poucos pronunciamentos de acadêmicos sobre Austregésilo de Athayde. Adonias Filho: “Esta Academia vai dever a V. Exa. essa prosperidade, esse esplendor, esta magnificência, esse estímulo aos escritores brasileiros que futuramente venham a fazer parte dela. O mérito desta obra ninguém tirará de V. Exa.” E Athayde respondendo a Carlos Chagas disse: “Compreendi desde cedo que a Academia não realizaria a sua alta missão cultural se não dispusesse de solidez econômica que a tornasse independente e soberana nas suas decisões.”

Marcos Vinícios Vilaça: “Depois de Machado de Assis foi Austregésilo de Athayde quem deu mais vida à Academia Brasileira de Letras. Nele havia essa disposição para as manhãs semanais. Era a imagem viva do verdadeiro patriarca da cultura brasileira.”

Efetivamente, este homem, aberto a todas as correntes de opinião, tinha a consciência nítida e clara de que as interfaces entre os saberes jamais poderiam ser interpretadas como intrujices. Certa feita, Mário Henrique Simonsen foi criticado por ter procedido a algumas disquisições de caráter filosófico. Ele reagiu com o livro *Ensaio analítico*. Foi sua última obra, em que ele diz exatamente isto: “Eu me arrego o direito de filosofar, como ser humano.” Athayde tinha também esta compreensão de que os saberes não têm delimitações geográficas, e nenhum especialista pode estar à porta com a chave mágica que só ele possui, para que outros ingressem numa espécie de terreno sagrado. Todos podemos falar de tudo. Todos podemos pensar, mas sempre baseados em argumentos, porque dizia Athayde, que tinha fé no diálogo: quem ataca o adversário com violência demonstra que o insulto é o seu único argumento.

Era um liberal, um homem aberto às modulações da conjuntura e às flutuações do pensamento, mas centrado em valores permanentes que asseguraram para todo o sempre a estabilidade desta instituição que ele tanto amou.

## CÍCERO SANDRONI

Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras, senhor Embaixador Sergio Corrêa da Costa, senhor Professor Tarcísio Padilha, senhores Acadêmicos, minhas Senhoras, meus Senhores.

Depois das duas magníficas sínteses que acabamos de ouvir sobre esta personalidade ímpar da vida brasileira, torna-se difícil para mim discorrer sobre o acadêmico que hoje homenageamos, embora com ele tenha convivido por quase meio século. Pediria, então, licença para tratar apenas de um tema dessa vida múltipla que foi a de Athayde.

O que me impressiona em Austregésilo de Athayde é a permanência, na sua trajetória de vida, do que eu chamaria de coerência do contraditório. *Soi-disant* agnóstico, defendeu a inclusão do nome de Deus na Declaração Universal dos Direitos Humanos, com o argumento de que as populações dos países ali representados – e eram poucos, 50 ou 52, na época – acreditavam na existência de um Ser Supremo.

Suas idéias liberais no campo político não se estendiam ao econômico, como pode ser comprovado pelos vários artigos em defesa da criação da Petrobras e da manutenção do monopólio estatal do petróleo.

Um conservador, como muitos diziam? Sim, mas um conservador interessado em conservar os valores e, ao mesmo tempo, em transformar a realidade, quando necessário. O melhor exemplo dessa atuação pode ser encontrado quando discordou de acadêmicos, entre os quais alguns dos seus melhores amigos, que, nos anos 60, desejavam demolir este *Petit Trianon* para, no terreno, construir um edifício. Athayde insistiu na preservação do pavilhão francês, na certeza de que a grande mudança viria mais tarde – e ele tinha tempo para realizá-la – com a construção do edifício que hoje leva o seu nome.

Quando, ao fim do Governo Bernardes, Assis Chateaubriand publicou o livro *Terra desumana*, catilinária contra o político mineiro que deixava o poder, Athayde não hesitou em publicar, em *O Jornal*, à época o órgão líder dos Diários Associados, um longo artigo de crítica ao livro de seu amigo e patrão, em defesa do presidente que governara quatro anos sob estado de sítio.

Por fim, embora democrata, e em princípio defensor da rotatividade do poder, permaneceu por 35 anos na presidência desta Casa, reeleito a cada ano, é verdade, mas detendo em suas mãos um poder quase autocrático, que só a morte interrompeu.

O liberalismo político de Athayde, de que fala Tarcísio Padilha, se manifesta desde cedo, quando João do Rio, membro desta Casa, foi espancado por oficiais da Marinha que o acusavam de estar a soldo dos portugueses que pescavam em águas brasileiras. Nessa ocasião, Athayde escreve violento artigo contra os agressores, embora discordasse, em gênero, número e grau, das idéias que o jornalista João

do Rio defendia no jornal *A Pátria*. Em sua preocupação com a liberdade de imprensa, vemos nesse episódio um Athayde nacionalista, insistindo em que os portugueses não tinham o direito de pescar nas águas territoriais brasileiras. Mas João do Rio, já então acadêmico, no uso da liberdade de imprensa não poderia ser coagido ou censurado, e muito menos vitimado por aquela cruel agressão.

Sua preocupação com a liberdade de imprensa é permanente. Esse episódio que acabei de relatar data do princípio do século XX; mais tarde bateu-se pela liberdade, ao engajar-se na Revolução Constitucionalista de 32; em seguida, com os ataques ao nazismo e ao fascismo, Athayde foi o primeiro jornalista brasileiro a escrever duras críticas a Hitler e Mussolini; depois, as críticas ao Estado Novo, quando a censura o permitia, até a notória defesa que fez dos jornalistas Carlos Heitor Cony e Helio Fernandes durante o regime militar.

É preciso lembrar ainda a sua permanente pregação contra a interferência dos militares na política. Apenas uma vez, em 1964, aceitou, sem críticas, num primeiro momento, como tantos outros liberais, o golpe militar, por temer um conflito que levasse o País à guerra civil. Mas, no dia 2 de abril daquele ano, no *Diário da Noite*, publicou enérgico artigo, pedindo anistia para os derrotados e a devolução do poder aos civis. Amigo pessoal de Castelo Branco, não se sentiu por isso impedido de criticar duramente a Lei de Imprensa enviada por ele ao Congresso e de escrever criticamente contra a “Constituição” – alguns preferem colocar o termo entre aspas – de 1967. Nesses artigos ele pediu eleições diretas muito antes do movimento que empolgou o Brasil, combateu os Atos Institucionais e defendeu jornalistas perseguidos.

Voltando um pouco a 1948, diria que o liberalismo de Austregésilo de Athayde, que se demonstrara no início do século e se acentuara no fim do Estado Novo, levou o chanceler Raul Fernandes a convidá-lo para integrar a Delegação do Brasil que participou da III Assembléia Geral da ONU, em 1948, em Paris. Sua atuação na redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos é conhecida por todos.

No meio século seguinte à promulgação da Declaração, a Humanidade passou pela mais profunda e mais rápida transformação social desde a invenção da

roda. Da biotecnologia à Internet, da clonagem de Dolly à instalação de uma estação espacial, o futuro já é uma parcela do presente. Sem perceber, ingressamos num mundo novo, que só será admirável na medida em que a tecnologia respeitar integralmente os valores humanos.

Não é isto o que tem acontecido. A história dos últimos 55 anos demonstra exatamente o contrário: enquanto os idealistas de 1948 pediam respeito aos postulados da Declaração, o documento foi se transformando aos poucos numa peça de literatura utópica, ignorado por quase todos os países signatários e os que depois ingressariam na ONU. Seus 30 artigos não passam de letra-morta, enquanto guerras, prisões, maus-tratos, torturas e assassinatos por motivos políticos constituem rotina em quase todos os quadrantes do globo terrestre.

No campo social, o desemprego e a falta de assistência à saúde, a pobreza e a miséria, atentados flagrantes aos direitos estabelecidos na Declaração – o primeiro deles declara “o direito à vida” – afligem de forma endêmica mais de dois terços da Humanidade. Políticas impostas por nações poderosas levaram os países periféricos à regressão produtiva, acompanhada pelo desaparecimento da moeda, como aconteceu recentemente em vários países da América Latina, pelo avanço da cosmopolitização dos padrões de consumo, pelo aprofundamento das desigualdades e o *apartheid* social. Ainda hoje, no Brasil, quando se celebra a Declaração Universal dos Direitos Humanos com belas palavras e boas intenções, todos os dias os jornais noticiam violações aos direitos humanos.

Creio que não é preciso me estender muito sobre este assunto, porque estão registrados nas páginas dos jornais brasileiros, a cada dia, essas violações e o reconhecimento, por parte de autoridades, de que nada podem fazer. A situação chegou a tal ponto que se transformou em profecia o texto cético do cronista Rubem Braga publicado no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro logo que chegou a notícia da assinatura da Declaração, em 1948, e do discurso proferido por Austregésilo de Athayde encaminhando a votação. Escreveu então o cronista, com seu estilo inconfundível:

“Eu acharia mais prudente escrever assim o artigo I.º da Declaração: Criados à imagem e semelhança de Deus e do Diabo, os seres humanos nascem li-

vres ou escravos, e sempre desiguais em direito e dignidade. Alguns estão dotados pela Natureza de razão e consciência, muitos de espírito de porco e de inconsciência, e todos de baixos instintos, de tal modo que devem agir, reciprocamente, com a maior cautela e desconfiança.”

O II de Setembro e tudo o que tem acontecido depois mostram que Rubem Braga tem uma certa razão. Mas, apesar do cáustico ceticismo do “sabiá da crônica”, Barbosa Lima Sobrinho manteve viva a chama da esperança numa sociedade democrática, voltada para a justiça social, capaz de garantir aos seus membros um mínimo de segurança, trabalho e assistência, baseada nos princípios da Declaração. Assim, escreveu ele sobre o documento:

“O verdadeiro tratado de paz não foi o de São Francisco, mas o que se assinou em Paris, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que contou com a colaboração destacada do jornalista Austregésilo de Athayde. É em torno dela que devem se reunir todos os povos da Terra, mas não basta, evidentemente, ler o texto memorável. Não basta cumpri-lo com exatidão e entusiasmo: há que conscientizar os povos de que no amor aos seus preceitos está a barreira intransponível em que morrerão todas as formas de totalitarismo.”



Minhas Senhoras e meus Senhores.

Entre os patronos desta Casa encontram-se alguns nomes luminares de brasileiros que, à época considerados subversivos, se bateram pela Independência. Entre os fundadores e sucessores encontramos abolicionistas da primeira hora, republicanos e pensadores liberais. Mais recentemente foram eleitos para a Academia intelectuais de primeira grandeza, democratas e socialistas que sofreram pelo fato de pensar de forma diversa dos que se instalaram em 1964.

Redator da Declaração Universal dos Direitos Humanos, conservador dos melhores valores da Humanidade, sonhador da utopia liberal, Austregésilo de Athayde nos diz, com os pés fincados no pragmatismo que Roberto Athayde identifica nele, que, apesar de tudo, “realizar o sonho ainda é possível”.

## ROBERTO ATHAYDE

Venho trazer o meu agradecimento, e também em nome de toda a minha família, pela assiduidade com que a Academia tem cultivado a memória do Presidente Austregésilo de Athayde, pela intensidade com que ela retribui sua grande dedicação à Casa de Machado de Assis.

Aqui, entre presidentes que sabem o que significa a responsabilidade de gerir uma grande instituição, eu gostaria de frisar que este aspecto administrativo era possivelmente aquilo de que ele mais se orgulhava. Tinha com certeza múltiplas facetas, mas o homem de ação era preeminente em seus momentos de auto-estima.

Quando interrogado por mim sobre qual seria a sua filosofia, ele sempre respondia que era o pragmatismo, e procurava me explicar a sabedoria de medir as coisas por seus resultados com base nos conceitos básicos de Peirce e de William James.

Por ocasião do centenário de Austregésilo de Athayde, os seus biógrafos me consultaram sobre o título do livro que estava sendo escrito; tive a oportunidade de levantar a questão da primazia que a realização concreta tinha no espírito do homenageado. Um dos títulos cogitados para o livro era “A utopia de um liberal”. Atinei, então, que, para quem contempla essa vida de fora, a palavra utopia pode ser plenamente justificada: uma dedicação tão íntegra aos ideais de liberdade, no Brasil, e um devotamento tão isento e tão longo a uma Academia de Letras com certeza têm o seu quê de utopia. No entanto, eu estava certo de que o próprio Austregésilo não seria favorável a um tal título, porque a palavra utopia lhe seria desagradável se porventura intuída no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras.

O biografado de *O século de um liberal* renunciou à utopia mística e optou pelo século quando desistiu de envergar a batina. Nós, agora, estamos literalmente à sombra do concreto que ele realizou.

Felicito a Academia e agradeço a Academia pelo muito que cultiva a lembrança do Presidente Austregésilo.



Alceu Amoroso Lima  
no II Congresso  
Internacional de  
Democracia Cristã, 1957.  
Acervo do Centro Alceu  
Amoroso Lima para a  
Liberdade



# 20<sup>o</sup> Aniversário de falecimento de Alceu Amoroso Lima

☞ Sessão de Homenagem na ABL  
EM 21 DE AGOSTO DE 2003

EDUARDO PORTELLA

Acho que a Academia Brasileira de Letras acertou na iniciativa desta sessão em reconhecimento a tudo o que significou e que significa para nós Alceu Amoroso Lima. Ele é, sem dúvida alguma, um dos principais protagonistas da cena intelectual do século XX. Caracterizou-se por um esforço permanente de compreensão da cultura e da vida, fundado num tripé cada vez mais abalado, ou mais distante: a liberdade, a justiça e a ética.

Ele começa pelo exercício tenaz da liberdade crítica. Crítica das idéias, dos livros e do impreciso projeto nacional. Podemos localizar nessa decolagem, nesse início de viagem — viagem é uma palavra que ele gostava muito, tem inclusive um belo livro intitulado *Com-*

Depoimento  
transcrito de  
gravação, sem a  
revisão do autor.

*panbeiros de viagem*, falando na encruzilhada do pós- e do pré- — um diagnóstico preciso dessa passagem, dos que vieram do Parnasianismo, pós-parnasianos, dos que vieram do Simbolismo, pós-simbolistas, e dos pré-modernistas. Nesse instante, exatamente em 1914, Alceu se encontra, em Paris, com Graça Aranha. É um encontro em nome da renovação estética, da compreensão da arte literária, Graça provavelmente mais perto da vida da estética e Alceu mais da estética da vida. Houve ali uma interlocução produtiva, e essa interlocução de Graça e de Alceu funda uma das vertentes criticamente mais ricas do Modernismo brasileiro.

Alceu, em seguida, tem como segundo interlocutor, agora já em 1918, Jackson de Figueiredo. Jackson abre o espaço do debate intelectual. Alceu se beneficiou desse esforço de discussão constante, permanente das idéias, mas soube se preservar da contaminação do fanatismo ortodoxo. Ele nunca foi um ortodoxo. Aí ele se encontra e se separa de Jackson de Figueiredo. Em 1919 escreve o primeiro artigo, assinando *Tristão de Athayde*, no *O Jornal*, que veio a ser o jornal líder dos Diários Associados. É daí que saem os famosos *Estudos*, a série dos *Estudos*. Não acredito que alguém possa compreender a literatura brasileira pré-modernista e pós-modernista sem recorrer ao olhar, à visão generosa e lúcida de Alceu Amoroso Lima. Ele traça, portanto, o diagnóstico da transição. O seu livro divisor de águas, nesse momento, é *Afonso Arinos*, de 1922.

Costuma-se dizer que Alceu foi o crítico do Modernismo. Eu prefiro supor que ele foi o crítico dos modernismos, o grande qualificador do primeiro modernismo, de 1922, que teve em Oswald de Andrade uma figura impulsiva e ao mesmo tempo perspicaz, mas faltava-lhe provavelmente a disciplina de Alceu. Os críticos precisam ser imaginosos e disciplinados. E era assim Alceu Amoroso Lima.

Ele foi também o crítico do segundo modernismo. Quase podemos dizer que o segundo modernismo foi lançado por ele num famoso artigo intitulado “Romancista ao Norte!”, sobre *A bagaceira*, de José Américo de Almeida. Aí começa o famoso romance regionalista de 30; o segundo seria o de nossa Rachel de Queiroz. E assim vão se firmando, no Nordeste e também no Sul, com Érico Veríssi-

mo, também em Minas, com tantas figuras expressivas, o segundo momento do Modernismo. Às vezes foi chamado de romance regionalista. em certos casos, como o de Marques Rebelo, foi chamado de romance urbano, aquele que anteviu o avanço da cidade, da cidade inalcançável, da cidade grave e ao mesmo tempo inóspita, desta cidade que nós estamos vivendo hoje provavelmente num estágio terminal – no sentido de se concluir uma fase, não de se desesperar diante da possibilidade da grande metrópole. A grande metrópole é, ainda hoje, uma construção cotidiana de todos nós. Todos nós temos uma parcela de responsabilidade precisa com a elaboração tenaz e diária da grande cidade. Da grande cidade que nos escapa, mas sem a qual nós não podemos viver.

Alceu é também o crítico do terceiro modernismo, na sua vertente verdadeiramente moderna, porque existe nesse terceiro momento – aliás, existiu no primeiro também e no segundo às vezes – uma cisão entre o modernismo e a modernidade. Quando o Modernismo abraçou os grandes temas nacionais e retornou ao Brasil profundo, ele deixou de ser moderno e passou a ser um modernismo às vezes saudoso e outras vezes saudosista. Ele soube compreender, como um crítico moderno, essa terceira geração: João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa.

As periodizações cronológicas são sempre precárias. As pessoas, mais tarde, não coincidem. João Cabral estréia em 1942 com o livro *A pedra do sono*, que quase passou despercebido, e ele viria a ser o grande poeta da sua geração.

Nós, das Edições Tempo Brasileiro, temos o orgulho de termos publicado três livros de Alceu. O primeiro livro, *Revolução, reação ou reforma?*, foi lançado, na sede do *Jornal do Brasil*, os anos de chumbo da ditadura militar. Lá estava Alceu autografando o volume dos artigos que escrevera, cotidianamente, denunciando a barbárie, o autoritarismo, a brutalidade. Se estivesse hoje vivo, estaria na mesma trincheira, na mesma fronteira, e certamente denunciando essas mesmas derrapagens da História.

Editamos em seguida um livro do qual ele me deu a honra de sugerir o título – e ele, com a generosidade de sempre, aceitou: *Pelo humanismo ameaçado*. O terceiro que nós editamos foi *A experiência reacionária*. Em todos esses três livros se



Entre 1951-1953 AAL foi Diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana em Washington.

Acervo do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

percebe que há um sopro de vida em nome da liberdade, da justiça e da ética. É por isso que hoje e sempre, nesses vinte anos e certamente nos próximos vinte anos, nós vamos ter sempre que rememorar e render o nosso tributo, o nosso respeito e a nossa admiração a Alceu Amoroso Lima.

## CANDIDO MENDES DE ALMEIDA\*

Esta que é uma das belas manifestações sobre os vinte anos sem Dr. Alceu – e agradeço ao Presidente o ter aberto esta sessão com esta vinheta: vinte anos sem Dr. Alceu – nos coloca uma expressão que discutíamos muito e que eu acho que é a melhor consagração de Alceu Amoroso Lima – o Dr. Alceu. É muito difícil que alguém, tantos anos depois, passe para a história com este “Dr.” antes do nome. Mister se faz a comparação – porque isto é uma consagração do tempo passado – com uma consagração igual à do Dr. Johnson, que em toda a Inglaterra do século XVIII representou a capacidade de abrir o maior arco da ilustração e do convencimento e da identidade do povo inglês.

É esta marca que eu gostaria de desdobrar aqui: a imensidade de Dr. Alceu. Afonso Arinos, pai, dizia: “Alceu, todo em breves, nenhuma semibreve.” Toda a orquestração se fazia com as notas amplas do que pode ser uma orgiástica sinfonia, toda ela marcada por este timbre essencial. Dr. Alceu, pelo tamanho do percurso; Dr. Alceu, que praticamente, desde os anos 1910 até o fim da oitava década do século, está presente, num testemunho de vitalidade, de recado e de compromisso com a contemporaneidade do seu tempo.

Estávamos outro dia terminando de compilar a obra de Dr. Alceu: 150 livros, 150 títulos. E isto, agora, com alguma coisa de exuberante, as catadupas que vêm aí. Eu quero agradecer muito a Alceu Amoroso Lima Filho e o trabalho de quem, neste momento, está pensando conosco, Tuca, a abadessa Maria Teresa, no convento de Nossa Senhora de Santa Maria, em São Paulo, que com a sua capacidade de ler os hieróglifos vai nos permitir que, no quadro destes meses de comemoração dos vinte anos sem Alceu, nós possamos ter a carta diária de Alceu Amoroso Lima.

---

\*Depoimento transcrito de gravação, sem a revisão do autor.

É difícil, na história da contemporaneidade brasileira, se ter não um diário mas o dia-a-dia, como uma espécie de marca-passo da hora, da emoção de Alceu, o que se passou nesse arco imenso, ou pelo menos dos últimos trinta e cinco anos.

Nesta presença, Alceu, tão identificado com a sua Casa. Primeiro pelas parentelas. Não conheço um acadêmico que tivesse sogro e dois cunhados na Casa, na sucessão da sua tarefa: Alberto de Faria, essencialmente Otávio de Faria e Afrânio Peixoto. Alceu se sentindo nesta conversação mais que em casa. E em casa ainda no que são os seus prolongamentos. Emociono-me quando vejo Eduardo Portella, que Alceu via como seu sucessor na crítica, e o fez e o sagrou, deixando-o até mais à vontade, para se dedicar cada vez menos às letras e cada vez mais aos problemas universais. Havia o crítico – e como Alceu se comoveu com o fato de que Eduardo começava não só ao Norte, “crítico ao Norte” também, mas necessariamente também no que foi a sua grande presença no rodapé no Rio de Janeiro.

Alceu estaria tão contente de ver, na sua sucessão, no Centro Dom Vital, a Tarcísio Padilha. Alceu que falou de Rachel de Queiroz, falou essencialmente de José Américo, também dirige, no seu primeiro diálogo ao Crucificado, a Carlos Heitor Cony uma das visões críticas mais percucientes onde, no sentido profético do que seria esse romancista do contraste, da profundidade, da visão do absoluto, o trabalho subsequente de Carlos Heitor Cony.

Poderia dizer também do tanto que Alceu viu no trabalho extraordinário do Pe. Ávila, desenvolvendo o solidarismo – e aqui nesta Casa ele é o revérbero disto, o que representa a visão mais afinada da doutrina social da Igreja com a modernidade do fim do século XX. São tantas as parentelas, entramos por tantos reconhecimentos.

Queria falar, sobretudo, dessa contemporaneidade teimosa de Alceu, que tem essa capacidade de chegar ao seu tempo porque acima de tudo não é só um contemporâneo, é quem essencialmente realiza uma metanóia. Há um Alceu que se converte ao que ele considera a sua verdade ao longo desses setenta anos de lucidez. Alceu menino, em 1900 não tinha dez anos, ia trazido pelos pais a Paris,

descia no Havre e lia lá aquele anúncio da *quinquina*, que era um pouco na época o refresco que iria avançar as formas de absinto da *belle époque*. E ele dizia: “Olha a Quinquina”, que era a ama-de-leite de Alceu. E ele começa aí, nesse sentido, a demonstrar a sua capacidade de ser contemporâneo. Nas suas *Memórias improvisadas* – e devemos a Cícero a possibilidade de ter levantado também esse trabalho – Alceu, que assistiu às conferências de Bergson, que esteve ao lado de Maritain e de Léon Blois, naquele momento da aula magna da Sorbonne, dizia que Bergson o incomodava com o tamanho sucesso, com o excesso de flores, tarlatanas, envios, frutas frescas, até do Brasil, dos trópicos, dadas a Bergson, e ele um dia disse: “Afinal de contas, o que são essas pompas? Não sou uma bailarina.” Isto faz entender que essa vocação do discurso, da presença mais funda foi a que Alceu levanta em toda aquela sucessão de épocas, em que a metanóia prossegue. Há quase o dandismo naquele momento dos anos 20, quando um elegante, no sentido maior da palavra, se apresenta como um dançarino, naquele momento mais rigoroso da etiqueta do século passado, naqueles anos 20 dos pelintras.

Evidentemente, dentro daquela perspectiva havia toda uma força da *belle époque*, de que ele era também um coreógrafo e guardava uma certa incredulidade com os valores do absoluto ou das crenças mesmas. O Alceu daquele tempo vai nos deixar uma de suas mensagens: quando digo alguma coisa, logo me pergunto o que será o seu contrário. Não afirmo sem respeitar o que, em contradição, se afigura de imediato.

Eduardo Portella falou muito bem do primeiro artigo de Alceu, convidado pelo *Jornal do Brasil*, artigo muito claro dentro dessa idéia de que “os compromissos se fazem pelo prazer de os descumprir”. Era a idéia de saída do que teria que ser a necessidade de mudança, onde Alceu nos protagoniza, depois desse momento em que descobre os nossos modernistas, graças a um terceiro Afonso Arinos – que não posso chamar de Afonso Arinos sóter, mas de Afonso Arinos tio. Alceu ia fazer uma tese sobre a torre Mournier, a última torre merovíngia dentro do percurso do Tejo. E Afonso Arinos tio, que era um homem formidando, de bons bíceps, joga Alceu quase ao chão e lhe diz: Menino, você vai falar sobre torres merovíngias? Vá para o seu país descobrir a sua rea-

lidade, o seu concreto, e vai entrar no hirsuto, no novo e no surpreendente desse Brasil que você tem que merecer.

Nós vamos vê-lo em todas as tarefas levantar esse momento rigoroso, em que o professor de concretude do Brasil é Afonso Arinos tio, naquele momento ainda ideal de uma cultura sertaneja e que leva Alceu a essa preocupação e a essa sensibilidade contra a sua primeira vontade. Um Alceu quase *debonneur*, o Alceu das enormes leituras, e o Alceu que encontra, ali onde é hoje a Rua Rodrigo Silva, na Livraria Católica, como ele mesmo diz, aquele “cangaceiro que Deus acorrentou”. Ou seja, Jackson de Figueiredo.

Nós poderíamos entrar em tantos detalhes de como as duas personalidades se contrapuseram, como as duas personalidades não podiam se cruzar, mas é em função desse contraste entre Alceu, o dubitativo, contra o vulcão de crenças, e da violência da crença e da conscrição à crença, que era Jackson, que Alceu nos dá esse conjunto extraordinário de uma epistolografia, onde a passo a passo o duvidante e o absoluto czar das verdades se encontram, são amoldados, são trabalhados, e disso resulta o Alceu preparado para a sua segunda primeira comunhão, em 15 de agosto de 1928.

E aí temos um Alceu que, até por um compromisso de violar o seu temperamento, aceita como um serviço a Deus o cumprimento absolutamente autoritário do que fosse a verdade da fé. Perguntaram-lhe um dia: e se a Igreja, em algum momento, lhe pedisse que calasse? Alceu responde: “Com muita tristeza, eu quebraria a minha pena.” Não há possibilidade em Alceu da heresia criadora. Ele nunca seria o réprobo populista da hora. Ele não seria o homem com direito de questionar a verdade. Vai-se ver o retrato extraordinário de Dom Leme, com tudo o que poderia ser um pernambucano carioca, e a maneira pela qual, dentro dessa afabilidade, Dom Leme trouxe Alceu à presidência da Ação Católica e a essa Casa onde Alceu herda, responde, acompanha e segue a cadeira de Miguel Couto.

Alceu dos 30, vivendo a sua época de violência das ideologias. Alceu convocado por Plínio Salgado a realizar o que ele chamava “a equação do bom senso brasileiro”. O Partido Integralista é o partido dos católicos, e é evidente que naquele momento, ao lado do Padre Franca, Alceu mostra que era impossível



aos católicos encontrar-se de fato com um partido realmente unificado. Nós vemos que vinte anos depois cresce o que eu chamo de partido oculto do Dr. Alceu – aqui estão muitos dos seus membros. Mas fora esse partido, que está todo aqui reunido em grande conselho, nós temos a defesa absoluta do pluralismo, da diferença, do desejo de não encontrar nenhuma forma de maioria que pudesse criar uma matriz de dominação de pensamento.

Alceu de 50 na OEA, que vive depois da guerra o começo das democracias cristãs. Em maio de 1947, quando os quatro de Montevideu se reúnem – Alceu pelo Brasil, Manoel Ordoñez pela Argentina, Eduardo Frei pelo Chile e Dardo Regules pelo Uruguai – elaboram o documento do Movimento de Montevideu que serve de base para a criação dos partidos democratas-cristãos na América Latina. Alceu aceita a idéia da democracia cristã, mas diz: não entro em partido. Aí é que começa a carreira de Franco Montoro, como uma espécie de delegado do próprio Alceu.

É o período em que a grande mudança continuava nesse pluralismo. É o Alceu que vai naquela metanóia cada vez mais para uma visão de esquerda, presentindo o drama dos partidos democratas-cristãos, sobretudo a partir da catástrofe final da sua componente italiana, e que dentro disso vai nos mostrar o que foi a sua presença no momento em que passa a ser “a voz das injustiças sem voz”, que naquele momento, dentro das aulas conciliares, se transformava na frase-epíteto do Sínodo: há injustiça no mundo de hoje.

É o Alceu que um mês depois do movimento militar de 1964 fala em “terrorismo cultural”, que denuncia as torturas e que, na seqüência desses quadros, vai subir o Palácio das Laranjeiras, com carta em mão do Papa pedindo ao Marechal Presidente que pelo menos deixe Miguel Arraes em Fernando de Noronha, não na masmorra indigna em que se encontrava em Recife. Alceu cada vez mais ampliando a sua capacidade de representar alguma coisa que era em si mesma sacramental. E ele me dizia uma frase que agora quero completar: eram tantos homens de esquerda desse pensamento, que efetivamente estavam naquele momento enfrentando as piores violências, o silêncio das torturas, e que diante daquele Alceu que vinha às prisões; eu o acompanhei algumas vezes e

pude assistir ao fato, quando um desses perseguidos disse a ele: Dr. Alceu, em Jesus Cristo eu não acredito, mas na Igreja eu acredito. Havia ali uma possibilidade interessantíssima de uma mediação pela qual, no concreto desses recados, e vamos ver isso no filme de Heloisa Buarque de Holanda, encontramos aquele Alceu-pássaro, quase que voltejante, como diriam os franceses, aquele Alceu levíssimo, o Alceu dos gentios, que não era mais a figura dos católicos apenas, mas que extravasava pela sua visão de defensor dos direitos humanos. No filme, quando lhe perguntam: qual é a sua crença de modelo político? qual é a sua crença em termos de modelo econômico e de ideologia? Alceu, um ano antes de sua morte, diz: um socialismo com liberdade.

Nós vemos por aí o enorme trânsito, desde o homem que fora quase integralista até o que representou esse desdobramento final da metanóia. Um Alceu premonitório, um Alceu do canto do sabiá, três meses antes de morrer, quando falando do PT e de Lula diz: “Por que não voto nele ainda?”. Mas, definindo e situando o que já seria toda esta progressão, esta presença, este encontro. Este é o Alceu que está ali na exposição que a Academia apresenta, este o Alceu da largueza dos braços. Ali vê-se que desde os cinco anos ele não agüentava roupas apertadas. Era um pouco um símbolo, na fatiota, do que seria a largueza, a abertura, a amplidão. E não se vê uma só figura que não seja em movimento, e todo aquele sorriso latino de Dr. Alceu.

Neste encontro, em que o Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade, ao lado do Centro Dom Vital, se associam à Academia, quero dizer que estão aqui presentes todos aqueles que sabem, entendem o recado mais fundo deste Dr. Alceu de todos nós.

## MARCOS ALMIR MADEIRA

## ~ Alceu Amoroso Lima: alma, cérebro e lição

Há vinte anos parou um coração operoso e pródigo: falecia Alceu Amoroso Lima.

Tudo nele era a espontaneidade do sentimento, do que lhe ia por dentro. Se se pudesse falar de alma risonha e aberta, seria a dele. O homem de doutrina, de pensamento em livro, na cátedra e nas folhas da imprensa, era sempre uma projeção nítida, um reflexo cristalino da criatura exemplarmente humana, do homem maritaneamente *integral*. Nele as idéias – filosóficas, políticas, sociais, literárias – brotavam de uma certa ânsia, não diria de perfectibilidade, mas de grandeza, dignidade e generosidade bem claras na formulação das suas teorias e da sua crítica – muito principalmente das suas propostas de rendimento moral e social; vinham sempre embebidas no óleo cristão das suas cogitações, não de moral abstrata ou formal, mas nitidamente de ética social, força viva, fator de agregação, de solidariedade e compreensão entre as criaturas.

Em qualquer hipótese, a sua especulação teórica – e o mais expressivo – a sua definição ou tomada de posição política, vinham superiormente humanizadas por uma consciente obediência àquela “*ordre du coeur*”, de que falou o velho e sempre novo Pascal – e ele mesmo, Alceu, nos falava freqüentemente da “sabedoria do coração”. Daí o que tinham de superiormente humano ou de pureza estrutural as suas homílias leigas. Daí o sentido de apelo, que afinal lhe caracteriza a pregação – não o apelo comprometido pelo tom condenatório das censuras ácidas, mas enobrecido por uma espécie de doçura conceituosa, doçura intelectual, doçura civilizada. Tudo o que ele queria era a espiritualização da vida, pela espiritualização do processo educativo, que conduzisse à liberdade e à fraternidade. Em essência aspirava a uma educação em linha huma-

nística. Não foi senão por isso que confessou e definiu em livros, nos anos 30, certas divergências com a chamada “escola nova” ou “renovada”, que precisamente a Revolução brasileira de 1930 colocara no ápice da sua política reformista.

Mas Alceu Amoroso Lima não era um pensador de idéias fixas, exatamente porque era pensador. E teve, mais tarde, a clarividência, mais que isso, a probidade e a elegância de rever uns tantos argumentos da linha mais conservadora, não só em matéria de métodos e processos pedagógicos, como de educação a amplo senso. E ei-lo tranqüilo na sua lisura intelectual e no seu descortino, a escrever em 1959, em *Um educador brasileiro*, livro que reuniu estudos de vários autores sobre a obra de Lourenço Filho, o que ele chamou “o sentido moral” da sua pedagogia, estudo de alta expressão, a começar pelo título.

Falo de Lourenço Filho e registro, com prazer, que foi ele o introdutor de Emile Durkheim na Escola de Professores do nosso Instituto de Educação, traduzindo-lhe a obra mais famosa: *Les règles de la méthode sociologique* – que passou a ser leitura oficializada no educandário. Recordo o fato para ainda uma vez apontar a abertura de espírito, a superioridade, a sanidade intelectual de Alceu Amoroso Lima, O caso foi que alguns católicos sinceros (creio que sinceramente errados) componentes de uma ala extremista da nossa Igreja – quero dizer, do grupo de inspiração medieval – admiráveis, uns tantos, pelo talento e a coragem, excomungaram o objetivismo sociológico de Durkheim, denunciando uma filosofia marxista na advertência do mestre francês: “Os fatos também são coisas e como coisas devem ser tratados.”

Pois bem. Numa tarde, no PEN Clube, num debate, veio à baila, já não me lembro como, a reflexão do fundador do objetivismo sociológico. E Alceu, com perfeita naturalidade e lucidez, observou que materialista seria a sentença de Durkheim se houvesse concluído que os fatos sociais são *coisas*; mas o que ele sentenciou foi que “também” o são, não que apenas o fossem. Não houve, portanto, nenhum exclusivismo no pensamento do sociólogo, nenhuma concepção unilateral da realidade social plena.

A posição de Alceu, no caso, deixa mais uma vez evidentes a sua isenção, a sua mente enxuta de *arrières pensées*, a sua superioridade mental ou, mais uma vez, a inexistência de idéias fixas na sua faina de doutrinador. Quanto mais afastado delas, mais culto me parecia. Em essência, era um descontraído. E essa descontração do intelectual, que afinal refletia a sua segurança interior ou a do seu patrimônio de idéias, manifestava-se também na descontração do homem físico. Ele foi sempre um largado de si mesmo. No traje, irregular, desinteressado das relações da camisa com a gravata, quase sempre preta, e o nó, de uma duvidosa engenharia. Mas onde a sua descontração – eu ia dizer o seu alheamento – mais se acentuava era no volante do seu carro.

Nossa aula na PUC terminava à mesma hora. E havia uma permuta na *carona*; às vezes, eu o trazia; mas, quase sempre, ele. Na direção do carro, o risco, as surpresas do trânsito pareciam para ele meras hipóteses; a realidade estava na conversa, no diálogo, nas idéias, sempre idéias, ainda que dirigindo.

Recordo-me de uma vez em que avançou o sinal na Rua Jardim Botânico, empolgado pelo assunto de que tratava. Por uma coincidência irônica, era Sílvio Romero... Retrato ou caricatura, dizia-se, na PUC, que o Reitor, Padre Viveiros, quando entrava no carro de Alceu, benzia-se...

Afoiteza? Creio que será melhor pensar em ansiedade. Fora do seu mundo de pensador e de crítico, o mestre ilustrava a categoria dos ansiosos.

Ansiedade pode traduzir intensidade de alma ou até crepitação da própria generosidade. E Alceu era uma alma intensa. Na sua própria risada, entre rouca e aguda, havia um toque de franqueza ou daquela bondade de um crente expansivo. Socialmente, em termos de vida mundana, poderá ter sido tímido, se não omisso; intelectualmente, e no grupo da profissão, aquele entusiasmo, aquela facúndia, aquela euforia no trabalho.

Creio que ele tinha pressa. Pensava nos prazos irremediáveis da natureza. Parecia desconfiar da sua duração neste planeta. Vinha daí a sofreguidão com que produzia. De certo por isso, alijava da sua agenda tudo o que fosse acessório; ficava apenas o essencial. Aqui mesmo, neste nosso Triannon, não tomava o chá das quintas-feiras; ia direto à sala de sessões, segun-

do a informação geral, carregando a pasta cheia, congestionada de trabalho e deveres a cumprir.

Não sei se ele pressentia um fim próximo, mas a verdade é que me disse muitas vezes: – Você é jovem e eu já não o sou há muito tempo. O tempo é o meu desafio.

Creio mesmo, senhor Presidente, que essa preocupação de disputar, de concorrer com as horas do dia, enfrentando a mais inevitável das velocidades, terá de algum modo influído, aqui ou ali, num certo *négligé* literário. Estava em alta companhia: em Nabuco havia também o *négligé*, mas por motivo bem diverso. O belo Brummel da cena brasileira guardou altitude em tudo o que escrevia – no *négligé* inclusive, que acabou sendo nele uma transposição de certo requinte da aristocracia inglesa, para a qual, como se sabe, não era de bom-tom, ou seria provinciano, o rigor do capricho no traje, nas maneiras, na linguagem. O nobre *négligé* de Nabuco seria, talvez, uma nobre faceirice, não imitada, mas simplesmente assimilada desde a meninice. Em Alceu Amoroso Lima tudo vinha da própria índole e da ânsia de produzir sem demora.

Evidentemente, isso contrastava com a perfeita estruturação do pensamento ou a organização da idéia-núcleo. Mas certos desvios ou certas incúrias de linguagem davam a impressão de que aquelas páginas eram ainda esboços, alguma coisa pendente de arranjo definitivo, aguardando a última demão – espécies de rascunhos, sem dúvida profundos, sugestivos, substanciosos, a serem logo entregues ao editor, porque não havia tempo a perder...

Esta como que filosofia da pressa, ou melhor, do tempo que passa, inspira-me a recordar aquela cena de uma peça de Henri Lavedan, que mestre Alceu, por boa coincidência, se a memória me favorece, aplaudiu em Paris. É uma cena muda. Três velhinhas bordavam ou tricotavam em silêncio. Mais de cinco minutos transcorrem e uma delas indaga à que estava mais próxima:

– Quelle heure est-il?

A outra responde:

– Onze heures.

O silêncio continua dominando a sala e as três vão à janela, uma forma de ir à rua, sem sair de casa – coisa de velhinhas. Quando voltam, o diálogo continua:

– Quelle heure est-il?

– Onze heures 15.

E a outra:

– Comme le temps passe!

Como o nosso Tristão de Athayde veria essa deliciosa sutileza na idéia de tempo? Ele, que tinha pressa... Seja como seja, uma verdade é clara: teve uma bela velhice – rejuvenesceu nela, como chegou a dizer. Nela cresceu; engrandeceu-se mais e mais. Foi uma velhice retificadora – eu ia dizer corretiva. Deixou-nos uma errata ideológica, senão política; foi o revisor de algumas de suas próprias posições, na ânsia de tornar-se cada dia mais cristão, para honra do catolicismo brasileiro. Impregnou-se, mais que nunca, da mensagem divina e, creio, daquela advertência de São Paulo: “Cristo é tudo, em todos.”

De certo por isso, fez a opção: ficou com o povo.

## TARCÍSIO PADILHA

Hoje não cabe a cada acadêmico, a rigor, fazer um discurso, mas um quase discurso, dado que somos muitos que nos iremos suceder nesta tribuna.

Há um ponto que me chamou a atenção em vários pronunciamentos, hoje e numa outra reunião voltada para este grande vulto da intelectualidade brasileira. Diz-se que Alceu de católico passou a cristão. Penso que aqui há um cone de sombra, há uma nuvem cinzenta. É preciso dirimir esta dúvida.

Eu acredito, em primeiro lugar, que quando se fala em cristianismo, no caso de Alceu, é para segregá-lo do modelo rígido da cristandade. Ou, então, nós nos estaremos a referir ao seu universalismo. O catolicismo, então, seria o universalismo, porquanto Alceu entendeu, num dado momento, haver encontrado “o caminho”. E quando se encontra “o caminho”, os outros cami-

nhos podem ser percorridos, e devem ser percorridos, porquanto já há o referencial introjetado. Já há um ponto de referência, que foi estabelecido por força de uma metanóia – a que se referiu Candido Mendes, com o brilho de sempre.

Daí porque a opção radical do Dr. Alceu, radical no sentido de que foi à raiz do seu ser, é uma opção ontológica. Ele se deixou envolver por uma convicção que engloba potencialmente princípios capazes de solucionar os desafios com os quais o homem e a sociedade se defrontam. E muita gente imagina que se trata de uma camisa-de-força. Mas Alceu era o homem da liberdade, era o homem da espontaneidade. Ele não se deixaria conter num esquema aprioristicamente estabelecido, vizinho dos fundamentalismos que pululam no mundo da cultura.

Esse ponto se me afigura essencial para bem compreendermos o Alceu que, ao mesmo tempo que foi o notável crítico literário, aqui tão bem retratado por Eduardo Portella, que é dele de alguma forma um continuador, também foi um homem de pensamento, essencialmente um pensador. Digo até que nesse sentido ele foi mais do que um filósofo, porquanto a missão de um filósofo na maioria dos casos consiste em estruturar um sistema de idéias, com travessão lógica das teses, em obediência a um princípio diretor. Alceu jamais cogitou disto. O que ele fez, isto sim, foi haver captado, haver compreendido a crise da sua modernidade, e ter sobrevivido a outras modernidades que ele foi compreendendo e a que foi se ajustando, na largueza do universalismo das idéias, da sua opção radical e preferencial.

Daí porque a metanóia é essencial para lhe compreender o desfecho. Para essa metanóia ele se vale da robustez da fé de Jackson, como foi referido aqui. Mas Jackson tinha um temperamento arrebatado e muito voltado para o mundo da política da época. E Alceu já estava percorrendo outros caminhos. Fora à Europa várias vezes e lá se defrontou com um filósofo: Henri Bergson. E como ele me disse em particular, com outro filósofo: Louis Lavelle. E estes lhe abriram as portas para a compreensão da possibilidade da adoção de uma metafísica espiritualista.



Este é o ponto básico, é a partir daí que o Dr. Alceu irá compreender que a visão cética em que ele vivia – lendo Eça de Queirós, por exemplo, Anatole France e outros – e robustecida e confirmada pelo magistério de Sílvio Romero, tudo isto ele foi abandonando em nome de uma visão omnímota da realidade, por força da adoção do primado do espírito, que de resto é o título de uma das obras magnas de seu mestre Jacques Maritain.

E o que significou Jacques Maritain? Significou um mergulho na filosofia de Tomás de Aquino, que era a filosofia havida como a mais adequada ao pensamento cristão, por força da *eternae patris*. Mas nós não devemos encarar o pensamento cristão em obediência a essa visão extremamente superficial daqueles que ignoram a evolução das idéias. E não são apenas os homens comuns que a ignoram, até mestres de filosofia. Lembro-me bem, por exemplo, de que Émile Braille, autor de uma famosa história da filosofia, em nove volumes, dois dos quais ele confiou a discípulos, na sua cátedra de História da Filosofia na Sorbonne, terminava a primeira parte em Plotino e depois retomava com Descartes. Não havia nada no intervalo que merecesse a atenção do grande historiador. No livro sim, mas nas aulas não.

É um preconceito. Se examinarmos a filosofia cristã como Alceu o fazia, ele bem compreendia que ao lado do intelectualismo de Tomás de Aquino havia um voluntarismo de Duns Scott, havia toda a logicidade de um Abelardo, havia toda a mística de um São Bernardo. É imperioso que aqui realcemos esta visão de um cristianismo mais denso e mais rico, para que não fiquemos a supor que o Dr. Alceu fosse um *philosophus minor*, alguém cingido a um esquema de idéias, a um sistema rígido de tipo hegeliano e assim por diante.

Mas quero realçar aqui – porque Candido Mendes a isso me desafiou – e dizer uma palavra sobre aquele que no último momento eliminou os caminhos ainda marcados pela poeira da dúvida do grande Alceu: o Padre Leonel Franca. Jackson havia esgotado o seu arsenal de argumentos e teve a hombridade de reconhecê-lo. Daí porque apontou ao Dr. Alceu uma outra figura com a qual ele devia manter e continuar o seu diálogo, para poder dar-lhe o fecho necessário. Leonel Franca, neste ano em que celebramos os cem anos do Colégio San-



Casa Azul, Mosela, Petrópolis.  
Acervo do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

to Inácio, onde tantos de nós aqui estudaram, era a grande figura do pensamento católico de então. Junto com Dom Leme trouxe Alceu a esta Casa. O Padre Franca fora cogitado para aqui vir, e não aceitou. Era um homem que tinha uma bagagem tão ampla que tinha todas as condições para dialogar com o grande Alceu e solver-lhe as últimas dúvidas.

Mas há um ponto que eu quero sublinhar: é que a par do grande pensador que ele foi, ele foi um místico. Basta ver-se, como referi recentemente, a missa por ele celebrada às seis e trinta da manhã na igreja de Santo Inácio. A ela comparecia Alceu, e eu adolescente também comparecia. E eu via o sacerdote misticamente enlevado pela celebração maior do cristianismo, e o já grande pensador ajoelhado. Aquele sinal de reverência ante o Absoluto. E o Padre Franca dizia: “Com o Absoluto não se regateia. Quem não deu tudo não deu nada.” Alceu deu tudo de si.

## ANTONIO OLINTO\*

É fácil falar sobre Alceu Amoroso Lima. É difícil falar sobre Alceu Amoroso Lima. Isto porque ele ocupou tal espaço na nossa vida cultural e intelectual do século XX, que falar sobre ele necessitaria muito tempo.

Estou aqui entre vós e estou também em 1936 – já lá se vão muitos anos – quando eu não tinha ainda aprendido andar sem batina. Eu havia passado oito anos de batina no seminário, cheguei ao Rio de Janeiro e estava me acostumando com o paletó e calça, com essas roupas estranhas que todos usamos. E quem eu iria procurar recém-saído do seminário? Alceu Amoroso Lima. Procurei saber onde encontrá-lo. Disseram-me: na Ordem Dom Vital. Lá fui eu, procurei-o, apresentei-me: sou ex-seminarista, deixei o seminário de São Paulo há menos de um mês, vou ser professor aqui no Rio, estou começando a minha vida, e eu gostaria de não perder inteiramente o meu laço com a Igreja. Então ele me disse: – O maior perigo que você corre é perder a fé, o que acontece muito comumente quando um seminarista sai com a sua idade (eu estava com dezessete para dezoito anos). E a diferença entre a sua vida lá dentro, enclausurado, rezando missa diária, aprendendo latim, e essa vida aqui fora, às vezes vocês não agüentam. Então venha mais aqui ao Dom Vital. Venha porque nós estaremos perto de você.

Eu lá não fui tantas vezes como pretendi naquele dia e como quis. A vida leva para outros rumos. E comecei a seguir Alceu Amoroso Lima, primeiro, naquela série magnífica de *Estudos* que ele fez, e o que eu queria ser era escritor. Depois dos *Estudos* comecei a acompanhar tudo o que ele fazia, até que fui ler seus livros passados. Fui ler um livro de 1929, *Adeus à disponibilidade*. Acontece que naquele tempo André Gide estava no auge da sua fama. Tinha escrito um livro chamado *Les Nourritures terrestres*, em que ele pregava a dispo-

---

\* Depoimento transcrito de gravação, sem a revisão do autor.

nibilidade: devemos ser disponíveis. A disponibilidade é uma espécie de virgindade mental, capaz de aceitar qualquer idéia, qualquer tese, e através disso ganhar uma força maior.

De repente, no livro de Alceu ele dava adeus àquele período todo do mundo, desde 1910 a 1920, e de 1920 em diante, em que o mundo iria ser disponível. Deixando a disponibilidade ele assumiu um compromisso. Nós vivemos para assumir compromissos. Compromissos de todas as espécies. Nós vivemos para assumir o compromisso de casar-se uma vez. Assim como aprendemos toda a filosofia monoteísta e monogâmica que nos veio do povo judaico, nós assumimos um compromisso que significa abandonar tudo o mais. Quando se assume um, deixa-se mil, dois mil, um milhão de coisas fora daquele compromisso. Mas, assumindo compromisso, está-se também assumindo um dever de trabalhar por aquilo, e isso foi o que Alceu fez a partir de então. Já antes no tempo ele tinha começado, com Jackson de Figueiredo, mas a partir de 1929 ele assumiu de fato a liderança.

Foi uma liderança difícil. Na década de 30 e no começo dos 40 era difícil a pessoa confessar que era católico. Parece impossível isso hoje, mas então era. Alceu era o nosso líder e o nosso chefe.

Uma coisa eu estranhava nele como escritor: a falta de Machado de Assis. Não tinha falado em Machado de Assis em nem uma página dos seus *Estudos*. Eu não entendia como ele esquecia Machado de Assis. Não demorei muito. Em 1941 ele publicou um livrinho, em Belo Horizonte, chamado *Três ensaios sobre Machado de Assis*. Ele começa esses *Três ensaios* exatamente dizendo isto: “Por que será que em quinze anos de crítica literária nunca ousei aludir a Machado de Assis? Tentemos um pequeno exame de consciência. Vejo antes de tudo, como explicação, ou como pretexto, não sei bem distinguir, o vulto da tarefa, o senso da responsabilidade e a falta de tempo. Toda a prosa brasileira passa, no século XIX, por dois grandes canais: o de José de Alencar e o de Machado de Assis.”

Daí ele continua, para dizer que houve dois grandes escritores, prosadores — porque a poesia não se discute: Machado de Assis e Euclides de Cunha. Esses dois grandes escritores nos representam, o homem do interior e o homem do

litoral. Eles de fato resumiram todas as nossas qualidades e defeitos. E nesse pequeno livro, depois de vários anos sem citar o nome de Machado de Assis, ele escreve três ensaios magníficos, e foram reeditados há uns dois anos.

Alceu era um crítico literário, mas tinha também tanta convicção — nesta Academia eu sempre o julguei talvez o maior orador que nós tivemos. Ele tinha duas qualidades que raramente estão juntas: autoridade e suavidade. Ser suave ao falar é muito difícil. Ele o era. Autoridade, ele a tinha, e muita. E no momento em que estou diante de vós falando sobre ele, lembro-me de uma vez em que me candidatei à Academia Brasileira de Letras, visitei-o, ele me perguntou: — Você quer muito entrar para a Academia, não quer? Eu disse: — Dr. Alceu, vou dizer algo que o senhor vai entender, e poucas pessoas vão entender. A quem como eu já quis ser padre, convicto de que ia perdoar pecados com o fazer a cruz, convicto de que ia de fato perdoar os pecados de alguém que estava morrendo, tudo o mais é menos importante. Pode-se até não acreditar mais nisso, mas pelo fato de ter desejado, de ter acreditado que esses poderes estariam nas suas mãos, tudo o mais é pouco. O que não quer dizer que eu queira muito entrar para a Academia, eu quis apenas dar ao senhor uma comparação para mostrar a minha posição.

Depois disso encontrei-me com Alceu só uma vez. E fiquei pensando, depois que ele morreu: Meu Deus, como vai ser daqui por diante? Nós tínhamos sempre um ponto de referência. Era o Dr. Alceu, era o Tristão de Athayde, era o Alceu Amoroso Lima, que havia criado no Brasil uma tal força da literatura com os seus *Estudos*, que havia entrado praticamente na vida religiosa e tornara-se líder do catolicismo neste país. Então, como é que vai ser?

Estamos aqui, agora, comemorando a sua figura. Ele foi um dos maiores homens que este país já teve.

## ~ Alceu revisitado

Desejo que minhas primeiras palavras sejam de evocação ao que me disse, certo dia, o nosso homenageado de hoje:

“Em três décadas, passei por duas conversões: uma, a primeira, religiosa, quando descobri a Igreja Católica. E a segunda, social, quando compreendi a liberdade política.

Em nenhuma delas, o movimento foi brusco nem o verdadeiro caminho se mostrou de repente. Ao contrário, ambas foram o fruto de uma longa meditação.

À semelhança de Calógeras, só vim para a Igreja Católica depois de muito pensar e de muito sentir.”

Assim, se definia, em vida, um neto de lavradores portugueses, o Dr. Alceu Amoroso Lima, do qual exatamente na quinta-feira da semana passada, dia 14 de agosto, se completaram 20 anos de sua morte, ocorrida em 1983, quando já tinha quase 90 anos de idade.

Ele nasceu no dia 11 de dezembro de 1893, quando troavam os canhões da Armada do Almirante Custódio de Melo. Seu pai, Manuel, quis batizá-lo com o nome de Floriano, em homenagem a um florianismo contestado e, já então, agonizante.

Era filho de uma família abastada, que aprendeu a ler e a escrever com sua mãe e com João Kopke, um pedagogo revolucionário, e que, ainda bem moço, morando no Casarão Azul, da Rua Cosme Velho, nº 4, conheceu Rui Barbosa, Machado, Coelho Neto, João Ribeiro, Rodrigo Octavio, Afonso Celso e Sílvio Romero.

Diz ele que, em 1910, “a gente não sabia o que viria depois”. E o que viria depois? Ele próprio responde, lembrando que, três anos mais tarde, em 1913, voltou à Europa, quando teve uma antevisão da grande tragédia que se avizinhava, com a eclosão e os horrores da Primeira Guerra Mundial.

Em Paris, encontrou-se com Henri Bergson e Marcel Proust e com Graça Aranha, que o convidou para virem ao Brasil, a fim de agitarem a apatia literária: “E deu no que deu.” O que Alceu quis dizer com esta expressão – “deu no que deu” – foi exatamente a aliança estabelecida, entre ele e Graça Aranha, em favor da renovação literária no Brasil, que iria desembocar no Modernismo, detonado depois, no Salão Nobre da ABL, durante a histórica sessão do dia 19 de junho de 1924, com o grito de Graça Aranha: “Se a Academia não se renova, que morra a Academia.” E dali saiu carregado nos ombros, entre outros, pelos modernistas Menotti del Pichia, Cassiano Ricardo, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida e Alceu Amoroso Lima, os quais, por uma dessas felizes coincidências do destino, seriam, todos eles, em seguida, eleitos para a Academia.

Naquele ano Alceu já escrevera o seu livro *Afonso Arinos* e estava escrevendo o que viria a constituir os cinco volumes dos seus *Estudos*, simultâneos à sua célebre correspondência com Jackson de Figueiredo, que lhe foi apresentado por Afrânio Peixoto, e de cujo encontro, em 1928, redundaria sua conversão ao catolicismo, comunicada na carta “Adeus à disponibilidade”, escrita ao amigo Sérgio Buarque de Holanda. Alceu recorda: “No dia 15 de agosto de 1928, com 35 anos de idade e já declarando minha fé, confessei e comunguei pela primeira vez na vida, com o Padre Leonel Franca, na igreja de Santo Inácio.”

A amizade de Alceu com Jackson cimentou-se, segundo Antônio Carlos Vilaça, em 244 cartas, trocadas entre eles, cada vez mais numerosas e mais fraternas, datando a primeira de 15 de dezembro de 1919, e a última, com data de 3 de novembro de 1928, justamente na véspera da trágica morte de Jackson.

Alceu, morador da Rua Dona Mariana, em Botafogo, trabalhando na Rua da Candelária, jovem industrial e burguês, diretor da Companhia Cometa de tecidos. E Jackson, morador de São Cristóvão, trabalhando na Livraria Católica, Rua Rodrigo Silva.

Duas naturezas muito diferentes: Jackson, extrovertido, um ex-seguidor de Nietzsche, um adepto da Action Française e um defensor da Autoridade, da Hierarquia e da Ordem, um nordestino, sergipano, exuberante, barulhento, fulminante, boêmio, notívago, místico, veemente, polêmico, engajado. Alceu, introvertido, um pascaliano admirador de Chesterton, um carioca, tímido, delicado, discreto, voltado muito mais para a meditação do que para a discussão, partidário das idéias renovadoras e reformistas.

Apesar de todas essas diferenças, encontraram-se e entenderam-se, tocados ambos pela comum paixão da Religião e da Fé. Jackson percebe a crise espiritual de Alceu, que certa vez lhe confessa numa dessas cartas: “Inquieto-me com reflexões sobre o meu destino e sobre o que estou fazendo neste mundo. Não me sinto preparado para Deus, nem para chegar mais perto d’Ele. Vivo mergulhado numa tristeza e numa infelicidade profundas. Chego a desejar a loucura ou a morte.”

E Jackson, o convicto e crente, com 37 anos, salva Alceu, o ateu e agnóstico, que era apenas dois anos mais moço do que ele, convertendo-o a Deus e ao catolicismo. Essa conversão, acontecida, como já disse, no dia 15 de agosto de 1928, ainda não tinha completado três meses quando, num domingo, dia 4 de novembro desse mesmo ano, às 3 horas da tarde, Jackson morre tragicamente, durante uma pescaria, resvalando de uma pedra na Joatinga e tragado pelas ondas do oceano.

Com essa calamitosa morte de Jackson de Figueiredo – que então chefiava uma verdadeira Revolução Espiritual – Alceu assumiu a direção do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*, hoje presididos pelo nosso estimado Acadêmico Tarcísio Padilha, tornando-se o líder incontestável, como grande pensador e humanista católico, de uma nova geração de intelectuais e escritores brasileiros.

Com o Padre Leonel Franca, foi um dos fundadores da PUC – a nossa Pontifícia Universidade Católica.

Em Montevidéu, fundou o Movimento Democrata Cristão, na América Latina. Presidiu a Ação Católica, de 1932 a 1945, durante treze anos da conturbada vida brasileira, com as Revoluções Constitucionalista de 32 e Comunista de 35, o Estado Novo de 37, o *putsch* integralista de 38 e a Segunda Grande Guerra de 39 a 45.



Escreveu, então, grande parte de sua vasta obra, com mais de cem livros, entre os quais: *Humanismo integral*, *Mitos do nosso tempo*, *No limiar da Idade Nova*, *O jornalismo como gênero literário*, *O problema sexual*, *A Igreja e o novo mundo*, *Preparação à Sociologia*, *Voz de Minas*, *Em busca da liberdade*, *A experiência reacionária*, *O problema do trabalho*, *Debates pedagógicos*, *Três ensaios sobre Machado de Assis*, *Idade, sexo e tempo*, *Memórias improvisadas* e dezenas de outros.

Como crítico literário, recebeu forte influência do esteticismo de Benedetto Croce. Para a crítica, defendeu, então, uma concepção integrada, de nível superior, com equilíbrio e bom senso, liberta das corriolas e dos grupelhos intelectuais.

Para ele a crítica passou a ser, ao lado da religião, um autêntico apostolado, que exerceu durante mais de meio século, no *Jornal do Commercio*, no *Jornal do Brasil*, em *O Jornal* e no *Diário de Notícias*, com colaborações diárias e semanais, sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, que, de acordo com alguns informantes, foi o nome copiado de um Capitão das Armadas Portuguesas, que realmente existira na Índia, no século XVI, ao molde dos pseudônimos de Anatole France e Mark Twain.

O Dr. Alceu foi, na década de 20, o descobridor da rica saga do romance nordestino, de José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Amando Fontes e Graciliano Ramos.

Segundo Afrânio Coutinho, Alceu encarava a crítica como coisa séria, “que compromete todo o seu ser e não apenas as vertentes epidérmicas e aleatórias, mas sim uma paixão e uma organização mentais, com opções por um corpo de doutrina e um lastro de pesquisa.”

Alceu elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras, sendo recebido pelo Acadêmico Fernando Magalhães, no dia 29 de agosto de 1935, e empossando-se na Cadeira nº 40, que tem o Visconde do Rio Branco como patrono, Eduardo Prado como fundador, Afonso Arinos e Miguel Couto como seus antecessores e foi sucedido pelo atual ocupante, o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Na ABL, permaneceu 48 anos, sendo seu Decano durante muito tempo.

Certo dia, ele subiu a esta tribuna para fazer um discurso em defesa do Modernismo e de explicação ao rompimento de Graça Aranha com a nossa Academia. Mal começou a falar, quando as forças lhe faltaram e ele simplesmente desmaiou. Socorrido por vários acadêmicos, entre os quais Otto Lara Resende e Afonso Arinos de Melo Franco, conseguiu recobrar a consciência, e, ao abrir os olhos, disse o seguinte: – Ainda não foi desta vez que a vaga chegou.

No plano internacional foi um discípulo de François Chateaubriand, Teilhard de Chardin, Henri Bergson, Chesterton, Charles Péguy, Ernest Renan, François Mauriac, Jacques Maritain, Georges Bernanos, Léon Bloy, Paul Claudel, André Maurois e André Malraux, Gilson, Barbusse, Marcel, Garric, Giovanni Papini, Luigi Sturzo, Eduardo Frei, Thomas Merton, Emmanuel Mounier, o Cardeal Joseph Mercier, o Mons. Fulton Sheen e o Padre Lebret.

No plano brasileiro, foi, como já disse, um contemporâneo e um devoto de Jackson de Figueiredo, Farias Brito e Dom Sebastião Leme, um ícone e um mestre de Hamilton Nogueira, Sobral Pinto, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Meyer, Dom Helder Câmara, Padre Henrique de Lima Vaz, Gladstone Chaves de Melo, Otto Lara Resende, João Etienne Filho, Edgar da Mata Machado, Franco Montoro, Adauto Cardoso e Fernando Carneiro, todos, hoje, já mortos, além de Luiz Paulo Horta, Zuenir Ventura, Cícero Sandroni e Plínio de Arruda Sampaio.

Alceu Amoroso Lima viveu ligado ao mundo sobrenatural, com missa e comunhão diárias. Comedido na juventude, foi um ousado na maturidade. Foi também um caminhante, peregrino, romeiro e pregador de sua Fé, um autêntico São Paulo redivivo.

Nas virtudes teológicas era um íntimo em seus diálogos com a Igreja, que, segundo ele, não se subordina ao maniqueísmo de direita ou de esquerda, mas que se coloca sempre no centro, onde está a virtude.

O humanismo integral do Dr. Alceu consolidou-se em sua defesa dos valores da Liberdade e da Justiça Social, sobretudo quando esses valores entram em ocaso, nos regimes políticos de força e de exceção.

O acadêmico e jornalista Austregésilo de Athayde dizia que Alceu era um patriarca das nossas letras, um corajoso combatente e uma figura luminar de toda a nossa geração, que edificou um monumento de muitas faces luminosas e que chegou à sua maturidade, já cercado por uma aura de muito respeito e veneração. Nunca desceu à liça para bater-se com outras armas que não fossem as do raciocínio sereno e bem-intencionado.

Sobre ele, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema:

*ALCEU, RADIANTE ESPELHO*

*Lá se vai Alceu, voltado para o futuro.  
Para um sol de infinita duração. [...]  
Lá se vai Alceu, sem as melancolias do passado,  
Que para ele tinha a forma de um casarão azul.  
Lá se vai Alceu, as letras não o limitam  
No paraíso da sensibilidade das palavras. [...]  
Lá se vai Alceu, gentil presença,  
Convívio militante entre solidões de idéias. [...]  
E lá se vai Alceu, servo de Deus,  
Servo do Amor, que é cúmplice de Deus.*

Foi um homem tão grandioso que já não pertencia mais a si mesmo, encarando a própria consciência do povo brasileiro. Teve enorme coragem para pensar e para agir.

Oscilou, então, da direita conservadora, de legado jacksoniano, para unir-se às modernas tendências da Igreja renovadora e progressista, consagradas no Concílio Vaticano Segundo.

Transformou-se aí num líder contra o autoritarismo, a prepotência, as torturas, as violências e as cassações dos governos militares, levando-o a afastar-se de Gustavo Corção, seu amigo de muitos anos.

Já era um octogenário, quando, vítima de um atropelamento, teve de internar-se, por vários meses, no Hospital Santa Teresa, em Petrópolis.

Estóico e conformado aos desígnios divinos, suportou com resignação a morte de sua mulher, os padecimentos de seu acidente e os sofrimentos dos seus reveses.

Cunhado de Otávio Faria, Alceu era também concunhado de Afrânio Peixoto, ambos casados com duas filhas de outro acadêmico, Alberto Faria, do qual os dois eram, assim, genros.

Sobre sua mulher, Maria Teresa, disse ele: – “Com ela, vivi 64 anos. Hoje, vivo sem ela. E isto não é natural. Porque Deus não criou o homem sozinho. Com Adão e Eva, Ele criou um casal.”

Tinha especial orgulho de sua família, de seus filhos Jorge, Maria Helena, Sílvia, Paulo, Luiz e Alceu Filho e, em particular, de sua filha e confidente, a “freirinha” Maria Teresa, abadessa do Mosteiro de Santa Maria, em São Paulo.

Alceu foi também um grande ensaísta e um inesquecível professor de várias universidades brasileiras, nas quais lecionou Sociologia, Literatura, Economia e Direito.

Fez diversas conferências: na União Pan-Americana, em Washington; em universidades canadenses, como a de Quebec; francesas, como as de Toulouse, Montpellier, Bordeaux e na Sorbonne, de Paris; americanas, como as do Texas, Pennsylvania e a Católica de Washington, na qual ministrou um curso sobre Civilização Brasileira, repetido depois na Universidade da Colúmbia, onde recebeu o Prêmio Moors Cabot, pelos relevantes serviços prestados à maior aproximação entre os países do Continente Americano.

Foi Delegado do Brasil na Décima Conferência Inter-Americana de Caracas e o primeiro brasileiro a ingressar na Comissão Pontifícia de Justiça e Paz, escolhido por Paulo VI, que o considerava um “leigo exemplar”.

Respondendo certa vez a uma pergunta: “Tristão, o que fizestes da vida?”, declarou: “Amei. Tive filhos e netos. Escrevi livros. Atravessei a nado a praia de Botafogo, da Urca ao Morro da Viúva. Gostei de andar a pé. Atravessei os Andes a cavalo. Guiei automóvel de Quebec à Capital do México. Mas hesitei muito em guiar no Rio. Fui um menino feio. Medonho mesmo. Tinha uma cara

de malaio. Fui sempre um aluno medíocre. Nunca fui um profissional de nada. Escrevo a lápis. Não fumei. Tive remorsos. Morrerei, quando Deus quiser.”

O Centro Amoroso Lima para a Liberdade já editou outros livros do Dr. Alceu, como *Política, Revolução, reação ou reforma?*, *Os direitos do homem e o homem sem direitos*, *Estudos* e *Os pioneiros do Centro Dom Vital*, todos eles na Coleção “Presença de Alceu”, com textos básicos e reflexões do seu pensamento e do seu testemunho.

Eles deitam raízes nas *Confissões* de Santo Agostinho e na *Súmula Teológica* de Santo Tomás de Aquino, consagradas nas Encíclicas *Imortale Dei*, *Mater et Magistra*, *Populorum Progressio*, *Rerum Novarum*, *Quadragesimmo Anno* e *Pacem in Terris*, reafirmadas pelos Papas Pio X, Leão XI, João XXIII, “o Papa camponês”, e Paulo VI, e que João Paulo II, “o Papa viajante”, agora propaga em sua peregrina e comovente catequese ao redor do mundo.



Nesta sessão solene, em homenagem ao 20<sup>o</sup> aniversário da morte do inescrutável peregrino que foi Alceu Amoroso Lima, devo enfatizar que ele muito apelou para que as classes ricas e privilegiadas não fechassem seus ouvidos aos imperativos da distribuição de riquezas e não continuassem a desfrutar de uma criminoso insensibilidade diante do clamor dos excluídos.

Ele se encontrou com o Cristo dos Evangelhos e ingressou na Igreja triunfante, que não teme a volta à arena dos leões e ao subterrâneo das Catacumbas, e contra a qual não prevalecerão as portas do Inferno.

Devo também concluir dizendo que ele, como Léon Bloy, se sentia, aos 89 anos, mais jovem do que quando tinha apenas 20. E confessava: “Comecei velho e acabo moço.”

E acabou, morrendo em Petrópolis, exatamente há vinte anos, ao entardecer e na hora do “Angelus”, dia 14 de agosto de 1983, o segundo domingo do mês, “Dia dos Pais” e data da festa da Assunção de Nossa Senhora da Glória, justamente quando se comemorava o 55<sup>o</sup> aniversário de sua conversão.



Alceu Amoroso Lima e família,  
na Rua Dona Mariana, Botafogo, Rio de Janeiro.  
Acervo do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

Ele se foi, aos quase 90 anos, quando Deus quis, exatamente como ele próprio desejara. Por ordem divina, calava-se a sua voz, mas não se calavam a sua mensagem, a sua lição e o seu exemplo.

Foi velado no Mosteiro de São Bento e – para satisfazer um dos seus últimos desejos – foi enterrado numa sepultura ao lado de sua mulher, Maria Teresa, no Cemitério de São João Batista.

À beira do seu caixão, entre os beneditinos, o Acadêmico Dom Marcos Barbosa o saudou, com uma onomatopéia: “Ao céu, Alceu. Na soleira do Paraíso, onde agora se encontra, ousou convidá-lo: – Pode entrar, Alceu, na morada do Senhor. Porque a casa é sua.”

## AFONSO ARINOS, FILHO

Não me é fácil ser isento, imparcial e objetivo ao evocar alguém tão próximo aos meus dois predecessores nesta Academia, cujo nome honra-me haver herdado. Alceu Amoroso Lima foi amigo e biógrafo do primeiro Afonso Arinos e companheiro constante do sobrinho homônimo, com quem chegou a trocar prefácios, em livros das autorias respectivas.

Afonso Arinos, sobrinho, considerou Alceu, “no conjunto imenso das suas qualidades e inevitáveis deficiências, a mais importante personalidade da vida cultural brasileira”. Para ele, no amigo, “sua humildade no convívio; sua altivez na crença teológica e nas crenças sociais; o óbvio da sua escrita e o nada óbvio do seu pensamento; a generosidade com que se abria aos outros e a reserva com que recebia dos outros qualquer abertura; sua alegria e sua intransigência, sua acessibilidade para os sentimentos e sua reserva para os acontecimentos”, eram “processos com que se lhe espriava a abundância do ser”.

O carioca Alceu Amoroso Lima nasceu no Cosme Velho, a II de dezembro de 1893, quando, na baía de Guanabara, reboavam os tiros da revolta da Armada. Foi criado no seio de família sólida, entre as árvores frondosas da ampla chácara do comendador Amoroso Lima, daquelas que ainda faziam o encanto do Rio de Janeiro de então. Nela Alceu se lembrava, entre outras doces figuras, da bela presença cordial do primeiro Afonso Arinos, o contador de histórias amigo de seu pai. O futuro escritor reconhece ter descoberto o Brasil “através de uma pessoa, não de um livro. Essa pessoa foi Afonso Arinos, grande presença humana. Quando o conheci não era professor nem literato. Era um homem nascido em Minas Gerais, que freqüentava nossa casa e contava histórias para a infância. Através do seu convívio senti, pela primeira vez, o Brasil sertanejo. Para o menino da cidade, [...] aquilo foi um deslumbramento”. “Foi à sombra dos sapatizeiros que Afonso Arinos povoou a nossa infância de um sonho sertanejo, cheio de bravura e poesia.”

Em 1915, Arinos lhe recomendara: “Não se desnacionalize. Volte-se para o seu país.” E ele seguiu o conselho à risca, ao escrever, no ano seguinte, que “a missão suprema do brasileiro de hoje é reunir os materiais para preparar um espírito nacional, em todas as manifestações da sua atividade. [...] A arte, a literatura, o estilo, a organização verdadeiramente nacionais, serão uma consequência lógica do nosso meio, do nosso clima, da nossa filiação, das nossas tendências”. Diria, ainda, que “a feição nacional das letras é, hoje, uma necessidade da inteligência, e não um esforço do sentimento”. Parece natural, portanto, que o primeiro livro publicado por Alceu, em 1922, fosse a biografia crítica *Afonso Arinos*, o melhor estudo até hoje feito sobre o sertanista mineiro. Nele, ao empregar o que chamou expressionismo crítico, buscava a interpretação objetiva do texto e do autor: “Não é possível julgar uma obra sem a ter compreendido, e a compreensão só se inicia com a renúncia transitória ao racionalismo.”

Aquele foi o ano em que irromperam, no Brasil, eventos augurais, destinados a influenciar-nos pelo restante do século – na arte, com a Semana de Arte Moderna de São Paulo; no militarismo, com a revolta dos Dezoito do Forte de Copacabana; na ideologia, com a fundação do Partido Comunista.

Alceu, que se formara, em 1913, pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, sentiu-se atraído pela diplomacia, e chegou a trabalhar no Itamarati, como adido, de 1917 a 1918, sendo companheiro de sala de Ronald de Carvalho. A grande guerra, recém-finda, o havia despertado para o espetáculo da tragédia humana, do sofrimento, da injustiça e da miséria. Em 1919, teve início, em *O Jornal*, a sua longa vida de crítico literário, durante a qual a literatura, a estética, a religião, a moral, a política, a economia e a sociologia seriam objeto da sua incessante curiosidade e análise permanente. Firmava os artigos com o pseudônimo Tristão de Athayde. Nada do que fosse humano lhe era estranho. “Sou um terrível pesquisador de almas. Amo as almas como um avarento ama as suas moedas”, chegou a confidenciar a um amigo.

Angustiado com o grande vazio espiritual que o alheamento da crença religiosa lhe deixara, começou a preenchê-lo através de intensa correspondência



trocada com Jackson de Figueiredo, até sua reconversão à Igreja em 1928. Jackson foi levado, no fim do mesmo ano, por ondas traiçoeiras, e Alceu encarnaria, até à morte, a liderança leiga do Brasil católico. Porém, ao converter-se, diria não se haver recolhido a um porto, mas ter partido para o alto-mar.

A necessidade iniludível de coerência interior o levaria a refletir, para sempre, a fé cristã na vida quotidiana: “De que vale pôr um pouco de ordem no espírito; de que vale sofrer a influência do ambiente que muda – se não fazemos repercutir fora de nós, no terreno da ação, aquilo que fomos preparar no fundo de nós mesmos, e que respiramos no ar que nos cerca? De que vale o homem mergulhar dentro de si mesmo ou absorver, como uma esponja, as águas que o cercam – se não é para trazer o seu esforço humilde, mas necessário, à obra de reconstrução, ao trabalho de auxiliar os outros a passarem os momentos difíceis e preparar para o futuro uma era possivelmente menos sombria e agitada? [...] Dever pessoal, dever de participação direta, dever elementar de confrontação das idéias e das atitudes com essa coisa tão destruidora de ilusões e sistemas: a realidade, a vida vivida e não apenas pressentida, pensada ou imaginada de longe.” A crença retomada teria influência capital sobre sua crítica, pois “a fé não é apenas um poder de afetividade, mas representa o amor como forma de conhecimento da verdade. Essa é a força do cristianismo, que sustenta que o amor não é apenas afetivo, mas cognoscitivo, capaz de levar ao conhecimento.”

Devorava-o o zelo do cristão-novo, que o acompanharia até à Segunda Guerra Mundial. A Igreja Católica adotava então, no Brasil, postura marcadamente direitista, o que o levou a simpatizar, em certa época, com o integralismo, embora sem adotá-lo. Contrário à Revolução de 1930, opôs-se, em 1932, ao *Manifesto dos pioneiros da educação nova*. Combateu, em conseqüência, o sistema letivo posto em prática na Universidade do Distrito Federal, fundada pelo Prefeito Pedro Ernesto, numa campanha que acabaria por derrubar Anísio Teixeira da Secretaria da Educação do Distrito Federal.

Mas Pio XI foi, também, o papa da encíclica *Quadragesimmo anno*, comemorativa da *Rerum novarum*, com que Leão XIII, em 1891, situara a questão social entre

os problemas centrais da Igreja. A Assembléia Constituinte redigia a Constituição de 1934, e Alceu, em nome da Liga Eleitoral Católica, visava traduzir em dispositivos constitucionais as suas reivindicações. Aí se revelou claramente, nas *Indicações políticas* por ele apresentadas, a preocupação com que se fizesse justiça aos menos favorecidos: “A economia é a organização metódica dos bens materiais de um povo, para a satisfação das necessidades humanas. A economia individualista também faliu, porque se baseou na livre concorrência e no lucro ilimitado, em vez de se basear na organização racional e na satisfação das necessidades. A economia, portanto, existe para o serviço do ser humano.”

Em 1935, Alceu Amoroso Lima seria eleito para a Academia Brasileira de Letras. Evaristo de Moraes Filho, seu sucessor, disse que ele foi “o maior de todos nós. [...] Ninguém mais representativo desse humanismo – quer na crítica literária, quer no pensamento social, quer na pregação política ou na prática religiosa.”

Ao apoiar Franco na Guerra Civil Espanhola, em 1938, Alceu estava convencido de que, lá, a vitória fascista representaria a vitória da Igreja. Mas tomou conhecimento, então, das posições de Jacques Maritain, com o seu *Humanisme intégral*, e de Georges Bernanos, cujo passado de adepto da direita francesa se dissolvera com os horrores da luta armada na Espanha e as atrocidades da repressão, por ele refletidas em *Les grands cimetières sous la lune*. O mesmo Bernanos que, solicitado a autografar o álbum de uma filha sua, escreveu estas palavras admiráveis, que traduzo: “Quando releres estas linhas, senhorita, daqui a muitos anos, ofereça um pensamento e uma oração ao velho escritor que crê cada vez mais na impotência dos poderosos, na ignorância dos doutores, na tolice dos Maquiavéis, na incurável frivolidade das pessoas sérias. Tudo o que há de belo na história do mundo se fez à revelia de todos pelo acordo misterioso da paciência humilde e ardente do homem com a doce piedade de Deus.”

Essa reavaliação o traria de volta às convicções da mocidade: “O fato de acreditar na liberdade acima da autoridade, de acreditar na democracia acima das oligarquias ou das autocracias, de acreditar na liberdade de pensamento acima do dirigismo intelectual, não implicava nenhum conflito com minhas

convicções católicas, com a minha religiosidade, nem com os meus sentimentos cristãos. Não existia entre uma coisa e outra a menor incompatibilidade. Vi-me, assim, restituído a mim mesmo, o que me levou à defesa da liberdade, da justiça, e à defesa, inclusive, da sociedade num sentido socializante.” O contrário seria cair “de novo no trágico equívoco do século XIX, separando a Igreja do povo, repelindo a democracia, combatendo os erros sociais pela força policial ou pelas leis de exceção, e ligando a Igreja ao dinheiro, ao poder ou aos partidos reacionários.”

Em sua *Tentativa de itinerário*, Alceu preconizava o empenho “pela volta à religião que nos formou, pelo estímulo à ciência verdadeira, pela reforma social cristã de uma sociedade que se suicida na inconsciência paganizante, pela fusão da arte com a realidade, para arrancar a máscara do convencionalismo, sem prejuízo do humano e do universal. E, acima de tudo, a reforma do homem íntimo, a orientação ao santo, mais que ao super-homem.”

Mais tarde, reconheceria que “Teilhard de Chardin [...] exerceu sobre mim um efeito fulminante. [...] O evolucionismo de Teilhard mostra como a natureza humana não é um fim, mas um elemento de passagem entre a natureza física, animal e vegetal, e a natureza angélica posterior ao homem.”

Em 1950, ele encetou nova experiência, a de alto funcionário internacional, ao aceitar a diretoria do Departamento Cultural da Organização dos Estados Americanos, em Washington, lançando então *Panorama*, revista cultural interamericana. Em 1962, participaria da Delegação do Brasil às cerimônias de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, encabeçada por Afonso Arinos de Melo Franco.

Opôs-se radicalmente ao golpe de Estado de 1964. No ano seguinte, Paulo VI fê-lo membro da Pontifícia Comissão Justiça e Paz, com sede em Roma, da qual participou por um quinquênio. Após a edição, em 1968, do Ato Institucional n.º 5, que radicalizou a ditadura militar, denunciaria violências praticadas pelo regime contra os direitos humanos. E continuou sempre a bater-se pela liberdade e pela justiça nesta vida, como premissas da esperança na vida eterna.

Palavras que disse há três décadas poderiam ser de hoje: “O terrorismo é um fenômeno bem mais complexo do que poderíamos supor. [...] Quando se comete uma injustiça, promove-se, inevitavelmente, uma reação contrária. [...] O que está acontecendo hoje no mundo é apenas uma resposta do terrorismo de baixo ao terrorismo de cima; a resposta do terrorismo bárbaro ao terrorismo civilizado. Assim, estamos procurando combater o terrorismo nos seus efeitos, quando nos esquecemos de combatê-lo em suas causas. Enquanto houver minorias oprimidas, minorias que não tenham voz ativa nos governos dos povos, persistirão as condições que geram o protesto, a violência e o desespero.”

Alceu procurava “chamar nossa atenção para essa terrível realidade que é o hábito da convivência com a injustiça. Numa sociedade de violentos desníveis sociais, a justiça é sempre esquecida em favor de outros valores. Passamos a conviver com a injustiça como coisa comum. [...] Os instalados na vida não vêem a miséria que os cerca, e, se vêem, dela não tomam conhecimento, preferindo simplesmente ignorá-la. [...] Aqui no Brasil, tornou-se absolutamente normal, nos grandes centros, conviver com a miséria das favelas.” Porém, “com a disseminação da educação, a maioria da população tomou conhecimento dos seus direitos. É natural que queira lutar por eles, reclamando participação ativa e racional na vida da sociedade. [...] É preciso que nos compenetrems de que, enquanto houver condescendência para com a institucionalização da injustiça praticada pelas grandes potências, tanto do ponto de vista político como econômico, e enquanto concordarmos com a marginalização das pequenas nacionalidades e com a existência de classes oprimidas, estaremos estimulando o terrorismo. Sem que haja a reintegração do primado da justiça e do direito, tanto nas relações internacionais como na vida social dos povos, a violência persistirá, como manifestação de protesto dos oprimidos contra os opressores.”

Alceu Amoroso Lima não chegou a ver o fim da ditadura que tanto combatera. Faleceu em Petrópolis, a 14 de agosto de 1983, aos 89 anos de idade. Livre, como sempre vivera. Liberto, inclusive, das peias que o atavam ao leito de dor. Na grandeza moral e na coragem cívica, na humanidade profunda, ele foi a consciência ética do seu tempo. Viveu, para Carlos Drummond de Andrade,

*na graça  
da vida plena,  
que é doação e luta e paz no coração.*

E o poeta cantou, também, a sua morte:

*Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,  
para um sol de infinita duração. [...]  
Lá se vai Alceu: as letras não o limitam [...].  
Para além das letras, restam indícios mais luminosos  
de uma insondável, solene realidade [...].  
Alceu chega bem perto do fogo incandescente  
e não tem medo.  
Sorri. Venceu o conformismo [...].  
Alceu, radiante espelho  
de humildade e fortaleza entrelaçadas. [...]  
Com elas faz uma esperança nova  
de que a justiça não continue uma dor e um escândalo [...]  
e sim atmosfera do ato de viver  
em liberdade e comunhão.  
Lá se vai Alceu, gentil presença,  
convívio militante entre solidões de idéias [...]  
anseio de instituir a paz interior  
no regaço da paz exterior [...].  
E lá se vai Alceu, servo de Deus,  
servo do Amor, que é cúmplice de Deus.*

## CARLOS HEITOR CONY\*

“A criança renasce a cada manhã.” Depois de tantos pronunciamentos brilhantes, neste plenário, sinto e deixo no ar uma frase que catei de um livro de Alceu Amoroso Lima, que aliás é um pouco esquecido, *Idade, sexo e tempo*. Mais tarde voltarei a essa frase.

Todos os depoimentos aqui, como eu disse, foram brilhantes. Eu queria também dar o meu, mais um depoimento pessoal do que propriamente literário ou cultural. Antes de mais nada, não considero Alceu Amoroso Lima um católico no sentido tradicional da palavra. Ele não buscou o catolicismo como uma confissão religiosa. Ele passou a vida toda atormentado pela nuclearidade do homem, pela essência do homem. Daí ele não pôde ser nem de esquerda, nem de direita e nem muito menos de centro, porque o centro é uma forma, até certo ponto oportunista de quem não tem idéia nenhuma.

Alceu procurou sempre o núcleo. Ele entendia esse núcleo de maneira pessoal, nos desvarios dele de mocidade, um deles a famosa cena que Murilo Melo Filho há pouco relembrou, em que neste mesmo plenário ele carregou nos braços Graça Aranha, cujo oponente na ocasião era Coelho Neto. Mas quem ler os *Estudos* de Tristão de Athayde sente que ele não tinha nenhuma admiração pessoal por Graça Aranha, mas tinha por Coelho Neto, e deixou páginas memoráveis de estudo não só dos seus romances, mas sobretudo da grande arte de oratória que foi Coelho Neto.

Mais tarde, ainda num arroubo de juventude, ele apoiou inicialmente a ditadura de Franco, como foi também lembrado aqui por Afonso Arinos. Ele estava procurando ainda, nessa época, o núcleo do ser humano. E isso é o que o levou à religião, porque ele achou que o cristianismo – não exatamente o catolicismo

---

\* Depoimento transcrito de gravação, sem a revisão do autor.

– seria o núcleo da condição humana, num sentido evidentemente de um homem ocidental.

Estando em Paris, na famosa convivência dele com Jacques Maritain e Bergson, ele presenciou o momento em que Jacques Maritain renunciou a Bergson, de quem era discípulo, e enveredou pelo neotomismo. Acredito que foi nesse momento que Alceu Amoroso Lima começou a perceber, de uma forma talvez um pouco ainda intuitiva, que o tomismo foi o núcleo da Idade Média, ou seja, uma transposição da filosofia de Aristóteles que teria sido o núcleo do pensamento filosófico da Antiguidade.

A tendência de Alceu foi muito linear, muito clara, muito transparente. Ele adotou então o catolicismo no sentido de *kathos*, de universal. Ele procurou a forma de captar o homem na sua essência, no seu núcleo, e aí ele teve que aceitar, digamos assim, o lado confessional da religião, e tornou-se evidentemente um católico fervoroso, como muitos daqui o são. Mas Alceu foi um homem que sempre buscou alguma coisa além do catolicismo, ou seja, ele tentou perceber, dentro do catolicismo, as verdadeiras raízes que davam ao homem a sua dignidade de ser no mundo, embora ainda não tivesse completamente pronto o seu laboratório pensamental.

Eu disse há pouco que ele foi um torturado. Diria que a grande tortura de Alceu foi que ele não era nem poeta nem romancista. Daí então ele pôde pesquisar a literatura brasileira com uma ótica muito própria, a ótica de um homem que não tinha condições – ele achava que não tinha condições – de ser nem poeta nem romancista. Mas quem lê a sua obra percebe, em dois livros dele, que ele foi exatamente um grande romancista e até certo ponto um grande poeta. Em *A voz de Minas* ele conseguiu captar o núcleo da mineiridade, do homem mineiro: Guimarães Rosa, Cornélio Pena, Drummond de Andrade, o Afonso Arinos de *Pelo sertão*, que foi uma admiração dele muito grande. Ou seja, ele não escreveu um romance, mas entendeu o romance. É impossível entender hoje um Guimarães Rosa, um Drummond de Andrade, um Lúcio Cardoso, um Cornélio Pena, sem ler *A voz de Minas*.

Também no catolicismo em si ele foi não um produto do Concílio Vaticano II. Ele não rompeu abertamente com o Concílio de Trento, a Igreja tridentina. Ele afinal de contas aceitou todos os ritos e rituais da Igreja tridentina, mas foi sobretudo um homem que anteviu a liberdade, o ecumenismo, a universalidade, a nuclearidade da Igreja. E aí ele foi, até certo ponto, o ancestral das próprias idéias que predominaram depois do Concílio Vaticano II.

Também falei ainda há pouco que ele seria um poeta. Aí volto àquela frase – a criança renasce a cada manhã. Para Alceu o homem deveria renascer a cada manhã. Enquanto não se conseguir essa mágica, de renascer a cada manhã, o homem será, como alguns pessimistas consideram, um projeto falido.

Alceu não foi um projeto falido. Poder ser que tenha sido um romancista e poeta falido, mas foi um grande escritor e, sobretudo, um homem que buscou, e achou, a essência da sua verdade.

## ALCEU AMOROSO LIMA FILHO

Sr. Presidente Ivan Junqueira, senhoras Acadêmicas, senhores Acadêmicos. Pedi para falar daqui da mesa, quem sou eu para ir àquela tribuna? Todos que ali passaram foram meus antepassados. Numa ocasião vim aqui entregar alguns arquivos, alguns originais de meu pai, disse e repito: esta Casa é como se fosse a nossa família. Temos aqui hoje quatro gerações: a minha, a de sobrinhos e de netos meus, irmãos. Estamos aqui todos nesta Casa nos sentindo muito bem, ouvindo a todos falar como se fossem pessoas da minha família, muitos acadêmicos aqui presentes e outros que já se foram. Portanto eu queria agradecer com muita vontade, mas, ao mesmo tempo, sempre que pego um microfone fico pensando no que meu pai dizia, que o silêncio é a plenitude da palavra. Então, tenho que ser breve. Agradeço de coração. Queria fazer um protesto ao que disse Marcos Almir Madeira. Meu pai foi questionado como motorista. Eu sempre ouvi ele dizer, muitas vezes: aceito todas as críti-



cas, mas não digam que eu sou um mau *choffeur*. Apesar dos riscos que o senhor correu e o Professor Tarcísio sempre correu, e eu e meus irmãos também, naquela Plymouth desvairada pelas ruas, meu pai falando e tal... Meu cunhado dizia que o Espírito Santo ia em cima do carro o tempo inteiro. Mas de vez em quando ele também cochilava. Uma vez, em Petrópolis, meu pai cochilou e quase foi parar dentro de um rio, o que lhe valeu uma bacia quebrada. Aí ele parou de dirigir.

Eu queria também confirmar uma notícia de Candido Mendes que nos traz um sentimento de muita alegria. É que será lançado, talvez no próximo mês, aqui no Rio primeiramente, o livro que vai se chamar *Cartas do pai*, editado pelo Instituto Moreira Salles. São as cartas que meu pai escreveu à minha irmã durante trinta anos, dos quais dez anos serão reproduzidos. Minha irmã abadessa e eu conseguimos, ela ler e eu digitar, e juntos selecionarmos o que seria do interesse do público sobre aquele diário. Sou suspeito para falar, mas acho que vai ser um livro interessante do ponto de vista da História política e religiosa do Brasil durante o período em que ele viveu e escreveu.

Eu queria agradecer principalmente e, em nome de Alberto Faria, meu avô, de Otávio de Faria, meu tio, de Afrânio Peixoto, meu tio, e de meu pai esta Academia tão nossa Casa, sobretudo com a presença aqui do nosso oitavo irmão, Candido Mendes, por delegação do meu pai – por muitos testemunhado, inclusive por mim, para continuar a sua missão no mundo –, que continuará nessas quintas-feiras a ser a voz do meu pai e da nossa família.

## IVAN JUNQUEIRA

Senhoras Acadêmicas, senhores Acadêmicos, familiares de Alceu Amoroso Lima.

As minhas últimas palavras serão de agradecimento. Agradecimento aos membros desta Casa que subiram à tribuna para dar um retrato complexo, multifacetado e fascinante deste homem a quem desde sempre cada um de nós deve entender como um polígrafo. E foram poucos os polígrafos na História mais recente deste país. Ao contrário de quase todos os membros desta Academia, eu não tive nem o prazer nem a honra de privar com Alceu Amoroso Lima. É uma questão de geração e uma questão de timidez social que me imobiliza até hoje e que me impede de me aproximar do que considero os monstros sagrados da minha cultura e de toda a sociedade com a qual eu convivi, particularmente na segunda metade do século XX.

Gostaria de agradecer particularmente a Alceu Amoroso Lima pela lição que nos deixou. No meu caso pessoal, que não sou católico, fica sobretudo a lição do notável crítico literário que foi Alceu Amoroso Lima, a sua lição de coragem de negar toda uma vertente já cediça de crítica literária, que provinha da vertente genética do Naturalismo, de Sílvio Romero, e de uma vertente da crítica impressionista. Alceu Amoroso Lima criou entre nós o que se chamou, e aqui já foi dito, o Expressionismo literário. Toda uma posição estética que deriva do pensamento de Benedetto Croce e que permitiu entre nós que florescessem correntes tão importantes como as da estilística, que aqui chegou com Eduardo Portella, do *new criticism*, ou da nova crítica, de Afrânio Coutinho, e também uma outra vertente subsidiária, que poderíamos entender como a do *close reading*, que prosperou sobretudo através das obras do professor Othon Moacir Garcia.

Quero agradecer particularmente a Tristão de Athayde por sua notável lição de vida, por tudo o que Alceu fez pela renovação da Igreja Católica entre

nós. Quando se volta um pouco ao passado, é preciso que se entenda o que foi o Centro Dom Vital, o que foi a Ação Católica e o que foi o Instituto Católico de Estudos Superiores, que deu origem à notável Pontifícia Universidade Católica, que melhor do que eu conhece o nosso confrade Padre Ávila. E um agradecimento muito especial ao meu confrade Candido Mendes, a quem cabe a iniciativa desta sessão e a magnífica exposição, para a qual convido agora todos os senhores.



Miguel Osório de Almeida, 1946  
Retrato de F. de Némay  
Pastel s/papel, 62 x 62,5 cm  
Acervo museológico da ABL.

Ao Sr. Prof. dr. Miguel Osório d'Almeida  
cientista de fama mundial  
com sincera admiração e velha amizade  
Paris, junho 1946 F. de Némay

# Cinqüentenário da morte de Miguel Osório de Almeida

↪ MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA

ALBERTO VENANCIO FILHO

**A**o falar sobre “Os cientistas” nas comemorações do centenário da Academia em 1997, conferência publicada no volume sob o título *Cem anos de cultura brasileira*, o nosso saudoso confrade Carlos Chagas Filho distinguiu entre os que “na atividade liberal trazem aqui e ali uma contribuição científica que faz a Ciência progredir” e os “que vivem a vida de um laboratório, numa contumaz atividade, a maioria das vezes árdua e certas vezes decepcionante”.

Esse último perfil condiz com a figura de Miguel Osório de Almeida, apreciado na conferência, juntamente com os confrades Osvaldo Cruz, Roquette-Pinto e Paulo Carneiro.

Miguel Osório de Almeida, Roquette-Pinto e Paulo Carneiro, acrescentando Carlos Chagas Filho, foram quatro acadêmicos, cien-

Exposição feita  
na mesa-redonda  
realizada na  
Academia  
Brasileira de  
Letras no dia 18  
de setembro de  
2003.

tistas por excelência, com uma visão universal dos problemas, homens de alta cultura, empenhados nos problemas educacionais, e verdadeiros humanistas.

Miguel Osório de Almeida nasceu nesta cidade em 1º de agosto de 1890 e faleceu em 2 de dezembro de 1953. Era o segundo filho de Gabriel Osório de Almeida e de Carlota Cardoso Osório de Almeida.

Gabriel Osório de Almeida foi um dos grandes engenheiros de sua época, do grupo que na segunda metade do século XIX iniciou no país os grandes empreendimentos de engenharia, entre eles Teixeira Soares, Pereira Passos e André Rebouças. Era homem de grande cultura geral e de eloquência; Ataulfo de Paiva comenta o episódio do debate em Paris entre ele e Jean Jaurès, o famoso líder político socialista francês, tragicamente assassinado, defendendo o engenheiro Osório de Almeida a força do capital.

Miguel Osório estudou no Instituto Henrique Kopke e no Colégio Alfredo Gomes, institutos de ensino secundário de grande prestígio na época e durante dois anos frequentou o curso anexo à Escola Politécnica do Rio de Janeiro, dedicando-se ao estudo da matemática, sem se diplomar, pois considerou campo de estudos pouco atraente. Esses estudos, entretanto, foram extremamente importantes nas pesquisas que veio a realizar na fisiologia.

Concluindo o curso de Medicina em 1911, foi trabalhar com o irmão Álvaro no modesto laboratório de fisiologia montado no porão da casa dos pais, inicialmente na Av. Almirante Tamandaré, no Flamengo. A idéia de criar um laboratório partiu do irmão, que tentou criá-lo na Faculdade de Medicina, mas não pode concretizar a idéia, depois que o diretor da faculdade declarou: “A faculdade de medicina não é feita para pesquisas; isto deve ser feito em outro lugar.”

Posteriormente em 1915 a família construiu um solar na Rua Machado de Assis, com instalações mais amplas e mais adequadas para o trabalho pioneiro em fisiologia experimental. O laboratório contou com a colaboração da irmã Branca Fialho, figura interessante de líder feminista sem arroubos, com atuação em várias instituições culturais, inclusive na presidência da Associação Brasileira de Educação.

Expôs Carlos Chagas Filho: “A história do laboratório dos Osórios de Almeida, talvez desconhecida, merece comentário. Álvaro Osório desanimado com o descaso oficial pelos estabelecimentos de ensino superior, resolveu criar o seu próprio laboratório, para o que – auxiliado por Cândido Gafré e, posteriormente por Guilherme Guinle – utilizou o porão da casa paterna, bela mansão patriarcal, onde moravam os pais e vários irmãos. Esse laboratório representa o berço da moderna fisiologia brasileira, nele tendo se formado os melhores dos nossos fisiologistas. Instalado no início na Rua Almirante Tamandaré e depois em sua paralela Machado de Assis, era modesto em sua aparência, mas tal a sua vivência que nele se formaram alguns dos mais importantes movimentos intelectuais de nosso meio, ao mesmo tempo que Álvaro completava estudos fisiológicos de maior significação, como a determinação do metabolismo basal, assunto amplamente discutido até hoje e cuja importância não necessita ser enfatizada. O laboratório dos Osórios de Almeida foi a primeira tentativa de alto rendimento, feita em nossa cidade, para estabelecer com fundos particulares, laboratórios de investigação científica. Miguel Osório, para deixá-lo, ao exercer em Manguinhos, levou consigo a excelência de métodos ali desenvolvidos. No Instituto criou o primeiro centro de estudos de neurofisiologia do nosso país.”

Livre docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Osório se dedicou por pouco tempo ao magistério superior nesta instituição, e catedrático de fisiologia na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. No serviço público exerceu vários cargos, como diretor do Instituto de Biologia Animal do Ministério da Agricultura, diretor geral da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médica Social.

Miguel Osório de Almeida e o irmão mais velho, Álvaro Osório de Almeida, representam assim um marco de referência na ciência médica e na fisiologia no Brasil.

A fisiologia nasceu no Brasil no Museu Nacional em 1880 com o primeiro laboratório de fisiologia experimental da América Latina, na qual trabalharam Batista de Lacerda e Luis Couty. O laboratório foi criado com auxílio de Pe-

dro II, que procurou trazer ao Brasil o próprio Bois-Reymon, fundador da fisiologia moderna, a respeito de quem Miguel Osório de Almeida escreveu ensaio. Este não podendo vir ao Brasil, enviou o discípulo Couty.

É importante assinalar que a orientação seguida então no Museu coincide com a adequada para os países em desenvolvimento. Lacerda e Couty procuraram estudar, principalmente, problemas de interesse do país, como o mecanismo da ação dos curares. Os achados de Batista de Lacerda da ação do veneno das flechas dos índios – o terrível curare ou “urare”, de que falavam os naturalistas que visitaram o nosso país, são ainda hoje adequados. Até a realização deles, admitia-se serem os curares o resultado de preparação indígena, do qual entravam pelo menos dois tipos de vegetais.

Mas foi no Instituto Oswaldo Cruz que se institucionalizou a pesquisa científica em nosso país. Segundo Fernando de Azevedo: “Oswaldo Cruz, com o desejo de resolver os problemas nacionais com elementos próprios, fazendo no Brasil a ciência para o Brasil, enquanto tudo se perdia em esforços isolados e esparsos. Era preciso fundar um núcleo onde se reunissem os elementos de trabalho capazes e donde se irradiasse para o país inteiro a claridade de uma nova orientação e de novos horizontes. E tal função Oswaldo Cruz exerceu admiravelmente, de sorte que ele, como o seu maior título de glória se pode dizer: Oswaldo Cruz nacionalizou verdadeiramente a ciência médica.” A instituição de Manguinhos, já proclamada “a maior glória científica do Brasil”, e que desde 1908 tomou o nome do seu fundador, é de fato, como escola de medicina tropical, no dizer de Rui Barbosa, “a matriz de onde vem beber toda a América Latina”.

É nessa instituição que Oswaldo Cruz concentrou todos os esforços e toda a capacidade de organização, atraindo e agrupando para a pesquisa científica uma plêiade de jovens que não tardariam a granjear justa notoriedade, e a constituir na cadeia de tradições do Instituto de Manguinhos o elo, sólido e luminoso, de ligação entre o mestres dos mestres e seus próprios discípulos.

Oswaldo Cruz, ao fundar o instituto não cogitou da criação do laboratório de fisiologia, preferindo talvez uma orientação mais segura. Foi a Carlos Cha-



gas que devemos o primeiro centro oficial de pesquisa científica de fisiologia na fase moderna.

Assumi em 1919 a direção do Instituto Oswaldo Cruz e convidou Miguel Osório para criar o laboratório que se tornou a seção de fisiologia, e posteriormente a Divisão de Fisiologia desse instituto.

O panorama da pesquisa científica era desanimador na década de 20, afirma Simon Schwartzman: “As aulas continuavam a ser expositivas e magistrais e, com exceção de algumas figuras isoladas, como Álvaro Osório de Almeida na Faculdade de Medicina, Miguel Osório de Almeida e Lauro Travassos na Escola Superior de Agricultura e Veterinária – os professores não estavam voltados nem para os aspectos experimentais do ensino nem para a pesquisa básica.”

Ainda em 1942 o desenvolvimento da ciência entre nós era tardio, como diria Francisco Venancio Filho: “A rigor muito pouca ciência temos feito. É certo que o conhecimento da terra e da gente vai se fazendo lentamente, com elementos nacionais e colaboração estrangeira. Aos poucos, a nossa geologia, a nossa flora, a nossa fauna, a nossa etnografia e antropologia vão tomando corpo, fixando contornos cada vez mais definidos e claros. Mas ciência, no sentido universal do termo, com conhecimentos das relações gerais que não seja aplicação, repetamos, pouco, muito pouco fizemos.”

Voltado para as tarefas de pesquisa, Miguel Osório ao mesmo tempo participava dos movimentos de renovação científica e cultural. Participou do grupo de criação da Sociedade Brasileira de Ciências, que em 1922 se tornou a Academia Brasileira de Ciências. E em 1924 aderiu à fundação da Associação Brasileira de Educação criada por Heitor Lira, junto com Everardo Backeuser, Edgard Sussekind de Mendonça e Francisco Venancio Filho.

A Associação se iniciava com programa ambicioso de atividades, organizando ciclo de palestras e cursos, e dividido em sessões, entre as quais a do ensino técnico e superior.

Miguel Osório integrava a sessão de ensino superior juntamente com Amorooso Costa, Tobias Moscoso, Ferdinand Labouriau, precocemente falecidos no desastre do avião Santos Dumont em 1928; os irmãos Álvaro e Branca Fia-

lho. No ano seguinte a Associação iniciava o primeiro ciclo de conferências, cabendo a Miguel Osório proferir a conferência inicial, “A alta cultura e sua organização”, na qual destacava a forma associativa como fundamental para o desenvolvimento da ciência. Dizia: “Os homens de ciência de minha geração cedo compreenderam a impossibilidade de isolamento.”

Em 1929 a revista *Ciência e Educação* publicava documento dirigido ao Governo e assinado por vários cientistas, entre os quais Miguel Osório, que defendia a necessidade da criação da Faculdade Superior de Ciências, afirmando: “Uma das causas da decadência de nosso ensino é a ausência de interesse pelas coisas de ciências”, e combate a opinião geral: “A ciência só deve ser estudada no que ela tem de útil e aproveitável. Parece a todos um inútil desperdício de tempo estudar verdades abstratas e fenômenos poucos comuns”. E para Miguel Osório somente a criação da Faculdade de Letras e Ciência poderia dar à Universidade a verdadeira cultura superior.

Parecia que este sonho ia se realizar com a criação por Anísio Teixeira no início de 1935 da Universidade do Distrito Federal, organizada em bases modernas. O reitor Afrânio Peixoto em viagem à Europa contratara um grupo de professores franceses para colaborar na nova iniciativa. Lamentavelmente, em pouco tempo o projeto iria se descaracterizar, quando em dezembro de 1935 Anísio Teixeira era afastado da Secretaria de Educação e Cultura e pedem demissão Afrânio Peixoto e vários diretores.

O novo Secretário de Educação Francisco Campos então convida Miguel Osório de Almeida, professor de Filosofia da Ciência, para Reitor da Universidade, afirmando: “Sr. Reitor, a Universidade é sua”, mas não abriu mão de escolher os novos dirigentes Cornélio Pena para diretor do Instituto de Arte e nosso futuro confrade Otávio de Faria para a Escola de Filosofia e Letras.

O novo Reitor surpreendeu-se com o discurso de posse de Otávio Faria, em que “predominava a preocupação com a luta antimarxista e era quase esquecida a verdadeira finalidade da escola cuja direção assumia: a filosofia e letras”.

O relatório a ele solicitado sobre a situação da Faculdade “era vago, impreciso, tudo redigido em estilo bastante estranho. Nenhuma idéia bem defini-

da”. E em seguida enviava carta ao Secretário de Educação declarando: “Os professores estrangeiros encarregados dos cursos regulares são de todo indesejáveis, muitos seguramente nocivos [...] são perigosos, não por eles próprios, pois não sei se tanto valem, mas pela nossa geral falta de cultura e pela desordem de idéias reinantes entre nós.”

Miguel Osório tentou aparar as arestas, mas inúteis os esforços resolveu pedir demissão. Numa sexta-feira à tarde, 23 de março de 1936, pede audiência ao Secretário Francisco Campos para entregar o pedido. Relatou-me Victor Nunes Leal, meu mestre e amigo, o episódio curioso em que Miguel Osório explicou ao secretário as razões da demissão, e sugeria que se marcasse para segunda-feira a posse do reitor interino. Francisco Campos respondeu de imediato: “Já tomei posse.”

No discurso de posse, segundo novamente Victor Nunes Leal, Francisco Campos teria feito referências desairosas aos cientistas, falando dos indivíduos que cuidavam de bichinhos.

Em 1939 foi publicado um livro de homenagem aos irmãos Osório de Almeida, no Jubileu Científico dos dois professores, contendo setenta e cinco memórias originais sobre fisiologia e ciências correlatas de homens de ciência brasileiros e estrangeiros. O livro foi-lhes entregue em cerimônia realizada nesta Casa, presidida pelo nosso confrade Afrânio Peixoto. Saudou os homenageados nosso confrade Roquette-Pinto, que, analisando a obra dos homenageados, diria: “Nascidos e criados para cooperar ... Fundadores de uma escola de trabalho científico, que se expandiu e frutificou em múltiplos e robustos centros, sois daqueles mestres felizes que vivem reacendendo na alma dos discípulos o desejo renovado de saber para melhorar.” Agradecendo, o Professor Álvaro Osório de Almeida traçou o roteiro das atividades científicas que realizaram e, com certa ponta de melancolia, confessou:

“Se as administrações não compreendem o caráter à parte da pesquisa científica, se negam ao pesquisador digno desse nome a mais absoluta independência, o conflito é inevitável e o resultado desse conflito não padece

dúvida: a estagnação e esterilidade. Por tudo isso sempre preferimos os nossos pobres laboratórios, tão simples, tão modestos, mas onde cada um de nós ou dos que conosco trabalhavam, era senhor de seu tempo, de seu trabalho, de sua inteligência, de sua vontade.”

Carlos Chagas prestou, com certo rigor, depoimento apontando a falta de realização completa, como cientista, por deficiência do meio:

“Miguel Osório, que era de uma inteligência excepcional, foi outra vítima das limitações do meio científico brasileiro. Derrotado no concurso para a cátedra de Física Biológica, num concurso em que deu uma demonstração extraordinária de cultura e ao mesmo tempo de arrogância [...]. Não tinha interlocutores. Muito ligado à escola francesa, perdeu-se no floreio científico intelectual – por meio de correspondências, cartas e viagens longas, mas limitadas à Sorbonne – quando estou certo que com a sua capacidade de trabalho, sua inteligência e cultura, em outro meio teria tido uma repercussão extraordinária.”

Tales Martins no volume organizado por Fernando Azevedo, *As ciências no Brasil*, relata a contribuição de Miguel Osório de Almeida:

“Pela associação de Álvaro e Miguel Osório, o laboratório ficou sendo, quase desde o começo, dos ‘Osórios’. Como o sênior, o irmão júnior era personalidade das mais dotadas; de grande cultura científica, musical e literária. Teve sólida base de matemática e física que lhe deu o tom dominante das pesquisas durante toda a vida. É compreensível a preferência pelos assuntos atacáveis com as armas, que tão bem manejava, levando porém a desvantagem de que alguns problemas, na época, nem sempre estavam maduros para tal tratamento. O mais importante nos trabalhos parece estar nos fatos novos, que experimentalmente demonstrou.

Campo preferido o da excitação dos nervos e músculos, tendo manipulado, durante muitos anos, uma teoria geral matemática dos fenômenos. A variedade de assuntos, muito grande, para citar apenas alguns, a regulação da respiração, a teoria da excitação dos nervos, o labirinto, os ataques convulsivos musculares pelo resfriamento da medula; reflexos, tema de farmacologia e vários outros, repetidos em centenas de publicações com colaboradores.”



Ao desenvolvimento da pesquisa científica e, particularmente, à atividade dos irmãos Osórios, merece homenagem Guilherme Guinle, que desenvolveu o apoio privado à pesquisa científica. Em 1926, seu pai Cândido Gafrée, diretor da Companhia Docas de Santos, contratava Carlos Chagas para elaborar um plano de combate à malária, onde construía uma hidrelétrica. Iniciou-se aí uma tradição de colaboração com cientistas e continuou de forma mais intensa através da Fundação Gafrée Guinle, fundada em 1923, e em seguida com Guilherme Guinle que auxiliou inúmeros projetos científicos, não só na área da biologia como da física. No volume em homenagem a Guilherme Guinle, coletânea de discursos proferidos por cientistas brasileiros, estão registradas as ocasiões, em que o auxílio de Guilherme Guinle foi fundamental no desenvolvimento de determinadas linhas de pesquisas. Auxiliou fortemente o laboratório de Álvaro e Miguel Osório de Almeida. E participou da edição do livro em homenagem aos irmãos Osório de Almeida.

Ao saudar Guilherme Guinle, declarou Walter Oswaldo Cruz: “A quem nos permitiu fazer uma ciência sem os entraves mesquinhos da burocracia, adquirir equipamentos sem embaraços, e que nos protegeu da volubilidade de administradores e assim nos permitiu fazer uma ciência alegre. A quem nos permitiu todas essas felizes prerrogativas, é com a mais profunda reverência que homenageamos.”

E Guilherme Guinle agradeceria: “Achei-me na obrigação de aceitar essa honrosa homenagem para poder dizer aqui que não há capital que dê melhor resultado a uma nação do que aquele que é posto a disposição dos estudiosos

e dos homens que com diligência, amor e liberdade se dedicam à pesquisa científica.”

Na sessão de 9 de novembro de 1911 da Sociedade de Neurologia de Paris, Babinski comunicava o resultado de suas próprias pesquisas a respeito de modificações importantes dos reflexos cutâneos pela compressão com a fita de Esmarch. Lendo esta comunicação, Miguel Osório escreve a Babinski dando-lhe notícia de seu trabalho a respeito publicado em português em 1910. Na sessão de julho da mesma Sociedade, o grande mestre da neurologia francesa apresenta uma nota para dar prioridade a Miguel Osório em trabalho publicado em 1912, encontra-se a seguinte frase: “Des expériences d’Osório de Almeida, confirmées par moi, ont montré que...”

Disse Roquette-Pinto, em 1935, no discurso de recepção:

“Mais de cento e cinquenta memórias, notas ou monografias, versando assuntos originais, opulentam a vossa bibliografia científica. Seria evidentemente impossível esmiuçar uma por uma as notáveis pesquisas; hei de apontar, entre tantas, duas ou três, onde o vosso talento de sábio e filósofo mais se revela e se confirma. Toda a fisiologia tem merecido vossa atenção: os reflexos, a respiração, a excitabilidade dos nervos e dos músculos, as funções nervosas da pele, a circulação, a termogênese.”

Tive a oportunidade de examinar na Fundação Oswaldo Cruz o arquivo de Miguel Osório primorosamente conservado. O arquivo relaciona várias centenas de pesquisas e demonstração de trabalhos, todos eles respaldados pelos roteiros e cadernos em letra miúda e expressiva por ele chamados “protocolo de acompanhamento”. Não teria competência para falar desses trabalhos, mas apenas registrar o que se encontra no final de um desses cadernos como prova da idoneidade científica da pesquisador: “A injeção de ar no animal prejudicou essas pesquisas e pesquisas correlatas.”

Entre nós é também destacada a atuação de Miguel Osório na década de 30 no campo da cooperação intelectual. Data de 1934 a primeira iniciativa para a

criação em nosso país no Ministério das Relações Exteriores de uma repartição especial incumbida dos assuntos pertinentes a cooperação intelectual. Em fins de 1935 foi traçado o plano de organização do serviço de cooperação intelectual, e definidas suas principais atribuições. Para esse fim, depois de algumas tentativas, o novo serviço foi criado por portaria no dia 16 de junho de 1936, e teve suas atividades oficializadas.

O intuito foi coordenar os esforços feitos no Brasil para assegurar a colaboração dos intelectuais brasileiros ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual; com a criação da Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual que fora fundada de acordo com os princípios da Liga das Nações, mas que por motivos diversos não se organizara.

Desde então, a Comissão, reiniciando suas atividades passou a se reunir no Ministério das Relações Exteriores, e foi eleito presidente Miguel Osório de Almeida, chamados a participar das reuniões algumas das figuras mais prestigiosas do meio intelectual brasileiro.

Também teve atuação destacada no exterior. Em 1937 comparece à Assembleia Geral das Comissões Internacionais de Cooperação Intelectual na companhia de Aluízio de Castro, nosso confrade e de Eliseu Montarroyos, e apresenta uma monografia que recebeu os maiores aplausos sobre “Rapport sur la Coopération Intellectuelle Inter-americaine, ses debuts, son évolution et son organization”.

Em 1939 o Conselho da Liga das Nações, por proposta do representante da França, elege Miguel Osório de Almeida para uma das quatro vagas então existentes entre os membros da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, recebendo apoio das maiores personalidades que participavam do Conselho.

Em 1939 Miguel Osório de Almeida inaugurava uma série de conferências promovida pela Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual, tratando da missão do intelectual brasileiro. O tema principal seria o papel do cientista, analisado extensamente, começando por “deve-se desculpar a um homem de ciência que comece por aquilo que lhe é mais familiar...” e mostra que o estudo

da ciência não desperta apenas um sentimento de profunda identidade nacional, mas aproxima os espíritos, pois nada na ciência é obra de um indivíduo, mas da nação.

Não se limita a estudar o papel do cientista, e examina o papel do artista, mostrando que “só aparente é a contradição entre a personalidade ricamente dotada e a comunidade cada vez mais dilatada, e mostra que a capacidade imamente de expansão, esse caráter de transformação do individual ou do regional para o coletivo e o universal que restabelece a arte aos seus grandes e verdadeiros domínios rurais. E termina dizendo que “partidário teimoso da liberdade individual não caberia propor qualquer norma de conduta aos intelectuais brasileiros. Cabe a tarefa de esclarecer, orientar, e tudo fazer sem prestar atenção aos aspectos provisórios e passageiros”.

A sua atuação nas relações franco-brasileiras foi também profícua. O Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura foi fundado no Rio de Janeiro em setembro de 1922 por força das comemorações do Centenário da Independência por, entre outros, Georges Dumas, nosso sócio correspondente, Afrânio Peixoto, o embaixador francês Alexandre Conty e Miguel Osório de Almeida. George Dumas foi um grande incentivador das relações intelectuais Brasil–França, desde 1908, com a criação do Grupamento das Universidades e Grandes Escolas de França, por suas relações na América Latina. Participou na escolha de professores para a Universidade do Distrito Federal e da Universidade de São Paulo. Por ocasião de sua primeira viagem realizou curso de psicologia geral, convidado por Maurício de Medeiros. E Miguel Osório tem lembrança de ter assistido esses cursos.

Há depoimento curioso de Euclides da Cunha escrevendo em 1908 a Alberto Rangel sobre a visita de Georges Dumas. “Apareceu-me em casa um quarentão de rosto pensativo e olhos profundos, era o professor Georges Dumas. Calcula o meu espanto e em torturas andou o meu francês barbarizado. Passei com o grande sábio a hora mais ilustre da minha vida.”

O Instituto previa a troca de professores franceses para conferência no Brasil e de professores brasileiros na França. Em 1927 Miguel Osório de Almeida



participou desse intercâmbio, juntamente com o jurista Pinto da Rocha. A esse respeito é curioso o comentário colhido nas Memórias de Gilberto Amado, que tomando parte em ano posterior do programa foi levado pelo Embaixador Sousa Dantas à presença de Georges Dumas. Este indagou quantas conferências desejaria fazer sobre direito penal, e Gilberto Amado respondeu: uma!

Uma? Retrucou Georges Dumas com uma risada larga. Declarou, então, que certa vez o professor Pinto da Rocha chegou em Paris propondo proferir doze conferências sobre direito civil.

Em 1923, tratando da propaganda cultural, em nota a Jean Giraudoux, então funcionário do Ministério das Relações Exteriores, ele escrevia: “A propaganda francesa é esporádica, é impulsiva, ela só é espontaneamente um elo simpático com relação a países e de idealidade comuns. Ela só se desenvolve inicialmente no ambiente espiritual e não apela para a influência comercial. É por isso que não a tememos e viemos aqui procurar a influência da França.”

Em 1938 Miguel Osório cuidava da propaganda cultural entre Brasil e França: “Não é sem interesse notar que em época ainda recente e que alguns domínios se prolongam até hoje, a França parecia não se dar conta do papel único que tinha na formação laboriosa de um povo jovem e distante. A influência francesa se fez na ignorância da França, e, na minha opinião, o que tornou ainda mais útil e bela, pois completamente desinteressada.”

Neste documento ele concluía: “A solidariedade internacional bem constituída deve regular pela reciprocidade livremente aceita os seus verdadeiros limites. Não consiste ela nesse momento na imprevidência infernal descuidada, em manifestações de boa-fé aplicadas e geradas por essa forma de idealismo que se recusa ver a realidade tal como é.”

Em 1927 Miguel Osório comentava:

“Diante do lugar inferior dado as ciências exatas em relação às ciências sociais, propus a criação de uma caixa franco-brasileira de pesquisas científicas, que financiaria as pesquisas determinadas de acordo entre os dois paí-

ses. Advogava uma organização nova permitindo não somente o contato entre as personalidades científicas dos dois países, mas também uma colaboração real e efetiva, que se mostra cada vez mais necessária, mas que até agora ficou presa aos azares espontâneos e às simpatias pessoais.

É necessário que essas trocas sejam mantidas e alargadas se possível. A experiência mostrou, entretanto, que, seja no Brasil ou seja na França, entre os professores de intercâmbio, os que, fora das atividades conferencistas quase sempre brilhantes, poderão fazer ou dirigir pesquisas, seja nos laboratórios científicos, seja nas bibliotecas, e nos arquivos para trabalhos literários e históricos, obtiveram resultados muito mais interessantes para a aproximação intelectual entre os dois países.”

Com ligações estreitas com a França, Miguel Osório visitava o país com frequência e ali se encontrava quando do início da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939, voltando em maio de 1940 e assistindo à ocupação de Paris pelos alemães. A presença nesses dois momentos está registrada em livro interessante, *Ambiente de guerra na Europa*, que não é um diário, mas relato desses dias, com reflexões e comentários, sobretudo no diálogo com personalidades que achavam improvável o país se render ao inimigo. Nesse testemunho cabe ressaltar a preocupação pelas atividades de laboratório, que parecia ser o seu principal interesse.

Chegou a Paris num sábado e na segunda-feira se encontrava com Pieron e Segal no Colégio de França, a fim de organizar o trabalho: “Os dias que se seguiram foram de intenso trabalho no laboratório e de grandes impressões quanto à situação atual. Tinha necessidade de concluir certo número de experiências enquanto era tempo. Todos os dias dizia-me Segal não sabermos se ainda era possível trabalhar no dia seguinte.”

Em pouco tempo era suprimida a iluminação, e as adegas de hotéis e restaurantes eram transformados em abrigos antiaéreos.

Volta em maio de 1940, inclusive por motivos de ordem científica, pois durante a estada no Rio realizara pesquisas sobre a medula da rã, e julgava ne-

cessário fazer experiências na França, pois na Europa o fenômeno se apresenta com aspectos diferentes.

Então, no meio de dificuldades afirmava que “a vida continuava tão normal quanto possível e apesar da dificuldade de obter rãs, as experiências eram diariamente feitas por mim no laboratório da Sorbonne, sendo meu assistente e auxiliar Chweitzer”.

E em outro dia: “Segunda e terça-feira prossegui como sempre os meus trabalhos de laboratório, na terça, 21 de junho terminei mais cedo as experiências; um pouco antes das seis horas, saí da Sorbonne com meu assistente Chweitzer. Mal tínhamos chegado ao Boulevard Saint Michel as sirenas entraram a funcionar. Voltamos à Sorbonne onde o abrigo era muito amplo.”

A situação ia se agravando e “o último dia que trabalhei no laboratório foi sábado, dia 8 de junho”, e dias após, “continuo a procurar alguma coisa a fazer. Uma visita à Sorbonne mostrou-me a mesma situação, todos os laboratórios fechados, quase ninguém voltou ao trabalho”.

Esses trabalhos científicos se conjugavam com os contatos com os amigos intelectuais e científicos, inclusive de Cooperação Internacional e em contato com eles foi instado a escrever carta aos intelectuais de países neutros, ao mesmo tempo que falava pelo rádio para o Brasil e escrevia artigos para o jornal *Le Temps*.

Entre as judiciosas observações constantes nesta carta, discute sobretudo a impossibilidade da neutralidade diante da guerra e o problema da liberdade de pensamento diante do conflito mundial. E dizia:

“Os países livres demonstraram, talvez demais, suas tendências pacíficas. Tive a honra de estar em Paris desde o dia 18 de agosto (de 1939). Creio conhecer bem a França. Eu a amo pela cultura, profundidade intelectual e finura de civilização, de cortesia e de beleza. Mas devo confessar minha profunda emoção vendo o que vi, misturado ao povo, nesses momentos decisivos de mobilização geral em declaração de guerra. O homem na rua aceitava tudo isto como qualquer coisa de necessário e inevitável, como se ele

tivesse diante de uma calamidade cósmica, um tremor de terra, a erupção de um vulcão. Era preciso lutar, era preciso vencer, era preciso salvar o maior número de coisas possíveis. Mas jamais vi um só gesto de revolta, não ouvi uma só palavra de raiva, uma única ameaça inconsiderada, uma única palavra fora de propósito.”

E concluindo com um pensamento utópico, diria:

“No dia em que todas as nações chegarem ao grau de civilização profunda e verdadeira de que deu provas agora a França (e estou certo que o mesmo se passa em Inglaterra), não mais haverá guerras. A esses povos, a guerra foi imposta de fora, e devemos esperar que, no futuro, não mais existirão povos capazes de imporem uma luta armada. Tenho a convicção que esse magnífico resultado só poderá ser obtido quando os sentimentos pacíficos, as idéias nobres e generosas, que de modo nenhum excluem a força e os sentimentos de honra, puderem, por toda a parte, ter sua expressão própria, entregues a seu natural desenvolvimento.”

Cabe, ademais, mencionar trabalho posterior pouco conhecido, de alta relevância, o relatório apresentado em 1949 à UNESCO sobre a elaboração da *História científica e cultural da Humanidade*. Foi incumbido, junto com o historiador francês Lucien Fèvre, de examinar o projeto aprovado pela Conferência Geral da UNESCO em Beirute. O trabalho completo, mais tarde publicado sob o título de *História científica e cultural da Humanidade*, teve como presidente da Comissão Organizadora o nosso confrade Paulo Carneiro.

Creio que ao ser indicado o cientista brasileiro, o propósito foi dar ênfase em especial ao aspecto científico da Humanidade.

O relatório de trinta e sete páginas é uma análise sobre a civilização humana, revelando conhecimentos não só da ciência de que era mestre, mas da história, da cultura, das artes e da literatura.

Depois de tratar das características gerais da obra, faz um estudo de cada capítulo da *Evolução da História da Humanidade*, revelando mais uma vez a

aprofundada cultura humanística. Tem indagações altamente importantes ao dizer que: “Cremos que será importante chamar a atenção do leitor sobre a natureza das fontes de nossos conhecimentos históricos, mostrando suas insuficiências e como se pode analisá-los e interpretá-los.”

E estudando a civilização grega, indagava: “O que permitiu à Grécia antiga chegar à posição que chegou? Certamente a base de tudo, o que na falta de outra expressão se chamou ‘gênio grego’. Mas esse gênio em si só não seria suficiente, e a prova é que a não ser que se tenha esgotado a cultura grega, após um período, não mais se renovou.”

Tratando de tema de sua especialidade, apontava que a história da ciência não deveria ser tratado pela história de cada país, e sugeriu elaborar a história do desenvolvimento de cada ciência separadamente, a história da matemática, a história da física, a história da química. E mostrava que a evolução da ciência teve caráter internacional mesmo antes de se tentar organizar a ciência sobre bases internacionais.

Miguel Osório publicou três livros de ensaios: *Homens e coisas de ciência* (1925), *A vulgarização do saber* (1931) e *Ensaio, críticas e perfis* (1937).

A peculiaridade desses trabalhos é que, ao mesmo tempo que representam textos de vulgarização, e um deles tem no título essa expressão, são estudos que não se afastam do verdadeiro rigor científico. O ensaio de caráter científico é pouco explorado entre nós, devido, em grande parte, à falta de nossa cultura científica e Miguel Osório de Almeida, sendo sábio, soube traduzir em linguagem simples tormentosos problemas da ciência. Os dois primeiros se mantêm numa linha estritamente científica, mas o último, contendo trabalhos escritos já na década de 30 revela o interesse que foi tomando por questões mais de cunho intelectual e cultural, em grande parte decorrente das atividades na Comissão Brasileira e no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual.

Assim, entre esses temas, “A ordem intelectual e a sociedade de espírito”, “Nacionalismo ou patriotismo”, “Crise da inteligência”. Muitos capítulos desse livro são perfis de personalidades que conheceu e depoimento sobre suas qualidades humanas. De Amoroso Costa, ilustre matemático, diz: “A vida de

Amoroso Costa foi uma obra de arte construída aos poucos, burilada lentamente com a perícia dos artistas medievais, que sentiam não trabalhar para seus contemporâneos e sim para as gerações futuras. Ele procurava em tudo a beleza e no fundo a beleza interessava-o acima de tudo. Era um homem completo que compreendia tudo que era humano e tinha uma excepcional concepção da dignidade das coisas humanas.”

Os trabalhos inseridos nos três volumes de ensaios originam-se muitas vezes de recensão de livros sobre ciências, a que Miguel Osório transmite observações de originalidade.

Tratando especialmente da ciência, comenta: “A ciência é absolutamente honesta. Ela nunca nos promete mais do que poderá dar. Não deveis pedir a ela a solução de todos os problemas que se agitam na alma mais ou menos de moços.”

Extremamente interessante é o capítulo “O sábio”, concluindo que “o sábio reserva para si o direito de ser ignorante, pelo menos de ignorar o que quiser, e defende esse direito com toda a coragem e energia de quem tem consciência de seus direitos”.

Um tom ameno é dado no capítulo “A Ciência e a Arte Culinária”, e como coroamento o texto “A Ciência e a Língua Portuguesa”, tratando do ideal de formar uma literatura científica nacional escrita em português e a criação e desenvolvimento de uma literatura didática científica no Brasil. Disse Roquette-Pinto em 1935:

“Dos maiores livros de ensaios publicados no Brasil, dois figuram na vossa bibliografia: *Homens e coisas de Ciência* e *A vulgarização do saber*. É difícil dizer qual o melhor. Tudo neles concorre para o brilho com que são tratados temas variados e empolgantes, história, biologia, arte, filosofia palpitam em ambos. Muitas vezes o escritor parece em verdade trair a feição psicológica do autor, que nem sempre se compraz em fórmulas definidas, que seriam de esperar num pesquisador de tal envergadura. Chega a citar um trecho de Renan quando faz apologia dos estados obscuros anteriores à reflexão, esta-

dos que o mais claro dos escritores de todos os tempos achava particularmente fecundos para a criação.”

Antônio Torres, polemista, crítico da Academia, e seu grande amigo, comentou o livro *A vulgarização do saber*, em carta de Hamburgo de 14 de fevereiro de 1932, com uma ponta de ironia:

“É livro instrutivo e de leitura agradável. Nele se aprende e com ele se deleita. A simplicidade da maneira de escrever não exclui a elevação dos conceitos e a abundância dos conhecimentos científicos, muitas vezes dificilmente adquiridos, que você coloca ao alcance de todas as inteligências. Escrevessem assim todos os nossos chamados cientistas e seria certo haver diminuição da pavorosa ignorância que é a principal causa de todas as desgraças que afligem a nossa terra. Mas que quer você? Acham bonito escrever, nestes tempos, em linguagem do século XVII português! Que todo homem, ao pegar de uma pena, tem obrigação de bem escrever é indubitável, da mesma sorte que todo indivíduo que se preza tem obrigação de tomar banho e vestir-se com decência, se não com elegância. Mas nenhum de nós anda vestido como no tempo da Guerra Holandesa. Fora eu um tirano no Brasil, estes médicos e acadêmicos, que têm a mania de escrever como Vieira, Bernardes *et reliqua*, seriam por mim condenados, sob penas pecuniárias arruinantes, a andar vestidos como João Fernandes Vieira, D. João IV e outros seus contemporâneos. Também seria proibido haver na casa desses imbecis luz elétrica, fogão a gás, banheiros, instalações sanitárias e outras modernidades.”

Falando do antecessor, o nosso colega e amigo Ivo Pitanguy ressalta no volume *Ensaio, críticas e perfis*, o perfil traçado sobre Axel Munthe: “Se por um lado Miguel Osório de Almeida se identifica com Axel Munthe, como fino observador da natureza humana, por outro, mantendo sua consciência crítica, observa que no grande escritor e médico a emoção impediria conclusões científicas mais firmes e consolidadas.”

Em 1937 publicou volume a que deu o título modesto de *Tratado elementar de Fisiologia*, Volume I, a que não seguiram os outros. No prefácio dizia que procurava fazer um trabalho que não fosse tão elementar que desinteressasse aos especialistas e não tão profundo que não pudesse ser acompanhado pelos iniciantes. Não tenho condições de julgar o conteúdo do livro, mas pela ordem dos capítulos, pela apresentação gráfica e pelos inúmeros desenhos ilustrativos, parece ser um trabalho de mérito.

Miguel Osório se aventurou, em 1931, a publicar um romance, *Almas sem abrigo*. Para quem confessava ser um dos poucos brasileiros que nunca escrevera um verso, pode-se cogitar que se tratava de uma tentativa de experimentar esse gênero literário.

O enredo é convencional e o personagem principal, Carlos Toledo, tem muitos traços do autor, jovem matemático que vai realizar cursos na Sorbonne. A trama também é convencional, a rebeldia contra o pai, desembargador e futuro Ministro do Supremo, a amizade com Lauro de Azevedo, amigo de infância com interesses literários, que fracassa em empreendimento industrial, e se transforma num jornalista de escândalo. E os dois casos sentimentais do personagem principal, uma amizade de adolescência que prefere ao matemático um jovem rico, e outra uma colega na França com quem pretendia se casar e que morre em acidente nebuloso.

A frase final procura retratar essa situação: “Ah! Se Sara tivesse me compreendido... Não... Não... Não... Se eu houvera compreendido Geneviève...”

O livro embora não desmereça o autor e esteja escrito em linguagem escorreita e em diálogo correto, foi como um *divertissement*, muito aquém do realizado no gênero científico.

No discurso de posse, justificaria a feitura do livro:

“De uma feita, prestei maior atenção a vozes que pareciam reclamar alguma coisa além dessa contemplação de abstrações e transcendências: um consolo, amparo para dores mais humanas, imediatas e, enquanto no laboratório passava horas fazendo medidas rigorosas e completas, ou porfiava no afã



de resolver equações destinadas a traduzir, em termos precisos, as manifestações visíveis da realidade obstinadamente oculta, em casa deixava correr a pena em pálidas tentativas de exprimir as angústias de algumas almas sem abrigo. Os críticos literários não pouparam censura à minha falta de imaginação, contando em romance coisas sem dúvida vividas por personagens que não podiam deixar de ter existido.

Não sei, portanto, Senhores, e difícil acho decidi-lo, a que devo a grande honra de vir hoje ocupar um lugar entre vós: se ao romance que se encontra em toda obra de ciência, mesmo na mais severa e árida, se à ciência e experiência que se acham em todo romance ou obra de imaginação. Vossa Academia já tem mistérios e de hoje em diante ser-me-á vedado procurar levantar para os outros os véus que os encobrem...”

De sua personalidade disse Luís Viana Filho, ao sucedê-lo nesta Casa: “O que, porém, jamais o abandonou, e bem lhe caracteriza os trabalhos, foi o total desinteresse, que se refletia não somente no desapego às vantagens de ordem material, mas também na indiferença aos aplausos e glórias. Fez ciência pela ciência, e os seus estudos nunca se subordinaram a outra hierarquia que não fosse a das suas tendências em determinado momento, alheio à solução de qualquer problema de imediata aplicação ou utilidade.”

Viriato Correia relata a finura de Miguel Osório: “Em 1935 candidatei-me à Academia na vaga aberta de Medeiros e Albuquerque junto com Miguel Osório. No dia 5 de setembro, derrotado, passei-lhe o telegrama: ‘O vencido saúda efusivamente o vencedor.’ A resposta de Miguel Osório é um primor de cortesia: ‘Esta vitória só tem importância porque o vencido é Viriato Correia’.”

Desde pequeno, a principal distração de Miguel Osório foi a leitura para a qual muito lhe valiam excepcionais aptidões. Um livro, apenas lido, estava inteiramente assimilado e dele sempre poderia citar pontos particulares e encontrá-los com facilidade no texto. Retinha, ainda, números e a situação cronológica dos acontecimentos.

Segundo um colaborador, nos trabalhos Miguel Osório não era muito regular. A períodos de atividade febril, sucediam dias em que o movimento do laboratório fazia-se menos intenso, sendo-lhe fácil suspender uma transformação matemática ou deixar um escrito ao meio de uma frase e, sem qualquer mudança do que estava feito, retomá-los depois de longo intervalo, por vezes dias, no ponto em que os havia deixado; podia o seu trabalho ser interrompido, sem prejuízo, a qualquer momento, para uma consulta ou pela chegada de uma visita.

Em tom cortês e afável a sua conversação nunca permanecia em plano superficial ou vadio e sempre continha um motivo profundo. Muito havia de verdade no que, certa vez, como *blague* lhe disse seu irmão: “Miguel, a sua prosa é muito brilhante, muito interessante, mas me fatiga. Quando você me deixa, estou cansado de pensar.”

Na descrição de Carlos Chagas Filho, Miguel Osório “era um homem alto, um corpo delgado, encimado por uma bela cabeça, onde ponteava uma barba alourada, em cuja face destacavam-se dois lindos olhos azuis e um maravilhoso sorriso. Era grande poliglota e falava um francês perfeito”. Carlos Chagas Filho comenta que, ao assistir em Paris, no Palais de la Découverte, uma conferência, ao término um assistente perguntou em que universidade francesa Miguel Osório lecionava, e não foi possível convencê-lo de que era brasileiro, e que sua língua era o português e não o francês.

Afonso Pena Júnior fixou alguns aspectos espirituais de Miguel Osório, de cujo sorriso luminoso parecia ver a transfiguração de um Apolo, jovem e sempre feliz.

No discurso de posse procurava justificar a atividade de escritor e a posição de cientista:

“Ao apresentar agradecimentos como homem de ciência, cuja vida tem sido dedicada à pesquisa de algumas esquivas, fugidias e relativas verdades, ou como alguém que, por motivos vários, tem empunhado a pena para escrever algumas coisas necessárias de dizer e talvez inúteis de ouvir. Seria

preciso, sem chegar ao paradoxo, justificar, ao ser recebido em uma Academia de Letras, o título de escritor do qual só me apercebi, e ainda dado por alguns, há muito pouco tempo? Os homens de ciência de minha geração cedo compreenderam a impossibilidade de isolamento, daquele esplêndido isolamento no qual se compraziam. Se há sábios apaixonados pelas pesquisas, que a tudo preferem os inacessíveis domínios das idéias e conhecimentos, outros nunca de todo perderam o contato com o mundo ativo e sofredor. Os primeiros são anacoretas para os quais não existem tentações fora do deserto; em lugar do areal adusto e ressecado, sob sol escaldante e esterilizador, encontram a sombra de frondosa árvore, os olhos se deleitam na contemplação de rica e luxuriante floração, os ouvidos percebem o rumor sussurrante das idéias a esvoaçarem, aladas e puras, à procura da cabeça dos eleitos. Os segundos, mesmo quando nesse deserto, têm ao ouvido o eco das vozes humanas, raramente alegres, o mais das vezes elevadas em lamentos e não raro em imprecações. Não aceitam a bela e pura ciência só como refúgio; tomam-na como elemento de ação. O mais abstrato e transcendente dos conhecimentos possui esta grande e efetiva virtude: faz-nos perceber por instantes, embora fugazes, a veia da eterna corrente, através dos séculos, das civilizações e das vicissitudes da História.”

A atividade de acadêmico foi significativa. Em 1936 seria intermediário da doação do Sr. Guilherme Guinle à Academia das primeiras edições de *Os Lusíadas* e das *Rimas* de Camões. É curioso que, após breves comentários, o presidente deu a palavra ao Acadêmico Afrânio Peixoto, que se estendeu na importância da doação e do alto valor dos livros doados.

Em 1940 a Academia promoveu uma alteração no Regimento Interno, por proposta de Fernando Magalhães, com substitutivo de João Neves da Fontoura, prevendo a apresentação de candidatura por dez Acadêmicos com vistas à eleição do ditador Getúlio Vargas. Era presidente da Casa o acadêmico Celso Vieira e a proposta foi votada a toque de caixa.

Na sessão de 31 de outubro Miguel Osório de Almeida se levantou, discordando da maneira como estava sendo votada. Aprovada a proposta, na vaga de Alcântara Machado foi apresentada a candidatura de Getúlio Vargas, eleito em 4 de agosto de 1941.

Na votação transcrita na ata, o novo acadêmico teria tido trinta e três votos contra um voto em branco, mas segundo a crônica, votaram contra o candidato quatro acadêmicos: Otávio Mangabeira, que teria mandado voto por correspondência, exilado em Nova York, e que seria o voto em branco, Hélio Lobo, Afrânio Peixoto e Miguel Osório de Almeida. O Governo foi implacável com os dissidentes, assim como faria mais tarde com os signatários do Manifesto dos Mineiros. Otávio Mangabeira no exílio já fora punido previamente, enquanto Afrânio Peixoto já estava aposentado da cátedra da Faculdade de Medicina. Mas Hélio Lobo foi demitido do serviço diplomático e Miguel Osório de Almeida do cargo em Manguinhos.

Miguel Osório de Almeida se pronunciava com frequência nas sessões. Cite-se o pronunciamento de 9 de janeiro de 1931 sobre Henri Bergson, ao estudar em linhas sumárias a filosofia bergsoniana, acentuando que Bergson foi o primeiro filósofo a dar forma literária à exposição sistemática de suas idéias. Acentua esses aspectos, citando as expressões por ele utilizadas, e concluiu dizendo que algumas das intuições de Bergson relativas à biologia foram confirmadas em laboratório.

Miguel Osório de Almeida morreu a 2 de dezembro de 1953, em pouco tempo após Álvaro falecer em 6 de maio de 1954.

Eis, numa síntese apertada, a figura de Miguel Osório de Almeida, notável cientista, grande acadêmico, pioneiro na pesquisa entre nós, homem de cultura, espírito humanista e propugnador pela cooperação intelectual.

AUGUSTO PAULINO NETTO\*

## ~ Miguel Osório de Almeida: médico, escritor e pesquisador

Quando estudante, fui aluno de Álvaro Osório de Almeida e assisti à sua aula inaugural como professor catedrático de Fisiologia na Faculdade Nacional de Medicina na Praia Vermelha. Foi sua última aula, pois faleceu pouco depois, deixando saudade. Seus dotes de eloquência e profundo saber, causaram impressão imorredoura nos jovens calouros de Medicina de então.

Seu irmão, Miguel Osório de Almeida, hoje lembrado, nasceu em 1º de agosto de 1890, usufruindo também da linhagem intelectual legada por seu pai Dr. Gabriel Osório de Almeida e por sua mãe, D. Carlota Osório de Almeida.

Esta linhagem, quer do lado paterno como do materno, mostra como o ambiente de família, tanto na formação moral quanto intelectual, é a base da maior parte dos homens de ciência.

A mãe, a quem ele se referia com carinho, era inteligente, delicada e sensível, dada à boa música e seguia com interesse e fina compreensão a literatura da época, principalmente a francesa. O pai, homem de cultura geral muito sólida, bom matemático e professor de prestígio na Escola Politécnica, falava bem, escrevia bem e gozou de largo reconhecimento em seu tempo.

Ainda criança Miguel Osório tinha como principal distração a leitura, com excepcional aptidão de memória. Um livro lido, já era assimilado, dele podendo citar pontos específicos e encontrá-los depois com facilidade no texto.

---

\* Médico, membro da Academia Nacional de Medicina. Trabalho apresentado na Academia Brasileira de Letras em 18 de setembro de 2003, durante a mesa-redonda em homenagem ao cinquentenário da morte de Miguel Osório de Almeida.

Já médico, nos trabalhos pessoais era muito regular, com a capacidade de interrompê-los quando necessário e reencetá-los depois, às vezes dias após, no mesmo ponto em que haviam sido interrompidos, sem quebra de continuidade.

Conversador fino e inteligente, amável e delicado, capaz de manter uma conversa com qualquer tipo de interlocutor em harmonia com os interesses de cada um. Seu espírito alerta mantinha o raciocínio sempre ativo.

Dele dizia seu irmão Álvaro: “Miguel, a sua prosa é muito brilhante e interessante, mas fatiga. Quando você me deixa, estou cansado de pensar...”

Decidiu estudar medicina aos quinze anos incompletos, quando frequentava o curso preparatório para a Escola Politécnica. Compreendeu nessa época que seus preparativos para estudar engenharia eram somente para satisfazer seus pais. Sua mãe, à mesa do jantar lhe disse: “Você pode escolher a profissão que bem entender.” Respondeu ele: “O engenheiro em sua vida profissional deve mandar ou ser mandado. Não tenho talento para uma coisa ou outra.”

Em seu curso médico, verificou que a curiosidade impediu seus estudos como médico prático. Conta ele em seu discurso de posse na Academia Nacional de Medicina: “A primeira vez que penetrei em uma enfermaria de clínica médica e cursava eu meu quarto ano, um assistente de então fazia a demonstração de um fenômeno patológico: era o reflexo de Babinski. Um ano e pouco depois, publicava eu o meu primeiro trabalho científico sobre esse fenômeno. Passara todo o tempo estudando esse reflexo, pesquisando as questões correlatas, lendo tudo que se havia escrito sobre o assunto.” Seus deveres escolares sofreram. Quando se formou em 1911, conhecia a fundo alguns problemas extremamente especializados mas ignorava completamente as questões mais corriqueiras da prática médica. “Como ser médico nessas condições?”, dizia a ele, “Onde achar tempo para completar minha instrução profissional, se os problemas sem solução se acumulavam diante de mim e me pareciam mais exigentes que nunca?”

Sua curiosidade fez com que ele se dedicasse à pesquisa, deixando a medicina prática e disso nunca se arrependeu. Em 1916 fez brilhante concurso para a

cadeira de Física Médica na Faculdade de Medicina, ganhou por um amigo seu, mas alcançou notoriedade pelo brilho de suas provas.

Nomeado professor de Fisiologia da Escola de Medicina Veterinária lecionou com assiduidade de 1917 a 1934. Mas toda a sua tendência era para a pesquisa científica. Trabalhou no laboratório montado por seu irmão mais velho Álvaro no porão da casa de seus pais – graças à ajuda de Cândido Gaffrée – primeiro na Rua Almirante Tamandaré, depois na Rua Machado de Assis. Trabalhavam os irmãos Osório, Miguel à tarde, Álvaro principalmente pela manhã, e viveram momentos os mais felizes de suas vidas de jovens vibrantes e sonhadores.

Cada um era chefe de si mesmo. “Isolados, sós, trabalhando quase às ocultas, não encontrávamos, os dois, outro apoio senão nossa mútua compreensão, nosso tácito entendimento, a fé comum na legitimidade de nossos ideais”, disse ele, ainda no discurso de posse na Academia Nacional de Medicina. Foi contratado para Manguinhos por Carlos Chagas (pai) como assistente do Instituto Oswaldo Cruz, passando a Diretor do Laboratório de Fisiologia e depois a Chefe de Serviço e Chefe de Departamento do mesmo Instituto.

Demonstrou então, no trabalho associativo, não mais solitário, sua capacidade de liderança sóbria, discreta mas firme, e, em seu laboratório, orientava, discutia, ensinava, mas sempre com tempo para conversas inteligentes que delectavam seus assistentes.

Tomou posse em 16 de agosto de 1928 na Academia Nacional de Medicina, substituindo o Acadêmico Carlos Pinto Seidl, que passava a Membro Titular Honorário – hoje denominado Membro Emérito. Seidl fez o discurso de recepção ao novo acadêmico. Miguel Osório faleceu em 2 de dezembro de 1953. Candidatou-se e foi eleito para sua vaga o Acadêmico Fioravanti Alonso di Piero, freqüentando ainda hoje a Academia, agora com noventa e nove anos de idade...

O parecer da comissão que julgou os títulos e trabalhos do candidato à Academia, assinado por Carlos Seidl, Oscar da Silva Araújo e Eduardo Rabello, terminava assim: “Aí tendes, senhores membros da Academia de Me-

dicina, um pálido relato de quem é o candidato que a Seção de Medicina Especializada sentir-se-ia grandemente honrada em contar em seu seio; e que será, nesta Academia, um elemento de valor inestimável para seu engrandecimento. Acolhei-o pressurosamente, porquanto acolhereis um sábio na perfeita acepção do vocábulo e um homem de bem, na sua mais nítida e exata significação.”

Ele foi diretor-geral da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social, professor de Filosofia das Ciências na Universidade do Distrito Federal, onde chegou a reitor. Sua capacidade de direção e de trabalho levaram-no à presidência de várias das inúmeras organizações, sociedades e academias a que pertenceu. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, onde chegou a presidente. Membro desde 1917 da Academia Brasileira de Ciências, onde chegou a presidente, membro da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro, onde ocupou a presidência, membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, de que foi presidente e, finalmente, membro desta Academia Brasileira desde 1935, cuja presidência ocupou em 1949.

Dos dezenove médicos que chegaram a membros desta Casa, seis deles chegaram à sua presidência. Antes de Miguel Osório: Afrânio Peixoto (por duas vezes), Aloísio de Castro, Fernando de Magalhães (por duas vezes) e Antônio Austregésilo. Depois de Miguel Osório: Aloísio de Castro (novamente) e Peregrino Júnior.

Gostaria de lembrar um trecho do discurso de Luís Viana Filho publicado no *Jornal do Commercio* de 17 de abril de 1953, quando ocupou a Cadeira de Miguel Osório nesta Casa: “Nos ensaios, sim, é que as qualidades de escritor se afirmariam de modo inconfundível, graças às raras virtudes literárias que lhe ornavam o espírito. Virtudes tão acentuadas que me fazem lembrar aquele conceito de Coleridge sobre Sir Humphrey Davy, de quem dizia que: “Se não tivesse sido o primeiro químico, teria sido o primeiro poeta do seu tempo”. De fato, ao deixar seus instrumentos para elaborar um ensaio Miguel Osório parecia sentir-se em casa. Abordando temas com o objetivo de torná-los acessíveis



a público bem maior do que o dos seus discípulos, logrou dar a cada um deles um interesse, um sabor, uma transparência, que fazem de muitos deles verdadeiras obras primas do gênero. É que, filtrados através da alma do filósofo, os conhecimentos do cientista perdem certas arestas, que, por vezes, os fazem enfadonhos aos não iniciados, e ganham uma nota de sedutora universalidade... Alcançou assim o milagre de vulgarizar a ciência sem banalizá-la, antes servindo-a como poucos a serviram no Brasil, pois atraiu o interesse e a simpatia de novos círculos para muitos dos problemas que afligem e esfadigam os nossos cientistas... Essa, a meu ver, a nota dominante nos magníficos ensaios reunidos em volumes que, pelo tempo afora, guardarão o nome de Miguel Osório, cuja pujança intelectual se reflete naquelas páginas somente possíveis a quem fosse, a um só tempo, cientista, filósofo e escritor...”

Participou Miguel Osório de inúmeras outras sociedades nacionais e internacionais na Argentina, Uruguai, Portugal, França e Estados Unidos. Foi doutor *Honoris causa* das Universidades de Paris, Lyon e Argel.

Desde moço era um pesquisador e estudioso. Em seu trabalho, escrito ainda como estudante sobre o sinal de Babinski, ele verificou que o tal reflexo (da extensão dos dedos à excitação da planta do pé) é substituído pelo reflexo plantar normal de flexão, se a perna for submetida a isquemia por uma faixa compressora – denominada faixa de Esmarch. Mantida a isquemia, desapareciam ambos os reflexos até a supressão dos movimentos voluntários. Retirada a faixa, os reflexos voltavam, primeiro o normal e depois o patológico, chamado sinal de Babinski. Mostrou que ambos os reflexos coexistem e a predominância de um ou de outro é que produz o reflexo plantar normal ou o sinal patológico de Babinski.

Em 9 de novembro de 1911, o grande Babinski comunicou, na Sociedade de Neurologia de Paris, o resultado de suas pesquisas sobre o reflexo descrito por ele, após compressão da perna. Miguel Osório escreve a Babinski, enviando seu trabalho publicado em 1910, anterior ao de Babinski. Este, em sessão de 1912, faz uma comunicação em que dá prioridade a Miguel Osório nessa importante descoberta da Fisiologia.



Laboratório à Rua Machado de Assis, 15, residência do Dr. Gabriel Osório de Almeida, pai de Álvaro (*na foto*) e Miguel. Fotografia reproduzida no *Livro de Homenagem aos Professores Alvaro e Miguel Ozorio de Almeida* (1939).

Foi, portanto, um pesquisador e estudioso precoce. Seus estudos sobre a excitabilidade nervosa foram reconhecidos em todo o mundo, merecendo lúreas inclusive da Academia Nacional de Medicina de França que o elegeu membro honorário em 11 de dezembro de 1945. As fórmulas matemáticas empregadas naquele estudo exigiram dele muitos anos de aperfeiçoamento e trabalho.

Era um magnífico escritor e orador de palavra fácil e fluente. Deixou saudade nas três Academias brasileiras que freqüentou, Medicina, Letras e Ciências, sendo presidente de duas delas. Seu nome será sempre recordado com carinho e agradável lembrança por seus pares. É um dos brasileiros que, por sua erudição, saber, cultura e elegância, levou o nome do Brasil muito além de suas fronteiras, merecendo nosso elogio e nossa lembrança.

IVO PITANGUY\*

 Miguel Osório

Porte altivo, olhar penetrante, tom de voz firme, Miguel Osório de Almeida impressionava a todos que com ele conviveram. A força de sua presença, o rigor científico com que conduzia suas investigações, a familiaridade com a matemática e a profundidade da sua cultura marcaram aqueles que tiveram o privilégio da sua companhia.

Não o conheci pessoalmente. Minha peregrinação pelos Estados Unidos e Europa, em busca de um conhecimento abrangente da especialidade que abracei, impediu-me de conhecer muitos valores da medicina daquela época, na qual os irmãos Osório já eram vistos como expoentes.

Ao preparar meu discurso de posse da Cadeira 22 desta Academia, tive a oportunidade de mergulhar no rico universo deste cientista que amava a literatura, as artes, em especial a música.

Deparei-me com um homem idealista e empreendedor, que alcançando a brilhante estrela do conhecimento, contribuiu para um mundo melhor.

Miguel Osório dedicou grande parte da sua vida profissional à ciência e ao ensino. Profundamente interessado em apreender os fenômenos da natureza, julgava que a evolução da Humanidade está na íntima relação do espírito sobre uma base de sentimentos comuns.

Pesquisador, professor, homem público, Miguel Osório imprimiu em cada atividade que exerceu a marca de sua personalidade carismática, plena de idéias. Influenciou indelevelmente seus discípulos e colaboradores.

---

\* Exposição feita na mesa-redonda realizada na Academia Brasileira de Letras no dia 18 de setembro de 2003.

Gostava de transmitir seus conhecimentos. Difundir o que aprendemos é responsabilidade inerente a quem, como Miguel Osório, acreditava deter algum saber e sentia-se revigorado ao compartilhá-lo.

Nascido no Rio de Janeiro, no final do século XIX, recebeu de seus pais o legado de uma sólida formação moral e intelectual, segundo os cânones da época, que reverenciavam a literatura européia, notadamente a francesa.

Em sua vida profissional, cedo enveredou pelos caminhos fascinantes da pesquisa científica. Miguel Osório reverenciava o poder da verdade, dizia: “Para o homem de ciência só a verdade é importante. O orgulho e a vaidade podem sofrer mas a modéstia e a elevação moral lucram.”

A prática médica pura e simples não seduzia seu espírito inquieto e inquiridor. O desconhecido era “o domínio próprio do pesquisador” – dos homens que buscam a verdade – “Ah! essa inexorável verdade!”, escreveu Miguel Osório, “Que sacrifícios ela impõe à vaidade, ao amor-próprio! Que humilhações ela faz sofrer! Mas, ela é a verdade, tudo o mais desaparece diante dela e só tem a genuína alma de sábio quem assim a considera.”

Seus passos iniciais como pesquisador foram pelas mãos de seu irmão e mestre Álvaro, em um modesto laboratório instalado na casa da família no Rio de Janeiro.

Carlos Chagas os considerava, a justo título, os pioneiros da Fisiologia no Brasil. Segundo ele, enquanto Álvaro tinha uma personalidade mais retraída, Miguel Osório era jovial e seu sorriso alegre combinava com seus olhos claros.

Em pouco tempo os resultados das pesquisas científicas de Álvaro e Miguel ultrapassaram as fronteiras do modesto laboratório, encontrando reconhecimento no Brasil e no exterior.

Anos mais tarde, Miguel Osório seria laureado, pela sua obra *Teoria da excitação ou estado de excitabilidade nervosa*, com o ambicionado prêmio SICARD, concedido a cada dois anos pela Faculdade de Medicina de Paris, ao melhor trabalho produzido no mundo.

Trilhou com igual brilho e competência os diferentes caminhos que sua inteligência, talento e a permanente curiosidade o direcionaram.

Como pesquisador, em seu laboratório em Manguinhos, era aquele chefe que respeitava a independência de espírito e a troca de idéias, que nada exigia e tudo obtinha.

Nas salas de aula apresentava questões que pareciam originalmente quase inabordáveis, estimulando seus discípulos a elaborar soluções sem minimizar as dificuldades naturais.

A capacidade de liderança de Miguel Osório atraiu-o para a vida pública, onde, fiel ao seu estilo independente, exerceu o cargo de Diretor da Saúde Pública e posteriormente o de Reitor da Universidade do Distrito Federal, em substituição a Francisco Campos. Entretanto, mesmo desempenhando estas funções, jamais abandonou o seu laboratório.

A pesquisa era a sua verdadeira vocação, levando-o a exercê-la também na França, nos laboratórios da Sorbonne.

Miguel Osório deixou mais de trezentas publicações científicas, legando cerca de duas centenas de notas, artigos e memórias. Contribuiu fundamentalmente para o melhor conhecimento de questões relativas ao automatismo dos centros respiratórios, à excitação elétrica dos tecidos, à crioepilepsia e aos reflexos labirínticos, problemas de tônus muscular, contraturas e sistema nervoso.

Seus ensaios combinam o rigor matemático de cientista com um estilo leve, elegante e acessível, também presente em sua produção literária.

Ao ler sua obra *Ensaio, críticas e perfis*, percebemos em Miguel Osório admiração pelo grande escritor e médico sueco Axel Munthe, sobretudo do interesse pelo estudo da natureza humana, discordando com Munthe quando coloca a emoção ao lado das verdades científicas.

Miguel Osório de Almeida fazia ciência pela ciência, sem interesse pelas vantagens de ordem material, aplausos e glórias, mas era o cientista que tinha *tournaire d'esprit*, apreciava contar anedotas, sentar ao piano e executar seus compositores prediletos, entre uma dissecação e outra.

Professor e cirurgião, para quem a verdadeira hierarquia profissional é o conhecimento, sinto renovado prazer ao dizer essas poucas palavras sobre um homem que ocupou posição invulgar, no panorama científico e cultural brasileiro.



Dylan Thomas nasceu em Swansea, Glamorganshire, Wales (1914) e faleceu em Nova York (1953). Obra (poesia, prosa e teatro): *18 Poems* (1934) , *25 Poems* (1936), *The Map of Love* (1939), *The World I Breathe* (1939), *Portrait of the Artist as a Young Dog* (1940), *New Poems* (1943), *Deaths and Entrances* (1946), *Twenty-Six Poems* (1950), *In Country Sleep* (1952), *Collected Poems, 1934-1952* (1952), *The Doctors and the Devils* (1953), *Under Milkwood* (1954), *Quite Early One Morning* (1954), *Adventures in the Skin Trade and Other Stories* (1955), *A Prospect of the Sea* (1955), *A Child's Christmas in Wales* (1955), *Letters to Vernon Watkins* (1957), *The Beach of Fales* (1964).

Swansea (no cartão postal reproduzido acima) inspirou-lhe alguns dos mais célebres poemas, como “The hunchback in the park” e “Return journey”, em que descreve seu passeio pela cidade destruída por um bombardeio em 1941.

# Poemas de Dylan Thomas

TRADUZIDOS POR IVAN JUNQUEIRA

## No sono campestre

Nunca, nunca, minha menina cujos passos se afastam e se aproximam  
Na terra das lendas ao pé da lareira, e dos que dormem enfeitizados,  
Temas ou creias que o lobo com uma branca touca de ovelha  
Há de saltar brusca e alegremente, balindo e galopando,  
    Minha querida, minha querida,  
De uma toca forrada de folhas no ano salpicado de orvalho  
Para devorar teu coração na casa do bosque cor-de-rosa.

Dorme em paz para sempre, lenta e funda, rara e sábia enfeitizada,  
Minha menina que circunda a noite na rosa e no condado  
Das rústicas lendas: nenhum guardador de gansos ou de porcos  
Há de tornar-se rei do estábulo ou aldeia de fogo  
    E príncipe de gelo  
Para cortejar o melífluo coração de teu flanco antes da aurora  
Num bosquezinho de rapazes e gansos cacheados, córrego e espiga,

Nem a inocente irá deitar-se no vale cheio de raízes, adulada  
E arruinada e despedaçada entre as plumas de minha lágrima flutuante.  
Da espuma que varre as bruxas eis que te resguardam as samambaias  
E a flor do sono campestre e a cidadela do verde bosque.

Repousa leve e apaziguada.

Sê tranqüila e cautelosa frente aos urros das crias violentas.  
Nunca, minha menina, até que dobrem os obscuros sinos do sono,  
Crias ou temas que a rústica sombra ou o sortilégio  
Atormentará ou fará nevar o sangue enquanto vais e vens,  
Pois quem são os covardes que rondam os íngremes beirais dos corvos  
Ou sepultam a lua no vale, ainda que o seu brilho ecoe límpido

Nas entranhas do poço estrelado?

Uma colina tangencia um anjo. Longe de uma cela piedosa,  
O noitibó grita através dos conventos e das cúpulas das folhas.

Sua árvore couraçada de tordos, as três Marias nos raios.  
Sanctum sanctorum o olhar animal do bosque sob a chuva  
Conta suas gotas, e o espectro mais sombrio, a coruja,  
Acode ao seu agouro. A raposa e a mata ajoelham-se ante o sangue.

Agora as lendas exaltam

A estrela nascida no pasto e durante toda a noite as fábulas roçam  
A tábua senhorial da relva reverente. Sobre tudo não temas

Nunca mais o lobo com sua toca de balidos  
Nem os dentes do príncipe, na granja lasciva, diante da casca  
E do lodo do amor, mas sim o Ladrão, que é suave como o orvalho.  
O campo está abençoado: oh, aguarda nesse campo benigno,

Conhece a nobreza do verde,

Sob o carrossel de preces da lua no róseo bosque  
Ampara-te no cântico e na flor, e que alegre possas

Reclinar-te na graça. Dorme enfeitiçada no sossego da casa humilde,



Na vívida moita dos esquilos, sob o linho, a palha e a estrela:  
Recolhida e abençoada, ainda que te acuem os quatro altos ventos  
Da sombra encharcada e aquele que ruge no trinco da porta

Esfrie as tuas juras.

Todavia, além das emaranhadas trevas aduncas e dos dilacerantes ramos  
Sabes tu que o Ladrão há de encontrar um caminho seguro e astuto

E astuto como a neve e melífluo como o orvalho escorrido do espinho,  
Nessa noite e em cada noite, até que dobre o sino sombrio  
Na torre, convidando-me ao sono sobre os estábulos  
Das lendas em casas de pedra, meu último amor, e até que a alma caminhe

Nas águas tosquiadas.

Nessa noite e em cada noite desde a estrela cadente em que nasceste  
Sempre e sempre ele encontra um caminho, quando cai a neve.

Quando a chuva cai, granizo sobre o velocino, quando a névoa flutua no vale  
Através dos estábulos dourados de feno, quando cai o orvalho  
Sobre o pó macerado das macieiras e as ilhas açoitadas  
Das folhas matinais, quando cai a estrela, quando as aladas

Sementes da maçã deslizam,

E caem, e florescem na chaga que boceja junto à nossa ilharga,  
Quando cai o mundo, silencioso como o ciclone do silêncio.

## II

A noite e a rena sobre as nuvens acima dos montes de feno  
E as asas do pássaro fabuloso que se enfeitou para a bela!  
A saga saltitante da oração! E lá no alto, sobre os ventos  
Com pés de lebre, as gralhas  
Que crocitam em suas negras capelas, grasnando as bíblias  
Dos pássaros! Entre os galos, a raposa vermelha que arde como fogo!  
A noite e a veia dos pássaros no pulso alado e negro

Do bosque! Pulsação pastoral do sangue através das folhas enlaçadas!  
Do arvoredo com negros punhos sacerdotais e mangas  
    De espinhosa geada  
Irrompem a torrente da lenda e o bulício do rouxinol! O fantasma que se ergue  
Do bosque em farrapos para cantar e a colina embuçada

De ciprestes! O bulício e a lenda no espumejante  
Pátio da chuva que engordura o balde! O sermão  
Do sangue! A veia canora do pássaro! A saga que salta  
    Dos tritões aos serafins!  
O Evangelho trapaceia! Tudo fala, nessa noite, daquele que chega  
Tão rubro quanto a raposa e tão astuto quanto o calcanhar do vento.

Iluminação da música! A negra e serena espádua  
Da gaiivota sobre as ondas, com areia nos olhos! O potro se move,  
Silencioso, com seus cascos lunares, pela relva que circunda o lago agitado  
    Na vigília dos ventos.  
Música dos elementos, que opera um milagre!  
Terra, ar, água e fogo cantam no gesto branco,

O daquela dos cabelos de ouro-feno, a bela adormecida, de rasgados  
Olhos azuis, na casa aureolada, em sua estranheza e seu alto andar  
Montanhês, amparada e bendita e verdadeira, e tão docemente  
    Deitada que o céu  
Poderia cruzar por seus planetas, o sino chorar, a noite recolher seus olhos  
E o Ladrão cair sobre os mortos como o orvalho vacilante,

Apenas graças ao giro da Terra em seu sagrado coração!  
Astuciosa, lânguida, ouvindo a chaga em sua ilharga  
Girar em torno do sol, ele se achega ao meu amor como a neve destinada  
    E de fato flui  
Rumo à costa de flores como o mar que domina o orvalho  
E sem dúvida navega como as nuvens em forma de navio.

Oh, ele vem destinado ao meu amor, não para furtar-me a sua chaga  
De maré rasante, nem seu alto andar, nem seus olhos, nem seus cabelos  
incandescentes,

Mas sua fé em cada vasta noite e na saga da oração

Ele vem para usurpar

Sua fé, pois nessa última noite, em nome de seu amor profano,

Ele vem para abandoná-la quando despertar o sol proscrito,

Despida e atraçoada, sofrendo por saber que ele não virá.

Sempre e sempre, por todas as tuas juras, crê e teme,

Minha querida, que ele venha essa noite e na noite sem fim, minha querida,

Desde que nasceste:

E despertarás, do fundo do sono campestre, nessa manhã e em cada manhã

primeva,

A tua fé tão imortal quanto o clamor do sol subjugado.



Dylan Thomas e Caitlin MacNamara em Blashford, Hampshire, pouco depois de seu casamento em 1937.

## Sobre a colina de Sir John

Sobre a colina de sir John  
Pára imóvel o falcão em chamas;  
Ao cair da tarde, numa nuvem hasteada, ele arrasta com suas garras  
E guilhotinas, até os raios de seus olhos, os passarinhos da baía  
E o gorjeante folgado das crianças  
As guerras  
Dos pardais e os que cantam como cisnes, ao crepúsculo, nas sebes quizeleentas.  
E alegremente eles grasnam  
Ao faiscante patíbulo erguido sobre os olmos em luta  
Até que estale num relâmpago o falcão preso no laço,  
E lentamente a sagrada garça à espreita do peixe  
Reverencie sua lápide inclinada nas águas do rio Towy.

Um relâmpago, e as plumas tagarelam,  
E a equânime colina de sir John atira aos ombros  
Um negro manto de gralhas, e outra vez os pássaros iludidos  
Disparam como lebres, numa rajada de vento,  
Para o falcão em chamas, alto como uma forca, sobre as barbatanas do Towy.

Lá  
Onde o elegíaco Martim-pescador apunhala e espadana  
Nos baixios pedregosos  
Cheios de juncos e borrifos, e “bobo, bobo”, diz o falcão alcandorado,  
“Vem e deixa-te matar”,  
Abro nas folhas da água uma passagem  
De salmos e sombras entre as balouçantes pinças dos caranguejos

E leio, numa concha,  
A morte clara como uma bóia sibilante:

Que todos os louvores do falcão em chamas sejam cantados no crepúsculo  
com olhos de falcão,

Quando seu rastilho viperino erguer-se atado em chamas

Sob o tição de suas asas, e bem-aventurados sejam

Os tenros

Franguinhos da baía e que os arbustos cacarejem: “Bobo, bobo,

Caminhemos para a morte.”

Sofremos como os pássaros alegres, jamais renunciemos ao cascalho e

ao olmo,

A garça e eu,

Eu, jovem Esopo, a fabular com a noite vizinha junto à toca

Das enguias, a bendita garça a entoar hinos no vale distante,

Um porto de cristal dependurado em caracóis,

Onde navegam os seixos do mar,

E os cais de água onde dançam as amuradas e os alvos guindastes pendentes.

Somos a garça e eu, sob os olmos da justiceira colina de sir John,

Os que contam, tangidos

Pela culpa,

A lenda dos pássaros extraviados de que Deus, por seu colo gorjeante,

Se apieda,

Deus os redime em seu turbilhonante silêncio, ele que distingue a saudação

dos pardais,

Pelo canto de suas almas.

Agora a garça se lamenta nas margens sem ervas. Pelas janelas

Do crepúsculo e da água vejo a garça murmurante que se inclina,

Refletida no espelho das ondas, e vai,

Enquanto nevam suas plumas tatalantes,

Pescar na lágrima do Towy. Somente o pio da coruja

Se afunda, como o silvo de um talo nas mãos em concha, nos olmos saqueados,

E já não se ouvem os tenros galos e galinhas  
A gritar  
Na colina de sir John. A garça, vadeando  
As terras baixas cobertas pelas escamas das vagas,  
Compõe toda a música; ouço a melodia do rio vagaroso  
Que corrói a raiz dos salgueiros, e gravo,  
Antes da estocada da noite, as notas dessa pedra sacudida pelo tempo  
Por amor às almas dos pássaros assassinados que navegam.

### Poema em seu aniversário

No sol cor semente de mostarda  
Junto ao caudaloso rio em declive e o ziguezague do mar  
Onde correm os corvos-marinhos,  
Em sua casa sobre estacas, entre os bicos  
E o palavrório dos pássaros  
Nesse dia como grão de areia na tumba arqueada da baía,  
Ele celebra e desdenha  
Seus trinta e cinco anos de despojos que o vento amadureceu;  
As garças se aguçam e chuçam.

Abaixo e à sua volta fluem  
Os linguados, as gaivotas, em suas frias e agônicas trilhas,  
Cumprindo o que disseram,  
Ruidosos maçaricos nas ondas apinhadas de moréias  
Mourejam em seus caminhos para a morte,  
E o poeta no quarto de esguia língua ferina,  
Que tange o sino de seu aniversário,  
Se esfalfa em direção à tocaia de suas chagas;  
As garças, agulhas em riste, o abençoam.

No outono dos cardos,  
Ele canta para a angústia; os tentilhões voam  
Entre os rastros afiados dos falcões  
Num céu de rapina; deslizam peixes miúdos  
Pelas vielas e as conchas de cidades  
Afogadas de barcos até os pastos de lontras submarinas.  
Em sua oblíqua casa de suplícios  
E nas puídas espirais de seu ofício, ele percebe  
As garças que caminham em seu sudário.

A túnica infundável do rio  
De vairões se tece ao redor de suas preces;  
E lá longe, no mar, ele conhece  
Aquele que escraviza o seu fim genuflexo  
Sob uma nuvem de serpentes,  
Mergulham golfinhos na poeira dos naufrágios,  
As rugosas focas arremetem  
Para matar e sua própria maré untada de sangue  
Resvala suavemente em sua boca macia.

Num silêncio de onda, cavernoso  
E oscilante, choram os alvos dobres do ângelus.  
Trinta e cinco sinos brandiram seu repique  
Sobre o crânio e a cicatriz onde jazem seus amores em ruínas,  
Guiados por estrelas cadentes.  
E o amanhã soluça numa jaula cega  
Que o terror enfurecido há de isolar  
Até que os grilhões se quebrem sob martelos em chamas  
E o amor dilacere as trevas

E em liberdade ele se perca  
Na famosa luz desconhecida do grande

E fabuloso Deus amado.  
A treva é um caminho e a luz um lugar,  
O céu que nunca existiu  
Nem existirá jamais é sempre verdadeiro,  
E, nesse espinhoso vazio,  
Farto de amoras em seus bosques,  
Os mortos crescem para o Seu júbilo.

Ali, desnudo, ele erraria  
Com os espíritos da baía que se curva em ferradura  
Ou os mortos na praia de estrelas,  
Com a medula das águias, as raízes das baleias  
E a fúrcula dos gansos selvagens,  
Com o Deus abençoado que jamais nasceu e o Seu Espírito,  
E com cada alma Seu sacerdote,  
Enganada e cantante na jovem dobra do Céu,  
Junto à trêmula paz das nuvens.

Mas a treva é um longo caminho.  
Ele, sobre a terra da noite, a sós  
Com tudo o que vive, reza,  
Ele, consciente de que o vento faiscante há de soprar,  
Lançando os ossos para além das colinas,  
E que as pedras feridas à foice não de sangrar, e as últimas  
Águas despedaçadas pelo ódio não de arremessar  
Os mastros e os peixes às silenciosas estrelas vivas,  
Sem nenhuma fé até Aquele

Que é a luz do velho e aéreo  
Céu, onde as almas crescem selvagens  
Como cavalos na espuma:



Oh, enluta-me na metade da vida junto às relíquias  
E aos juramentos das garças-druidas  
Durante a viagem que terei de fazer até a ruína,  
Entre barcos desvalidos e encalhados;  
Ainda que eu grite, todavia, com a língua quase a cair,  
E conte em voz alta as minhas chagas:

Quatro são os elementos e cinco  
Os sentidos, e o homem uma alma enamorada  
Que se enreda através dessa lama rodopiante  
Até chegar ao seu reino frio, coroado de sinos  
E de enluaradas cúpulas perdidas,  
E o mar que oculta suas secretas criaturas  
Nas profundezas de seus negros ossos abjetos,  
Acalanto de astros na carne calcária do mar,  
E essa Suprema bênção derradeira,

Pois quanto mais caminho  
Para a morte, um homem com os cascos gretados,  
Mais sonoro o sol floresce  
E o mar confuso e esquartejado exulta;  
E cada onda no caminho  
E cada vendaval que enfrento, e todo o mundo então,  
Com a fé mais triunfante  
Do que nunca desde que se proclamou o mundo,  
Faz girar sua manhã de louvores,

Ouçõ as colinas ondulantes  
Inflar-se de cotovias e reverdecer no outono  
Turvo de amoras, e as cotovias do orvalho cantam  
Mais alto que essa primavera trovejante

E as ferozes ilhas de alma humana  
Quanto mais próximas dos anjos flutuam!  
Oh, seus olhos tornam-se então mais sagrados  
E meus homens cintilantes não estão sós  
Enquanto eu navego para a morte.

## Não entres nessa noite acolhedora com doçura

Não entres nessa noite acolhedora com doçura,  
Pois a velhice deveria arder e delirar ao fim do dia;  
Odeia, odeia a luz cujo esplendor já não fulgura.

Embora os sábios, ao morrer, saibam que a treva lhes perdura,  
Porque suas palavras não garfaram a centelha esguia,  
Eles não entram nessa noite acolhedora com doçura.

Os bons que, após o último aceno, choram pela alvura  
Com que seus frágeis atos bailariam numa verde baía  
Odeiam, odeiam a luz cujo esplendor já não fulgura.

Os loucos que abraçaram e louvaram o sol na etérea altura  
E aprendem, tarde demais, como o afligiram em sua travessia  
Não entram nessa noite acolhedora com doçura.

Os graves, em seu fim, ao ver com um olhar que os transfigura  
Quanto a retina cega, qual fugaz meteoro, se alegraria,  
Odeiam, odeiam a luz cujo esplendor já não fulgura.

E a ti, meu pai, te imploro agora, lá na cúpula obscura,  
Que me abençoes e maldigas com a tua lágrima bravia.  
Não entres nessa noite acolhedora com doçura,  
Odeia, odeia a luz cujo esplendor já não fulgura.

## Lamento

Quando eu era um rapaz presunçoso, um fedelho,  
Semelhante à cusparada dos paroquianos  
(Suspirava o velho relho de carneiro, agonizante de mulheres),  
Andava tímido na ponta dos pés pelo bosque de groselhas,  
Onde a áspera coruja gritava qual lendária teta,  
Saltava em meu rubor, enquanto as meninas mais velhas  
Jogavam boliche nos terrenos baldios dos asnos  
E na gangorra das noites dominicais, cortejava  
Quem quer que fosse com meus olhos maliciosos,  
Tanto quanto toda a lua, podia eu amar e abandonar,  
Junto ao arbusto negro como carvão, todas as esposas  
Das pequenas núpcias de folhas verdes e deixá-las a sofrer.

Quando eu era um homem tempestuoso, um homem e meio,  
A negra besta da congregação dos escaravelhos  
(Suspirava o velho relho de carneiro, agonizante de putas),  
Não um rapaz e um fedelho numa lua maliciosa  
Que submergia e bêbedo como um bezerro recém-parido,  
Assobiava durante toda a noite entre as tortuosas chaminés,  
As comadres brotavam nas valas da meia-noite,  
E as crepitantes camas da aldeia gritavam: “Depressa!”  
Sempre que eu mergulhava num baixio de seios empinados,  
Sempre que me enfurecia na colcha bordada de trevos,  
O que quer que fizesse na noite negra como carvão,  
Ali deixava as trêmulas marcas de meus pés.

Quando me fiz homem, o que chamam de homem,  
E tornei-me a negra cruz da casa abençoada  
(Suspirava o velho relho de carneiro, agonizante das bem-vindas),

Com aguardente e uvas no esplendor de meus verdes anos,  
Não um gato de rabo movediço na rubra aldeia escaldante  
E como se cada mulher em ebulição fosse o seu rato,  
Mas um touro da colina no calor sufocante do verão,  
Que alcançara o seu supremo e deleitoso instante  
Para os modorrentos e oferecidos rebanhos, disse eu,  
Oh, muito tempo fluirá até que o sangue frio se arraste  
E eu me recolha ao leito apenas para dormir,  
Graças à minh'alma entediada, negra como carvão!

Quando eu era a metade do homem que fui  
E merecia então as reprimendas dos padres  
(Suspirava o velho relho de carneiro, agonizante de ruína),  
Não um bezerro açoitado nem um gato entre as chamas  
Nem um touro da colina sobre a relva leitosa,  
Mas uma ovelha negra com chifres enrugados,  
Ao fim a alma expulsa de sua falsa toca de rato  
Se escondia rabugenta quando vinha o tempo das muletas;  
E dei à minh'alma um olho cego, flagelado,  
Casca e cartilagem, e uma vida de rugidos,  
E empurrei-a até o céu negro como carvão  
Para encontrar uma alma de mulher para esposa.

Agora não sou mais homem, não mais o sou,  
Apenas uma negra recompensa por uma vida estrondosa  
(Suspirava o velho relho de carneiro, agonizante de estrangeiros),  
Asseado e maldito no meu quarto onde arrulham pombas,  
Repouso rarefeito e ouço a mandíbula dos bondosos sinos  
– Porque, oh, minh'alma encontrou uma esposa dominical  
No céu negro como carvão e ela aborrece os anjos!  
Rodeiam-me harpias que emergiram de seu ventre!

A castidade reza por mim, a piedade canta,  
A inocência adoça o meu negro e derradeiro alento,  
A modéstia esconde as minhas coxas em suas asas,  
E todas as suas virtudes fatais atormentam a minha morte!

## Na coxa do gigante branco

Por entre as gargantas onde cruzam muitos rios, gritam os maçaricos,  
Sob a lua fecundada no topo da alta colina de gesso,  
E ali, nessa noite, passeio na coxa do Gigante Branco  
Onde mulheres estéreis como rochas jazem quietas e ansiosas

Por trabalhar e amar, embora há muito estejam prostradas.

Por entre as gargantas onde cruzam muitos rios, as mulheres rezam,  
Rogando na rasa baía para que se derramem as sementes,  
Embora a chuva haja apagado os nomes em suas pedras cobertas de ervas,

E sozinhas no eterno e recurvo transcurso da noite  
Elas suspiram com suas línguas de aves aquáticas pelos inconcebidos  
Filhos imemoriais da esmurrada colina feita em pedaços.

Elas, que certa vez no inverno de penas de ganso amaram todo o gelo  
abandonado

Nas veredas dos cortesãos, ou se enroscaram sob o touro abrasador do sol  
Nas carroças com cargas tão altas que os feixes de feno  
Se grudavam às nuvens pendentes, ou que alegres se deitavam com alguém  
Tão jovem quanto elas à luz recém-ordenhada da lua  
Sob todas as formas iluminadas da fé, e suas anáguas enluardadas se erguiam  
Com a ventania, ou se assustavam com os jovens e ásperos ginetes,  
Agora me oprimem contra os seus grãos na gigantesca clareira do bosque,

Elas, que certa vez, para além dos verdes campos, florescia qual sebes  
de alegrias.

Há tempos, seu pó foi carne que o astuto porqueiro farejava,  
Incendiada no mau cheiro da pocilga nupcial pela impetuosa  
Luz de suas coxas, distendidas sob o céu da esterqueira,  
Ou por seu pomareiro, nas entranhas do arbusto solar,  
Suas madeixas gordurosas eram ásperas como línguas de vaca e cortadas  
como sarças,  
Sob seu verão implacável, como farpas de ouro enfiadas até os ossos,  
Ou ondulavam macias como seda no arvoredado lunar  
E atiravam pedrinhas no alvo lago que ecoava qual harpa de granizo.

Elas, que outrora foram uma floração de noivas às margens do caminho  
da casa dos pilriteiros  
E ouviam o campo lascivo e cortejado fluir para as próximas geadas  
E o guincho dos empeliçados fradinhos em fuga, ao extinguir-se  
O dia, nas naves de cardos, até que a coruja branca cruzasse

Por seu peito, e escutavam o rumor das corças saltitantes, os cervos a subir  
Velozes pelo bosque, ante o apelo do amor, lá, onde fumega uma tocha  
de raposas.

A todos os pássaros e bestas da noite encadeada elas ouviam repicar em alvoroço  
E a toupeira de focinho obtuso a peregrinar sob as cúpulas.

Ou, roliças e untuosas guardadoras de gansos, saltitavam sobre a palha  
de uma carroça,

Com os seios túmidos de mel, sob o seu ganso soberano  
Que as açoitava com as asas no celeiro sibilante, perdido no passado  
E já extinta aquela negra cevada sobre a qual seus tamancos dançavam  
na primavera,  
E em seus cabelos os grampos luziam como pirilampos, e as medas giravam

(Mas nada nascia, nenhum bebê sugava as veias das colméias,  
E desnudas e estéreis na terra da Mãe Ganso  
Eram elas, com os humildes aldeãos, unia pedreira de esposas)

Agora o maçarico implora que eu me incline para beijar os lábios de seu pó.

De lá para cá, o rebuliço de suas chaleiras e relógios oscila  
Onde agora o feno cavalga ou as cozinhas de samambaias criam mofo  
Como o arco das ceifeiras que aparavam as sebes a relâmpagos  
E cortavam os ramos dos pássaros avermelhados pela seiva trovadora.  
Vindas das casas em que se ajoelham as colheitas, elas me apertam,  
Elas, que ouviram dobrar os ruidosos sinos nos domingos dos mortos  
E a chuva que escorria de suas línguas no cemitério enevoado,  
Ensinam-me que o amor é sempre verde depois que o outono semeia folhas  
Sobre o túmulo, depois que o Amado, sobre a cruz enterrada na relva,  
Seja varrido pelo sol e as Filhas já não se lamentem  
Salvo pelos que há muito as desejam nas ruas em que a raposa deu à luz  
Ou ao sentir-se famintas no bosque esfacelado: a tais mortos  
Sadios e imortais é que amam as mulheres da colina  
Em seu eterno apogeu em meio às árvores dos cortesãos

E as filhas da treva flamejam, todavia, como as fogueiras de Fawkes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Alusão ao Dia de Guy Fawkes – 5 de novembro –, quando se comemora na Inglaterra, com fogueiras e rojões, a malograda insurreição dita Conspiração da Pólvora (1605), cujo objetivo era fazer explodir o Parlamento. Como se recorda, Fawkes (1570-1606), depois de convertido ao catolicismo, foi arrastado aos subterrâneos do Parlamento de Londres no dia de abertura das sessões ordinárias daquele ano, quando se preparava para explodir ali um barril de pólvora. (*N. do T.*)





# Sinos para Marcantonio

MARCUS ACCIOLY

Os sinos não param nunca –  
jamais param de tocar  
(*marcantonio-marcantonio*)  
tangem (tristes) devagar  
dentro e fora do silêncio  
que se torna a voz do mar  
(*marcantonio-marcantonio*)  
água entre espuma (escoar  
de búzios) ecos nas conchas  
surdas de tanto escutar  
(*marcantonio-marcantonio*)  
os sinos tentam contar  
à morte (através da vida)  
que o som do pó vai ficar  
(*marcantonio-marcantonio*)  
os sinos querem falar

Marcus Acciolly  
é advogado,  
professor, poeta  
da nova geração  
pernambucana,  
autor de  
*Cancioneiro*  
(1968), *Sísifo*  
(1976), *Narciso*  
(1980), *Poética:*  
*pré-manifesto ou*  
*anteprojeto do*  
*realismo épico*  
(1977) e *Éxion*,  
teatro (1978).

à vida (através da morte)  
que é cada estrela um lugar  
e o céu (sobre a terra) um sino  
(que a Mão de Deus faz pulsar)  
até quando (John Donne)  
até quando vão dobrar?  
(e por quem dobram os sinos  
que parecem nos chamar?)  
dobram por mim e por ti  
e (por ele) vão vazar  
nossos tímpanos de dores  
com uma canção de ninar  
quem não se acorda do sonho  
nem vai do sono acordar?  
(ai de nós) o bronze pesa  
e o metal voa ao soprar  
sua elegia (uma pena)  
mais leve que a luz e o ar  
(*marcantonio-marcantonio*)  
os sinos não vão finir  
“nunca mais” e para sempre  
(dia e noite) irão soar  
(pois morremos cada morte  
por quem em nosso lugar)

Olinda, 19 de agosto de 2000.

S. Paulo, 5-IV-44

Caro, Carlos!

que isso também é de mais! Te acerto no nome - esquecimento da minha, que só é assim porque te vejo e te palpito em seus artigos agora também no Diário da noite daqui. Não reparo nem para a publicação Rio-São Paulo, aliás, está ficando cada vez mais inaproveitável. Por isso que cheguei, que não obeguei, que se a gente deixara um pouco pra comprar "me acabou", um inferno. Mas voltando a você: você está se metelando muito por demais, até parece que resolveu enriquecer, e trabalha muito e esquecimento muito dos amigos. Desde quando você não me escreve mais!

Você me pediu uma vez, faz muitos meses, que lhe mandasse uma cópia do "Barro da Invisibilidade", aqui lhe vai o fim. Mas a culpa da demora é mesmo minha que, primeiro, do Sr. que queria uma cópia pra ele também e ficou com o papel no S. Paulo anos, e, segundo, do meu impetuoso secretário que quando ficou de copiar, foi copiando outras coisas de mais urgência primeiro, e seus trabalhos amontoados. E quando foi copiar, fez quinze dias, já não lembrava mais muitas indicações e copiou tudo errado. Então me revelei da qual a errar, duplicado pela voz longa e incantável anônima, e daí logo fui eu mesmo a cópia rosa, enquanto os lugares das ex-cópias doiam com acentos das táis expelidas, foi quito quinze dias no Hospital Santa Cecília, que aqui biográfico e estereotipado muito fixado, que chatos.

São Carlos, o novo "Barro da Invisibilidade" andei matutando bem sobre ele e estou convencido que é





Os artigos são um acaloraram em nome fora  
de si, e foram essas angústias e incertezas  
das que em 15° de agosto a sua última obra,  
isto que eu estava encalhando acordada a per-  
sistência de um único capítulo do meu capítu-  
lo, que é a última coisa que me impede  
e quisido? sobre o mesmo parágrafo de pela  
costa do meu livro, quando a chegada de Defer-  
tament de Cuba era sobre. E agora não  
sei que em a noite a chegada de Defer-tament, seu  
falta não (conscientemente) não foi (conscient) me  
verdadeiramente na sua parte de se me se  
aguardar dentro da vida, que parte muito  
aparece a não dizer, porque é o meu tanto —  
aparece! — chega em não conscientemente dele.  
O Defer-tament foi um acidente. Para isso  
qualquer caso — pois que não é possível de-  
clarar até que parte ninguém a chegada de seu  
livro — em qualquer caso foi a chegada sobre,  
isto.

Pois, em certo, agora que vou a subpreparar  
tanto, oficial das coisas, o final como as outras  
que fogem o "assunto" do "Belo de Jura".  
Não, não para mostrar em nome. Quando em  
relacionado, está claro, mas somente anti-orienta-  
to, com "intenção de expensas", mas somente  
para com, em em me expensas a expensas em  
outro, de strada que estava em passando em  
ação e que é o verdadeiro assunto (parado).  
que, portanto, se) de forma, mesmo que no  
momento em não parte, não podia, por certo,  
mas que se é um passado, mas realmente no  
meo passado, se talvez relacionado em nome.  
E isso assunto, de forma, que agora vai sobre.

mas o conteúdo de todo e de numerosos outros e  
muitas partes lidas dele, e a parte de Defer-tament  
gostei, entretanto das suas negações, pelo de-  
tamente, em contrário das negações de sua  
classe, para a parte de Defer-tament se a abandonar  
tudo o meu pensamento? e progress em prova  
de um ideal social mais perfeito. Talvez a que  
a este trabalho dele se tenha obrigado por obedi-  
ência, legião e estado, e que a coisa moral apre-  
sente e interessante, mas a que tudo o mais não  
está presente, não quero saber. Simplemente  
porque estava gálio.

Vou observar a edição-sepente de novo, em  
atrasação tua e minha:

"Que viagem te fazemos"

"Mas eu não quero irte de viagem"

e enfim, ao partir a vida, se não há parte:

"Não, não, não, não, não, não, não"

Porque "gostei"? A expressão é feita em  
nome, e a expressão "gostei" é feita em  
admirar tua e minha, pois, e por que e Defer-  
tament se a classe e a classe de sua classe, e  
grande momento interessante em não em não obedi-  
ência, ao mesmo em nome. E isso mesmo "dele  
de Defer-tament" isso não dele, logo em primeira parte.

"Defer-tament, não que tua vontade,

"Defer-tament, não que tua vontade,

"Defer-tament, não que tua vontade!"

E logo em parte, portanto em não em nome, mas  
tudo em não dele, por certo que não em nome  
existência, entretanto e Defer-tament, portanto dele em não  
que em não em Defer-tament, e "Defer-tament".

Mas, em não que quero em não em nome,  
é o que que não e Defer-tament de sua vontade,  
mas entretanto para Defer-tament em nome, não





"Chalando de Otopia", o prefácio ao Livro do Otopia  
de Freitas Junior. Agora repara, eu, por mim, não  
poderei nunca chegar à compreensão do "Carrão  
da Miséria" se não fosse toda esta fase e esses  
encontros. Hoje, o "assunto" verdadeiro e profundo  
do poema me parece claríssimo, todo esse <sup>poema</sup> ~~poema~~  
imagens e palavras ditas ao' dizer isso, que ali  
me causa vergonha não ter percebido isso antes.  
Mas de fato eu não podia perceber. Antes eu não  
deixava que eu percebesse isso. E ao' agora eu posso  
realmente aquilatar que todo esse drama foi  
um aprisionamento muito grande em mim. Depois  
d'isso, o aprisionamento deixou de existir. Ou pelo me-  
nos, não se manifestou mais manifesta mais,  
o que é sempre uma prova de que, como aprisi-  
onamento, deixou de existir. E imediatamente, como  
sensibilidade, eu não sei que eu possa, que  
ninguém possa superar a marca da sua ísta-  
ra e de toda a sua vida, a vida que o fez em  
sucesso e na existência. Não é: superar, pode,  
porque a superação é sempre um valor nascido  
da consciência e realizado na vontade. Mas não  
pode mudar. A vida ser que uma mudança ex-  
terna drástica faça uma realidade ambiente ou-  
tra, com a qual a sensibilidade acaba se acosta-  
mando. E essa mudança ainda não sei, e eu  
sou o que sempre fui. A superação foi de ordem  
consciente que sempre será a ordem pelo menos  
mais nobre e mais conclusiva do ser. E é não,  
agora, que o final do poema realça todo o seu  
valor. Não acha mesmo?

Estou cansado. Bom o abraço até seu

H



# Carta de Mário de Andrade a Carlos Lacerda

SÃO PAULO, 5-IV-44

**A**re, Carlos!  
que isso também é demais! Te sinto no semi-esquecimento de mim, que só é semi porque te vejo e te palpito nos teus artigos agora também no *Diário da Noite* daqui. Esta separação jornalística Rio–São Paulo, aliás, está ficando cada vez mais insuportável. Gostaria que chegassem, que não-chegam, que aí a gente demora um pouco pra comprar “se acabou”, um inferno. Mas voltando a você: você está se constelacionando por demais, até parece que resolveu enriquecer, é trabalho muito e esquecimento muito dos amigos. Desde quando você não me escreve mais!

Você me pediu uma vez, faz muitos meses, que lhe mandasse essa cópia do “Carro da miséria”, aqui lhe vai enfim. Mas a culpa da demora é menos minha que, primeiro, do Tóia que queria uma cópia pra ele também e ficou com o poema no Serviço anos, e, segundo, do

Carta de Mário de Andrade explicando a gênese de *O carro da miséria* (poemas numerados de I a XIV), datado de 24-XII-1930, II-X-1932 e 26-XII-1943, e dedicado a Carlos Lacerda. Transcrição feita a partir de cópia do original entregue ao diretor da RB, João de Scantimburgo.

meu infável secretário que quando ficou de copiar, foi copiando outras coisas de mais urgência primeiro, e seus trabalhos amontoados. E quando foi copiar, faz quinze dias, já não lembrava mais minhas indicações e copiou tudo errado. Então me revesti daquele amor, decuplicado pela nossa longa e inaceitável ausência, e datilografei eu mesmo a cópia nossa, enquanto os lugares das ex-amígdalas doíam com saudades das tais extirpadas, faz justo quinze dias, no Hospital Santa Cecília, fique aqui biográfica e estarrecidamente fixado, que chateação!

Seu Carlos, o nosso “Carro da miséria” andei matutando bem sobre ele e estou convencido que é uma coisa muito séria. Este “muito séria” sai sem vanglória, que até não acho ele das coisas mais artisticamente reussidas [*sic*] da minha poesia. E muito menos das esteticamente mais completamente bonitas, embora eu concorde com o Manuel Bandeira, que acha que o “Carro da miséria” tem alguns dos versos mais bonitos que eu já fiz. Mas pra mim o poema me parece um caso muito sério pela importância biográfica e psicológica que ele assume. Afinal das contas, como tenho estes dias feriadados de Semana Santa diante de mim, vou principiar aqui escrevendo este... “Ensaio de interpretação” da coisa. Repare:

O poema tem três datas. Mas a terceira, 26 de dezembro do ano passado, não é exatamente uma data de “criação” do poema. Foi quando eu estava de cama, na dieta da úlcera, e o poema me soltou as mãos, das mãos do Tóia. Reli e como ando meio chateado com o excesso de palavrões e porcarias que agora deram pra perfumar sistemático a poesia e a prosa de ficção, resolvi tirar o mais possível o que havia de palavrões e porcarias no poema. E ele estava cheio disso, criado em dois momentos de estouro doido como foi. E essa data de 26-XII-43 se justifica só por isso: substituição de algumas palavras e, num caso necessário, de três ou quatro versos.

As outras duas datas são verdadeiramente muito de “criação”. Em dezembro de 30 já não havia mais ilusão possível com a República Nova e isso me afetava tanto mais que eu sofrera muito do lado da família, com a revolução, mãe em desespero, irmão preso, presença de morte, coisas assim. Dei pra es-

tourar comigo mesmo. Detalhe divertido: fazia parte integrante do estouro comer “camarões à baiana” mas desadoradamente apimentados, uma coisa de chorar, chorar, regando tudo forte com molho branco portuga. Foi numa dessas noitadas, comi camarão pra toda a vida! que cheguei em casa numa bebedeira mãe, seriam umas duas horas da manhã, pijama e me atirei na cama não me agüentando mais, dormi. Pois pouco depois, uma hora e meia quando muito, me acordo num estado de agitação horrível, uma angústia detestável que parecia que eu ia morrer em espírito. Não lúcido mas com a cabeça trabalhando que era um vesúvio. Fui nesse estado de bebedeira integral pra minha secretária e principiei escrevendo uma coisa parecida com verso e assim escrevendo atravessei a madrugada inteira. Quando acabei, pus o título “O carro da miséria”, sugerido pelo que vinha vindo durante a escritura... mediúnica.

(Retorno ao escrito várias horas depois.)

Bom, quando fui reler o que escrevera, era, como em geral são as minhas primeiras versões, uma moxinifada [*sic*] explodida. Achei que seria aproveitável, mas tinha imenso que corrigir, a coisa ficou vários dias por aí, acabei desanimado, mas, hoje, acho que felizmente não tive coragem pra jogar fora. Guardei, numa gaveta, outras coisas foram guardadas por cima e acabei me esquecendo por completo a existência daquilo. Mas por completo mesmo, quer dizer: não foi como o poema coral do “Café” que, desde ideado, ficou sempre “operando”, se fazendo dentro de mim e freqüentemente voltava à tona da consciência. O “Carro da miséria” jamais voltou.

Agora numa outra data, II de outubro de 1932. Era o mesmíssimo estado psicológico de arrebatção de 1930, agora motivado pela revolução de 32. Talvez até com maior sofrimento desta vez, porque havia raiva, muita raiva em mim, principalmente com desilusões de amigos. Ora eu tenho um processo ótimo quando grandes sofrimentos pessoais me desnormalizam a ponto de impedir dias seguidos que eu me engolfe numa leitura, num estado, num trabalho qualquer: dou pra arranjar gavetas, examinar meus guardados e destruir papéis, escritos, coisas que julgo inúteis. É a única coisa que consegue me arredar do último sofrimento e foi o que eu estava fazendo nesse II de outubro quan-

do topei com “O carro da miséria”. Tive um bruto choque de surpresa, continuei achando muito ruim, muito carecido de conserto, mas fiquei impressionado. Dentro de mim eu tinha como que me reachado e concluía que “era isso mesmo”. Frase que em mim queria dizer que era “O carro da miséria”. Não toquei no poema, porém ele ficou roncando dia inteirinho em mim e fiquei ciente de trabalhar ele esses dias seguintes.

Mas o dia seguinte foi essa noite mesmo. Da mesma forma que da primeira vez, jantei fora (em geral nesses estados janto fora porque eles transparecem muito em minha cara e evito inquietar mamãe) e com a bebedeira conseqüente. Cheguei em casa por volta das 23 horas, muito bêbado, pensei em deitar, mas me sentei na secretária um bocado, peguei no poema, principiei lendo mas uma noção enjoada de que “já sabia” evitou logo o desperdício da leitura, principiei corrigindo. Mas uma correção puxava outra, vinham sobretudo muito intensas as idéias ordenadas e esclarecedoras da barafunda da Iª versão, e na verdade eu estava refazendo integralmente o poema. E o refiz todinho. Quando acabei não tinha quase nenhum verso sem mudança, trechos inteiros totalmente outros, o trecho do cigarro (nº IX) intercalado. E, está claro, a não ser uma ou outra palavra, o poema foi feito nessas duas noites.

Agora veja: duas datas pós-revolução, duas bebedeiras, duas motivações psicológicas e idênticas. E um final, digamos, de inteligência lógica, sem lógica, mas de motivação consciente e intelectual. Da mesma forma que havia um separatista aqui que lhe faltasse um cigano ou desse uma topada, concluía “Só separando mesmo!”, eu também concluía que não eram mudanças de homens, de políticas, mas só uma mudança drástica de ideologia. E esta mudança em mim só podia ser mesmo o comunismo.

Porém, ainda aqui, ainda nisso, tudo não passava duma mentira. Uma mentira desesperada eu sei, aquela mesma mentira desesperada que dois anos mais tarde, em fins de 34 ou princípios de 35, não lembro bem, me fazia publicar um artigo, me afirmando comunista. O que, tudo, em mim, era um comunismo como que *avant-la-lettre*, de antecipação, um me atirar num abismo, pra pelo menos já estar num abismo e não na indecisão tumultuária, na insolubilidade

sufocante em que eu vivia. Não sei se você está lembrando, porque tanto o final do “Carro da miséria” como o tal artigo não me acalmavam em meu foro íntimo, e foram essas angústias e volubilidades que em 35 chegaram a um clímax tamanho que eu estava encarando acovardado a possibilidade do suicídio (apesar do meu espiritualismo, que é a única coisa que me impede o suicídio), estava mesmo perseguido pela idéia de suicídio, quando a criação do Departamento de Cultura me salvou. E agora você vê que eu aceitar a direção do Departamento, embora não conscientemente, (não foi consciente) na verdade profunda era um jeito de eu me reequilibrar dentro da vida, que gosto muito apesar, e não tinha, nunca tive nem tenho – apesar! – desejo de sair voluntariamente dela. O Departamento foi um disfarce. Mas em qualquer caso – pois que não é possível decidir até que ponto vingaria a obsessão do suicídio – em qualquer caso foi a minha salvação.

Pois, seu Carlos, agora que vem a surpresa: tanto, afinal das contas, o final como as motivações que fazem o “assunto” do “Carro da miséria” são pura mentira em mim. Mentira sinceríssima, está claro, mentira subconsciente, sem “intenção de enganar”, mas mentira pura em que eu me enganava e enganava os outros, do drama que estava se passando em mim e que é o verdadeiro assunto (psicológico, entenda-se) do poema. Assunto que no momento eu não pude, nem podia, perceber, mas que só o ano passado, nas releituras do ano passado, se tornou claríssimo em mim. E esse assunto do poema, que agora vai esclarecer o sentido dele todo e de numerosos versos e mesmo partes inteiras dele, é a leitura do burguês gostosão, satisfeito das suas regalias, filho-da-putamente encastado nas prerrogativas da sua classe, a luta do burguês pra abandonar todos os seus preconceitos e prazeres em proveito de um ideal social mais perfeito. Ideal a que a inteligência dele já tinha chegado por dedução lógica e estudo, e que a noção moral aprovava e consentia, mas a que tudo o mais nele não consentia, não queria saber. Simplesmente porque estava gostoso.

Você observe a idéia-refrão básica me atravessa todo o poema:

“Ora vengam los zabumbas”

“Mas eu não quero estes zabumbas” e enfim, ao acertar a mão, só na XV parte:

“Estes zabumbas que eu quero!”

Porque “zabumbas”? A explicação é fácilíssima em mim: é a constância coreográfico-dionisíaca que atravessa toda a minha poesia, e pra qual o Roger Bastide já chamou a atenção. Em quase todos os grandes momentos extasiantes, na dor ou na alegria, eu “me dissolvo em dança”. E nesse mesmo “Carro da miséria” isso vem claro, logo na primeira parte:

“Destino pulha, alma que bem cantaste,

*Maxixa* agora, *samba o coco*

E te emlambusa na miséria nacional!”

E logo na parte seguinte eu caio no samba, cantando um coco inteiro, por sinal que tecnicamente exatíssimo, embolada e refrão, plagiando aliás um coco que eu colhi no Nordeste, o “Meu baralho”.

Bem, eu creio que mereço um esclarecimento. Si eu digo que tanto a motivação das duas revoluções, como a inclusão final socialistizante do poema, são mentiras, e mesmo que se reconheça que ambas são mentiras honestas, há que distinguir entre uma e outra. É que a conclusão não é apenas uma mentira “honestas” – até, psicologicamente, ela é muito menos honesta que a motivação falsa – mas é uma mentira-verdade. É uma antecipação apenas. Eu mentia enquanto garantido em mim de que aquilo era uma verdade futura, uma convicção a que fatalmente, tanto pela inteligência raciocinante como pelo senso moral, eu havia fatalmente de chegar. E de fato cheguei. A esta consciência muito “sentida”, muito “vivida” de atualmente, de que não só um socialismo, meu Deus! comunístico tem de ser a mais próxima forma social do homem, mas que eu devo, modestamente devo, sem nenhuma vanglória e sem nenhuma “esperança” de beneficiamento pessoal, combater por. Mesmo errando, mesmo dando por paus e por pedras, mesmo... cinquentão e desajeitado, mesmo com as minhas paupérrimas possibilidades, combater por. Friamente e cá pra nós apenas. Sem esse ar de estar pleiteando posições futuras, que é o mais desgraçada ranço que se apega a gente do meu jeito e idade, quando pega a “simpati-

zante”. Eu sei que vocês concordam porque eles enfim são úteis, mas sempre tive um horror físico aos simpatizantes. Acho que, no fundo, ser simpatizante é um jeito mui sensato de se salvar no gostoso. Mas isso deve ser porque nunca fui sujeito de meias medidas.

Você não imagina, Carlos, como hoje eu “entendo” o “Carro da miséria”. Está claro que certas palavras, certos vocativos, por mais que eu me psicanalise, não consigo descobrir donde me vieram, “viúvas”, “a mulher da Bolívia”, por exemplo. Mas vieram como palavras, são expressões-palavras que me parecem sugestivas e por isso deixei elas assim mesmo. Só não deixei, só corriji uma, porque sempre me aporrinhou, e acho que sem interesse nem pros outros. Era o vocativo “meu grampo” que estava no Iº verso da parte X, que era assim:

“Pois então, meu grampo, há de reconhecer”.

Não pude me conformar com essa besteira, tanto mais que possivelmente é besteira só! Me lembro muito bem que, na criação da Iª versão, muita palavra besta, muito verso incompreensível, eu punha “de propósito”, só de desespero, só pra ser besteira mesmo, só pra me maltratar e ao poema. Agora, no conserto de dezembro passado, mudei pra “Pois então, violão”, visivelmente nascido do “comigo não, violão”. E é sempre a música, sempre a dança...

Só mais uma explicação. E um esclarecimento. Pra confirmar a fase sócio-estourante da minha vida, esse período 1929-1935, ainda tem a talvez mais trágica das arrebenções, o “Grã cão de outubro”, que é de 1933, de quando me vieram as preocupações feias de ter feito quarenta anos (agora, nos 50, não tive preocupação nenhuma). De maneira que as datas do despimento em mim dos prazeres e prorrogações da minha classe são esses: 1930. “O carro da miséria”, 1932, 2ª versão e definitiva do mesmo; 1933, “Grã cão do outubro” e enfim, fins de 1934, o artigo me confessando “coram populo” comunista. Tem sê-lo e sem selo nenhum, hélas!

E depois. Depois dessa fase “purgatória”, veio a fase reconstrutiva, principalmente por aquela “Oração de paraninfo”, que você gosta. E eu gosto, apesar de ser muito verbosa. E que foi a abertura dessa série de escritos. “O Movimento Modernista, “Atualidade de Chopin”, o prefácio ao livro do Otávio de

Freitas Júnior. Agora repare, eu, por mim, não poderia nunca chegar à compreensão do “Carro da miséria” si não fosse toda esta fase e esses escritos. Hoje, o “assunto” verdadeiro e profundo do poema me parece claríssimo, todo o poema por imagens e palavras diretas só diz isso, que até me causa vergonha não ter percebido isso antes. Mas de fato eu não podia perceber. Antes eu não *deixava* que eu percebesse isso. E só agora eu posso realmente aquilatar que todo esse drama foi um sofrimento muito grande em mim. Depois disso, o sofrimento deixou de existir. Ou pelo menos, não se manifestou nem manifesta mais, o que é sempre uma prova de que, como sofrimento, deixou de existir. Evidentemente, como sensibilidade, eu não creio que possa, que ninguém possa superar a marca da sua classe e de toda a sua vida, a vida que fez em menino e na mocidade. Isto é: superar, pode, porque a superação é sempre um valor nascido da consciência e realizado na vontade. Mas não pode mudar. A não ser que uma mudança externa drástica traga uma realidade ambiente outra, com a qual a sensibilidade acabe se acostumando. E essa mudança ainda não veio, e eu sou o que sempre fui. A superação foi de ordem consciente, que sempre será a ordem pelo menos mais nobre e mais conclusiva do ser. E é nisto, agora, que o final do poema readquire todo o seu valor. Não acha mesmo?

Estou cansado. Com o abraço deste seu

Mario



**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS  
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

*As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.*

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Sergio Corrêa da Costa
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Celso Furtado
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Miguel Reale
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Afonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Oscar Dias Corrêa
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Josué Montello
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho



COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.



